



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E
CONTEMPORANEIDADE- PPGEDUC

JULIANA ANDRADE DO CARMO MARTINS

EDUCAÇÃO PARA O TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA:
CONSTRUINDO CAMINHOS PARA O DESENVOLVIMENTO LOCAL DO
POVOADO ALTO, TUCANO, BAHIA

Salvador
2020

JULIANA ANDRADE DO CARMO MARTINS

**EDUCAÇÃO PARA O TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA:
CONSTRUINDO CAMINHOS PARA O DESENVOLVIMENTO LOCAL
DO POVOADO ALTO, TUCANO, BAHIA**

Dissertação apresentada à Universidade do Estado da Bahia, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação, no Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC). Linha 3 - Educação, Gestão e Desenvolvimento Local Sustentável.

Orientadora: Prof.^a Dra. Francisca de Paula Santos da Silva

Coorientador: Prof. Dr. Alfredo Eurico Rodrigues Matta

Salvador
2020

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB
Dados fornecidos pelo autor

M386e

Martins, Juliana Andrade do Carmo

Educação para o Turismo de Base Comunitária: Construindo caminhos para o desenvolvimento local do Povoado Alto, Tucano, Bahia / Juliana Andrade do Carmo Martins.-- Salvador, 2020.

216 fls : il.

Orientador(a): Prof^a. Dr^a. Francisca de Paula Santos da Silva.

Coorientador(a): Prof. Dr. Alfredo Eurico Rodrigues Matta.

Inclui Referências

Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade - PPGEDUC, Câmpus I. 2020.

1.Educação. 2.Turismo de Base Comunitária. 3.Desenvolvimento Local . 4.Povoado Alto..

CDD: 107

FOLHA DE APROVAÇÃO

EDUCAÇÃO PARA O TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA: CONSTRUINDO CAMINHOS PARA O DESENVOLVIMENTO LOCAL DO POVOADO ALTO, TUCANO, BAHIA

JULIANA ANDRADE DO CARMO MARTINS

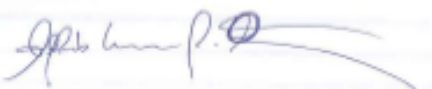
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, em 25 de março de 2020, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia, composta pela Banca Examinadora:



Profa. Dra. Francisca de Paula Santos da Silva
Universidade do Estado da Bahia - Uneb
Doutorado em Educação
Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil



Prof. Dr. Antonio Amorim
Universidade do Estado da Bahia - Uneb
Doutorado em Psicologia.
Universidade de Barcelona, UB, Espanha



Prof. Dr. Alfredo Eurico Rodrigues Matta
Universidade do Estado da Bahia - Uneb
Doutorado em Educação
Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil



Prof. Dr. Eduardo José Fernandes Nunes
Universidade do Estado da Bahia - Uneb
Doutorado em Análise Geográfica Regional
Universidade de Barcelona, UB, Espanha



Prof. Dr. Carlos Alberto Cioce Sampaio
Universidade Regional de Blumenau - FURB
Doutorado em Engenharia de Produção
Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC,
Brasil



Prof. Dr. Luiz Paulo Almeida Nelva
Universidade do Estado da Bahia - UNEB
Doutorado em Educação e Contemporaneidade
Universidade do Estado da Bahia - UNEB



Profa. Dra. Eliana Sampaio Romão
Universidade Federal de Sergipe - UFS
Doutorado em Educação
Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Brasil

Dedico este trabalho a minha família, em especial aos meus avós Guilhermina (*in memoriam*) e José Francisco (*in memoriam*), meus pais Josefa e Celestino, ao meu esposo Leandro Martins, ao grupo Filhos do Sertão e aos meus orientadores, pelo apoio, por acreditarem e por lutarem comigo por esta conquista. E, ao Povoado Alto, o meu lugar no Sertão, local de minhas raízes e referências.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pelo dom da vida, pelas bênçãos concedidas, por me proteger durante estes dois anos de viagens semanais, por me dar forças para superar meus limites, meus medos e me manter de pé durante a caminhada. E por me ajudar a transformar as lágrimas e a dor da saudade de meus avós em ações de melhorias para a comunidade altense.

Aos meus avós e padrinhos de batismo na fogueira Guilhermina de Jesus (*in memoriam*) e José Francisco de Andrade (*in memoriam*), por serem minhas inspirações, por me ensinarem a perder o medo do escuro e da morte, pelas histórias contadas e vividas, por continuarem presentes em cada verso criado e cantado durante as chegadas e despedidas.

Aos meus amados pais Josefa Jesus de Andrade e Celestino Guimarães do Carmo, por todo esforço em proporcionar a melhor educação, pelos exemplos de coragem e superação, pelo carinho e apoio, pelas lutas que travamos e vencemos juntos, por estarem sempre ao meu lado acreditando, incentivando e me ajudando a voar cada vez mais alto.

Ao meu amado esposo, amigo e confidente Leandro Souza Martins, meu parceiro na vida e na escrita, por todo amor, companheirismo, lealdade, confiança e carinho que me dedica, por acreditar, incentivar e viver comigo os meus sonhos e projetos, por todo esforço, compreensão e parceria para que conseguisse cursar o mestrado, por entender minhas ausências durante estes dois anos e por caminhar sempre ao meu lado.

Aos meus irmãos e irmãs, por todo carinho e amizade, por sempre acreditarem e me ajudarem a realizar meus sonhos. Em especial ao Jame pelas inúmeras e necessárias aventuras de moto durante as madrugadas de idas e vinda da cidade de Salvador.

A todos os meus familiares, amigos, sobrinhos, tios, cunhados e primos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho. Em especial, a minha sogra Jovita Souza e meu sogro Olímpio Martins, pelo apoio, cuidado, acolhimento, entrevistas e auxílio nestes dois anos de estudos e viagens.

À família de Cristina Carvalho e Ubiraci Malta pelo exemplo de amor ao próximo, acolhimento, carinho e amizade, que tornaram os dias longe de minha família menos triste.

Aos meus pais intelectuais, minha querida orientadora Francisca de Paula e meu coorientador Alfredo Matta, pelo exemplo de seres humanos e profissionais, por terem acreditado em mim e

no potencial da minha comunidade, pela amizade, entusiasmo, parceria, carinho, dedicação, confiança, cuidado, correções e incentivo desde a graduação.

Aos meus amigos, colegas, professores e funcionários do PPGEduC, pelos laços de amizades construídos, pelo apoio, risos, choros e trocas de experiências, que certamente enriqueceram meu processo de formação. Em especial à minha amiga Tereza Verena, um presente do mestrado para a minha vida, agradeço por todo cuidado, incentivo, escuta, carinho e amizade, pela parceria nas aulas, nos fóruns e na escrita e participação em eventos acadêmicos.

Aos colegas dos grupos de pesquisa Sociedade Solidária, Educação, Espaço e Turismo (SSEETU) e Rede Educa pelas enriquecedoras conversas e contribuições ao meu trabalho. Em especial a Sara Soares, pela preciosa ajuda nos ajustes e formatação da dissertação.

Ao grupo Filhos do Sertão, pela parceria e compromisso no desenvolvimento deste trabalho, sou muito grata por cada encontro, por tudo que construímos e conquistamos juntos, pelas trocas de saberes e experiências, pela dedicação de cada um. Sem vocês nada do que construímos seria possível, que possamos continuar caminhando e sonhando juntos.

A todos os altenses, que enriqueceram este trabalho com suas entrevistas, seus saberes, histórias, memórias, lendas, mitos, causos e participação no *blog* Alto, o meu lugar no Sertão.

A todos os alunos, professores e gestores das escolas municipais São Pedro e José Valdir de Santana, pelo apoio e parceria nas ações e eventos do grupo Filhos do Sertão.

A todos aqueles que acreditaram na proposta deste trabalho, torceram e contribuíram para sua realização.

"De longe também se ama
se venera e se quer bem
como as saudades que são sua
eu não sinto por ninguém"
[...]

“Deus te dê boa viagem,
Suspiro para navegar,
Deus te dê boa memória,
Para de nós sempre lembrar.”

Versos dos meus saudosos avós e padrinhos de batismo na fogueira – Guilhermina Maria de
Jesus e José Francisco de Andrade

RESUMO

Este estudo tem como objetivo construir uma proposta de educação adequada para o desenvolvimento do Turismo de Base Comunitária no contexto do Povoado Alto em Tucano-Bahia, com o intuito de respondermos ao problema de pesquisa sobre qual a proposta de educação adequada para o desenvolvimento do Turismo de Base Comunitária no Povoado Alto, em Tucano- Bahia. Para o desenvolvimento desta pesquisa utilizamos a metodologia *Design Based Research* (DBR), traduzida como Pesquisa Aplicação, a qual pode ser utilizada para o desenvolvimento de teorias, artefatos e práticas pedagógicas, visando seu uso em processos de ensino-aprendizagem, formal ou não formal. Escolhemos a abordagem da Pesquisa Aplicação ou DBR por apresentar métodos e características que dialogam com a concepção dialógica de educação de Paulo Freire que adotamos como base teórica e prática para esta pesquisa. Mediante o uso da abordagem metodológica e a partir das reflexões oriundas do estudo do contexto sócio-histórico do Povoado Alto, bem como das discussões sobre Turismo de Base Comunitária (TBC) e educação, optamos por desenvolver rodas de conversas temáticas como proposta de educação para o TBC com os jovens e adolescentes altenses. As rodas de conversas propiciaram um processo de educação para o Turismo de Base Comunitária enraizado na história e cultura local. Os resultados, como a criação de roteiros e recebimento de visitantes, criação de uma biblioteca comunitária e ecomuseu, realização de eventos como o pôr do Sol cultural, revelam que a roda de conversa ancorada nos conhecimentos do contexto sócio-histórico do Povoado, na educação dialógica e popular e nos princípios do TBC é uma proposta adequada para o processo de educação para o Turismo de Base Comunitária na comunidade altense.

Palavras-chave: Educação. Turismo de Base Comunitária. Desenvolvimento Local. Povoado Alto.

ABSTRACT

This study aims to build a proposal for adequate education for the development of community-based tourism in the context of the Alto Povoado in Tucano-Bahia, in order to answer the research problem about which proposal of education is appropriate for the development of tourism community-based in Povoado Alto, in Tucano-Bahia. For the development of this research we used the Design Based Research (DBR) methodology, translated as Application Research, which can be used for the development of theories, artifacts and pedagogical practices, aiming at its use in teaching-learning processes, formal or non-formal. We chose the Application Research or DBR approach because it presents methods and characteristics that dialogue with Paulo Freire's dialogical concept of education that we adopted as a theoretical and practical basis for this research. Using the methodological approach and based on reflections from the study of the socio-historical context of Povoado Alto, as well as discussions on Community Based Tourism (TBC) and education, we chose to develop thematic conversation circles as an education proposal for the TBC with Altense youth and adolescents. The conversation circles provided an education process for Community Based Tourism rooted in local history and culture. The results, such as creating itineraries and receiving visitors, creating a community library and ecomuseum, holding events such as the cultural sunset, reveal that the conversation wheel anchored in the knowledge of the socio-historical context of the people, in education dialogical and popular and in the principles of the TBC is an adequate proposal for the education process for Community Based Tourism in the Altense community.

Keyword: Education. Community Based Tourism. Local Development. Alto town.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapas da Bahia e do Brasil com a localização de Tucano.....	25
Figura 2 - Áreas baianas de currais das casas da Ponte e da Torre	26
Figura 3 - Castelo da Torre de Garcia D'Ávila	27
Figura 4 - Mapa da zona de influência política do Barão de Jeremoabo	29
Figura 5 - Delimitação do Território do Sisal	33
Figura 6 - Localização do Território do Sisal no Estado da Bahia.....	34
Figura 7 - Delimitação do Território de Cidadania do Sisal	34
Figura 8 - Delimitação territorial de Tucano	36
Figura 9 - Mapa descritivo do município de Tucano	37
Figura 10 - Mapa das zonas turísticas na Bahia	40
Figura 11 - Mapa das cidades Turísticas do Sertão	41
Figura 12 - Imagem da localização do Povoado Alto no mapa de Tucano.....	43
Figura 13 - Imagem do Povoado Alto com nomes das ruas e comunidade vizinhas	44
Figura 14 - Esquema com dados sobre o ano de surgimento do Povoado Alto	45
Figura 15 - Certidão de casamento de Josefa Maria de Jesus	46
Figura 16 - Placa de instalação da torre telefônica no Povoado Alto.....	54
Figura 17 - Mapeamento dos projetos de TBC selecionados em 2008	99
Figura 18 - Página inicial do portal TBC Cabula	102
Figura 19 - Página inicial do site Acolhida na Colônia.....	102
Figura 20 - Página inicial do programa de TBC do Instituto Marimauá.....	103
Figura 21 - Página inicial do site da rede TUCUM.....	104
Figura 22 - Página inicial do site da TURISOL - Projeto Bagagem	104

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Local onde ficava o antigo curral no Povoado Alto, em 1990	47
Imagem 2 - Local onde ficava o antigo curral no Povoado Alto (2018)	47
Imagem 3 - Parte frontal do curral ainda existente no Povoado Alto.....	48
Imagem 4 – Serra do Chiquinho.....	49
Imagem 5 – Baixa da Gurunga	50
Imagem 6 - Vegetação no Povoado Alto.....	56
Imagem 7 - Cabeça-de-frade	57
Imagem 8 – Rio Itapicuru Mirim sem água no Povoado Alto em 2012.....	58
Imagem 9 – Rio Itapicuru Mirim sem água no Povoado Alto em 2012.....	59
Imagem 10 - Rio Itapicuru Mirim cheio no Povoado Alto em 2016.....	59
Imagem 11 - Rio Itapicuru Mirim cheio no Povoado Alto em 2016.....	59
Imagem 12 - Rio Itapicuru Mirim cheio no Povoado Alto em 2018.....	60
Imagem 13 - Foto de coxos desativados utilizados para curtume de couro	62
Imagem 14 - Atual Praça dos Coxos	62
Imagem 15 - Olaria utilizada para produzir telhas no Povoado Alto, Tucano-Ba	64
Imagem 16 - Olaria utilizada para produzir telhas no Povoado Alto, Tucano-Ba	64
Imagem 17 - Forno utilizado para queimar as telhas que são produzidas nas olarias	65
Imagem 18 - Casa de Farinha desativada no Povoado Alto	65
Imagem 19 - Casa de Farinha desativada no Povoado Alto	66
Imagem 20 - Fogueira para comemoração do dia de São João	74
Imagem 21 - Fogueira queimando em comemoração ao dia de São João.....	75
Imagem 22 - Altar dos santos com o atabaque	78
Imagem 23 - Sultão das Matas.....	78
Imagem 24 - Cemitério Local- Cruzeirinho	79

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Resumo dos aspectos fundantes de Tucano no passado	31
Quadro 2 - Resumo dos aspectos fundantes de Tucano na contemporaneidade.....	42
Quadro 3 - Aspectos fundantes do contexto do Povoado Alto	52
Quadro 4- Produção econômica de localidades próximas ao Povoado Alto.....	66
Quadro 5- Resumo dos aspectos econômicos	69
Quadro 6 - Festejos em alguns povoados e distritos de Tucano	73
Quadro 7- Resumo dos aspectos culturais.....	80
Quadro 8 - Características do TBC e do turismo convencional	90
Quadro 9 - Diferenças entre TBC e Turismo Comunitário	92
Quadro 10 - Premissas para organização do Turismo de Base Comunitária	94
Quadro 11 - Redes de Turismo de Base Comunitária na América Latina	96
Quadro 12 - Projetos selecionados pelo MTur na Bahia.....	100
Quadro 13 - Exemplos de projetos de TBC no Brasil.....	101
Quadro 14 - Princípios do TBC que serão utilizados na proposta educacional	105
Quadro 15 - Princípios da Educação para a proposta educacional	130
Quadro 16 - Blocos temáticos com princípios e conteúdos do contexto sócio-histórico.....	135
Quadro 17 - Princípios do TBC aplicados à proposta educacional.....	136
Quadro 18 - Princípios da educação aplicados à proposta educacional	137
Quadro 19 - Modelo para o planejamento das rodas de conversas	139
Quadro 20 – Fases da pesquisa DBR e aplicação na Pesquisa.....	143
Quadro 21 - Planejamento da roda de conversa sobre a História do Povoado Alto	151
Quadro 22 - Planejamento da roda de conversa sobre a cultura altense	156
Quadro 23 – Planejamento roda de conversa: aspectos contemporâneos da comunidade....	159
Quadro 24 - Sistematização das ações resultantes das rodas de conversas.....	175

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BAHIATURSA	Superintendência de Fomento ao Turismo do Estado da Bahia
CA	Categoria de Análise
CAR	Companhia de Desenvolvimento e Ação regional
CR	Categoria de Referência
DBR	Design Based Research
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EMTUR	Empreendimentos Turísticos da Bahia S.A
FJP	Fundação João Pinheiro
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
LDBN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MCP	Centro de Cultura Popular
MEB	Movimento de Educação de Base
MTur	Ministério do Turismo
OMT	Organização Mundial do Turismo
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PRODETUR/BA	Programa de Desenvolvimento Turístico da Bahia
PRODETUR/NE	Programa de Desenvolvimento Turístico do Nordeste
REDETURS	Rede de Turismo Comunitário da América Latina
SCT	Secretaria de Cultura e Turismo
SEI	Superintendência de Estudos econômicos e sociais da Bahia
SSEETU	Sociedade Solidária, Educação, Espaço e Turismo
SUTURSA	Superintendência de Turismo da Cidade do Salvador

TBC	Turismo de Base Comunitária
TC	Turismo Comunitário
TIC	Tecnologias da informação e comunicação
TRC	Turismo Rural Comunitário
TUCUM	Rede Cearense de Turismo Comunitário
TURISOL	Rede Brasileira de Turismo Solidário Comunitário
UNE	União Nacional dos Estudantes

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	18
2 O CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO DE TUCANO: EFEITOS NO POVOADO ALTO	23
2.1 TUCANO: A RELAÇÃO DE SEU SURGIMENTO COM A CASA DA TORRE	24
2.2 TUCANO NA CONTEMPORANEIDADE	32
2.3 ALTO: DE ROÇA A POVOADO.....	42
2.4 A SOCIEDADE ALTENSE	53
2.4.1 Características Ambientais: entre o rio e a Caatinga	55
2.4.2 A Economia Local.....	61
2.4.3 A Cultura Local	70
3 TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA E DESENVOLVIMENTO LOCAL: UMA ARTICULAÇÃO POSSÍVEL	82
3.1 TURISMO: CONCEITOS, POLÍTICAS PÚBLICAS E INTERIORIZAÇÃO NA BAHIA	82
3.2 TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA: CONCEITOS E PRINCÍPIOS	87
3.2.1 Experiências de Turismo de Base Comunitária na América Latina	95
3.3 DESENVOLVIMENTO LOCAL E TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA	105
4 A EDUCAÇÃO PARA O TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA	111
4.1 EDUCAÇÃO POPULAR: DIÁLOGOS E APROXIMAÇÕES	113
4.2 EDUCAÇÃO FORMAL E NÃO FORMAL.....	116
4.3 ALTO, O MEU LUGAR SERTÃO E AS TECNOLOGIAS EDUCATIVAS	120
4.4 EDUCAÇÃO PARA O TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA NA PERSPECTIVA DIALÓGICA DE PAULO FREIRE.....	124
5 CAMINHOS PARA CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO PARA O TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA.....	131
5.1 RODAS DE CONVERSAS: CONSTRUINDO ESPAÇOS DE DIÁLOGO.....	132
5.2 DESENHO DA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO PARA O TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA.....	134
5.3 DESENHO METODOLÓGICO	140
5.3.1 Análise Preliminar da Metodologia	140
5.3.2 Definição das Categorias de Análise e Referência.....	146
5.3.3 Campo de Aplicação da Pesquisa.....	147

5.3.4 Critérios de Análise de Resultados.....	148
6 ANÁLISE DA APLICAÇÃO DA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO PARA O TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA E OS RESULTADOS	150
6.1 APLICAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DAS RODAS DE CONVERSAS.....	150
6.2 AVALIAÇÃO DAS CATEGORIAS DE ANÁLISE E DE REFERÊNCIA	163
6.2.1 Roda de Conversa sobre a História Local	164
6.2.2 Roda de Conversa sobre a Cultura Altense	167
6.2.3 Roda de conversa sobre os aspectos contemporâneos da comunidade.....	170
6.3 ANÁLISE GERAL DAS RODAS DE CONVERSAS	174
7 CONCLUSÃO.....	179
REFERÊNCIAS.....	182
APÊNDICE A - Calendário de alguns eventos no município de Tucano	192
APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	193
APÊNDICE C - Roteiro temático de entrevista aberta	197
APÊNDICE D - Imagens da primeira roda de conversa com o grupo Filhos do Sertão.....	198
APÊNDICE E – Imagens da organização da Biblioteca Comunitária.....	199
APÊNDICE F - Imagens da trilha realizada no Povoado Alto	201
APÊNDICE G - Imagens do primeiro roteiro.....	202
APÊNDICE H – <i>Prints</i> da nova apresentação e comentários no <i>blog</i>	203
APÊNDICE I– Imagens do evento Pôr do Sol Cultural.....	204
APÊNDICE J - Imagens do Ecomuseu da história e cultura altense	205
APÊNDICE K - Roteiros	206
APÊNDICE L - Segundo roteiro no Povoado Alto.....	208
APÊNDICE M – Ficha de avaliação dos roteiros	209
APÊNDICE N - <i>Prints</i> de comentários no <i>Blog</i>	210
ANEXO A – Parecer de Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da UNEB	211

1 INTRODUÇÃO

O despertar para trabalhar com a temática Educação para o Turismo de Base Comunitária na perspectiva do desenvolvimento local foi oriundo das vivências como habitante desde o nascimento do Povoado Alto, na zona rural do município de Tucano-Ba. Logo, testemunha ocular da real situação em que as pessoas vivem e sobrevivem no Povoado, sem perspectivas de estudo, trabalho e renda. Pensando nisto, surgiram questões e anseios por buscar e promover ações que possibilitem a comunidade desenvolver-se nas esferas políticas, sociais, econômicas, culturais, das tecnologias sociais, cidadania e nas relações da comunidade onde vivem, com base em suas potencialidades.

Nesse sentido, consideramos como principais motivações para pensarmos esta pesquisa a influência de pessoas da comunidade, principalmente dos meus avós maternos (*in memoriam*), os quais tiveram uma forte representatividade na comunidade. Foram eles: Guilhermina de Jesus, rezadeira da comunidade por muitos anos, e José Francisco de Andrade, carreiro¹ e também rezador, falecido em janeiro de 2018, até então era o habitante mais velho do Povoado. Sobreviventes de inúmeras secas que assolaram o Sertão eram pessoas corajosas, detentores de muita sabedoria, força e resistência, que mesmo diante das dificuldades, sempre buscaram meios de aliviar o sofrimento do próximo. São inspirações como estas que durante toda minha vida, seja na escola ou no ensino superior, me impulsionaram na busca por formas de promover melhorias na e com a comunidade; coisas estas que em vida meus avós sempre fizeram, principalmente por meio da fé e ervas medicinais.

As inquietações para esta pesquisa começaram a aflorar em 2016, quando estava finalizando o curso de Pedagogia Plena na Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Neste período, em resposta à pergunta de uma jovem estudante altense questionando se o Povoado Alto tinha história, construímos em colaboração com a comunidade local, o *blog* “Alto: O Meu Lugar no Sertão”². Por meio deste trabalho, foi possível iniciar o processo de construção do conhecimento sobre a história e cultura local do Povoado Alto, a partir da história oral contada pelos moradores, alguns falecidos, mas que deixaram suas contribuições para a história da

¹ Carreiro é o nome dado à pessoa que trabalha carreando com o carro de boi, ou seja, carregando objetos como lenha, feijão, sola, telhas, tijolos, mandioca e outros. O carro de boi é todo feito em madeira e conduzido com o auxílio de seis ou quatro bois (Celestino Carmo, entrevista concedida à pesquisadora, 2020).

² *Blog* disponível em: <https://altoomeulugarnosertao.blogspot.com>

localidade. O *blog* continua ativo na *internet*, e tem sido uma importante ferramenta de difusão e de mediação da aprendizagem sobre a história da comunidade.

Desse modo, tendo em vista a diversidade de conceitos sobre a concepção de lugar, utilizamos o referido termo com base em Augé (1994), considerando o lugar como o espaço vivido, do cotidiano, carregado de afetividade, relações, emoções, sabores, saberes e memória, o qual apresenta características identitárias e históricas. Mas, dialogando com a perspectiva de Milton Santos (2002, p. 322) para o qual “o lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, [...], mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade”. Nesse sentido, o termo lugar está relacionado com o espaço de vivências dos sujeitos, o cotidiano e suas tensões e contradições.

A pesquisa que culminou no *blog* gerou ainda mais inquietações, principalmente por constatar a urgência de pensar em alternativas que contribuíssem para o desenvolvimento local do Povoado. Quando nos referimos a desenvolvimento, não consideramos apenas a área econômica, mas um conjunto de fatores como a valorização da identidade e cultura local, que certamente poderão contribuir para melhorar as condições de vida dos Altenses.

Finalizado o curso de pedagogia, atuei como professora da Educação de Jovens e Adultos (EJA) na comunidade e como professora de matemática voluntária para alunos do Povoado que tinham dificuldades com a disciplina. Este foi um período de muitos aprendizados e trocas de saberes com as crianças, adolescentes jovens, adultos e idosos da comunidade. As atividades nas turmas de EJA contribuíram para o diagnóstico participativo e inicial de práticas culturais, costumes e tradições da localidade. Já o contato com os mais jovens revelou a falta de perspectivas em que muitos viviam e a necessidade de envolvê-los em práticas e atividades que pudessem dar sentido à importância de estudar, bem como a valorização da história e cultura da comunidade.

Diante disso, o fato de conhecer e viver a realidade do Povoado contribuiu para a escolha da temática sobre o Turismo de Base Comunitária (TBC), o qual é definido por Irving (2009, p. 113) como uma “[...] proposta de desenvolvimento local, através da valorização da cultura e identidade, dos modos de vida, respeitando as dimensões de uma sociedade em seus aspectos sociais, políticos, culturais e humanos”. Nesse sentido, articulando as demandas oriundas da comunidade e suas potencialidades, acreditamos que o Turismo de Base Comunitária, por suas características e princípios, pode contribuir com o processo de desenvolvimento local do Povoado Alto.

Nesse contexto, surgiram inquietações a respeito do que fazer e como fazer. Assim, considerando a potencialidade cultural do Povoado Alto, indispensável para o TBC, eis então que surge o problema de pesquisa descrito a seguir: **Qual a proposta de educação adequada para o desenvolvimento do Turismo de Base Comunitária no Povoado Alto, em Tucano-Bahia?**

Compreendendo a problemática da investigação, delimitamos o objetivo geral da pesquisa, que é **construir uma proposta de educação adequada para o desenvolvimento do Turismo de Base Comunitária no contexto do Povoado Alto em Tucano- Bahia.**

Com a finalidade de responder a estas questões, definimos os objetivos específicos, descritos abaixo: a) desenvolver ações de educação apropriadas para o contexto do Povoado Alto; b) mobilizar para o Turismo de Base Comunitária no Povoado Alto; c) difundir o Turismo de Base Comunitária no Povoado Alto por meio do *blog* “Alto, o meu lugar no Sertão”.

Vale ressaltarmos que esta pesquisa, de forma nenhuma, busca ações engessadas ou acabadas, mas sim práticas construídas e desenvolvidas com e para a comunidade local, por meio de diálogos e discussões conjuntas. Sendo assim, é preciso criar ações pautadas nos princípios da educação, respeitando as especificidades da comunidade, valorizando a cultura da cooperação, solidariedade, o mapeamento de saberes locais, o respeito às diferenças culturais, religiosas, de gênero e tantas outras, e contribuir para o processo de desenvolvimento local, sendo estes também os princípios do Turismo de Base Comunitária adotados desde sua organização até sua efetivação. Dessa forma, identificamos a relevância social deste trabalho, bem como seu compromisso com o bem-estar coletivo da comunidade.

Diante disso, tendo em vista o desenvolvimento da pesquisa de maneira colaborativa com os sujeitos locais, optamos pelo uso da metodologia Pesquisa-Aplicação que se desdobra em várias abordagens (PLOMP *et al.*, 2018), dentre as quais optamos pela *Design-Based Research* (DBR) também conhecida pela sigla DBR, Pesquisa em Desenvolvimento, a qual pode ser utilizada para o desenvolvimento de teorias, artefatos e práticas pedagógicas, visando seu uso em processos de ensino-aprendizagem, formal ou não formal. Justificamos a escolha da DBR por apresentar métodos e características que dialogam com os princípios adotados para esta pesquisa, além de estar vinculada ao uso das tecnologias educativas na educação, em espaços formais e não formais, para a resolução de problemas práticos do contexto real dos sujeitos.

A *Design Based Research* (DBR) ou Pesquisa-Aplicação foi adotada como método para esta pesquisa, pela sua flexibilidade e potencialidade para o desenvolvimento de aplicações e trabalhos colaborativos, corroborando a concepção dialógica de educação de Paulo Freire que adotamos como base teórica e prática para esta pesquisa. Por ser uma metodologia recente,

fazemos uma breve conceituação sobre a DBR baseada em Matta, Silva e Boaventura (2014) e Plomp *et al.* (2018), autores que apresentam e discutem a aplicação da referida metodologia em diversos contextos.

Para Nonato e Matta (2018, p. 15), a pesquisa aplicação pode ser definida como “uma abordagem metodológica que se propõe a interconectar o pensar e o fazer da ciência com as ações de intervenção na prática educacional, articulando os vários sujeitos do processo pedagógico”. Nesse sentido, os autores apontam para um trabalho colaborativo entre pesquisador e sujeitos da prática, no nosso caso entre pesquisadora, a qual também pertence à comunidade e aos demais sujeitos locais, numa relação dialética de troca de saberes e construção coletiva.

De acordo com Matta *et al.* (2014) a DBR ou Pesquisa-Aplicação é desenvolvida em quatro fases, a saber: Análise do problema prático por pesquisadores e sujeitos engajados na colaboração; Desenvolvimento de soluções construídas a partir de princípios de *design* existentes e inovações; Ciclos iterativos de aplicações e refinamento da solução em práxis da solução e reflexões sobre princípios de *design* e perspectivas de novos melhoramentos na solução implementada. As fases descritas e as características da DBR corroboram a ideia de construção e desenvolvimento processual, coletivo e colaborativo de uma proposta educacional voltada para a educação para o Turismo de Base Comunitária no Povoado Alto.

Com o intuito de responder ao problema da pesquisa e atender aos objetivos propostos, organizamos este trabalho em seis capítulos. Neste primeiro apresentamos a introdução deste estudo. No segundo capítulo, apresentamos a construção do entendimento sobre contexto sócio-histórico de Tucano e seus efeitos no Povoado Alto. Para isso, recorreremos aos aspectos de formação histórica da região, para compreendermos as nuances de surgimento e desenvolvimento do Povoado e de sua população. Dialogamos também com a comunidade, pois no nosso ponto de vista ninguém melhor que ela para falar da própria história e com autores como Rubens Rocha (1987, 2007, 2010), sobre a história de Tucano e região; e Matta (2013) sobre a história da Bahia. Recorreremos ainda, alguns dados relevantes de órgãos como Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e Fundação João Pinheiro (FJP).

No terceiro capítulo discorreremos sobre o Turismo de Base Comunitária (TBC), apresentando os principais conceitos, princípios e experiências com base em autores como Silva (2006, 2012), Sansolo e Bursztyn, (2009), Irving (2009), Silva, Matta e Sá (2016), bem como seu potencial para o desenvolvimento local em diálogo com Dowbor (2006) e Mance (2008).

No quarto capítulo, dialogamos sobre a Educação, que por ser um termo amplo, optamos por pautar nossa investigação na educação popular numa perspectiva não formal, baseado em autores como Brandão (1998), Freire (1996, 2005) e Gadotti (2008), sobre Educação Popular e emancipatória; e Gohn (2014), sobre a educação não formal, apresentando nossa concepção sobre o que chamamos de Educação para o Turismo de Base Comunitária.

No quinto capítulo, apresentamos o processo de construção da proposta educacional, utilizando a Pesquisa-Aplicação como abordagem metodológica. E por fim, no sexto capítulo apresentamos a aplicação e análise dos resultados alcançados, bem como suas principais contribuições para o processo de desenvolvimento local do Povoado Alto. E por último, concluímos com os principais resultados e impactos na comunidade.

2 O CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO DE TUCANO: EFEITOS NO POVOADO ALTO

O contexto sócio-histórico de Tucano é indispensável para o desenvolvimento desta pesquisa, sobretudo para dialogarmos com os conhecimentos já existentes no lócus, além de possibilitar melhor compreensão das tensões, contornos e dinâmicas sociais, econômicas e culturais da comunidade altense. Como afirma Marcos Martins (2008, p. 196) “Tudo é colonizado pela ideologia burguesa, que imprime a sua hegemonia às formações econômicas e sociais”. Por isto, precisamos conhecer as influências que contribuíram para a formação da sociedade que estudamos e atuamos, para que possamos agir com e sobre ela.

Neste capítulo, temos o objetivo de sistematizar conhecimentos sobre o contexto sócio-histórico do Povoado Alto em Tucano-Bahia para subsidiar o desenvolvimento de ações de educação para o Turismo de Base Comunitária na localidade, a fim de melhor compreendermos o contexto do nosso lócus de pesquisa e construir ações adequadas para e com a comunidade. Para isso, realizamos revisão bibliográfica sobre a história da região e entrevistas abertas com habitantes do Povoado Alto sobre a história da comunidade.

Ademais, para a realização de pesquisas em comunidades, o estudo do contexto é muito importante, como afirma a pesquisadora Aline Santos (2014, p. 15):

[...] é impossível estar engajado e implicado em uma pesquisa sem desenvolver um diálogo com os conhecimentos existentes [...], sobretudo ao contexto que envolve a comunidade baseada em seus processos históricos e sociais e nos sujeitos presentes nela.

A autora explicita a necessidade de realizar o estudo do contexto para uma pesquisa bem-sucedida e com engajamento dos atores sociais locais. Acreditamos que todo o processo deve ser dialogado com a comunidade, estando o pesquisador a serviço da comunidade, e não o contrário.

Considerando que o desenvolvimento desta pesquisa aponta para uma perspectiva de educação não formal, o estudo do contexto torna-se ainda mais relevante. De acordo com Gohn (2014, p. 38) “[...] na educação não formal [...] o contexto tem um papel de alta relevância porque ele é o cenário, o território de pertencimentos dos indivíduos e grupos envolvidos”. Ou seja, para promovermos uma pesquisa aplicada que visa o protagonismo dos sujeitos locais, precisamos conhecer os aspectos que fazem parte de seus modos de vida, história, cultura e costumes, sobretudo para não sermos invasivos ou desrespeitosos.

Em consonância com as ideias de Marcos Martins (2008, p. 197) para o qual, a compreensão do contexto da sociedade local:

[...] torna possível à capacitação dos sujeitos sociais para atuar nela, e assim ter condições de não somente compreenderem melhor os processos sociais em curso, mas também interferirem neles e alterarem a formação econômica e social segundo seus objetivos e necessidades.

Nesse sentido, o referido autor aponta sobre a relevância do contexto e dialoga com os princípios que regem o Turismo de Base Comunitária e o desenvolvimento local, os quais serão explicados nos capítulos seguintes, que é o protagonismo dos sujeitos locais a partir do conhecimento de seus aspectos culturais, sociais, econômicos e históricos, para assim de forma crítica possam agir em busca de transformações para o meio onde vivem.

Assim, a seguir realizamos a contextualização sócio-histórica de Tucano e seus efeitos no Povoado Alto, na qual empreendemos uma análise da realidade do contexto, a fim de interpretá-lo e estudar meios de contribuir socialmente com o local, partindo da identificação de problemas reais da comunidade para o possível desenvolvimento de soluções para tal. Visto que para pensarmos em criar e desenvolver ações na e com a comunidade precisamos conhecer seus problemas e estudar formas de solucioná-los com os sujeitos envolvidos. Por isso, a seguir apresentamos alguns aspectos sobre o surgimento de Tucano e sua relação com a Casa da Torre, ressaltando alguns pontos da história do Brasil e da Bahia que contribuíram para o seu surgimento, e conseqüentemente, do Povoado Alto.

2.1 TUCANO: A RELAÇÃO DE SEU SURGIMENTO COM A CASA DA TORRE

O município de Tucano está localizado na mesorregião do nordeste baiano conforme a Figura 1, a aproximadamente 269 quilômetros de Salvador, tendo como principal forma de acesso à rodovia federal BR 116. Por tratar-se da região que engloba nosso *lócus* de pesquisa, faz-se necessário recorrermos a alguns aspectos da história do Brasil e da Bahia que direto ou indiretamente influenciaram seu surgimento, a fim de construirmos entendimento sobre seu contexto sócio-histórico, o qual para além de situar os pesquisadores e sujeitos envolvidos, nos fornecerá elementos para a construção e execução de ações para o desenvolvimento da pesquisa.

Figura 1 - Mapas da Bahia e do Brasil com a localização de Tucano

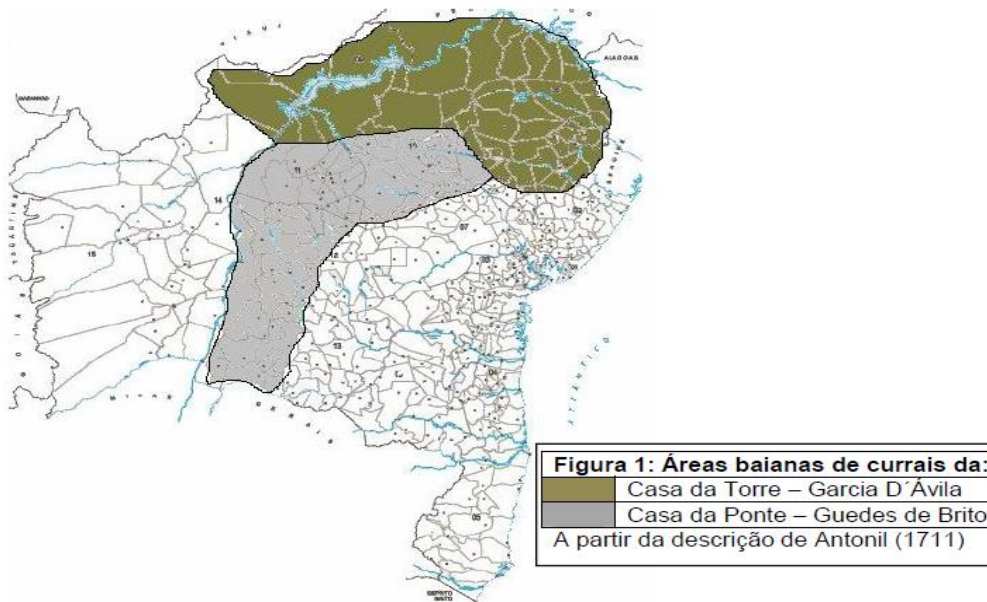
Fonte: Wikipédia (2020)

A história da região onde hoje fica Tucano conforme os mapas da Figura 1 apresentada acima, tem sua origem imbricada com o processo de desbravamento do sertão nordestino, seu surgimento possui relação direta com o domínio e avanço da Fazenda Casa da Torre fundada por Garcia D'ávila no século XVI. De acordo com Matta (2013), durante este período com a intenção de promover o povoamento das terras mais afastadas do litoral, utilizou-se da criação de gado bovino para penetrar as terras do sertão, bem como abastecer a cidade de Salvador. Ainda segundo o autor supracitado, a Casa da Torre avançava combatendo e “amansando” índios e instalando currais de criação de bois principalmente, mas também de animais de pequeno porte favorecendo o estabelecimento das roças. Segundo Rocha (2010), neste período notava-se um grande aumento da criação de gado na região, assim multiplicava-se muito rápido os rebanhos de bovinos, éguas, jumentos, ovelhas, cabras e porcos, estabelecendo-se currais no Nordeste.

Em alguns casos os casamentos entre portugueses e indígenas eram utilizados como estratégia para formação de alianças entre os grupos, bem como para utilizar a “mão de obra” dos índios para cuidar das propriedades da Torre. Sendo assim, entendemos que a estratégia de utilização dos povos locais como arrendatários nos novos currais, favorecia o avanço sertão adentro para a instalação de outros, expandindo cada vez mais seu domínio e poder. As terras da Casa da Torre eram doadas em regime de sesmarias (ROCHA, 1987), gerando assim a ascensão de senhores das terras, também chamados de Barões da Torre que mantinham domínio sobre os procuradores da terra, a fim de manter o controle sobre a grande extensão de terras.

Segundo Matta (2014)³, a extensão do território da Casa da torre começava no bairro da Pituba, em Salvador, até o estado de Piauí. Logo, a região que compreende o município de Tucano está inserida no antigo território da Casa da Torre. Como pode ser observado na Figura 2 no mapa que delimitava o domínio de terras da Torre e da Casa da Ponte na Bahia, por volta do ano de 1711.

Figura 2 - Áreas baianas de currais das casas da Ponte e da Torre



Fonte: (FERRARO JUNIOR; BURSZTYN, 2008, p. 4)

A sede da Casa da Torre apresentada na Figura 3 a seguir, também chamada de Castelo da Torre, contemporaneamente em ruínas, mas aproveitada turisticamente, está localizada na Praia do Forte no município de Mata do São João na Bahia, era a sede do maior e mais poderoso latifúndio do Século XVI. Foi de lá que partiram os primeiros sertanistas para o desbravamento do Sertão. Tem-se, como notamos, uma contribuição bem expressiva no desenvolvimento, povoamento e inserção da pecuária no sertão nordestino, e, conseqüentemente, no desenvolvimento do Brasil.

³ Informação dada pelo Professor Dr. Alfredo Eurico Rodrigues Matta, durante aula ministrada no curso de Pedagogia, da UNEB, na disciplina Referenciais teórico-metodológicos do ensino de História. Salvador, 20 de maio de 2014.

Figura 3 - Castelo da Torre de Garcia D'Ávila



Fonte: (AVILA, 2009)

Segundo Matta (2013, p. 47), “[...] a busca por riquezas minerais certamente foi um dos motivos que levou os Senhores da Torre a expandir seus domínios”. Sendo este também um dos motivos que os levaram até a região do município de Tucano. Corroborando assim com Santana (2010), para o qual foi à procura de riquezas minerais, um dos fatores que contribuíram para o aumento das terras da Casa da Torre, levando os desbravadores aos sertões de Massacará, Serra da Prata, a Serra do Puarassia, pela caatinga do Tucano. As terras onde hoje está o município de Tucano eram um dos lugares onde possivelmente haviam reservas de minerais e ouro, principalmente às margens do rio Itapicuru Mirim.

Os vaqueiros⁴ dos currais, homens de confiança dos senhores da terra, os quais eram permitidos criar animais de pequeno porte como cabras, carneiros, porcos e galinhas, também contribuíram com o processo de expansão da Casa da Torre. Visto que, a criação desses animais de pequeno porte, favorecia a formação e fixação de pequenos núcleos de populações, geralmente acompanhando rios e as estradas por onde os bois passavam ou contornando a caatinga (ROCHA, 1987). Esses pequenos núcleos se tornavam centros de trocas de gado, ou de pousos para as boiadas. Portanto, entendemos que para além da implantação da criação de gado e o estabelecimento de currais, a Casa da Torre levava também sua cultura como a forma de viver e de se relacionar. De acordo com Matta (2013, p. 48)

[...] a indústria do couro se espalhava, assim como a da carne charqueada: surgia toda uma cultura alimentar, os primeiros rudimentos de feiras periódicas assim como o deparar-se com a seca e com a forma de vida necessária para enfrentar a vida no sertão.

⁴ Vaqueiro era o nome dado à pessoa que trabalhava fazendo o manejo do rebanho de gado, geralmente utilizando artefatos de couro para proteger o corpo para pegar boi na caatinga (Celestino Carmo, entrevista concedida à pesquisadora, 2020).

Marcas e influências culturais que persistem até a contemporaneidade no município de Tucano e região, tanto na produção de artefatos de couro quanto nos pratos típicos da região como o uso da carne seca na culinária local.

Dessa maneira, compreendemos que o processo de criação de gado dominado pelos senhores da terra, promoveu o estabelecimento de currais em diversas partes da região, como ponto de criação e pouso dos animais e Tucano foi um deles. As terras tucanenses faziam parte das porções que foram doadas em sesmarias a Garcia d'Ávila, a qual posteriormente foi anexada à comarca da Vila do Itapicuru de Cima, Província da Bahia. Com isso, a atual cidade de Tucano, antiga freguesia de Sant'Anna e Santo Antônio do Tocano, a qual também ficou conhecida como Imperial Vila de Tucano, teria sido originária da criação do gado no processo de desbravamento do sertão baiano, fixando populações, mesmo que escassas na região (ROCHA, 2010). O que corrobora os indícios de que Tucano era um dos inúmeros pontos de pouso de gado, tornando-se um curral, haja vista a presença marcante dos vaqueiros e tropeiros⁵ na região.

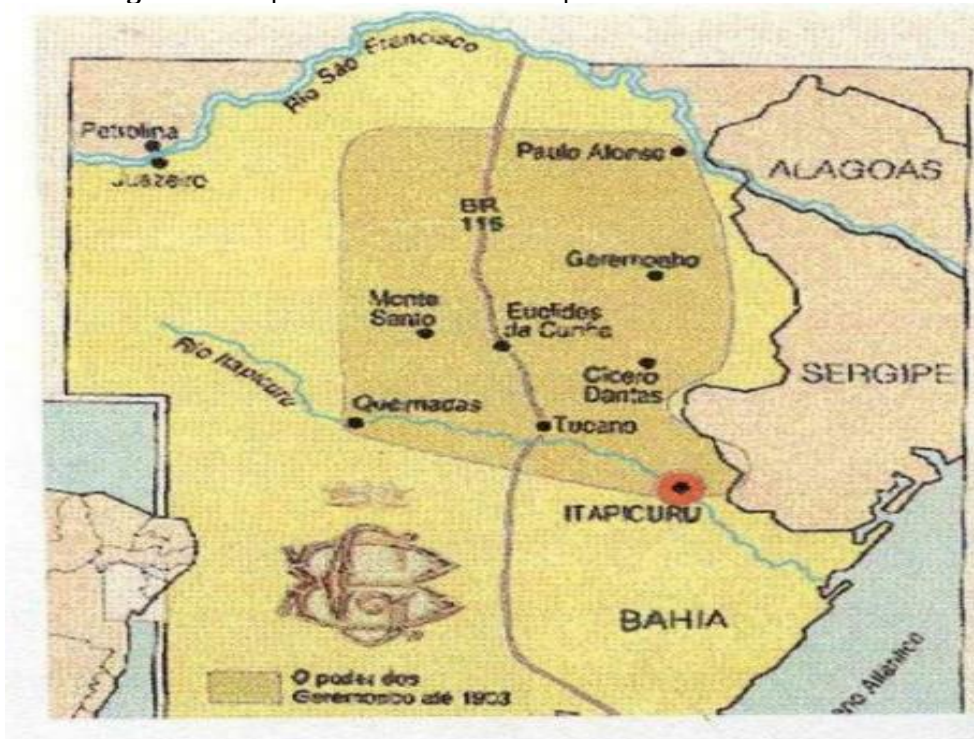
A denominação de freguesia de Tocano demarca a influência religiosa da igreja católica no processo de formação do município. De acordo com Rocha (1987, p. 16) “[...] a aldeia de Tucano desenvolveu-se e civilizou-se sob a influência catequista e tomou áreas de arraial ou povoado, tendo disto resultado a criação do distrito Sant'Anna e Santo Antônio do Tocano, criado em 1754”. O autor menciona o termo aldeia, devido à presença indígena nas terras tucanenses, possivelmente habitadas anteriormente por índios Kariris. Ainda, de acordo com o autor as terras tucanenses teriam sido habitadas por índios Tocanos que deram origem ao nome do município, mas existem controvérsias a respeito desta versão. Contudo, alguns povoados e distritos pertencentes ao município, possuem nomes indígenas, tais como Tracupá e Arapuá, acentuando a influência marcante dos índios na região.

No dia 21 de março de 1837, foi criado o município de Tucano, tendo assim seu território desmembrado da Vila do Itapicuru de Cima, hoje conhecido como Itapicuru, passando a chamar-se de Imperial Vila de Tucano (ROCHA, 2010). Em maio do mesmo ano o sargento Mor José Dantas Itapicuru, o qual era tio do Barão de Jeremoabo Cícero Dantas Martins (1838-1903), empossou a primeira Câmara de Vereadores de Tucano. Fato este, que retrata a relação de Tucano com os herdeiros dos antigos Barões da Torre. Segundo Rocha (2016, p. 211) Cícero

⁵ Tropeiro era o nome dado aos condutores das tropas de animais, geralmente mulas, que transportavam cargas de alimentos, sola, carnes e outros objetos entre vilas e cidades do Nordeste (Celestino Carmo, entrevista concedida à pesquisadora, 2020).

Dantas Martins foi o “primeiro e único Barão de Jeremoabo [...] foi um político brasileiro e o maior latifundiários do Nordeste”. As terras tucanenses faziam parte da zona de influência política do Barão de Jeremoabo, como pode ser visto na Figura 4.

Figura 4 - Mapa da zona de influência política do Barão de Jeremoabo⁶



Fonte: (CARVALHO JÚNIOR, 2000, p. 128)

Para além da relação política, muitas cartas foram trocadas entre o Barão de Jeremoabo e alguns tucanenses. Possivelmente, esta relação influenciou a criação da Festa do Barão em Tucano por volta dos anos de 1980. De acordo com Rocha (2010), na festa era escolhido o melhor bebedor e apreciador de vinhos, a partir de então eram escolhidos os barões da festa de acordo com o que representavam, por exemplo, Rubens Rocha (*in memoriam*) foi nomeado Barão de Arapuá, por tratar-se do local onde o mesmo residia.

Portanto, compreendemos que o processo de formação do município de Tucano apresenta influências históricas, culturais, sociais, econômicas e políticas, oriundas do processo de expansão da Casa da Torre, a qual neste movimento está inserida a Civilização do Couro no Sertão, bem como o trabalho dos tropeiros. Com o enfraquecimento do poderio da Casa da Torre, as terras foram passadas para os chamados Barões da Torre, e, posteriormente, deles para o Barão de Jeremoabo, em Itapicuru, um dos primeiros currais instituídos pela Torre. Neste

⁶ “Mapa representando a zona de influência política do barão de Jeremoabo no Nordeste da Bahia. No Império essa área correspondeu politicamente ao 4º e 9º distritos. Foto da Revista Veja” (CARVALHO JÚNIOR, p. 128).

contexto, o período de transição entre o Tucano de ontem, considerando o período do final do século XVI e o Tucano contemporâneo, é marcado pelos impactos da política coronelista que persiste, ainda que enfraquecida até os dias de hoje.

O coronelismo é uma prática política que vigorou no período republicano entre o final do século XIX e início do século XX. Para Leal (2012, p. 22) “O coronelismo é, sobretudo um compromisso, uma troca de proveitos entre o poder público, progressivamente fortalecido, e a decadente influência social dos chefes locais, notadamente senhores da terra”. Logo, os grandes proprietários de terras, chamados de coronéis, uma minoria privilegiada detentora de um poder quase absoluto em suas regiões, controlavam diretamente a política e, conseqüentemente, os habitantes locais. As formas utilizadas para manter o domínio dos coronéis eram diversas, dentre elas a criação dos currais eleitorais com os votos de cabrestos, compra de votos e as fraudes eleitorais, o prestígio destes líderes locais, estava relacionado com o quantitativo de votos para seus aliados políticos.

A manipulação para assegurar a lealdade do povo, se dava por meio das trocas de favores, geralmente utilizando as necessidades básicas da população local para ganhar votos e apoios políticos. Para Leal (2012), os favores eram de todos os tipos, desde os coletivos até os de ordem pessoal como arranjar empregos públicos, emprestar dinheiro, legalizar terras, interferir em decisões judiciais, ajudas em tratamentos de saúde, batizar filhos, ser padrinhos de casamento, proteção e tantos outros. Desta forma, o coronel assume um papel paternalista em sua localidade, contribuindo para a manutenção da ordem social, na qual os políticos e coronéis se perpetuavam no poder, enquanto seus subordinados permaneciam nas mesmas condições de vida, dependendo sempre da “benevolência” de seus senhores.

Contudo, não é nosso objetivo aprofundar a discussão sobre o Coronelismo, mas consideramos necessário entender como esta prática política ainda repercute e provoca impactos na atual sociedade tucanense, sobretudo nas populações rurais, geralmente esquecidas pelos poderes municipais, lembradas apenas nos períodos de eleições. Tendo em vista que a manutenção dos currais eleitorais dificulta a execução de políticas públicas, já que os políticos ainda mantêm a prática de trocas de favores, ao invés de investir em melhorias para a qualidade de vida da população como um todo, e não apenas de seus aliados.

As práticas políticas no município de Tucano ainda continuam muito semelhantes ao período em que vigorava o coronelismo, famílias herdeiras dos antigos coronéis, detentores de grandes porções de terras, hoje donos das principais empresas locais, tem se perpetuado no poder e mantêm domínio sobre a população, ainda que de forma indireta. Com a falta de investimentos em áreas essenciais como saúde, educação, renda e segurança, as trocas de

favores e apadrinhamento político são recorrentes. No atual cenário da política municipal, a prefeitura transformou-se em uma espécie de propriedade privada, onde seus funcionários e projetos são escolhidos a partir de alianças políticas, sem a mínima preocupação com os reais benefícios ou prejuízos para a população local. Tais práticas interferem de modo negativo ainda hoje na sociedade tucanense, tendo em vista que a situação de abandono em que o município e, principalmente, as comunidades rurais distantes da sede estão, isto segundo nossa percepção e vivência no município.

Diante desse contexto, vale ressaltarmos que não desprezamos as influências nas tradições culturais, religiosas e econômicas oriundas da Casa da Torre, dos Barões e dos antigos coronéis. Mas, frente às dificuldades vivenciadas, entendemos que é necessário construirmos formas autônomas de mobilização para buscar alternativas para o nosso próprio caminho de desenvolvimento. Neste sentido, a educação para o Turismo de Base Comunitária nos parece ser uma possibilidade efetiva. Por isto, a seguir, apresentamos o Quadro 1 com o resumo dos principais aspectos do contexto de formação do município de Tucano que nos servirão como base para a construção de ações para a proposta de Turismo de Base Comunitária.

Quadro 1- Resumo dos aspectos fundantes de Tucano no passado

Aspectos do Tucano no passado	Descrição e efeitos	Aplicação ao desenho da proposta educacional
Formação de currais	Processo oriundo da inserção da criação de bovinos no sertão, estabelecendo pontos de criação, trocas e de pouso para os animais. Favoreceu o estabelecimento de roças com criação de animais de pequeno porte.	Base histórica para Roda de conversas, Roteiros e <i>Blog</i> .
Presença dos índios	Os índios que habitavam partes do sertão eram resistência ao avanço do domínio da Casa da Torre, que a todo custo tentavam expandir seu domínio de terras. Tucano era habitado por índios Kariris.	
Igreja católica	Tucano desenvolveu-se sob influência catequista, era conhecido como Freguesia Sant'Anna e Santo Antônio do Tocano. O catolicismo ainda é religião predominante no município.	
Busca por minérios	Um dos objetivos dos senhores da Torre era a busca por minérios nas serras do Sertão. Contribuindo com a expansão do domínio de terras da Casa da Torre. No município de Tucano a busca era feita nas serras e nas margens do rio.	
Relação com Itapicuru	A formação da primeira Câmara de Vereadores de Tucano foi empossada por José Dantas Itapicuru. O município fazia parte da zona de influência política do Barão de Jeremoabo	

Coronelismo	Prática política baseada na troca de favores coletivos e pessoais por votos, com a criação de currais eleitorais, voto de cabresto e fraudes nas eleições municipais. Os impactos do coronelismo contribuem para a situação de abandono em que o município de Tucano vive.	
-------------	--	--

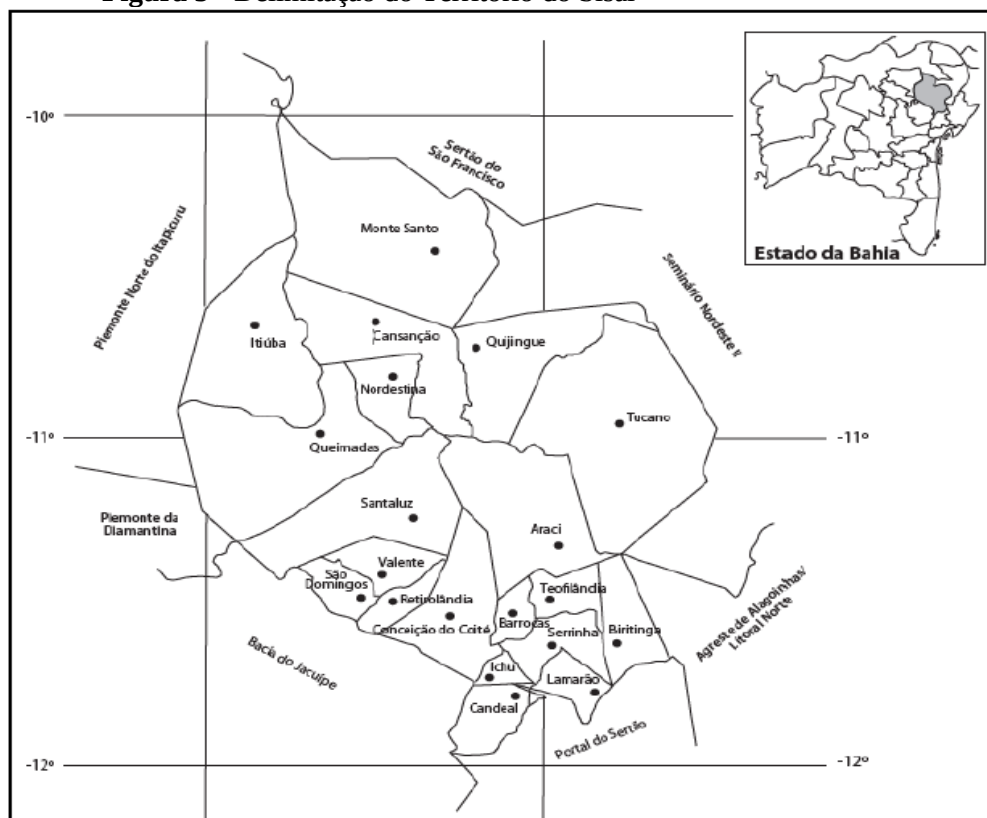
Fonte: Elaborado pela autora (2018)

O Quadro 1 sintetiza as principais características que contribuíram com o processo de formação histórica do município tucanense, as quais ainda que de forma indireta continuam presentes na contemporaneidade, como veremos adiante. As influências e reflexos do passado da sociedade tucanense presentes nos dias atuais, manifestam-se nos costumes, tradições culturais, na culinária, na política, nas práticas religiosas, nas formas de trabalho e produção econômica, e até mesmo no modo de pensar e agir dos sujeitos. Nesse sentido, consideramos necessário o estudo destes aspectos históricos e a reflexão sobre as mudanças ocorridas ao longo do tempo, para melhor compreendermos os aspectos do passado e como estes reverberam ou permanecem no presente.

2.2 TUCANO NA CONTEMPORANEIDADE

O município de Tucano faz parte da mesorregião do nordeste baiano e microrregião de Euclides da cunha, de acordo com dados da Superintendência de Estudos econômicos e sociais da Bahia (SEI). Tucano também está inserido na região compreendida pelo polígono da seca no território de identidade do Sisal no nordeste do estado da Bahia, o qual é composto por vinte municípios conforme a delimitação nas Figuras 5, 6 e 7 a seguir. O agrupamento dos municípios de Araci, Barrocas, Biritinga, Candéal, Cansanção, Conceição do Coité, Ichu, Itiúba, Lamarão, Monte Santo, Queimadas, Retirolândia, São Domingos, Quijingue, Nordestina, Santaluz, Serrinha, Teofilândia, Tucano e Valente, considera as semelhanças de características físicas, ambientais, econômicas, históricas e culturais entre eles.

Figura 5 - Delimitação do Território do Sisal

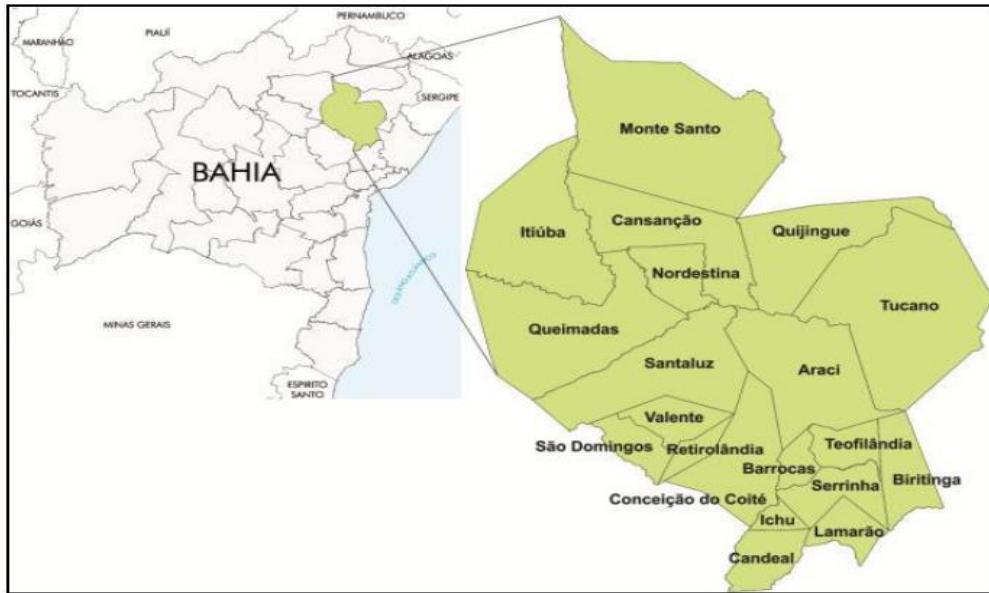


Fonte: Silva (2013, p. 574)

A delimitação do território de identidade do Sisal corresponde às divisões dos núcleos regionais de educação, da atuação da Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR) e do território da cidadania do Sisal, apresentado nos mapas das Figuras 6 e 7. Com relação às divisões para área de saúde, o município permanece no mesmo agrupamento, contudo ocorre a inserção de outras cidades.

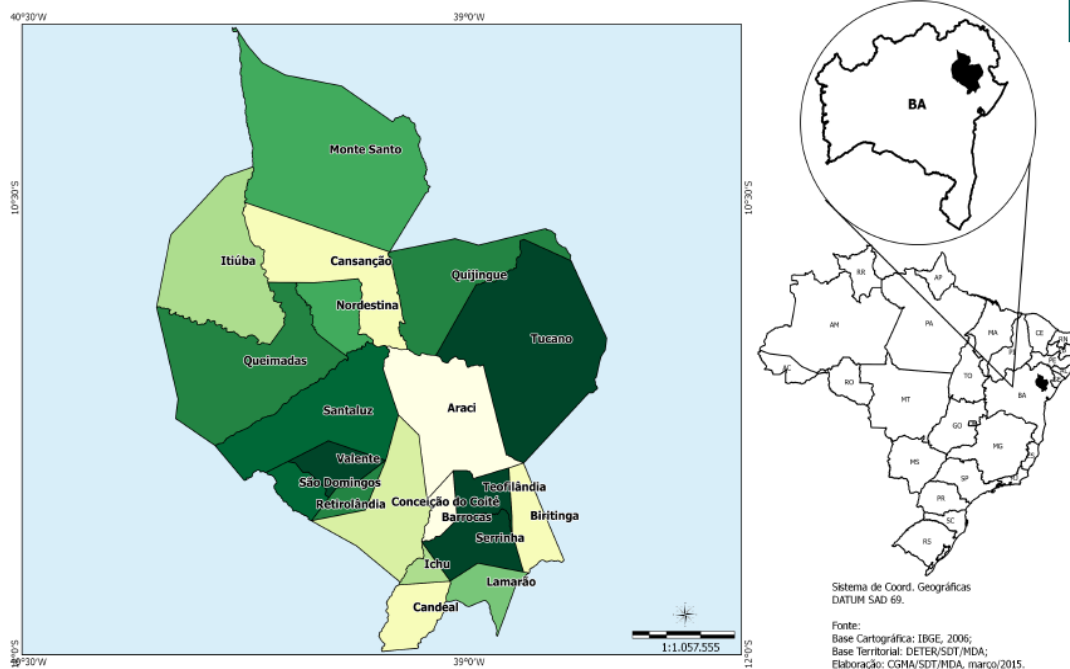
Entendemos que as fragmentações decorrentes das divisões e agrupamentos territoriais, na prática dificultam e fragilizam a construção e implementação de políticas públicas eficazes, pois cada setor atua de forma isolada, sendo que o trabalho conjunto entre os núcleos poderia ser mais produtivo e proveitoso para o desenvolvimento do território e de municípios como Tucano, que passa por sérios problemas sociais, sobretudo nas áreas de educação, saúde e segurança pública.

Figura 6 - Localização do Território do Sisal no Estado da Bahia



Fonte: SEPLAN (2015, p. 93)

Figura 7 - Delimitação do Território de Cidadania do Sisal

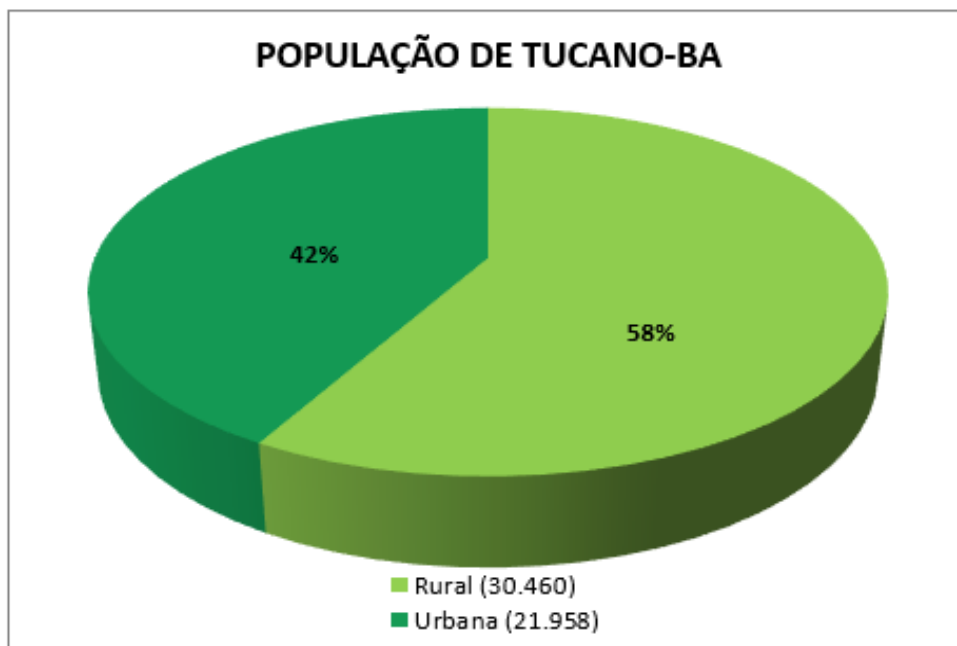


Fonte: SDT (2015, p. 1)

Segundo dados do IBGE (2010) a população total do Território de Identidade do Sisal é de 582.329 habitantes, sendo 57% na zona rural e 43% na zona urbana. Dentre os vinte municípios que compõem o território, Tucano está entre os cinco mais populosos. De acordo com dados do último censo do IBGE (2010), a população tucanense era de 52.418 habitantes, sendo mais de 58,11 % concentradas na zona rural conforme Gráfico 1, era considerado o

terceiro mais populoso, atrás apenas de Serrinha com 76.762 e Conceição do Coité com 62.040 habitantes e a frente de Monte Santo com 52.238 e Araci com 51.651 habitantes.

Gráfico 1- Distribuição da população de Tucano



Fonte: Elaborado pela autora (2019), com base em dados do Censo do IBGE (2010)

Para o ano de 2019, a estimativa do IBGE é que a população tucanense reduza para 50.687 habitantes, passando de terceiro para quarto município mais populoso do território do sisal. Considerando os dados do PNUD, IPEA e FJP, Tucano possui um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), de 0,579 (ATLAS BRASIL, 2013), considerado baixo, baseado nas dimensões de longevidade, renda e educação. Sob esse índice, Tucano ainda está em processo de desenvolvimento. O decréscimo da população tucanense está diretamente relacionado com o baixo IDH, principalmente considerando os fatores de renda e educação, pois a migração de pessoas para outros municípios e estados, em busca de melhores condições de estudo e renda tem sido cada vez mais frequente, e ainda maior nas comunidades rurais, devido à decadência e enfraquecimento das atividades agrícolas e pastoris.

O território tucanense possui uma área de 2.185,013 km² (IBGE, 2010), o qual faz divisa com as cidades de Ribeira do Pombal, Araci, Quijingue, Cipó, Nova Soure e Banzaê, conforme podemos observar no mapa a seguir da Figura 8:

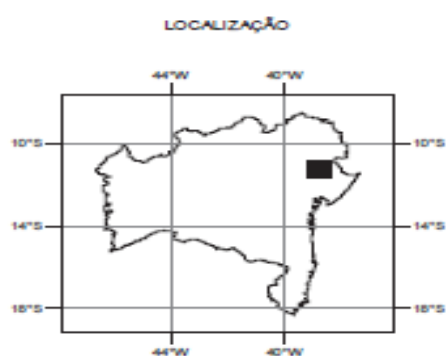
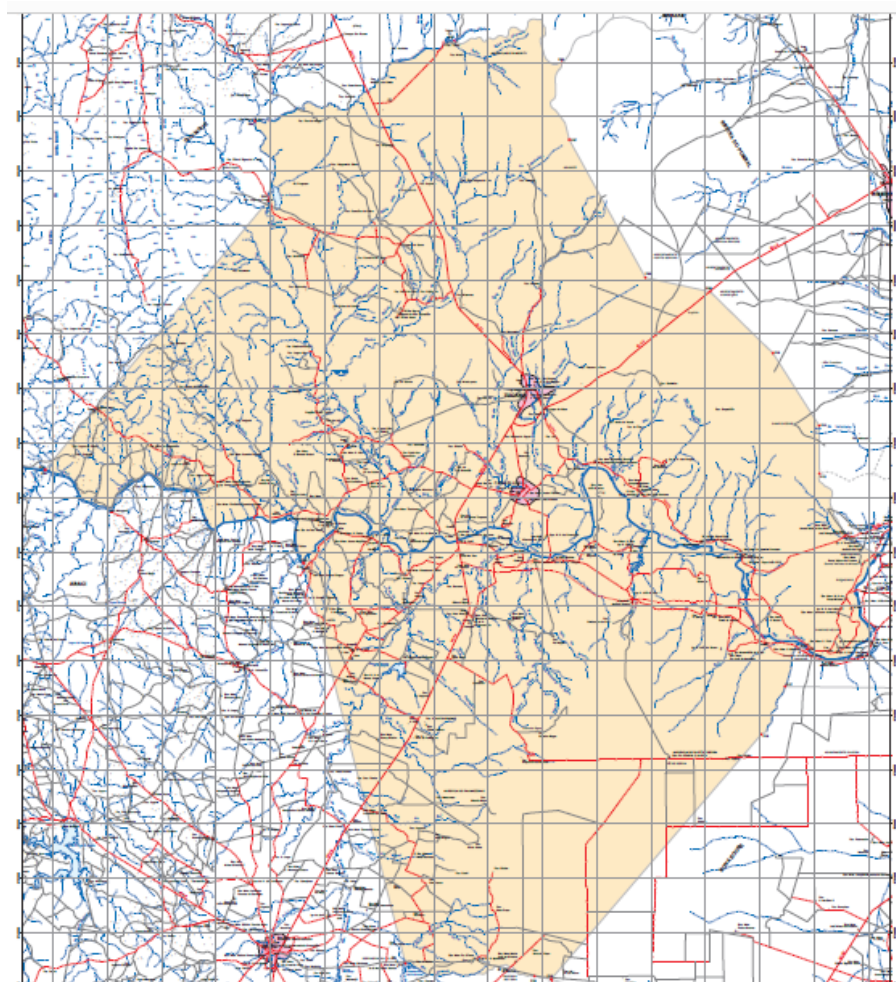
Figura 8- Delimitação territorial de Tucano



Fonte: Google Maps (2018)

De acordo com a divisão político administrativa do município de Tucano, o mesmo é composto por quarenta povoados, cinco distritos, além das pequenas aglomerações de pessoas em localidades denominadas fazendas que ainda não são considerados povoados, os quais podem ser vistos, a seguir, na Figura 9, no mapa descritivo do município. Um dos critérios utilizados para tornar-se um povoado está relacionado com a quantidade de habitantes e eleitores de cada localidade.

Figura 9 - Mapa descritivo do município de Tucano⁷



Fonte: SEI (2015)

Para termos uma dimensão sobre a população de cada localidade, elaboramos a Tabela 1 com o quantitativo de eleitores dos povoados e distritos, já que o município não dispõe de dados exatos sobre a população de cada um deles.

⁷ Escala 1:100.000 Projeção Universal de Mercator. Datum Horizontal Sirgas/Fuso 24s.

Tabela 1- Número de eleitores nos distritos e povoados de Tucano

Nome da localidade	Número de eleitores (A)	Nome da localidade	Número de eleitores (B)
Alto	246	Mandacaru	581
Arapuá	650	Mangueira	310
Barra do Maceté	191	Morumbi	315
Bizamum	216	Muriti	275
Cabrito	145	Olhos D'água	920
Caimpé	86	Pé de Serra	978
Cajueiro	601	Pedra Grande	302
Canabrava	301	Poção	920
Carnaíba de Cima	146	Poço Redondo	339
Cauanga	85	Porteira	324
Crenguenhem – Distrito	1.621	Quererá	157
Gameleira	112	Quixaba de Santa Rita	707
Gravatá	99	Quixaba do Mandacaru	503
Ipupu	307	Rio do Peixe	279
Jorrinho-Distrito	1.026	Rua Nova – Distrito	1.485
Caldas do jorro – Distrito	5.147	Tucano – Sede	10.833
Lagoa Cavada	399	Sem Freio	305
Lagoa de Dentro	330	Tiririca	718
Lagoa do Alto	113	Tracupá – Distrito	1.877
Lagoa do Miguel	137	Tucano de Fora	303
Lagoa dos Quatis	495	Varzinha	112
Laje	108	Vista Bela	271
Mandaçaia	700		
SUB-TOTAL	13.261		22.814
TOTAL	(A)	+ (B)	= 36.075

Fonte: Elaborado pela autora (2018), com base na planilha de resultados das eleições 2018 (JESUS, 2018)

A tabela 1, assim como o gráfico 1, confirmam os dados sobre a população que habita a zona rural do município, a qual resiste ao clima quente e seco da região, com temperaturas que variam entre 20°C a 40°C, com períodos agradáveis durante o inverno. Como o território do sisal e consequentemente Tucano, está inserido na região semiárida, caracterizada por apresentar irregularidade na distribuição e quantidade de precipitações pluviométricas, com dois períodos chuvosos anuais: um no verão, com chuvas torrenciais e altas taxas de evapotranspiração; outro no inverno, associado às frentes frias, alguns anos são mais chuvosos alternados irregularmente com anos de secas (CODES SISAL, 2016).

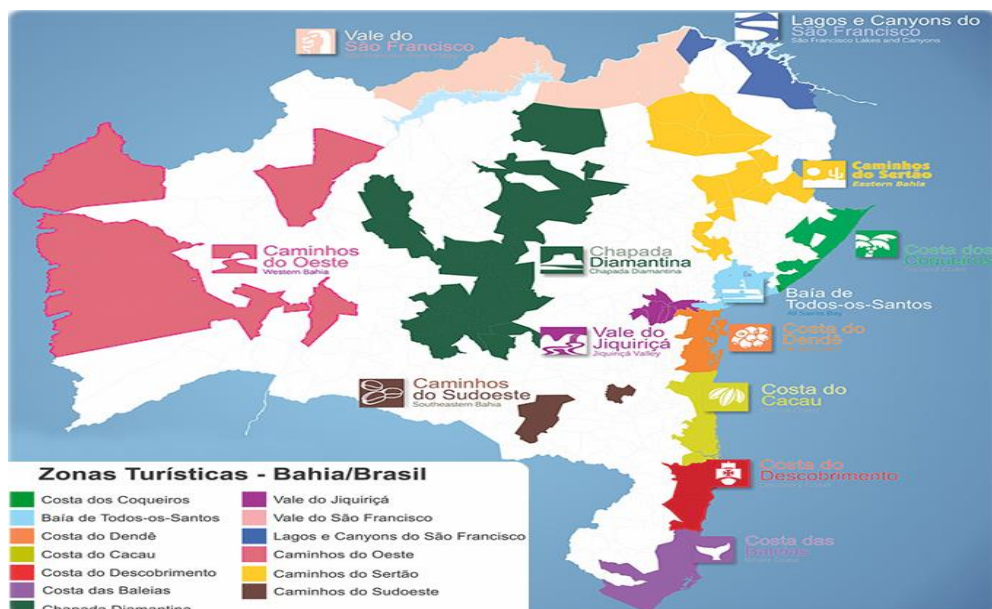
As chuvas são bem escassas na região, o que demanda a ampla necessidade de armazenar água para a convivência com os meses de estiagens. O período normal de chuva é entre abril e julho, geralmente os agricultores realizam plantações de milho e feijão nestes meses. Entre os meses de novembro a março ocorrem as trovoadas, contudo os períodos mais quentes e secos na região perduram os meses de outubro a março (ROCHA, 1987), demarcando dessa forma o

ciclo da seca na região, que em alguns anos se estende o ano inteiro, prejudicando o plantio e a criação de animais.

Porém, entendemos que os impactos da seca no município tucanense poderiam ser amenizados se houvesse a devida atenção dos governantes, principalmente na gestão dos recursos hídricos, bem como no desenvolvimento de políticas públicas para a convivência com a seca. Haja vista que algumas regiões do município como os distritos de Caldas do Jorro e Jorrinho são ricas em água mineral, nos quais as bicas jorram água durante todo o dia, culminando em inúmeros litros de água potável despejados nos esgotos diariamente, enquanto muitas comunidades vizinhas sofrem com a escassez de água para o consumo humano e dos animais. Alguns órgãos municipais justificam o desperdício como necessário para atrair os turistas que passam pela rodovia federal, BR 116, sentido Norte. Este pensamento é bem característico do modelo de turismo convencional, o qual considera o lucro oriundo dos visitantes como aspecto principal da atividade, negligenciando as dimensões sociais e ambientais.

Apesar disso, reconhecemos que as águas termais dos distritos de Jorrinho e Caldas do Jorro contribuem para o desenvolvimento do Turismo no município, tendo em vista que este compõe uma de suas principais atividades econômica. O município está inserido no mapa do turismo brasileiro, órgão do Ministério do Turismo (MTur) que orienta a atuação e desenvolvimento de políticas públicas do turismo, e faz parte da região turística denominada Caminhos do Sertão apresentado na Figura 10. Entretanto, a atividade turística desenvolvida na região está concentrada principalmente nos distritos de Caldas do Jorro e Jorrinho com suas águas termais e carne de bode, Buraco do vento, para quem deseja desfrutar da natureza; e a cachoeira do Inferno, com menor número de visitas. Assim, compreendemos que o Turismo como vem sendo desenvolvido no município não contribui com o desenvolvimento e visitação de comunidades rurais.

Figura 10 - Mapa das zonas turísticas na Bahia



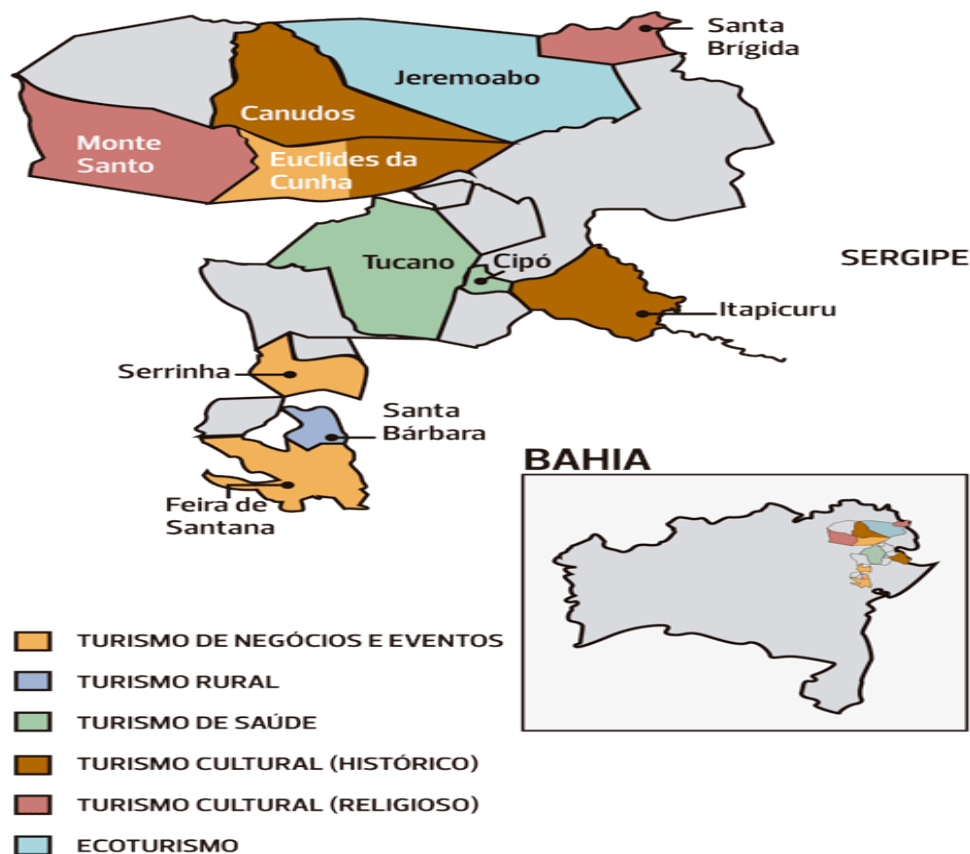
Fonte: Bahia (2012)

A região ou zona turística do mapa do Turismo Brasileiro denominada Caminhos do Sertão, é composta pelos seguintes municípios e as respectivas categorias nas quais foram agrupados, segundo o (BRASIL, 2017): Adustina (E), Alagoinhas (C), Araci (D), Aramari (E), Banzaê (E), Canudos (D), Cipó (D), Conceição da Feira (D), Euclides da Cunha (C), Feira de Santana (B), Irará - Categoria D, Itapicuru (D), Monte Santo (D), Santa Bárbara (D), Sítio do Quinto (E) e Tucano (C).

Segundo informações do site do ministério do Turismo (BRASIL, 2017), a categorização dos municípios é um instrumento elaborado pelo Ministério do Turismo para identificar o desempenho da economia do setor nos municípios que constam no Mapa do Turismo Brasileiro a qual ajuda no processo de implementação de políticas públicas de acordo com as peculiaridades de cada município. As categorias expressam os resultados do cruzamento de variáveis com base no fluxo de turistas nacionais e internacionais, estabelecimentos de hospedagem e quantidade de empregos gerados.

O município de Tucano também compõe o mapa das cidades Turísticas do Sertão, como podemos observar no mapa da Figura 11. O turismo na região é desenvolvido na modalidade de Turismo de Saúde, devido a suas águas termais e medicinais localizadas na Estância Hidromineral de Caldas do Jorro e Jorrinho. Contudo, identificamos que o município possui potencialidade para o desenvolvimento de outras modalidades de turismo que de fato beneficiasse a população de forma mais igualitária, nesse sentido o Turismo de Base Comunitária se apresenta como uma alternativa.

Figura 11 - Mapa das cidades Turísticas do Sertão



Fonte: (PROGRAMA, 2013)

A atividade turística na região também movimenta a produção de artesanatos e artefatos de couro, e podemos considerar como uma herança da Casa da Torre, visto que a prática de uso de couro na região originou-se com a inserção da criação de gado no sertão. Por conseguinte, notamos que as principais atividades econômicas desenvolvidas no município são principalmente o turismo convencional, agricultura, a pecuária e a indústria de pequeno porte em sua maioria ligada à indústria de transformação do couro, a qual tem destaque na economia do município, principalmente a produção de sola, cordas de sisal, selas, bolsas de couro, chapéus de couro, sandálias de couro, malas, farinha de mandioca, sapatos. Para o fornecimento de matéria prima para esta indústria destacamos o curtume de couro, feito as margens do rio Itapicuru Mirim em fossas de pedras e em alguns tanques de cimento. O couro que sai desses curtumes é utilizado na produção de artefatos e calçados, e são destinados ao consumo local, bem como à exportação para outras cidades, estados e até países.

Entretanto, o que se nota é a concentração das atividades econômicas na sede e em alguns distritos, pouco se investe na zona rural, sendo estas localidades ricas em belezas naturais,

culturais e históricas. A seguir, veremos o Quadro 2 com destaque para atividade turística no município.

Quadro 2 - Resumo dos aspectos fundantes de Tucano na contemporaneidade

Tucano contemporâneo	Descrição e efeitos	Aplicação na proposta educacional
Turismo convencional	Atividade importante para o município de Tucano. A principal modalidade desenvolvida do município é o turismo de saúde, por conta das águas termais e medicinais de Caldas do Jorro e Jorrinho. As localidades rurais são excluídas dos roteiros turísticos convencionais, concentrando-se na zona urbana.	Rodas de conversas
Caminhos do Sertão	Zona Turística da qual Tucano faz parte no mapa do Turismo Brasileiro, criado pelo ministério do Turismo para dinamizar a atividade no interior do Brasil. A atividade turística é concentrada nos distritos de Jorro e Jorrinho não favorecendo a Zona Rural.	

Fonte: Elaborado pela autora (2019)

O Quadro 2 apresenta aspectos importantes sobre o turismo convencional no município de Tucano, ressaltando a importância da atividade turística na economia local. Apontando ainda, para a modalidade desenvolvida e para a concentração em perímetros urbanos, e exclusão das comunidades rurais desta atividade.

Diante disso, considerando a divisão político administrativa do município de Tucano com 40 Povoados e 5 distritos, optamos por desenvolver nossa pesquisa no Povoado Alto, por ser esta uma localidade rural plena de riquezas históricas e tradições culturais, indispensável para o desenvolvimento do Turismo de Base Comunitária. Além de ser uma oportunidade de continuarmos desenvolvendo um trabalho de valorização da identidade e cultura local, iniciado com a criação coletiva do *blog* Alto, o Meu Lugar no Sertão. Por isso, a seguir apresentamos as influências e efeitos do contexto sócio-histórico de Tucano no surgimento e formação do Povoado Alto.

2.3 ALTO: DE ROÇA A POVOADO

O Alto é um dos quarenta povoados que compõe o município de Tucano, localizado às margens do rio Itapicuru Mirim, a aproximadamente 29 quilômetros do distrito sede, como

podemos observar nas Figuras 12 e 13. A localidade faz divisa com os povoados de Poço Redondo, Rio do Peixe, Lagoa Cavada, Barra do Maceté/Cachoeira e com o distrito de Rua Nova, o que faz do Alto uma rota de acesso para estes e outros povoados e cidades.

Figura 12- Imagem da localização do Povoado Alto no mapa de Tucano



Fonte: Google Maps (2018), adaptado pela autora (2018)

Figura 13 - Imagem do Povoado Alto com nomes das ruas e comunidade vizinhas⁸



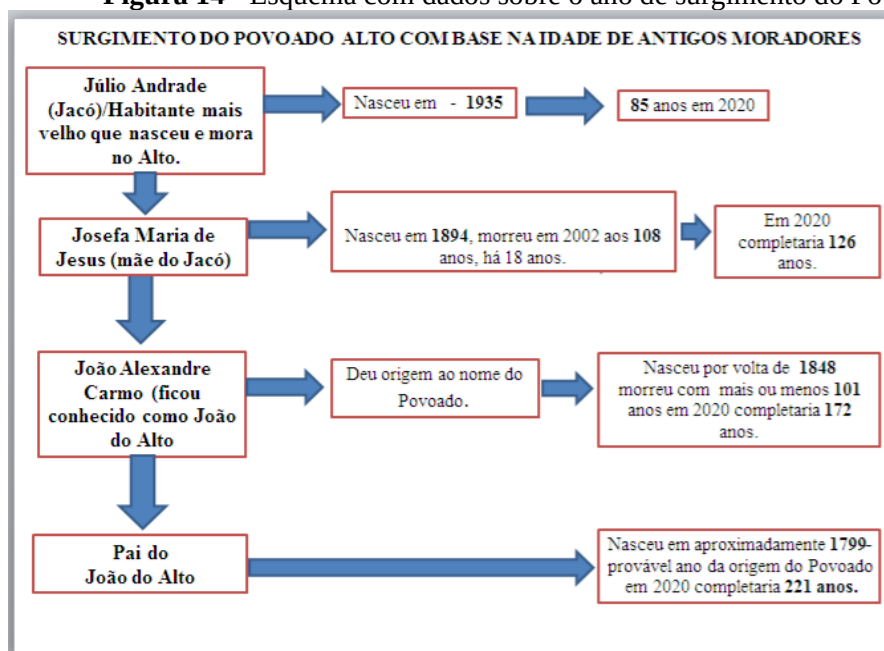
Fonte: Google Earth (2018), adaptado pela autora e João Santana (2019)

O fácil acesso a outras localidades, inclusive de outros municípios e a disponibilidade de água no rio Itapicuru Mirim, conforme observamos na Figura 13, favoreceu a criação de um antigo curral, o qual teria sido muito importante no processo de formação do vilarejo, dando origem a localidade; isto porque este curral servia como local de pouso e descanso para vaqueiros e tropeiros, com suas boiadas e tropas (CARMO, 2016). Logo, entendemos que o surgimento do Povoado Alto está diretamente relacionado com o contexto histórico e de formação da região de Tucano. Além disso, acentua a relação de sua origem com o processo de desbravamento do Sertão e a expansão territorial do latifúndio da Casa da Torre.

O período provável para o surgimento do povoado Alto é do final do século XVII, por volta de 1799. Para chegar a esta data, tomamos como base o ano de nascimento dos primeiros moradores, de acordo com dados fornecidos por pessoas da comunidade, conforme podemos observar na Figura 14. Contudo, é importante ressaltarmos que o mapeamento sobre o provável período de surgimento da localidade foi realizado de acordo com informações da memória dos moradores não se trata de um período exato, mas é o que a comunidade considera.

⁸ A imagem com nome das localidades que fazem divisa com o Alto não corresponde a localização geográfica de cada um, e sim das vias de acesso partindo do Alto. Para Lagoa Cavada e Barra do Maceté não permite acesso de carro.

Figura 14 - Esquema com dados sobre o ano de surgimento do Povoado Alto



Fonte: Elaborado pela autora (2019)⁹

Utilizamos também alguns dados da certidão de casamento apresentada na Figura 15, de Josefa Maria de Jesus, filha de um dos primeiros moradores, que deu origem ao nome do Povoado. Escolhemos utilizar dados da família do senhor Júlio, conhecido como Jacó, por se tratar do homem mais velho nascido no Povoado. A mulher mais velha é sua irmã, Avelina Maria de Jesus com 87 anos. Ambos pertencem à família do senhor João Alexandre Carmo, o que corrobora o fato da família deles serem os primeiros habitantes da localidade. Por ser uma localidade com pequenas serras, passaram a chamar João Alexandre de “João que mora no alto”, o qual ficou conhecido como João do Alto.

⁹ O quadro foi elaborado com base em datas fornecidas por moradores antigos do povoado e na certidão de casamento de Josefa Maria de Jesus.

Figura 15 - Certidão de casamento de Josefa Maria de Jesus

JOSELINA FERREIRA COSTA
ESTADO DA BAHIA
PODER JUDICIÁRIO

COMARCA DE TUCANO - BA. DOMARCA DE TUCANO
Subdistrito de (Sede)

CARTÓRIO DO REGISTRO CIVIL DE PESSOAS NATURAIS

CERTIDÃO DE CASAMENTO

Eu, JOSELINA FERREIRA COSTA, Oficial do Registro Civil do subdistrito de (Sede),

Certifico que no livro de registro de casamentos, sob o nº 6 existente em meu poder e cartório, às fls. 1102, consta o termo nº 1.290 do casamento do Sr. MANOEL FRANCISCO DE ANDRADE, com JOSEFA MARIA DE JESUS, que passou a chamar-se JOSEFA MARIA DE ANDRADE, realizado a 18 de agosto de 1950 perante o Juiz de Direito desta Comarca, Dr. João Azevedo Cavalcanti, presente as testemunhas Julia da Rocha Silva, Pedro Ribeiro da Silva, João Neves de O. Filho e Francisco Pereira de Melo, casados sob o regime da Comunhão de bens.

O NUBENTE:	A NUBENTE:
Estado civil Solteiro.	Estado civil Solteira.
Natural Tucano - Ba.	Natural Tucano - Ba.
Profissão agricultor.	Profissão doméstica.
Nascido em 08 de agosto de 1894.	Nascida em 15 de setembro de 1894.
Residente neste município.	Residente neste município.
Filho de Maurício Francisco de Andrade e de Joaquina Maria de Jesus.	Filha de João Alexandre Carmo e de Teodora Maria de Jesus.

OBSERVAÇÕES:

O referido é verdade e dou fé.

Tucano, 08 de maio de 19 91

JOSELINA FERREIRA COSTA
OFICIAL

Fonte: Acervo pessoal de Josefa Maria de Jesus (2019)

Como afirma José Francisco de Andrade (entrevista concedida à pesquisadora, 2016) “Os primeiros moradores daqui era o João do Alto, marido da Maria, a direita tinha também o Caetano e o Geraldo. A casa do João do Alto, era num altozinho, por isso o nome dele era João do alto. Eles moraram aqui há muito mais de 150 anos”. Fato este, que posteriormente deu origem ao nome do Povoado Alto, vale ressaltarmos que o mesmo era chamado apenas de Roça do João do Alto, por volta de 1877 (Júlio Oliveira, entrevista concedida à pesquisadora, 2018) e que este não foi o primeiro morador, mas talvez pela localização de sua propriedade tenha sido o nome de maior destaque. Os descendentes do João do Alto descrevem que os pais do mesmo já viviam na roça onde hoje é o povoado, e que os primeiros habitantes que o antecederam eram da atual cidade de Itapicuru-Ba, reafirmando uma relação com um dos primeiros currais da Casa da Torre.

Aos poucos mais moradores foram surgindo, com pequenas propriedades de terra, ainda muito distantes umas das outras, como a roça da Lage, roça velha, roça da Gurunga e outras. Esses habitantes sobreviviam basicamente da plantação de alimentos como feijão, milho mandioca, e, principalmente, da criação de animais, como bois, ovelhas, cabras e galinhas, de

forma muito reduzida, praticava-se também a caça e a pesca. A utilização do curral após as longas viagens para prender os animais, e no dia seguinte seguir viagem, favorecia as trocas de objetos e mercadorias, principalmente com os tropeiros (CARMO, 2016). Na Imagem 1 mais antiga e sem muitas construções; a Imagem 2 é uma foto mais recente do local onde ficava o curral, estrategicamente posicionado em uma encruzilhada de acesso a outros povoados e ao rio.

Imagem 1- Local onde ficava o antigo curral no Povoado Alto, em 1990



Fonte: Acervo pessoal dos moradores

Imagem 2 - Local onde ficava o antigo curral no Povoado Alto (2018)



Fonte: Acervo pessoal de Valmir Andrade Jr. (2018)

Com o registro de vendas e trocas de propriedades de terras a localidade passou a ser chamada de Fazenda Alto. Com a desarticulação do grande curral, acreditamos que para a construção de casas, as atividades de descanso dos animais e tropas passaram para um pequeno curral na mesma rota, localizado em meio aos pés de pereira sombrosos, o que fazia com que

até meados do ano 2000, a frente do curral, conforme a Imagem 3, fosse utilizada pelos moradores como se fosse um ponto central de encontro da comunidade.

Imagem 3 - Parte frontal do curral ainda existente no Povoado Alto



Fonte: Acervo pessoal dos moradores

A sombra dos pés de pereiras na parte frontal do curral era utilizada de diversas formas, como ponto de encontro dos homens após o almoço para descansar e conversar, pelas crianças que brincavam durante o dia, e também para a realização das corridas de argolinha e outras atividades. Contudo, infelizmente esta área foi desmatada, motivo de muita tristeza para a comunidade, tendo em vista que este espaço tinha uma representatividade importante para todos. Nos currais, tanto no primeiro quanto no segundo acontecia o batismo e enterro de bebês que nasciam mortos, chamados de “*anjinhos*”. Segundo Amália Matos (entrevista concedida à pesquisadora, 2018) os bebês eram batizados pelo casal Bidé e Guilhermina (ambos já falecidos) pois, somente eles sabiam dizer as palavras sagradas e em seguida os “*anjinhos*” eram enterrados próximo à porteira do curral, considerado um lugar sagrado, uma simbologia do local de nascimento de Jesus rodeado de animais.

A representatividade dos currais não deixa dúvidas sobre a relação do surgimento do povoado de Alto com o contexto histórico de Tucano e da Bahia, tendo em vista que seu território fazia parte das terras do latifúndio da Casa da Torre, a qual, à medida que se expandia com a inserção da pecuária no Sertão, favorecia o processo de origem de pequenas comunidades como o Alto. O que é reforçado ainda mais, devido à localização estratégica do povoado, próximo ao rio e fácil acesso a outras localidades. Ademais, a influência para criação de gado persiste até hoje, mesmo com incidência de secas, as pessoas não deixam de criar os animais, apresentando como atividade principal a criação de gado, cabras e ovelhas.

A localização geográfica do Povoado Alto também foi utilizada estrategicamente por moradores. Durante as passagens de Lampião na região, o rei do Cangaço, o qual visitou a sede do município em dezembro de 1928 (ROCHA, 2009) e povoados como o Alto, Mandacaru e Tracupá, o senhor José Francisco de Andrade (entrevista concedida à pesquisadora, 2016), descreve o percurso de Lampião: *“Ele passou aqui, saiu do Poço Redondo, aqui no Alto ele passava pela Laje e ia por Rio do Peixe. Por aqui não tinha pra onde correr, a caatinga era aberta, se escondia nas roças das serras, nos rasos, ele não ia atrás”*. Com medo do bando de cangaceiros, os moradores abandonavam suas casas com a família e se escondiam em lugares estratégicos. Não houve registros de alguma ação violenta de Lampião na comunidade.

Segundo José Francisco de Andrade (entrevista concedida à pesquisadora, 2016)

chegavam dizendo o lampião chegou no Poço Redondo, ai êpa corremo, nois ganhava a baixa da Gurunga, e a serra do Chiquinho, eu era pequeno e acompanhava os velho correndo de lampião, se ficasse quem sabe lá se ele fazia alguma coisa, diziam que ele matava

A escolha por estes esconderijos, apresentados nas Imagens 4 e 5 era devido a visão privilegiada que os mesmos poderiam ter da estrada por onde Lampião e o bando passavam, que seguiram próximos ao rio rumo à cidade de Queimadas.

Imagem 4 – Serra do Chiquinho



Fonte: Acervo Pessoal da autora (2016)

Imagem 5 – Baixa da Gurunga



Fonte: Acervo Pessoal da autora (2016)

Alguns altenses com medo passavam o dia e a noite escondidos na caatinga. Muitos ficavam nos esconderijos às escuras, pois não tinha como manter os candeeiros acessos, e neste período ainda não existia energia elétrica na comunidade (a iluminação das casas era realizada a base de candeeiros e luminárias a gás, também chamados de lampião). A rede de energia elétrica só chegou a então Fazenda Alto no ano de 1983 (Celestino Oliveira, entrevista concedida à pesquisadora, 2018). No entanto, alguns moradores continuaram utilizando os candeeiros e lampiões por muito tempo.

Outro fato marcante na memória dos habitantes da comunidade local foi a participação de altenses, especificamente duas mulheres, na Guerra de Canudos. O município de Canudos fica localizado a 165 quilômetros do Povoado Alto. A guerra ocorreu de 1896 a 1897 e teve como líder Antônio Conselheiro, mas a peregrinação começou bem antes, com o objetivo de ganhar adesão de fiéis ao grupo. Como podemos observar a seguir nos relatos de alguns altenses parentes das duas mulheres que seguiram o conselheirista:

A guerra de canudos foi pelo grupo de Antônio conselheiro, lutava contra a forma de governo da época, contra as pessoas que se aproveitavam de pessoas mais fracas, tipo os que eles chamavam de coronéis. Ele tinha uma visão muito ampla do mundo e conhecimento da vida, não eram maldosos [...] eles apenas lutavam por uma forma de governo diferente. A Maculina e a Maria do Estaque chegaram a ir para Canudos de Conselheiro pregava uma ideologia bem diferente, e tentava que as pessoas seguissem ele, convencia as pessoas a seguir ele, mas não atacava ninguém, mas por ele lutar contra o governo aconteceu a guerra contra as forças armadas. (Marlúcio Carmo, entrevista concedida à pesquisadora, 2016).

O relato do senhor Marlucio Carmo retrata de forma bem resumida a saga do conselheiro e demonstra o quanto sua ideologia e crença por um mundo melhor e menos desigual permanece na memória dos sertanejos altenses. Afinal, a organização comunitária promovida por Antônio Conselheiro é um exemplo de auto-organização, força, solidariedade fé e luta para todos aqueles que ainda hoje tem a esperança de uma sociedade com igualdade de direitos na prática e menos injusta.

Muitas pessoas seguiam Conselheiro durante suas peregrinações no Sertão. Para Neiva (2017) a seca que assolava a região no período da guerra provocou o deslocamento dum grande número de sertanejos para Belo Monte para juntar-se ao grupo de Antônio Conselheiro. Talvez isso explique o fato de que em quase todos os relatos de altenses sobre a Guerra de Canudos, apareça a utópica metáfora sobre a serra de cuscuz e o rio de leite, conforme relata o senhor Júlio Oliveira.

Teve muita gente nessa guerra. Antônio Conselheiro começou andar pelos lugares, ele andou por aqui (Alto) e no poço redondo, começou fazer um grupo para lutar contra o governo. a Maria do Estaque e a Maculina, seguiram o grupo do conselheiro, ele prometia que lá tinha uma serra de cuscuz e um rio de leite. Disseram que lá tinha muito sangue, as duas mulheres voltaram vivas, a Maria do estaque levou um tiro na perna e a Maculina ficou cega de um olho. A minha mãe alcançou a guerra, mas ela não foi, morreu com 116 anos. (Júlio Oliveira, entrevista concedida à pesquisadora, 2018).

A mesma versão é rememorada por demais moradores do Povoado Alto, para os quais a promessa da serra do cuscuz e um rio de leite seriam um dos motivos de convencimento de seus seguidores que tanto sofriam com a seca e a escassez de água e comida. Os altenses se recordam orgulhosos das histórias sobre a guerra contadas por Dona Maculina e Maria do Estaque, duas sobreviventes. Para, além disso, é importante relembrar e estudar fatos como estes, pois demonstram a força e resistência do povo sertanejo, assim como para desfazer a imagem negativa de Antônio Conselheiro, considerado por muitos como um lunático enganador. Além de rememorar a participação do Povoado Alto, em marcos da história do Brasil, como foi Guerra de Canudos, a qual ainda que pouco também teve sangue, resistência e luta de duas mulheres altenses.

Repleta de histórias, casos e causos, após a desarticulação do curral, a então Fazenda Alto passa ser considerada um Povoado somente após a instalação da seção eleitoral 096 em 1994 (Débora Andrade, notas de campo, 2019). Marco importante para a localidade, pois as pessoas já não precisam se deslocar para comunidades vizinhas para exercer o direito de voto. No

Quadro 3, veremos um resumo dos principais aspectos do contexto de formação histórica do Povoado Alto.

Quadro 3 - Aspectos fundantes do contexto do Povoado Alto

Aspectos fundantes do contexto do Povoado Alto	Descrição e efeitos	Aplicação à proposta educacional
O curral	Localizado em uma encruzilhada, ponto estratégico, pois acessava quatro rotas de entrada no Povoado, além de fácil acesso ao rio Itapicuru Mirim. Era local utilizado para o descanso e pouso dos vaqueiros com suas boiadas e dos tropeiros com as tropas. Contribuiu para a formação e povoamento do povoado.	Rodas de conversa Roteiros <i>Blog</i>
O curral como local sagrado	O curral também era utilizado para batismos e enterros dos bebês que nasciam mortos, chamados de anjinhos, os quais eram sepultados próximo à porteira do curral, considerado um lugar sagrado, uma simbologia do local de nascimento de Jesus. Sua parte frontal era utilizada como local de encontro e descanso de pessoas, no qual também aconteciam atividades culturais como corrida de argolinha e brincadeiras.	
A passagem de Lampião	A localização geográfica também favoreceu a passagem de Lampião no Povoado, o qual seguiu as margens do rio Itapicuru Mirim. Assustados moradores se escondiam na serra do Chiquinho e na Baixa da Gurunga. A passagem de Lampião ainda é algo marcante na memória dos altenses mais velhos, os quais descrevem detalhes do grupo de cangaceiros, com medo e respeito.	
Participação na guerra de Canudos	Muitos altenses ainda se recordam da promessa em metáfora utilizada por Antônio Conselheiro, dizendo que em Canudos havia um rio de leite e uma serra de Cuscuz, para convencer pessoas a se juntarem a ele e lutar na Guerra de Canudos, duas mulheres altenses o seguiram.	

Fonte: Elaborado por Juliana Martins (2018)

O Quadro 3 resume os principais aspectos da formação do Povoado Alto, desde a formação do curral, o qual acentua a relação de seu surgimento com a expansão do latifúndio da Casa da Torre, até a participação altense em marcos da história do Brasil como foi a Guerra de Canudos. Bem como a passagem de Lampião pela localidade. Tais aspectos são importantes na elaboração da proposta educacional, sobretudo para a formação dos sujeitos sobre a história local, pois destaca marcos históricos no processo de formação do Povoado, os quais podem ser

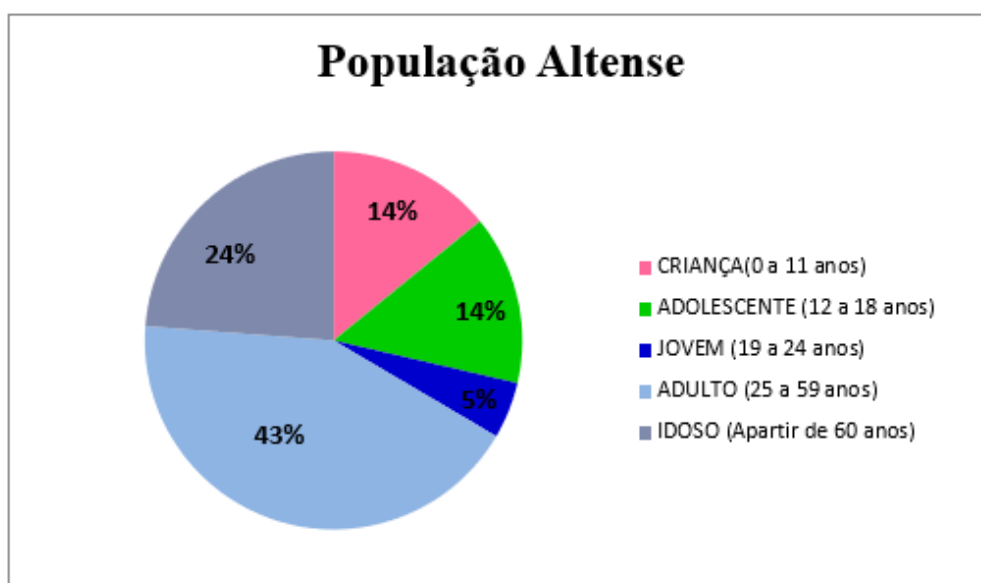
utilizados na elaboração de roteiros turísticos sobre a história da comunidade, não só para visitantes de outros lugares, mas principalmente, para grupos locais que ainda desconhecem essa parte da história do lugar onde vivem.

A partir dos elementos sistematizados no quadro acima, podemos identificar os indícios de mudanças que influenciaram a economia e cultura da sociedade altense contemporânea, como uma mistura de memórias de uma tradição com os novos contornos e tensões sociais, oriundos da contemporaneidade.

2.4 A SOCIEDADE ALTENSE

Em 2020 o povoado Alto é habitado por aproximadamente 100 famílias segundo dados do cadastro da agente de saúde local, o que corresponde a 271 habitantes, contagem feita pelo grupo de jovens da comunidade que culminou no censo comunitário do Povoado Alto do ano de 2019. No Gráfico 2, podemos observar que mais da metade da população altense é adulta e idosa, em partes isso se dá pela falta de perspectivas de estudo e trabalho na comunidade, o que gera uma migração cada vez mais constante de adolescentes, jovens e adultos para a sede do município, cidades circunvizinhas e outros estados como São Paulo, em busca de melhores condições de vida. Fato este que tem contribuído para o decréscimo da população local.

Gráfico 2 - Mapeamento da população altense



Fonte: Elaborado pela autora, com base no censo comunitário do Povoado Alto (2019)

O Gráfico 2 revela que grande parte da população altense é composta por adultos e idosos, isso pelo fato de que a migração de jovens é muito comum e começa cada vez mais cedo. Neste

contexto, ao considerarmos os dados levantados sobre o município de Tucano e as condições de vida nas dimensões de educação, trabalho, saneamento básico, segurança e saúde, podemos afirmar que nesta perspectiva o Alto não é um povoado desenvolvido. Contudo, com relação há alguns anos atrás ocorreram alguns avanços positivos, como a chegada da energia elétrica, telefone e posteriormente a *internet*.

Com algumas mudanças decorrentes da contemporaneidade, as formas de se relacionar na sociedade altense mudaram, mas as antigas não foram totalmente esquecidas. A instalação de rede de telefone e *internet* no Povoado contribuíram significativamente para estas mudanças. O contato com altenses que residem em cidades distantes como São Paulo, era feito somente via recados e cartas, porém com a chegada dos orelhões telefônicos em maio de 2001, conforme podemos observar na Figura 16 na imagem da placa da torre de telefone a seguir, “a distância foi encurtada” como muitos costumam dizer, a comunicação entre as pessoas se tornou mais fácil.

Figura 16 - Placa de instalação da torre telefônica no Povoado Alto

GTS Grupo TorreSur		NETWORKER TELECOM	
LOCALIDADE	ESTAÇÃO ALTO	ALTURA	18 M
LATITUDE	11° 03' 32,4"	PESO	1152 Kg
LONGITUDE	38° 55' 04,7"	MODELO	APF4P-1000
ALTITUDE	200 M	V_k	V ₀ = 30 M/S S ₁ = 1,1 S ₂ = CAT. III S ₃ = 1,1
DATA DA INSTALAÇÃO	MAIO/2001	CAPACIDADE MÁXIMA	3 M ²
FABRICAÇÃO	Networker Telecom Indústria Comércio Ltda - Av. Carlos Franco de Faria, 50 - Mogi Guaçu - SP - Fone (19) 3861.5031		

Fonte: Acervo Pessoal da autora (2018)

A chegada dos orelhões foi um acontecimento marcante para a comunidade, na qual as crianças e adolescentes por considerar uma novidade, passavam manhãs, tardes e noites esperando o telefone tocar para ter o prazer de atender. Para, além disso, a circulação de notícias também foi algo muito importante. A instalação das redes de sinal de *internet* em 2011 foi ainda mais revolucionária para os altenses, que podiam se comunicar com parentes e amigos a qualquer hora do dia, além da possibilidade de acessar informações diversas, interagir com pessoas, gerando assim uma troca cultural (CARMO, 2016). O acesso à *internet* trouxe muitas consequências positivas para a comunidade, como a possibilidade de promover a interação e compartilhamento de saberes através do *blog* Alto: O Meu Lugar no Sertão, no qual a comunidade se envolveu no processo de difusão da sua história e cultura local.

Contudo, além da falta de emprego, que dificulta a permanência da população em seu local de origem, existem outras preocupações, dentre elas a falta de segurança, que tem sido um medo constante dos moradores. Pelo fato de facilitar acesso a outras localidades, o povoado acaba sendo utilizado como rota para o tráfico de drogas na zona rural. As pessoas que há menos de cinco anos dormiam com janelas abertas, hoje eles têm suas casas invadidas por ladrões a qualquer hora do dia. Contudo, entendemos que estas tensões são oriundas da falta de políticas públicas que envolvam principalmente, os jovens e adolescentes da zona rural, os quais por falta de oportunidades de ocupação consomem álcool e outras drogas ilícitas cada vez mais cedo. Este é um dos motivos pelos quais optamos por trabalhar com os jovens e adolescentes da localidade, a fim de envolvê-los em atividades na e sobre a comunidade.

Apesar das dificuldades e necessidades enfrentadas, o povo altense é alegre, solidário, que vive em busca de dias melhores. Além disso, o Alto é um lugar com potencialidades para a organização do Turismo de Base Comunitária, o qual consideramos uma importante possibilidade para o desenvolvimento da localidade. Valorizando, dessa forma, os seus aspectos sociais, históricos, culturais, religiosos, naturais e econômicos, envolvendo os sujeitos locais, principalmente os jovens e adolescentes em uma perspectiva de educação que valorize suas tradições e fortaleça o sentimento de pertencimento de seus habitantes. A seguir apresentamos os principais aspectos da sociedade altense, considerados indispensáveis ao se pensar numa proposta de organização do Turismo de Base Comunitária, e, sobretudo, do desenvolvimento local.

2.4.1 Características Ambientais: entre o rio e a Caatinga

As características ambientais presentes no Povoado Alto em sua maioria são comuns em todo o território sisaleiro, no qual o conjunto de fatores naturais favoreceu a formação do bioma, exclusivamente brasileiro, a Caatinga. Segundo CODES SISAL (2016, p. 28)

o nome Caatinga significa ‘mata branca’ em tupi-guarani, fazendo uma referência à vegetação desse bioma que pode perder sua folhagem durante um determinado período do ano, apresentando um aspecto esbranquiçado sem que isso resulte em sua morte [...]

Isso acontece geralmente em períodos de longas estiagens, no qual as plantas como forma de sobrevivência diante da escassez de água, perdem suas folhas para permanecerem vivas por mais tempo. Como chove pouco e o solo arenoso retém pouca água, o aspecto esbranquiçado perdura por quase todo ano, mas florescem rapidamente com a chegada da chuva.

Com isso, a vegetação é composta por plantas que se adaptaram ao ambiente quente e seco, as quais perdem a folhagem nas estiagens, possuem folhas pequenas ou em formatos de espinhos (CODES SISAL, 2016). Algumas árvores e plantas típicas da caatinga são o juazeiro (*Ziziphus joazeiro*), angico (*Anadenanthera colubrina*), baraúna (*Schinopsis brasiliensis*), canela-de-velho (*Miconia albicans*), caraíbas ou caraibeiras (*Tabebuia caraiba*), malva (*Malva sylvestris*), jurema preta (*Mimosa tenuiflora*), pereiro ou pereira (*Aspidosperma pyrifolium*), pau-de-rato ou catingueira (*Caesalpinia pyramidalis*), o umbuzeiro (*Spondias tuberosa*), barriguda (*Ceiba glaziovii*), caroá (*Neoglasiovia variegata*), pau ferro (*Caesalpinia ferrea*), umburana (*Commiphora leptophloeos*) e a macambira (*Bromelia laciniosa*). Algumas destas, como a caraíba, é utilizada na fabricação de canoas e remos, outras como as cascas de angico e jurema são utilizadas para fazer as “godas”, um tipo de extrato para o curtume de couro. Além de contar com grande variedade de cactos (*Cactaceae*)), como mandacaru (*Cereus jamacaru*), xique-xique (*Pilocereus gounellei*), cabeças-de-frade ou coroa-de-frade (*Melocactus bahiensis*), palmas (*Opuntia cochenillifera*), conforme pode ser visto nas Imagens 6 e 7.

Imagem 6 - Vegetação no Povoado Alto



Fonte: Acervo Pessoal da autora (2019)

Imagem 7 - Cabeça-de-frade



Fonte: Acervo Pessoal da autora (2019)

Para as comunidades rurais como no caso do Povoado Alto, a diversidade da vegetação, fauna e flora da caatinga tem um valor cultural arraigado muito forte no cotidiano dos sertanejos. Desde o uso de plantas nativas para fins medicinais e para temperar cachaças, como os incontáveis mitos e lendas acerca das matas. Além da importância econômica e para a sobrevivência destas populações e dos animais nos períodos de secas, como o uso de cactos e de frutos como o Juá para alimentação de animais, e do umbuzeiro para alimentação das pessoas, o qual resulta em sucos, compotas, umbuzadas, geladinhos e doces. E ainda, com a possibilidade de serem desenvolvidos roteiros turísticos na caatinga.

Apesar dessa importância, no município de Tucano a caatinga tem sido desmatada severamente, tanto para pastos e lavouras irrigadas, como para a produção de carvão, a extração de lenha para olarias artesanais e padarias. Além da caça predatória que tem comprometido a fauna da região composta por tatus, teiús, raposas, gatos do mato, cágados camaleões, cobras, préas e aves como as rolinhas, cordinizes, pombas (verdadeira, torcaz e arrambansãs), bem-te-vi e outros, geralmente o abatimento destas aves são de forma mais intensa no período posterior ao inverno durante as facheadas que ocorrem durante a noite, utilizando fogo ou lanternas para encandear os animais ou aves e assim capturá-los ou matá-los.

Além da fauna ictiológica presente no rio Itapicuru Mirim, afluente do Rio Itapicuru, que banha o município de Tucano, o qual concentra em suas margens ou proximidades os principais aglomerados de pessoas, ou seja, os povoados, dentre eles o Alto e outros distritos. O curso d'água do referido rio, que nasce no município de Jacobina-BA, é considerado permanente; no entanto, em alguns períodos, seu volume de água é quase zero. O rio tem muita importância

para essas populações, o mesmo é utilizado para diversas funções, sendo uma das principais o curtume de couro, bem como utilização da água para consumo animal e humano e a pesca de mandis, traíras, piaus, corró, chiras, camarões, dos tipos aratanhas, pitús e boca de cipó (ROCHA, 1987).

Entretanto, segundo dados de pesquisas realizadas entre janeiro de 2011 e março de 2012 pela Fundação SOS Mata Atlântica, o rio Itapicuru Mirim é o mais poluído da Bahia e o segundo mais poluído do Brasil (CICLOVIVO, 2012). Todavia, as margens do rio geralmente são utilizadas para plantio de capim, nas chamadas vazantes, servindo assim como pasto para alimentar o gado e ovelhas, principalmente. Durante as cheias ou enchentes em alguns povoados a travessia é feita por pequenos barcos a remo. Alguns trechos do rio são navegáveis, porém, não consideramos o rio completamente navegável. Neste sentido, percebemos que o rio possui uma importância significativa na economia e diversão da população local.

Tanto no Povoado Alto quanto em outras localidades os impactos da seca são amenizados por estar às margens do rio, reafirmando o grande valor do mesmo para a população local. No entanto, o rio também passa por períodos de grandes secas, fato contrastante com a incidência de enchentes durante as trovoadas. Nas Imagens 8, 9, 10, 11 e 12 abaixo podemos ver o contraste existente entre os períodos de secas e das grandes cheias.

Imagem 8 – Rio Itapicuru Mirim sem água no Povoado Alto em 2012



Fonte: Acervo Pessoal da autora (2012)

Imagem 9 – Rio Itapicuru Mirim sem água no Povoado Alto em 2012



Fonte: Acervo Pessoal da autora (2012)

Imagem 10 - Rio Itapicuru Mirim cheio no Povoado Alto em 2016



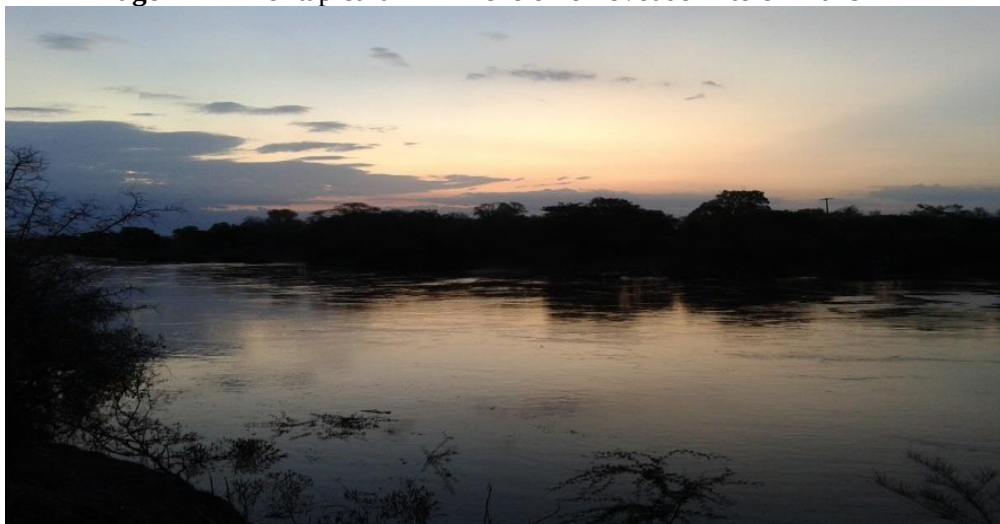
Fonte: Acervo Pessoal da autora (2016)

Imagem 11 - Rio Itapicuru Mirim cheio no Povoado Alto em 2016



Fonte: Acervo Pessoal da autora (2016)

Imagem 12- Rio Itapicuru Mirim cheio no Povoado Alto em 2018



Fonte: Acervo Pessoal da autora (2018)

Nas primeiras imagens da seca, o leito do rio parece uma estrada deserta, o que agrava ainda mais as dificuldades para a criação de animais na região, pois os donos de animais têm que comprar rações e água para saciar a sede de seus bichos. Uma alternativa muito utilizada nestes períodos de seca são as cacimbas, que são buracos feitos no leito do rio para obtenção de água para os animais principalmente, e em alguns casos até para o consumo humano. Nestes períodos de longas estiagens, a falta de água potável nas comunidades rurais é um problema recorrente, mas, enquanto isso, distritos ricos em água como Caldas do Jorro e Jorrinho, insistem no desperdício de água mineral. Nesse sentido, as localidades rurais, precisam de atenção das autoridades municipais, estaduais e até mesmo federais, tendo em vista a necessidade de se pensar em políticas públicas que de fato sejam efetivadas, para amenizar os impactos da seca nas condições de vida e produção da população local.

No Povoado Alto, a situação é menos crítica atualmente graças à instalação de cisternas, realizadas pela CAR, no programa água para todos do Governo Federal no ano de 2015/2016, e também da inserção do Povoado no Projeto Araci Norte do Governo Federal para levar água para comunidades dos municípios de Araci e Tucano. O Alto foi contemplado na segunda fase do projeto Araci Norte, em funcionamento parcial desde janeiro de 2018. Mesmo assim ainda são identificadas situações de dificuldades de acesso à água ideal para o consumo humano, levando famílias a comprarem água por preços exorbitantes.

A Imagem 10, as pessoas apreciando o rio enchendo em 2016, revela o quão precioso ele é para os sertanejos, o qual se torna uma grande atração durante as cheias. Neste período, o rio torna-se o ponto de encontro dos moradores, cada local do rio utilizado pela comunidade tem

um nome que o caracteriza, no Povoado existem pelo menos sete nomeações: Nossa fonte, Caxingó, Gameleira, Puladorzinho, Rio das Pedrinhas, Puladorzão e Salinas. Apesar das enchentes causarem prejuízos à população local, que chega a ficar isolada por vários dias, é considerado também um período de alívio, gratidão e alegria, pois além da fartura de água, traz consigo peixes de diversos tipos, pitús, camarão e aratanha. A pesca é utilizada por moradores para o consumo próprio e também para vendas dentro da comunidade, revelando uma importância econômica e de outros fatores ambientais do rio Itapicuru Mirim para a população local, como veremos adiante.

2.4.2 A Economia Local

As atividades econômicas do município Tucanense estão diretamente ligadas ao meio ambiente, sobretudo aos recursos hídricos, que favorecem desde a agricultura e criação de animais até o turismo convencional. Com a incidência de secas, a geração de renda movida basicamente pela criação de gado, ovelhas, cabras e pela plantação para o sustento da própria família, são afetadas. Nos longos períodos de estiagens o contraste entre as localidades que dispõe de recursos hídricos, já mencionados anteriormente, e as que não possuem se torna bem mais evidente. Devido aos longos períodos sem chuvas, o plantio e os animais acabam morrendo, mas, mesmo assim, ainda identificamos no Povoado Alto alguns pequenos lavradores que se arriscam a atuar na criação de gado, o que gera a atividade de venda do leite dentro e fora da comunidade e no plantio com o cultivo de feijão e milho.

A economia local também é afetada pela incidência das secas, agricultura caracteriza – se como uma atividade econômica instável, visto que para uma boa colheita a chuva é indispensável. O trabalho nas lavouras, em sua maioria, é desenvolvido pela própria família, e, dependendo de sua extensão, admitem-se empreiteiros, parceria em meação, ou pagamento de diárias a trabalhadores rurais. Os frutos das lavouras, grãos e cereais são vendidos nas comunidades e na feira livre em Tucano, aos sábados pela manhã. A pecuária é menos instável, as criações de destaque são principalmente de bovinos, os quais também são afetados diretamente pela falta de chuvas na região, e consequentemente a escassez de comida para os animais. Ocorre também a criação de animais de pequeno porte como o bode, que é um animal característico da região e também muito resistente nos períodos de seca. Há ainda a criação de equinos, suínos, asininos e muares. Durante as épocas de colheitas no município, o comércio é bem movimentado, porém, nos períodos de seca, a queda no comércio local é bem significativa,

com exceção do mercado de grãos e cereais para consumo animal que cresce nos períodos de escassez de chuva.

Além disso, por muitos anos as águas do rio Itapicuru Mirim foram determinantes na questão econômica para o curtume de couro e a produção de telhas e tijolos, além da busca incessante de ouro nas margens do rio. Até meados de 1975 o curtume do couro foi uma atividade econômica muito rentável no povoado (Celestino Carmo, entrevista concedida à pesquisadora, 2018). Sua localização, às margens do rio, facilitava a prática de curtição do couro; fato este que contribuiu para a construção de vendas ou Budegas como eram chamadas as mercearias, que ficavam próximas do rio, onde havia coxos feitos de cimento, apresentado na Imagem 13 onde o couro era curtido, lavado no rio e colocado para secar na praça, a qual ficou conhecida como praça dos Coxos, conforme a Imagem 14.

Imagem 13 - Foto de coxos desativados utilizados para curtume de couro



Fonte: Acervo Pessoal da autora (2018)

Imagem 14 - Atual Praça dos Coxos



Fonte: Acervo Pessoal da autora (2018)

Na então chamada Praça dos coxos, ainda é possível encontrar resquícios de coxos aterrados, nos levando a pensar que a prática do curtume já era desenvolvida há mais de 100 anos. Após a secagem, o couro passava a ser chamado de sola e era vendido na feira livre da sede do município e em lugarejos vizinhos. O transporte e a venda das solas eram realizados pelos tropeiros e carreiros, os quais podem ser considerados importantes agentes econômicos no processo de formação e desenvolvimento do município como um todo. Ao retornar para casa traziam seus jumentos carregados de esteiras de palha, chapéus palha, jalecos, celas, gibões, perneiras, rédeas, guardas peito e chapéus de couro, pois no caso do Povoado Alto eles não trabalhavam com a confecção de artefatos de couro, e dessa forma levavam materiais derivados.

Os produtos oriundos da sola eram utilizados principalmente pelos vaqueiros que se embrenhavam na caatinga atrás de bois, e precisavam estar com os corpos protegidos. Hoje não se ouve com tanta frequência os vaqueiros aboiando as boiadas, trajados a rigor com os artefatos em couro, em seus cavalos e jegues, com a queda na criação de animais, o vaqueiro já não tem muito trabalho. Vale ressaltarmos que o vaqueiro é uma figura importante no processo de ocupação do sertão nordestino, pois ele era o responsável pelo manejo dos rebanhos de gado, e consequentemente pelo estabelecimento de novos currais, fazendas e pequenas propriedades rurais.

Com o enfraquecimento das atividades do curtume de couro na região, os altenses passaram a produzir telhas, tijolos e em menor proporção algumas peças de cerâmica como aribés, potes, pratos e panelas. O trabalho nas olarias gerava renda na comunidade e fora dela, além dos oleiros que faziam as telhas, mulheres e homens trabalhavam nas enfornagens¹⁰, nas queimas de fornos¹¹ e desenfornagens¹², nos carregamentos de caminhões de telhas, em geral. Tudo isso gerava renda e trabalho para a população local, visto que os próprios moradores compravam tijolos e telhas para as construções de suas casas, além das vendas para povoados vizinhos, sede do município e outros municípios e até mesmo para outros estados, como Sergipe e Ceará.

O trabalho com a produção de telhas e tijolos artesanais, uma tecnologia social desenvolvida na comunidade até os anos de 2005 foi destaque na economia municipal, contudo com a implantação de fábricas de cerâmicas na região que produzem com grandes máquinas, a

¹⁰ Enfornagem é um termo utilizado para designar o processo de retirada de telhas e tijolos das olarias para coloca-las nos fornos para queimar (Josefa Andrade, entrevista concedida à pesquisadora 2020).

¹¹ Queima de forno é o processo de jogar varas de lenhas nos fornos das olarias para queimar telhas e tijolos (Josefa Andrade, entrevista concedida à pesquisadora 2020).

¹² Desenfornagem é o processo de retirada de telhas e tijolos já queimados dos fornos das olarias (Josefa Andrade, entrevista concedida à pesquisadora 2020).

produção manual no povoado entrou em decadência, e o tijolo rapidamente foi substituído pelo bloco, e hoje restam apenas uma olaria ativada e algumas desativadas, as quais podem ser aproveitadas turisticamente para visitas. Como disse Marx e Engels (1999, p. 9) “A grande indústria moderna suplantou a manufatura”. Mesmo assim, acreditamos que as olarias, apresentada nas Imagens 15, 16 e 17 existentes podem ser utilizadas turisticamente, tendo em vista que dentro delas muitos saberes foram construídos, além dos muitos casos e causos, lendas que aconteceram na prática dos oleiros, enfornadeiras e queimadores de forno, conforme a Imagem 17.

Imagem 15 - Olaria utilizada para produzir telhas no Povoado Alto, Tucano-Ba



Fonte: Acervo Pessoal de Iara Santos (2016)

Imagem 16 - Olaria utilizada para produzir telhas no Povoado Alto, Tucano-Ba



Fonte: Acervo Pessoal de Iara Santos (2016)

Imagem 17 - Forno utilizado para queimar as telhas que são produzidas nas olarias



Fonte: Acervo Pessoal de Mirele Andrade (2016)

Contudo, o mesmo acontece com as casas de farinha desativadas, que já foram grandes vetores econômicos com a produção de farinha de mandioca e beijus, as quais podem ainda ser aproveitadas turisticamente e quem sabe até desenvolver alternativas para reativa-las. No povoado Alto, o qual contava com cerca de 5 casas de farinhas, somente uma funciona eventualmente para a produção de farinha para o consumo dos proprietários, conforme as Imagens 18 e 19.

Imagem 18 - Casa de Farinha desativada no Povoado Alto



Fonte: Acervo Pessoal da autora (2016)

Imagem 19 - Casa de Farinha desativada no Povoado Alto

Fonte: Acervo Pessoal da autora (2016)

No Quadro 4, apresentamos as principais atividades econômicas de alguns distritos e povoados escolhidos dentre tantos outros, pela localização geográfica próxima a comunidade do Alto, a distância de dois a 26 quilômetros da referida localidade, os quais tinham relações comerciais durante a produção artesanal de telhas e tijolos. Atualmente, destacam-se entre estes os distritos de Caldas do Jorro - sede -, Jorrinho, Rua Nova e Tracupá pelas produções que dinamizam grande parcela da economia do município. Os demais povoados em sua maioria estão relacionados com a agricultura de subsistência e criação de animais.

Quadro 4- Produção econômica de localidades próximas ao Povoado Alto

Nome do povoado ou distrito	Produção econômica
Alto	Produção de acessórios para a confecção de artefatos de couro, como carteiras, cintos e bolsas, produção informal de carteiras de couro e material sintético nas chamadas “tendas”, agricultura de subsistência e criação de animais como carneiro, cabra, vacas, galinha, porcos.
Rio do Peixe	Produção de artefatos de couro, criação de animais, produção de tijolos.
Poço Redondo	Agricultura de subsistência e criação de animais.
Cachoeira (Maceté)	Criação de animais e agricultura de subsistência.
Rua Nova	Produção de telhas e blocos de cerâmica, produção de joias.
Jorrinho	Artesanato, carne de bode e carneiro, turismo.
Jorro	Produção de sandálias, artesanato, turismo, carne de bode e carneiro.

Tracupá	Economia baseada na produção de artefatos de couro para o mercado regional e até internacional.
Sede do município de Tucano	Artesanato, comércio movimentado pela população local e principalmente a do meio rural, pequenas fábricas...

Fonte: Elaborado pela autora (2018)

O Quadro 4 apresenta as principais atividades econômicas de distritos e povoados próximos ao Alto, o qual revela que a economia gira em torno de atividades agrícolas, pastoris e de confecção de artefatos de couro e concentra as atividades relacionadas ao turismo em regiões urbanizadas como Jorro e Jorrinho. No Povoado Alto, percebemos que os investimentos ainda são poucos, a comunidade conta apenas com uma pequena fábrica que produz porta-cartões (material utilizado na produção de carteiras e bolsas de couro ou material similar), que emprega pouco mais de 8 funcionários e uma pequena “tenda” com cerca de 5 pessoas trabalhando. Logo, identificamos que ainda há resquícios da tão conhecida civilização do Couro, da qual Tucano faz parte até hoje, visto que esses trabalhos em tendas e fábricas de acessórios, geralmente são voltados para atender a indústria do couro.

Portanto, podemos afirmar que com a decadência das principais fontes de trabalho na comunidade, sua população sobrevive basicamente do programa sociais do governo como o Bolsa Família e algumas mulheres confeccionam cordinhas com elis, material utilizado na produção de joias e semijoias no distrito de Rua Nova. Além do uso de estratégias de sobrevivência no mercado informal, fazendo e vendendo doces, geladinhos, cocadas, bolos, leite, pão, mel e artesanato, ainda que de forma bem tímida, mas que podem ser integradas na organização do Turismo de Base Comunitária.

Nesse contexto, tendo em vista a escassez de trabalho, pois a agricultura se tornou uma atividade instável, muitos altenses ainda na adolescência, jovens e adultos pais de família acabam migrando para as grandes cidades para trabalhar, a fim de garantir o sustento da família, o destino mais procurado é a cidade de São Paulo. Desse modo, em busca de melhores condições de vida muitos que se arriscaram para “ganhar a vida” na capital paulista, nunca mais voltaram. Sem perspectiva de estudo e com baixo nível de escolaridade, grande parte dos altenses que vão trabalhar em São Paulo acaba se deparando com uma série de problemas de ordem social, motivo pelo qual muitos voltam desiludidos. No entanto, a fantasia da maior parte das crianças e adolescentes no Alto ainda é crescer para ir trabalhar em São Paulo.

O deslocamento de altenses para estudar também é comum, visto que o povoado conta apenas com uma escola municipal que atende alunos da educação infantil e fundamental I. Os

estudantes do fundamental II estudam no distrito de Rua Nova e os do ensino médio estudam na sede do município. Fundada em 1973 a Escola Municipal Pedro Ribeiro, teve seu nome alterado por questões de disputas políticas partidárias e atualmente se chama Escola Municipal São Pedro (José Ribeiro, entrevista concedida à pesquisadora, 2016). A escola tem um papel fundamental na comunidade. Além da oferta de ensino, o espaço físico é utilizado para a realização de eventos e reuniões. A mudança do nome da escola em 2003, segundo José Ribeiro (entrevista concedida à pesquisadora, 2016) gerou algumas tensões na comunidade, pois o nome anterior era uma homenagem ao seu fundador, o altense Pedro Ribeiro.

As tensões sobre as questões escolares são recorrentes não só no Povoado Alto como em todo o município. De acordo com Cristiana Pimentel (notas de campo, 2019), diretora do departamento de matrícula e censo escolar da Secretaria Municipal de Educação de Tucano, o município conta atualmente com 48 escolas municipais em funcionamento e 23 desativadas com total de 9.961 alunos, 11 creches, 4 escolas estaduais, 6 escolas particulares, 1 faculdade particular e dois polos de educação a distância, também particulares. O número de escolas desativadas é absurdo, considerando a extensão territorial do município, o que acarreta na problemática do deslocamento de alunos entre comunidades, distritos cidades vizinhas e para a sede, os quais enfrentam ainda mais dificuldades com o transporte escolar, que em alguns casos funcionam precariamente.

A comunidade altense tem resistido ao fechamento da escola São Pedro, pois além de ter uma boa estrutura e equipamentos, é o único setor público em funcionamento na localidade, já que o povoado também não possui posto de saúde, fato este que contribui para a saída diária de pessoas da comunidade em busca de atendimento médico na sede do município e em outras cidades. Além disso, as justificativas para o fechamento da escola são escancaradamente política partidária; logo, entendemos que estes ainda são efeitos de uma política baseada em práticas coronelistas de trocas de favores, vinganças de grupos políticos e negligências com as populações rurais.

Em relação às comunidades rurais outro fator diretamente ligado a questões econômicas, que não pode ser negligenciado é o descarte de lixo e poluição do rio Itapicuru Mirim e o desperdício de água em Caldas do Jorro e Jorrinho, ressaltamos a necessidade de se pensar em formas sustentáveis de uso dos recursos hídricos, tendo em vista que está agressão ao meio ambiente pode custar muito caro para os sertanejos, principalmente aqueles que dependem diretamente das águas do rio.

Na dimensão dos processos de produções no município e Povoado Alto identificamos que nas formas de trabalho e produção ligados a economia há um potencial cultural arraigado, tendo

em vista que as atividades eram e algumas ainda são desenvolvidas, acompanhadas de cânticos, rezas, versos de agradecimentos e aboios, principalmente no trabalho de colheita, produção de farinha e dos vaqueiros. Para melhor compreensão, a seguir apresentamos o Quadro 5 com resumo sobre as discussões a respeito dos aspectos econômicos.

Quadro 5- Resumo dos aspectos econômicos

Aspectos e econômicos	Descrição e efeitos	Aplicação à proposta educacional
Rio Itapicuru Mirim	Rio que banha o município de Tucano, importante para minimizar os efeitos da seca e para o desenvolvimento econômico, pois nele são realizadas atividades econômicas no município. Suas águas estão poluídas, devido o descarte de resíduos e algumas atividades de curtume irregular.	Roda de conversa <i>Blog</i> Roteiro
Secas	Com chuvas escassas, o Alto e todo o município sofrem com a incidência de secas, que em certos períodos perdura o ano inteiro. Gerando escassez de água e prejudicando a agricultura e a pecuária	
Enchentes	Com a forte incidência de secas, apesar dos prejuízos as enchentes são esperadas e comemoradas, apesar dos prejuízos. Durante as enchentes, as lendas, causos e mitos sobre as águas do Itapicuru ganham força e se fortalecem na memória dos altenses.	
Criação de animais e agricultura	Atividades comuns na região que culminaram na criação do curral que deu origem ao Povoado Alto e no desenvolvimento de práticas culturais como o despalha de milho.	
Curtume de couro	O curtume de couro era realizado próximo ao rio em coxos de cimento, os homens curtiem e limpavam o couro e as mulheres quebravam as cascas utilizadas nos coxos para curtir o couro. Esta prática extinta no Povoado deu origem ao nome da Praça dos Coxos.	
As casas de farinha	Atualmente desativadas, são casas onde era produzida farinha de mandioca e beijos de massa e goma, ao som de cânticos e tiragem de versos.	
Decadência das Olarias	A produção de telhas e tijolos era uma atividade econômica importante para o município, e para comunidade rurais como o Alto, gerando trabalho para a população local, começou decair com o surgimento de e fábricas de blocos e telhas cerâmicas, mas os altenses ainda guardam histórias de muitos casos, causos e mitos em olarias.	
Migração de altenses	Devido às poucas ofertas de emprego, renda e oportunidade de estudo na comunidade, altenses migram para os centros urbanos em busca de trabalho e melhores condições de vida. Esta migração interfere no processo de desenvolvimento local e enfraquece as tradições culturais.	
Indústria do couro	Herança da Casa da Torre, a produção de artefatos de couro representa resquícios da Civilização do Couro no Município com a produção de artefatos para consumo local e exportação. No Povoado Alto são produzidos acessórios para atender a produção de peças em couro e similares.	

Fonte: Elaborado pela autora (2018)

O Quadro 5 sintetiza os principais aspectos econômicos que afetam diretamente a comunidade altense, os quais posteriormente serão utilizados como base para o desenvolvimento de ações como oficinas formativas, rodas de conversas, acervo para a edição do *Blog Alto: o meu lugar no Sertão* e material para a elaboração e execução de roteiros turísticos. Como já mencionamos anteriormente, o desenvolvimento de práticas de trabalho carrega consigo seus saberes e fazeres, os quais compõem, originam ou influenciam as práticas culturais locais, como veremos a seguir, pois ao mesmo tempo em que trabalhavam também produziam sua cultura com seus cânticos e saberes.

2.4.3 A Cultura Local

A cultura local apresenta características marcantes das atividades econômicas e formas de trabalhos, bem como dos modos de viver e se relacionar na sociedade contemporânea. Haja vista, que as práticas de trabalhos eram e algumas ainda são desenvolvidas, acompanhadas de cânticos, rezas de agradecimentos e aboios, principalmente no trabalho de colheita, a pesca, a produção de farinha e dos vaqueiros, carreiros, bem como as lavagens de roupas no rio.

Os vaqueiros e tropeiros, cultural e economicamente foram importantes na formação do município, eram considerados agentes econômicos, pois com o seu trabalho, cultura e religiosidade contribuíram para o crescimento e desenvolvimento do município. De acordo com Rocha (2007), o abastecimento da região era realizado através de tropas de animais que faziam o transporte de alguns mantimentos (os condutores eram chamados de tropeiros), no lombo das mulas, com animais bem resistentes, que conseguiam transportar cargas por longas distâncias. Os tropeiros eram homens de coragem, percorriam longas distâncias, enfrentando sol, chuva, animais peçonhentos, enchentes nos rios, chegando a ficar vários dias longe de casa.

Os tropeiros geralmente partiam para outras vilas e cidades, transportando alimentos como feijão, farinha e carne seca, e retornavam carregados de mantimentos necessários para a região de Tucano, como açúcar, cachaça, café e fumo. Essas mercadorias abasteciam as pequenas vendas do município ou eram vendidos em feiras livres. Os tropeiros, portanto, desempenharam um papel muito importante na economia de Tucano, e também tiveram uma importância cultural, pois, além do transporte de mantimentos, eles veiculavam ideias e notícias entre as aldeias e vilas mais distantes. As tropas eram compostas em seu aspecto humano por: tropeiro, dono da tropa ou patrão; o arrieiro ou capataz, que era o homem de confiança do tropeiro, responsável por supervisionar as tropas; o camarada, aquele que mais trabalhava,

também conhecido como tangedor, andava a pé, tangendo e cuidando das mulas; E por último ficava o cozinheiro, que viajava sempre montado, pois tinha que chegar ao lugar de pouso antes da tropa para preparar a comida para os demais.

Atualmente, com outros meios de transporte na região, já não é comum o trabalho do tropeiro, mas existe uma forte influência desses sujeitos na cultura, na culinária, através de comidas como a carne seca e a rapadura, entre outros. Também na linguagem dos tucanenses é comum, principalmente nas falas de pessoas mais velhas e da zona rural, a utilização de palavras que eram usadas ou foram criadas por tropeiros, como apear, arranchar, arreio, cangalha, pisadura, entre outras. Por fim, destacamos a religiosidade dos tropeiros, sempre que passavam em frente a alguma igreja ou capela, eles se benziam, declamavam a sua reza ou um verso, o que era na verdade uma oração de agradecimento. Hoje, os tropeiros e vaqueiros, andam em veículos movidos a gasolina, e, ao invés dos cantos de aboio, são ouvidos os sons das motos tangendo as poucas cabeças de bois, criados por moradores. Contudo, a prática das cavalgadas pode ser considerada herança cultural deste período.

Não poderíamos nos esquecer de citar as toadas, que geralmente eram cantadas pelos vaqueiros, os quais segundo Rocha (2016, p. 102) possuem “[...] tipo étnico que provem do contato do branco colonizador com o índio durante a penetração do gado nos sertões do Nordeste brasileiro”. Os vaqueiros representam a força do homem sertanejo, dotados de saberes e fazeres, que misturam fé e trabalho, os quais para além da importância econômica são figuras de destaque na cultura sertaneja, com suas rezas, causos e receitas de cura para animais.

As toadas também são cantadas em festividades na zona rural bem como nas vaquejadas, onde ocorrem os aboios que são a formação de versos improvisados de lamento, agradecimento e histórias vividas, na condução do gado pelos vaqueiros. Um exemplo marcante em Tucano e região que representa as mudanças nos modos de vida dos sertanejos é a toada de Valdir Teles “A origem do meu Sertão”, cantada por Francis Lopes e Galeguinho aboiador, apresentada a seguir.

A ORIGEM DO MEU SERTÃO

Fui visitar o sertão
Que nasci e me criei
Achei muito diferente
Parei um pouco e pensei
Em vez de ter alegria
Vivi saudade e chorei
Chegando ali não achei
Nada que eu tinha deixado
Botei a culpa no tempo

Deram fim a lamparina
Por causa da energia
O pote de água fria
Trocaram por geladeira
Mas falta aquele gostinho
Da aguinha da biqueira
Geladas em potes de barro
Feito das mãos da louceiras

Aboiar no pé da serra
Correr atrás de boiados
Pra ver se amarra ou ferra
As passadas dos cavalos
Tremendo o corpo da terra
Meninos de minha terra
Não quer brinquedo de osso
Pião nem bola de meia

Por ter sido encarregado	Não achei mais a chaleira	Baladeira no pescoço
Em destruir as origens	Que mãe fazia café	Coisa que a gente tinha
Do sertão que eu fui criado	E nem o chifre de boi	Sem gastar nada do bolso
Fiquei impressionado	Que pai botava rapé	Da minha vaca de osso
Com tanta transformação	Coisas que o jovem de hoje	Não achei nenhum retrato
Em uma mesa moderna	Se ver não sabe o que é	E os meninos de hoje
Vi uma televisão	Lá não vi mais o trupé	Não quer brinquedos baratos
No lugar do oratório	Dos burros nos tabuleiros	Compram um carro da estrela
Que mãe fazia oração	Nem os estalos dos reios	E sapeca o outro no mato.
Não vi mais o lampião	Pro os burros andar mais ligeiros	
Que pai a noite acendia	Resta somente a saudade	
A lata de querosene	No coração do tropeiro	
Também estava vazia	Lá não vi mais o vaqueiro	

Fonte: A origem do meu Sertão (2016)

Nos últimos quatro anos, identificamos a retomada de práticas como a da Cavalgada, nas quais vaqueiros, aboiadores e pessoas comuns se reúnem e saem cavalcando e aboiando entre os povoados e distritos, no qual percebemos a presença evidente de mulheres aboiadeiras, o que não era tão comum há alguns anos atrás. A corrida de argolinha também ocorre com muita frequência principalmente na zona rural do município. Outro grupo não menos importante eram os carreiros que cortavam a caatinga com seus carros de bois, transportando materiais diversos como lenha, alimentos, tijolos, e até mesmo pessoas. O carro de boi com suas rodas de madeira e os seis ou quatro animais, todos chamados por um nome individual comandados pelos carreiros, seguiam sertão adentro com seu som inconfundível.

As manifestações culturais e festejos na região, também apresentam características ligadas à religiosidade, como o período dos carurus que geralmente ocorrem no mês de setembro, realizados de maneiras bem diversas com produtos locais sem uso de dendê, diferenciando-se das formas de preparo dos pratos em outras cidades próximas ao litoral. Existem manifestações religiosas importantes como a semana santa, a festa de Santo Antônio, de São João, de São Pedro, as festas de reis e as famosas festas de padroeiro, conforme veremos no quadro a seguir. As festas de padroeiro são realizadas com alguma solenidade religiosa em homenagem ao santo padroeiro, seguida de muito forró e *shows* com bandas musicais.

Os festejos dos santos padroeiros de cada local ocorrem durante o ano inteiro, assim como as comemorações evangélicas, a qual tem como dia da cultura evangélica o dia 23 de setembro. A seguir, apresentamos o Quadro 6 com a sistematização dos festejos culturais e religiosos do município tucanense.

Quadro 6 - Festejos em alguns povoados e distritos de Tucano

Local	Eventos	Descrição	Período
Alto	Festa do padroeiro Senhor do Bonfim	Realizada durante o mês de janeiro. Com as novenas e quermesses, cafés comunitários, missa e procissão no dia do padroeiro.	17 de janeiro
	São João	Queima das fogueiras e de fogos de artifícios, com a realização de batismos e casamentos celebrados enquanto a fogueira estiver acesa.	23 e 24 de junho
	Caruru	Caruru da dona Peré, atrai principalmente crianças. Realizado desde o ano de 1983, como pagamento de uma promessa, é celebrado com a distribuição de suco e biscoito, a escolha dos ingredientes aconteceu por conta das condições financeiras. O biscoito salgado representa o sal da terra, que dar sabor e conserva e o suco doce representa a necessidade da doçura, o amor no mundo.	28 de setembro
	Cavalgada	Prática retomada nos últimos 5 anos, com caminhadas de vaqueiros e vaqueiras por comunidades vizinhas, seguidas de muito aboio e devoção, além de festa com bandas musicais.	03 de novembro
Caldas do Jorro	Festa de São João	Arraiá das águas quentes, festa pagas com bandas musicais.	20 – 23 de junho
	Réveillon das águas quentes	Festas com bandas musicais.	31 de dezembro
Creguenhem	Festa de Santo Antônio	Celebração de missa seguida de procissão e festa na praça com bandas musicais.	13 de junho
Jorrinho	Arraiá com corrida de Jegue	Corrida de Jegue com premiações para os vencedores e festa com bandas musicais locais.	23 de junho
Poço Redondo	Festa do padroeiro São Pedro	Celebração de missa seguida de procissão e festa na praça com bandas musicais. E a queima das fogueiras dos viúvos e viúvas.	29 de junho
	Arraiá dos velhinhos	Realizada no dia posterior a São Pedro, com apresentações de quadrilhas formadas por idosos e festa com bandas musicais.	30 de junho
	Carurus	Realizados por moradores mais velhos do Povoado, com a distribuição de Caruru com muita carne de carneiro e carne de porco.	Durante o mês de setembro
Rio do Peixe	Festa da padroeira Nossa Senhora Santana	Celebração de missa com procissão e Cavalgada na praça, seguida de festa com bandas musicais.	26 de julho
Rua Nova	Festa de Dom Bosco	Celebração de missa seguida de procissão.	31 de janeiro

Tracupá	Feira do couro	Feira com exposição e venda de artefatos de couro produzidos por cooperativa locais, com apresentações musicais.	21 a 24 de junho
Tucano	Festa da padroeira Nossa Senhora Santana	As celebrações em homenagem à padroeira começam uma semana antes com missas diárias, procissões e festa com bandas musicais católicas.	26 de julho
	Dia da Cultura evangélica	Comemorado com cultos evangélicos shows gospel em praça pública.	23 de setembro

Fonte: Elaborado pela autora (2018)

Os critérios para a escolha destes distritos e povoados, também se deu pela proximidade geográfica com o Povoado Alto, com exceção de Creguenhem, mencionado por ser uma tradição de festa anual, a qual conta com uma expressiva participação de pessoas do município. Além do que, sua comemoração ocorre em um mês muito festivo, para a população tucanense a festa de Santo Antônio no Creguenhem dar início aos festejos de São João. No Apêndice A - Calendário de alguns eventos no município de Tucano, está disponível um quadro que resume os principais eventos do município de Tucano.

As festas juninas, que infelizmente estão quase extintas, ainda é um dos períodos mais esperados, as fogueiras na frente das casas, a queima de fogos, os “caminhos de formiga”. De acordo com a tradição as fogueiras devem ser colocadas na frente da porta principal da casa com um galho verde de árvore, chamado de ramo do lado direito da fogueira, como veremos nas Imagens 20 e 21 a seguir, e queimadas nos dias 23 e 24 de junho, data comemorativa dos festejos de São João no Nordeste. Contudo, as viúvas e viúvos só podem acender suas fogueiras no dia de São Pedro comemorado dia 29 de junho, em sinal de respeito ao falecido (Olímpio Martins, entrevista concedida à pesquisadora, 2018).

Imagem 20 - Fogueira para comemoração do dia de São João



Fonte: Acervo Pessoal de Leandro Martins (2019)

Imagem 21 - Fogueira queimando em comemoração ao dia de São João



Fonte: Acervo Pessoal da autora (2016)

Rodear as fogueiras queimando é uma tradição, pouco praticada ultimamente, no ritual não podia faltar uma bacia esmaltada branca com água, colocada bem próxima à fogueira, na qual as pessoas deveriam olhar para ver se conseguiam ver o reflexo de seu rosto com olhos abertos na água, caso isso não fosse possível era um sinal de que a pessoa morreria em breve e não comemoraria o próximo São João. Além disso, nas fogueiras eram realizados batismos e casamentos, os juramentos eram feitos e após isto, ambos pulavam a fogueira em sinal de confirmação dos votos. Na comunidade altense este era um período em que todos se mobilizavam, e ao som de sanfonas e triângulos o forró durava desde a noite até o dia amanhecer. Esta cultura tem decaído a cada ano, mas, continua presente na sociedade altense contemporânea. As cantigas rodeando as fogueiras eram expressões de agradecimento pela colheita, por isso era tão comum espigas de milho sendo assada nas brasas, bem como a distribuição aipim, batata doce, mungunzá, pipoca, bolos de milho e mingau, como símbolos de fartura.

A colheita, geralmente era feita em mutirões no mês posterior ao São João. Em seguida, era realizada a bata do feijão com cacetes de madeira, hoje é feita pelas máquinas batedeiras. A despalha de milho, símbolo de trabalho, diversão, romances, intrigas, disputas de versos e de amores, era uma atividade manual e coletiva. Para amenizar o peso da difícil tarefa de retirar a palha do milho, homens e mulheres caminhavam até 3 quilômetros até a roça onde iria acontecer a despalha, se reuniam, em mutirões de aproximadamente 20 pessoas para fazerem este trabalho. E, durante a noite, sentados em círculo, despalhavam o milho com o rádio a pilha tocando forró. O milho já despalhado era colocado em um girau de madeira e batido com cacetes

para debulhar, e depois era ensacado. Após a despalha, as pessoas formavam grandes rodas para cantar, dançar forró e “*tirar*” versos com intenções de todos os tipos (Josefa Andrade, entrevista concedida à pesquisadora, 2018). Ocorriam disputas, conquistas e brigas em versos por amores roubados ou não correspondidos, como veremos nos versos a seguir.

Oh siriri, oh meu bem meu siriá tomaram o meu amor e me deixaram sem amar, eu agora arranjei outro quero ver você tomar

Lá vem a lua saindo com a toalha no peito, tomara que eu me case para ter mais quem me deite, leva eu meu bem, ô leva eu pra lá, leva eu benzinho, leva eu pra passear

De trás daquela casa tem um pé de pimenteira, tira a folha e lava o rosto descarada fuxiqueira

De trás da minha casa tem um pé de carrapicho, tira a folha e lava o rosto descarada sem capricho

Lá vem a lua saindo dentro da lata do café, fizeram meu casamento pro lado do masseté (Iracema Andrade, entrevista concedida à pesquisadora, 2016).

Versos como estes também eram cantados no trabalho das casas de farinha. Infelizmente, esses encontros culturais como podemos chamar já não ocorrem mais no Povoado, tendo em vista que quando tem colheita, tanto o feijão quanto o milho são batidos nas máquinas batedeiras. Na esperança de uma boa colheita, muitos altenses ainda mantêm a tradição de realizar rezas e soltar foguetes no dia 19 de março, dia de São José, pai de Jesus.

No dia de São José, as pessoas plantam milho para colher em São João, e para isso rezam e cantam “*Meu divino são José aqui estou em vossos pés pedindo água com abundância a meu Jesus de Nazaré. Meu divino São José, pela cruz que traz na mão nem de fome nem de sede não mate seus filhos não.*” (Avelina Jesus, entrevista concedida à pesquisadora, 2016). O santo São José também era lembrado nas festas de reis, que já não é mais praticada no povoado. As festas eram realizadas no dia 6 de janeiro, quando os cantadores saíam pelo povoado cantando “*oh de casa, oh de fora, oh de casa, oh de fora, Maria vai ver quem é, Maria vai ver quem é, Somos os cantador de reis, somos cantador de reis quem mandou foi São José, quem mandou foi São José*” (Iracema Andrade, entrevista concedida à pesquisadora, 2016). Os cantadores entravam nas casas fazendo rodas de samba, ao término da cantoria o dono da casa dava dinheiro para ajudar na compra de chapéus de palha, enfeites para as roupas, as quais era o mais colorido possível.

Além das práticas culturais e religiosas ligadas a igreja católica, mencionadas anteriormente, os carurus também deixaram uma marca significativa na cultura local. Os

caboclos, como são chamadas as entidades cultuadas, representam uma mistura de branco com africano e indígena. Os carurus com características locais fazem parte dos rituais como oferendas de agradecimento por uma dádiva conquistada ou uma herança familiar, oriunda de alguma promessa. No povoado Alto, eram realizados dois tipos de caruru, um com a distribuição de comida e outro de suco e biscoito.

Um dos mais conhecidos carurus da região era o de Guilhermina e seu esposo José Francisco, que acontecia no dia 27 de setembro, o qual era feito de acordo com os ingredientes provenientes da roça ou facilmente encontrado nas feiras livre. Era distribuído farofa, arroz branco e o vatapá feito com verduras como abóbora, batatinha, repolho e cenoura, não colocavam azeite de dendê, nem amendoim e castanha, por que eram ingredientes de difícil acesso na região. As carnes eram de animais criados exclusivamente para este fim, galinhas caipiras e frangos engordados com milho dados no bico, porcos e carneiros.

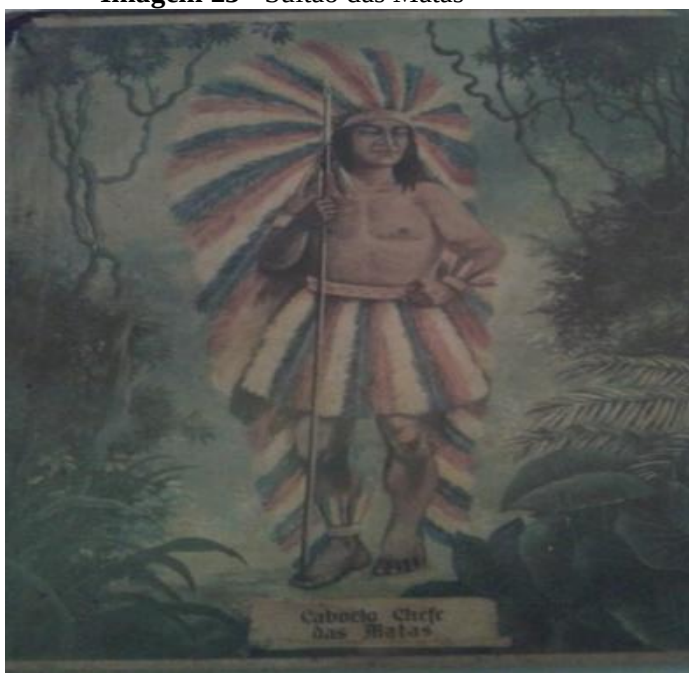
A primeira porção de comida no caruru era colocada no altar para os santos, a segunda era retirada para as 12 crianças que não fossem pagãs comerem sentados em uma esteira de palha e, por fim, a comida era distribuída para os visitantes. Em seguida, eram realizadas as rodas de samba ao som de atabaques e pandeiros, os caboclos eram invocados e sambavam com os visitantes e as pessoas que ajudavam na preparação dos alimentos, com a distribuição de vinhos e cachaça. Após o falecimento de dona Guilhermina, que também era rezadeira de olhado, rendidura, sol e sereno e outros males, a tradição de realizar caruru de comida foi interrompida e o altar dos santos, como veremos a seguir nas Imagens 22 e 23, é cuidado por uma de suas filhas, que mantém a tradição de rezar de olhado nas pessoas da localidade e à distância quando o doente mora em outras cidades. O senhor José Francisco também atuava como rezador de fogo selvagem nas pessoas, porém, após o seu falecimento, ninguém mais reza.

Imagem 22 - Altar dos santos com o atabaque



Fonte: Acervo Pessoal da autora (2018)

Imagem 23 - Sultão das Matas



Fonte: Acervo Pessoal da autora (2018)

Todo dia 28 de setembro acontece o caruru da dona Josete conhecida como Peré, que atrai principalmente crianças. Realizado desde o ano de 1983, como pagamento de uma promessa, o caruru é celebrado com a distribuição de suco e biscoito, a escolha dos ingredientes aconteceu por conta das condições financeiras da senhora Peré, para a qual o biscoito salgado representa o sal da terra, que dar sabor e conserva e o suco doce representa a necessidade da doçura e solidariedade no mundo (Josete Oliveira, entrevista concedida à pesquisadora, 2018).

As manifestações culturais e religiosas como os carurus, as rezas com distribuição de arroz doce, mingau e bolo, representam a força e fé do povo altense que mesmo diante das dificuldades busca estratégias para realizar seus rituais de devoção; também é expressa na

semana santa, com a tradição de não comer carne, de compartilhar os alimentos com os vizinhos. As pessoas mais velhas, ainda hoje não tomam nem banho na manhã da sexta-feira-santa, dizem que durante a quaresma retiravam as cordas das violas para que as moscas não pousassem e fizessem barulho, tamanho era o respeito a esta tradição. Sexta feira da paixão é o dia, ainda respeitado na comunidade, as pessoas costumam ir ao cemitério cruzeirinho como veremos na Imagem 24 a seguir, fazer orações pelos antepassados mortos e acender velas, em sinal de respeito os afilhados tomam a benção dos padrinhos e as viúvas e viúvos usam preto. Durante a semana santa o mais difícil para as crianças é ficar sem tomar banho e brincar no rio, algo bem comum entre eles, mas segundo os mais velhos quem fizer isso sexta feira santa vira lobisomem ou cavalo (Josete Oliveira, entrevista concedida à pesquisadora, 2018).

Imagem 24 - Cemitério Local- Cruzeirinho



Fonte: Acervo Pessoal da autora (2016)

As brincadeiras e práticas de trabalhos no rio certamente representam uma grande marca na cultura local. Durante a seca, as areias eram utilizadas para a construção de majestosos castelos e as cacimbas se tornavam fortalezas como esconderijos. Já durante as cheias, as árvores se transformavam em trampolins para pular nas águas, e ainda o esconde-esconde e pega-pega embaixo d'água, marcaram e ainda tem marcado a infância de altenses e daqueles que por lá passam. As crianças, em sua maioria desprovidas de brinquedos, inventavam sua própria forma de brincar e se divertir, seja no meio do rio cheio ou seco, seja embrenhadas caatinga adentro, a diversão era garantida. A seguir, veremos o Quadro 7 com o resumo dos principais aspectos da cultura local.

Quadro 7- Resumo dos aspectos culturais

Aspectos da cultura local	Descrição e efeitos	Aplicação à proposta educacional		
		Roda de conversa	<i>Blog</i>	Roteiro
Relação de práticas culturais com o trabalho	As atividades de trabalho, como raspagem da mandioca, quebra e despalha de milho, lavagem de roupas no rio e enforagens, eram desenvolvidas com cantigas e muita prosa com a tiragem de versos.	x	x	
Tropeiros	Condutores das tropas de mulas, agentes econômicos que percorriam vilarejos levando a produção local para vender e comprar o que não era produzido no município. Influenciaram a cultura local, com as cantigas de aboios, casos e causos.	x	x	x
Carreiros	Condutores dos carros de boi que transportavam madeiras, alimentos, tijolos, couro, sola, influenciaram a cultura com suas rezas, aboios e cânticos.	x	x	x
Cavalgadas e as Toadas	Representa uma mescla de influências dos vaqueiros, tropeiros e carreiros na cultura local, os quais se reúnem e saem cavalgando e aboiando, cantando suas toadas entre os povoados e distritos, são cavalgadas com disputa de aboios e toadas, músicas.	x	x	x
São João	Festa em comemoração ao dia de São João, realizada com a queima e o rodeamento das fogueiras com fogos de artifícios e forró. Acontece também a realização de casamentos e batismos nas fogueiras.	x	x	x
Despalhas de milho	Símbolo de trabalho, diversão, romances, intrigas, disputas de versos e de amores, era uma atividade manual e coletiva realizada para retirar a palha do milho, acompanhada de cantigas de rodas e versos.	x	x	
Carurus	Símbolo de devoção e resistência são realizados de acordo com as condições das pessoas utilizando produtos locais.	x	x	x
Semana santa	A semana santa é considerada sagrada, algumas pessoas além de não comer carne, não tomam banho e realizam visita aos cemitérios para acender velas e fazer orações pelos parentes falecidos. É um período de muitos mitos e lendas	x	x	x
Rezas e uso de plantas naturais	As rezas ainda são comuns no Povoado, as mais comuns são as rezas de olhado, sol e sereno, espinhela caída e porco selvagem. Geralmente após as rezas são indicados alguns chás de plantas naturais para combater a enfermidade.	x	x	
Festa de padroeiro	São festejos em comemoração ao Santo padroeiro de cada localidade, geralmente acontecem missas com procissões, batizados, celebrações e demonstrações de fé e em seguida festas com shows musicais.	x	x	x

Fonte: elaborado pela autora (2018)

O Quadro 7 apresenta o resumo dos principais aspectos culturais discutidos nesta subseção, os quais referem-se apenas às práticas e celebrações culturais e religiosas mais conhecidas. De forma nenhuma esgotamos as inúmeras características e tipos de manifestações da cultura local existentes, as quais se dissipam entre os povoados e vilarejos de Tucano. Contudo, ressaltamos que cada localidade assume um perfil cultural diferenciado, representados no modo de falar, de se vestir, de se relacionar, de trabalhar.

Como nossa área de atuação principal é o Povoado Alto, em alguns momentos o tratamos de forma específica. A festa do Padroeiro Senhor do Bonfim ocorre desde o ano de 1996, devido a dois acontecimentos trágicos na comunidade, quando um filho assassinou o pai, e meses depois um homem foi assassinado pelo próprio irmão. Para os fiéis católicos, era necessário colocar um padroeiro na localidade para evitar que outras tragédias acontecessem. Desde então o Santo Senhor do Bonfim é o padroeiro do Povoado Alto, o que culminou na construção do templo da igreja católica no ano de 2000.

Diante do exposto, considerando que a cultura é a base para o desenvolvimento do Turismo de Base Comunitária, identificamos o potencial cultural do município e do Povoado Alto para tal, além da real necessidade de criação e execução de ações na e com a comunidade que envolva as pessoas em seu processo de desenvolvimento. Para isso, vale ressaltarmos que é necessário envolver jovens e adolescentes, no sentido de mobilizá-los para buscar melhorias para a comunidade e de afastá-los da ociosidade que leva muitos ao caminho de vícios de álcool e outras drogas, envolvê-los também no sentido de fortalecer o sentimento de pertencimento à comunidade. Mas para isso, é necessário compreendermos melhor a articulação entre TBC e Desenvolvimento local, que apresentaremos na seção seguinte.

3 TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA E DESENVOLVIMENTO LOCAL: UMA ARTICULAÇÃO POSSÍVEL

Os aspectos sociais, culturais, ambientais, econômicos e educacionais que emergem do contexto sócio-histórico do Povoado Alto nos revelam riquezas históricas e culturais, apesar de aparentemente não apresentar muitas perspectivas de desenvolvimento e de melhorias nas condições de vida e existência das pessoas que lá habitam. Contudo, suas belezas naturais, sua história, cultura, tradições locais e seu modo de vida apontam possibilidades para a organização do Turismo de Base Comunitária na localidade, sendo esta uma alternativa para dinamizar o desenvolvimento local da comunidade.

Neste capítulo apresentamos e discutimos os principais conceitos e características do Turismo de Base Comunitária como proposta para o desenvolvimento local, com o objetivo de mobilizar para o Turismo de Base Comunitária no Povoado Alto. Por isso, entendemos como necessário apresentar as diferenças entre o TBC e o Turismo convencional, a fim de melhor compreendermos a proposta deste estudo. Abordaremos ainda o processo de interiorização do turismo convencional na Bahia, para entendermos como chegamos ao Turismo de Base Comunitária como alternativa para o Povoado Alto. Além disso, consideramos necessário estabelecer uma relação entre os conceitos abordados.

3.1 TURISMO: CONCEITOS, POLÍTICAS PÚBLICAS E INTERIORIZAÇÃO NA BAHIA

O Turismo é um fenômeno complexo que perpassa diversas áreas do conhecimento, sob olhares e conceitos diferenciados. Seu estudo requer um enfoque transdisciplinar (SAMPAIO, 2005). Tendo em vista que o mesmo envolve dimensões sociais, culturais, econômicas, políticas, ideológicas, de disputas de poderes e lutas de classes, o que acentua seu caráter multifacetado e mutável, corroborando a definição de Spinola (2000, p. 37) ao dizer que “[...] o turismo é uma prática social coletiva, geradora de diversas manifestações de cunho econômico, sociocultural e espacial”, além de sua relação com os fenômenos de ordem histórica, ambiental, política, educacional e cultural.

Porém, no que diz respeito à ênfase em estudos e ações de políticas públicas, segundo Maranhão (2017, p. 257)

[...] o viés econômico norteia grande parte das ações públicas que se pautam no fomento do turismo. Guiando as escolhas gerenciais em direção ao lucro [...] raramente o turismo foi e/ou é pensado como uma política pública [...] que vise proporcionar lazer, bem-estar e participação integral do residente

No entanto, apesar da atividade turística depender de infraestrutura, meios de hospedagem, transporte, meios de comunicação, que de algum modo estão ligados aos recursos financeiros, está também atrelada aos recursos naturais, e, principalmente aos recursos humanos, ou seja, é uma área dependente de aspectos que não se esgotam na dimensão econômica.

De acordo com a Organização Mundial do Turismo (OMT, 1998), a definição do turismo está relacionada com atividades que as pessoas realizam em viagens a lugares diferentes de seu local de habitação, em períodos menores que um ano, motivadas por interesses diversos. Contudo, a atividade turística envolve também os sujeitos da localidade receptora, e não somente os visitantes que se deslocam de um lugar para outro. Por isso, autores como Sampaio (2005, p. 22) apontam que o conceito apresentado pela OMT “[...] restringe-se a quem se desloca, e não a quem recebe. Nesse sentido, deduz-se que as comunidades receptoras (e seus recursos naturais) teriam que estar à disposição de pessoas que se deslocam para seus territórios”. Ou seja, neste modelo de turismo convencional a população local é vista apenas como objeto ou produto turístico, ofertado em pacotes de agências por um valor determinado pelo mercado.

A visão focada apenas no turista também é criticada pelos autores Fernández e Henríquez (2018, p. 69), os quais apontam a negligência com relação aos sujeitos locais e às comunidades receptoras como uma fragilidade do modelo do turismo convencional, para eles:

Si el turismo tiene una fragilidad, esta es la no considerar, desde un inicio, las voces locales donde se desarrolla. En el entendimiento cartesiano del turismo convencional prima la mirada del turismo como desplazamiento de persona, quedando oculto en el discurso, quienes reciben, o sea, comunidades locales.

Esta maneira de pensar e desenvolver o turismo, considerando ou valorizando apenas turistas, os sujeitos em deslocamento, reflete os princípios da nossa sociedade capitalista e dos grupos que detém o poder sobre elas, além de buscar, acima de tudo e todos, a maior margem de lucros. Dito isto, ao referir-se ao desenvolvimento do turismo em sociedades da era da globalização Coriolano (1998, p. 17) afirma que

O turismo globalizado, vincula-se à expansão do capitalismo e à ideologia da modernidade, quando os lugares mais longínquos passam a fazer parte das redes – investimentos, empregos, negócios, serviços, infraestrutura, relações sociais, de interesses globais.

Considerando os aspectos da esfera econômica o turismo está imbricado com ideias capitalistas e impulsionado por grupos hegemônicos, para os quais o lucro é o objetivo central, ainda que para isso as dimensões sociais, ambientais e culturais sejam negligenciadas.

Ainda de acordo com Coriolano (1998, p. 19) o “[...] mercado globalizado exclui muitos lugares e grupos sociais das atividades econômicas. O turismo não foge à regra geral, pois, apesar de ser um direito de todo cidadão, nem todos tem acesso a ele”. Os efeitos desta globalização nem sempre ocorrem de maneira positiva para as sociedades envolvidas, sobretudo, por se tratar do turismo que prioriza a acumulação do capital, acentuando processos de exclusão social de regiões e de suas populações. Sendo assim, o acesso ao turismo está diretamente relacionado ao poder de consumo dos sujeitos, daí o motivo pelo qual nem todos podem acessá-lo.

Entretanto, segundo a declaração de Manila na Conferência Mundial de Turismo de 1980 (OMT, 1980), o turismo é um direito do homem e este deve contribuir para a realização plena do ser humano, para aprimorar sua educação, para a sua liberdade, deve respeitar sua identidade, sua dignidade, sua cultura e o patrimônio moral dos povos. Porém, no que tange à prática, o turismo convencional está atrelado ao poder de consumo dos sujeitos, revelando-se como uma atividade de caráter elitista e excludente (CORIOLANO, 1998). Logo, o turismo como vem sendo desenvolvido na prática não é um direito efetivo de todos, já que a maioria das pessoas não tem nem suas necessidades básicas atendidas, quanto mais condições para usufruir de atividades turísticas dentro destes padrões estabelecidos pelo mercado.

Ademais, considerando que a sociedade contemporânea vive de acordo com as leis de mercado capitalista, o lazer e consequentemente o turismo passa a ser um bem de consumo, acessado por poucos. Diante disso, concordamos com Coriolano (1998, p. 29) para a qual “o turismo é uma forma mais elitizada de lazer”. Todavia, este não é o único modelo de gestão e planejamento do turismo possível, ao contrário, existem as lacunas no modelo vigente que mobilizam outros caminhos e possibilidades para se pensar e desenvolver o turismo de maneira mais inclusiva e sustentável. Frente aos processos de degradações e mazelas oriundas da prática do turismo convencional, surgem alternativas como o Turismo de Base Comunitária, voltado para um perfil de visitantes que priorizam as vivências e experiências com o cotidiano dos sujeitos locais, compartilhando saberes e sabores de uma forma menos consumista, invasiva e mercadológica.

O Turismo de Base Comunitária, o qual será abordado adiante, é um modelo alternativo importante e necessário para comunidades marginalizadas, como é o caso do Povoado Alto que reconhece seu potencial cultural para a atividade turística, mas assim como outras, fica à

margem das rotas do turismo convencional. Contudo, para melhor compreendermos como o TBC se configura como uma alternativa de desenvolvimento do Turismo no Povoado Alto, é necessário entendermos como se deu o processo de interiorização do turismo no estado baiano.

A Bahia foi a propulsora do turismo no Nordeste, congregando a cultura local como símbolo de sua identidade cultural e suas personalidades. Segundo Ferreira e Dantas (2013) e Aychá Santos (2017), a primeira fase de desenvolvimento do turismo baiano ocorreu de 1950-1970, com a definição do turismo como promotor do desenvolvimento econômico do estado e a criação da Instituição da Superintendência de Turismo da Cidade do Salvador (SUTURSA) e da Empresa de Turismo na Bahia S.A (BAHIATURSA), atualmente passou a ser denominada de Superintendência de Fomento ao Turismo do Estado da Bahia. A segunda etapa ocorreu de 1970 – 1990, com ações de requalificação dos espaços urbanos e Implantação do plano mercadológico: Caminhos da Bahia, em 1979, cujo objetivo era dinamizar a interiorização do turismo baiano.

A terceira etapa ocorreu na década de 1990 com a criação do Programa de Desenvolvimento do Turismo no Nordeste (PRODETUR/NE) e da Secretaria de Cultura e Turismo (SCT). Contudo, observamos que as políticas públicas voltadas para o Turismo eram centradas principalmente nos grandes centros urbanos como Salvador. Os investimentos e as ações ocorriam prioritariamente na dimensão econômica, com pouca atenção para as questões ambientais e sociais, acentuando seu caráter segregador e excludente.

No processo de interiorização do turismo, a ausência de boas estradas e equipamentos dificultava o desenvolvimento da atividade turística, por isso o incremento do transporte aéreo em 1950, ao diminuir o tempo gasto nos deslocamentos das pessoas, favoreceu o desenvolvimento da atividade na Bahia (SPINOLA, 2000). Neste período, a criação da Bahiatursa contribuiu para a descentralização da atividade, até então restrita ao âmbito de Salvador e, em menor proporção, das estâncias hidrominerais como Caldas do Jorro e Cipó, ambas localizadas no sertão baiano.

Diante desse contexto, de acordo com Marback Neto (1991, p. 45) “era necessário, que o Estado abrisse novos espaços turísticos, em regiões mais ricas em atrativos no interior baiano, que atendesse aos vários tipos de demanda, e onde a iniciativa privada não se arriscava investir”. Acreditando que com meios de hospedagem e lazer no interior, seria possível atrair novos visitantes. Nesse sentido, foi criada o Empreendimentos Turísticos da Bahia S.A (EMTUR), em 1976 (MARBACK NETO, 1991). Esta subsidiária a Bahiatursa, responsável pela construção de 16 hotéis na Bahia para atender as supostas demandas de mercado, a exemplo: Pousada de Lençóis, em Lençóis; Grande Hotel Caldas de Cipó em Cipó; Hotel dos

Conselheiros, em Euclides da Cunha. Alguns destes, com foram privatizados, enquanto outros não, devido à baixa taxa de ocupação. Ademais, devido à falta de fiscalização, estão em estado de abandono, representando muito bem alguns equívocos da gestão do turismo convencional.

Segundo Marback Neto (1991, p. 48), a campanha caminhos da Bahia “[...] foi o primeiro grande passo para a integração do interior ao espaço turístico da Bahia. Como principal resultado obteve-se a consolidação de excursões regulares para dez cidades: Porto Seguro, Ilhéus, Valença, Cachoeira, Paulo Afonso, Jacobina, Juazeiro, Ibotirama e Caldas do Jorro”. Ressaltamos que em Caldas do Jorro a falta de investimentos nas dimensões sociais, compromete a atividade, existe um projeto de privatização do parque das águas, que caso seja efetivado pode acentuar ainda mais as tensões e problemas sociais na localidade. Sobretudo, por que ao se pensar em Turismo é evidente que há concentração dos lucros nas mãos dos grandes empresários, sem considerar as questões sociais, tampouco as problemáticas ambientais, a exemplo dos recursos hídricos, os quais são explorados excessivamente, sem nenhum projeto de reaproveitamento da água.

Em 1991, a Secretaria de Cultura e Turismo lançou o Programa de Desenvolvimento Turístico da Bahia (PRODETUR/BA) com o objetivo de criar centros integrados no território baiano, que manifestassem potencial para o turismo (SPINOLA, 2000). A estratégia de criação dos centros turísticos integrados era dinamizar o desenvolvimento econômico dos municípios interioranos, criando o zoneamento do Turismo na Bahia, com 13 zonas com 154 municípios. Contudo, os investimentos públicos eram basicamente nas áreas de infraestrutura, saneamento básico, transportes, e muitos nem saíram do papel. Por fim, entendemos que as políticas públicas voltadas para o Turismo convencional são construídas sem a participação da população local dos municípios, motivo pelo qual, muitas destas políticas são pensadas e planejadas distante da realidade dos sujeitos locais. Por outro lado, entendemos que isso se justifica também pelo fato de que tais políticas são pensadas para atender as demandas dos visitantes e não necessariamente das comunidades receptoras.

Considerando a importância da participação dos atores sociais no processo de gestão e desenvolvimento do Turismo, apresentamos a seguir o Turismo de Base Comunitária ressaltando seus conceitos e princípios, como uma alternativa ao modelo que vem sendo desenvolvido, fazendo recorte para o Povoado Alto, zona rural do Município de Tucano, o qual pertence a zona Turística Caminhos do Sertão, mas tampouco é beneficiado pela atividade turística na região.

3.2 TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA: CONCEITOS E PRINCÍPIOS

O modelo de turismo convencional, desenvolvido sob os princípios mercadológicos e capitalistas, expressa seu caráter elitista e excludente, na medida em que seu avanço pressupõe exploração e não benefícios à população local, acentuando ainda mais as desigualdades e exclusão social. O turismo convencional visa prioritariamente interesses econômicos, explorando o potencial turístico da localidade, “coisificando” os sujeitos, utilizados como objetos de exposição (IRVING, 2009). Assim, poucos ou quase nenhum são os benefícios que contribuem para o desenvolvimento local da comunidade. O que corrobora o pensamento de Harvey (2016), para o qual o turismo convencional pode ser considerado como um monopólio de acesso à arte e ao lazer, manipulando os desejos humanos em função de lucros, logo este além de excludente, torna-se nocivo por tratar os atrativos e os sujeitos envolvidos como coisas a serviço da obtenção de lucros.

De acordo com Eusébio e Rodrigues (2014, p. 425) “O turismo quando não é devidamente planejado pode originar impactos negativos consideráveis, tanto a nível econômico, como a nível sociocultural e ambiental”. Por isso, surge a necessidade de buscarmos alternativas para os modelos tradicionais do turismo, que cada vez mais tem provocado sérios impactos principalmente para o meio ambiente. Contudo, tais impactos não se restringem às questões ambientais. Para Hallack *et al.* (2011) afetam negativamente também as relações humanas das populações locais onde o turismo tem sido mal planejado ou é desenvolvido priorizando apenas a dimensão econômica.

Todavia, é como forma de resistência e lutas contra as mazelas e degradações oriundas do turismo convencional, que emergem as primeiras práticas do Turismo de Base Comunitária (TBC) por volta de 1980 em comunidades rurais e isoladas da América Latina, denominado de Turismo Rural Comunitário (MALDONADO, 2009). Desde então o Turismo de Base Comunitária vem sendo desenvolvido e se expandindo no Brasil e em outros países, como Chile, Equador, Bolívia, Honduras, Guatemala, Nicarágua, México, Índia e China (BARTHOLO; SAN SOLO; BURSZTYN, 2009). Com a adaptação da prática, até então rural, ao meio urbano o Turismo Rural Comunitário (TRC) passou a ser chamado de Turismo Comunitário (TC), assumindo novas características e diversidade de conceitos e princípios.

O turismo comunitário é definido por Maldonado (2009, p. 31) como “[...] toda forma de organização empresarial sustentada na propriedade e na autogestão sustentável dos recursos patrimoniais comunitários, de acordo com as práticas de cooperação e equidade no trabalho e na distribuição dos benefícios gerados pela prestação dos serviços turísticos”. Contudo, o

referido autor caracteriza o Turismo Comunitário como um segmento de mercado do ramo turístico tradicional, o que nos remete para uma diferenciação importante com relação aos princípios do Turismo de Base Comunitária adotados neste estudo. Consideramos o TBC não como uma ramificação ou tipologia do convencional, mas como uma resposta alternativa ao modelo vigente, conciliando os princípios de desenvolvimento local e a conservação do meio ambiente, o qual perpassa pelas dimensões dos recursos naturais, culturais, sociais, econômicos (SILVA; MATTA; SÁ, 2016).

No entanto, assim como o turismo convencional, o TBC apresenta conceitos diversos, visto que o mesmo pode ser desenvolvido em contextos diferentes, assumindo características próprias do local, como afirma o MTur (BRASIL, 2010, p. 15)

A falta de consenso em termos conceituais resulta por um lado, da heterogeneidade das próprias experiências e, por outro, da origem do território e da perspectiva política da organização não governamental, responsável por organizar e viabilizar a experiência

Por isso, consideramos necessário aprofundar os princípios que regem o TBC, para melhor compreendermos as diferenças existentes em relação ao modelo convencional. Diante da diversidade de conceitos e características a respeito do Turismo de Base Comunitária, abordaremos alguns conceitos e princípios que dialogam com nossa proposta de estudo, na perspectiva defendida por Irving (2009) considerando o TBC como uma proposta de desenvolvimento local. Segundo Sampaio (2005, p. 29)

O turismo de base comunitária é um divisor de águas. Ele se baseia na relação dialética entre turista e comunidade receptora (e não na sobreposição de comunidade ao turista); ambos considerados agentes de ação socioeconômico e ambiental, repensando as bases de um novo tipo de desenvolvimento – regulando padrões de consumo e estilos de vida – e de um conjunto de funções produtivas e socioecológicas - regulando a oferta de bens e serviços e seus impactos ambientais.

O autor apresenta princípios importantes para o entendimento do Turismo de Base Comunitária, principalmente na relação horizontal estabelecida entre visitantes e a população autóctone, contrastando com a sobreposição apontada por Fernández e Henríquez (2018) como uma das principais fragilidades do turismo convencional. Apresentando-se como uma proposta de desenvolvimento alternativo aos modelos capitalistas vigentes, o qual diferentemente do Turismo convencional, que tem como meta apenas o lucro e enriquecimento das grandes empresas do ramo. O TBC visa o desenvolvimento da própria comunidade não só na área econômica, como também o fortalecimento e valorização da cultura local.

Corroborando esta perspectiva Fernández e Henríquez (2018, p. 70) consideram que:

El turismo de base comunitaria es una estrategia para que comunidades puedan defender sus territorios frente amenazas propias del extractivismo, ejemplo de ello son la especulación inmobiliaria y conflictos por el agua. El turismo de base comunitaria sería entonces una oportunidad para comunidades de conocer y de darse a conocer conservando el metabolismo y dinámicas propias de sus modos de vida tradicionales, generando oportunidades de trabajo e ingreso complementarios, sin comprometer los equilibrios ecológicos y culturales.

Dito de outro modo, o Turismo de Base Comunitária, como no início de seu surgimento, é utilizado como uma forma de resistência de comunidades menos favorecidas frente às imposições e explorações do mercado do turismo convencional. Ainda que a prática do TBC gere impactos, os benefícios para a população local se sobressaem, pois, o mesmo deve ser planejado, de acordo com as demandas e ofertas da localidade, respeitando e valorizando os costumes e seus modos de vida, utilizando seus recursos de modo equilibrado, gerando melhorias nas condições de vida locais, nas dimensões ambientais, sociais, culturais e econômicas.

O que nos leva à compreensão de que o TBC é uma alternativa que contrapõe os poderes hegemônicos das grandes empresas que dominam o ramo do turismo, nas quais os indivíduos são usados como objetos e não passam de engrenagens substituíveis que não respeitam a vocação humana. Empresas estas que exploram as pessoas como coisas, invadindo comunidades e mantendo aquilo que Marx e Engels (1999, p. 30) chamou de “exploração de uns pelos outros”, ou melhor, exploração de muitos por poucos, algo bem característico do turismo convencional que visa prioritariamente o acúmulo de riquezas em detrimento das questões sociais, culturais e ambientais.

As contradições e diferenças entre as características do turismo de Base Comunitária e o turismo convencional são muitas, sobretudo, na forma de gestão e o planejamento das atividades. Como afirma Silva *et al.* (2012, p. 11) que entende:

[...] o turismo de Base Comunitária como uma forma de planejamento, organização, autogestão e controle participativo, colaborativo, cooperativo e solidário da atividade turística por parte das comunidades, que deverão estar articuladas em diálogos com os setores público e privado, do terceiro setor e outros elos da cadeia produtiva do turismo, primando pelo benefício social, cultural, ambiental, econômico e político das próprias comunidades

Na gestão do TBC, diferente do convencional cujas políticas públicas são construídas de “cima para baixo”, as ações são guiadas pela ideia de construção e organização coletiva, realizado pela comunidade local, configurando-se como uma proposta debaixo para cima, sendo

os sujeitos locais os protagonistas de todo o processo desde o planejamento até a implementação. Corroborando com Irving (2009, p. 111), para o qual “[...] o turismo de base comunitária só poderá ser desenvolvido se os protagonistas deste destino forem sujeitos e não objetos do processo”. Logo, se as propostas de TBC não forem geridas pela comunidade não podem ser consideradas como tal. A seguir, no Quadro 8, apresentamos estas e outras principais características que diferem o TBC e o turismo convencional.

Quadro 8 - Características do TBC e do turismo convencional

TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA	TURISMO CONVENCIONAL
Baseado no compartilhamento dos ganhos entre sujeitos da comunidade.	Baseado no lucro dos empresários.
Capital social, relação de confiança e transparência.	Capital proveniente do mercado, relação de oferta e demanda.
A cultura e o meio ambiente como base fundante da organização do turismo.	A cultura e o meio ambiente como mercadoria, produto, atrativo, atração, descaracterizando-os.
Valorização da identidade local.	Uniformização de culturas.
Organização em rede, coletiva, cooperativa, participativa, solidária, compartilhada.	Organização setorial, individualizada, competitiva, empresarial, centralizada.
Tem como fim a troca de experiências, de saberes e artesanatos manufaturados.	Tem como fim o consumo, compra e venda de produtos industrializados ou não.
Singularizado, o humano, o ser.	Massificado, o consumidor, o ter.
Princípio na economia solidária, no comércio justo.	Princípio no mercado, na competição.
Autogestão	Gestão departamentalizada, fragmentada.
Protagonismo das comunidades no processo de desenvolvimento do turismo.	Alijamento das comunidades no processo de desenvolvimento do turismo.
Trabalho.	Emprego, expropriação e precarização do trabalho, exploração de mão de obra.
Conscientização.	Alienação.
Grupos marginalizados, politizados, classes populares.	Grupos detentores do capital, do poder, classes dominantes, membros de elites.
Foco no desenvolvimento local sustentável do território.	Foco no crescimento econômico, especulação imobiliária.
Apoderamento e empoderamento das comunidades.	Apropriação privada, propriedade.
Espaço para organizações populares e iniciativas comerciais tradicionais formais e informais como quitandeiros, feiras populares, por exemplo.	Espaço para cadeias e redes internacionais, empreendimentos formais, de médio e grande porte, como complexos hoteleiros, shoppings centers, por exemplo.
Bem estar coletivo.	Bem estar individual

Fonte: Silva (apud SILVA; MATTA; SÁ, 2016)

As características apresentadas no Quadro 8 sintetizam as principais diferenças entre o turismo de base comunitária e o turismo convencional, algumas já discutidas ao longo do capítulo. De acordo com o exposto, compreendemos que o que difere um do outro está longe de serem apenas terminações de nomenclaturas, mas sim princípios ideológicos, visões mercadológicas que fazem toda diferença na prática, inclusive para as comunidades receptoras.

Ainda sobre o Quadro 8, merece destaque a posição de protagonismo que os sujeitos locais assumem no Turismo de Base Comunitária, os quais deixam de ser considerados objetos ou produtos turísticos para atuarem ativamente na gestão, planejamento e desenvolvimento das atividades.

O que corrobora o conceito de Tucum (2008) que define o TBC como aquele no qual as populações locais possuem o controle efetivo sobre o seu desenvolvimento e gestão, e está baseado na gestão comunitária ou familiar das infraestruturas e serviços turísticos, no respeito ao meio ambiente, na valorização da cultura local e na economia solidária. A organização do TBC pressupõe que a comunidade seja a gestora das ações, na qual se deve considerar a valorização da cultura, do modo de viver dos sujeitos, bem como o incentivo a preservação e valorização do meio ambiente. O que é reforçado por Silva, Matta e Sá (2016, p. 83) ao considerar que:

A comunidade é protagonista de todo o processo de organização e gerenciamento do turismo na sua localidade, significando que a gestão do turismo é da base comunitária na qual emergem roteiros e serviços criados pelos sujeitos sociais a partir do legado cultural, das habilidades e dos saberes populares, ao tempo em que eles são também os negociadores e anfitriões, sem intermediários.

Podemos afirmar que o TBC tem um potencial muito além dos benefícios econômicos que a população local poderá usufruir com o fluxo de visitas. Por meio da forma de organizar e gerir suas ações, as comunidades valorizam sua identidade cultural, a manutenção de suas tradições culturais e religiosas através da criação de redes de solidariedade e colaboração. De acordo com Silva, Matta e Sá (2016, p. 81) o processo inicial para organização do TBC:

[...] consiste na identificação pelas comunidades do potencial cultural, ambiental, social, tecnológico, político e econômico do contexto onde habitam. Além disso, pressupõe o desejo de perpetuação das heranças e legados dos seus antepassados como hospitalidades, crenças e valores. Faz também necessária a valorização de suas práticas, saberes e tecnologias sociais, e com isso, a ampliação de suas rendas por meio da produção associada.

Nesse sentido, o TBC, configura-se como uma rede solidária na comunidade, organizando roteiros com base na identificação do potencial cultural e histórico, utilizando os aspectos naturais de forma consciente. Visando contribuir com o desenvolvimento local pautados na igualdade, cidadania, sobretudo promovendo práticas comunitárias de preservação do meio ambiente.

Contudo, por ser praticado por grupos em contextos diferentes o Turismo de Base Comunitária acaba sendo caracterizado de formas diversas, inclusive alguns autores o consideram como sinônimo de Turismo Comunitário. Contudo, concordamos com Silva, Matta e Sá (2016, p. 84), quando os diferenciam pela forma de organização, apontando que “[...] para feitos de ampliação e diversificação do mercado, e aumento de lucros, os governos criam tipologias, modalidades ou segmentos de turismo como: cultural, ecológico, de aventura, de pesca, de eventos, de favela, de acordo com a demanda”. Logo, o turismo comunitário se enquadra como segmento do turismo convencional, apesar de ser considerado como sinônimos por alguns autores, estes possuem características importantes que os diferem. Por isso, para nosso estudo, faz-se necessário apresentar a distinção entre ambos no Quadro 9, para melhor compreensão da nossa proposta de TBC.

Quadro 9 - Diferenças entre TBC e Turismo Comunitário

TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA	TURISMO COMUNITÁRIO
Modo de organização e gestão	Segmento, tipologia ou modalidade.
Organizado pela comunidade em rede interdependente, por meio de relações solidárias de confiança.	Vivenciado pelo turista e ou visitante em diálogo com sujeitos das comunidades.
Valorização da cultura, respeito e conservação do meio ambiente.	Imersão no cotidiano das comunidades, apreciando, compreendendo e valorizando a cultura e o modo de ser e viver.
Abertura para troca de saberes e práticas de hospitalidade, acolhimento.	Participação, voluntariado, intercâmbio cultural.
Oferta de serviços e produtos disponíveis na localidade.	Usufrui de coisas novas, diferentes do conhecido como a comida caseira, por exemplo.
Valorização e fortalecimento das feiras livres, mercados populares, grupos populares, grupos culturais, associações e outras expressões.	Interesse no popular, original, singular e plural.

Fonte: SILVA (apud SILVA; MATTA; SÁ, 2016)

De acordo com o exposto no Quadro 9, é fato que o TBC e o TC apresentam similaridades. Porém, as características e princípios que os diferem, podem fazer toda a diferença em um trabalho em comunidades. Enquanto o TBC é uma organização solidária, planejado e gerido pela comunidade local, o TC é uma organização empresarial, segundo Maldonado (2009, p. 26) caracterizado como “[...] um segmento de mercado especializado (nicho) ao dirigir-se a pequenos grupos de viajantes em busca de experiências pessoais originais e enriquecedoras, combinando vivências culturais autênticas, desfrutando de cenários naturais [...]”. Confirmando as diferenciações apresentadas no quadro acima, os autores Hallack, Burgos e Carneiro (2011, p. 10) afirmam veementemente que o:

TBC não é um segmento turístico tal como alguns autores consideram, e sim uma prática turística que busca conciliar o desenvolvimento local e a conservação da natureza. Trata-se de uma resposta alternativa que mantém vínculos não só com a dimensão ambiental, como também com a dimensão sociocultural, através do estímulo de trocas culturais entre visitantes e moradores, podendo igualmente apontar caminhos frutíferos para a melhoria da qualidade de vida e do bem-estar da população receptora.

Entendemos que o TBC diferente do TC não está atrelado ao mercado turístico convencional, é gerido pela comunidade local em uma rede de relações solidárias e não por operadoras ou agências especializadas no ramo, favorecendo, dessa forma, o desenvolvimento local. Na medida em que a comunidade tem um papel ativo nas atividades e é a beneficiada pelas visitas e não meramente objeto de atração turística ofertado para a comercialização de pacotes dentro da lógica de mercado, os benefícios oriundos da organização do TBC vão muito além da dimensão econômica, perpassando pelos âmbitos culturais, históricos, ambientais, sociais, educacionais e outros, com base em princípios de respeito e valorização dos saberes das populações locais.

Nesse sentido segundo Irving (2009, p. 111), “[...] o turismo de base comunitária [...] favorece a coesão e o laço social e o sentido coletivo da vida em sociedade, e que por esta via promove a qualidade de vida, o sentido de inclusão, a valorização da cultura local e o sentimento de pertencimento”. Por meio da hospitalidade, hospedagem e acolhimento, os anfitriões autóctones, ou seja, aqueles que recebem os visitantes ou turistas, trocam saberes, experiências, práticas de tecnologias sociais, primando por elementos culturais locais, produtos do cotidiano. Com isso o conceito de hospitalidade, vai além da noção clássica do ato de receber, para se expressar como momentos de trocas, interação, descobertas e retroalimentação (IRVING 2009).

A comunidade receptora e autogestora do TBC em sua localidade contrapondo o turismo massificado, não é arrumada ou estruturada artificialmente seguindo estilos para receber e satisfazer os turistas dentro dos padrões convencionais da área, os visitantes são acolhidos de acordo com as condições, modos de vida e cultura local, através da hospedagem domiciliar. Para Holanda (2016, p. 258) “as iniciativas do TBC, em tese, se contrapõem à lógica de mercado e emergiram na contramão do turismo de massa, em muitos casos, nasceram dentro de movimentos sociais de resistência”. Logo, entendemos que não é coerente com seus princípios estruturar o TBC dentro da lógica do turismo convencional.

A autora supracitada Holanda (2016) critica veementemente o processo de empresarização do TBC, por considerar ser esta uma forma de adequação aos moldes convencionais. Segundo a qual, os motivos apontados como necessários para a empresarização do TBC “[...] baseiam-se na desqualificação de seus sujeitos e das práticas organizativas

populares que são estigmatizadas por termos e expressões pejorativos, sendo consideradas amadoras, improvisadas o que denota sua baixa credibilidade” (HOLANDA 2016, p. 259).

Nesse sentido, organizar o TBC dentro dos moldes empresariais estaria ferindo os princípios que o rege. Sendo assim, o perfil ou interesses do visitante é algo que deve ser considerado. Haja vista que como alternativa o TBC distingue-se do convencional justamente pela “[...] sabedoria construída no lugar, com suas crenças, valores, mitos, técnicas, enfim, por aqueles que detêm um patrimônio intangível, mas que existe, resiste e se dispõem aos que compreendem o valor da diversidade e da alteridade” (BARTHOLO; SANSOLO; BURSZTYN, 2009, p. 16).

Para fins de sistematização dos princípios e características do TBC já mencionadas no texto, elaboramos um quadro para apresentarmos as principais premissas para a organização do Turismo de Base Comunitária, segundo Irving (2009), MTur (2010) e Silva *et al.* (2016), conforme veremos a seguir no Quadro 10.

Quadro 10 - Premissas para organização do Turismo de Base Comunitária

PREMISSAS	DESCRIÇÕES
Base endógena da iniciativa, desenvolvimento local.	O TBC resulta de uma demanda direta dos grupos sociais locais e não de decisões externas. Sem a iniciativa endógena, o TBC não atende as demandas do desenvolvimento local, como a valorização da cultura e do modo de vida dos sujeitos e nem contribui para o protagonismo social.
Autogestão, participação e protagonismo social no planejamento, implementação e avaliação de projetos turísticos.	A autogestão é um princípio inegociável do TBC. A participação dos sujeitos locais no processo de planejamento, implementação e avaliação de projetos turísticos, enquanto protagonistas representa um ponto essencial para a sustentabilidade das iniciativas de TBC e garantia ética da conservação do patrimônio natural e cultural.
Escala limitada e impactos sociais e ambientais controlados.	Diferente do turismo de massas, uma das premissas essenciais do TBC é que seja desenvolvido em escala limitada, definida a partir dos recursos locais, potencialidades e restrições apontadas pelos sujeitos locais, com compromisso e responsabilidade social e ambiental.
Geração de benefícios diretos à população local.	Pré-requisito para a organização e implementação do TBC, deve-se evitar a concentração dos benefícios para pequenos grupos envolvidos. Reaplicação dos recursos oriundos do TBC em projetos de melhoria na qualidade de vida do coletivo. Baseado no associativismo e cooperativismo.
Afirmação cultural e interculturalidade.	Valorização da cultura local com o objetivo de fortalecer a afirmação da identidade e sentimento de pertencimento.
O encontro como condição essencial	O planejamento do TBC deve considerar o respeito e ética entre os sujeitos que recebem e os que são recebidos, valorizando o processo de interação e troca de saberes.

Fonte: Elaborado pela autora (2019) com base em Irving (2009) e MTur (2010)

O Quadro 10 sintetiza as principais características do Turismo de Base Comunitária, as quais são consideradas princípios fundamentais para o desenvolvimento de atividades turísticas

nesta perspectiva. As premissas apresentadas no quadro acima reafirmam os princípios definidos por Silva, Matta e Sá (2016) no Quadro 8, tendo a solidariedade, a colaboração, a autogestão e o protagonismo dos sujeitos como pontos indispensáveis, sobretudo ao se pensar em Turismo de Base Comunitária, enquanto processo vinculado ao desenvolvimento local. Contudo, para assegurar o cumprimento de tais princípios, é indispensável que se pense em meios de formação os sujeitos envolvidos para o TBC, ainda que a organização do mesmo já se configure como um processo educativo. No entanto, mesmo que o TBC tenha emergido como uma demanda da comunidade local, é uma prática ou forma de organização nova que merece ser trabalhada.

Identificamos a convergência entre os princípios condutores do Turismo de Base Comunitária com a proposta de Educação que apresentaremos no capítulo seguinte, principalmente no que diz respeito aos sujeitos e os seus saberes. Por isso, antes de dialogarmos sobre como podemos pensar em educação para o turismo de base comunitária no contexto do Povoado Alto, é necessário entendermos como o TBC vem sendo desenvolvido na Bahia. Por ser uma prática ainda recente, recorreremos a sua origem, apresentando algumas experiências na América Latina.

3.2.1 Experiências de Turismo de Base Comunitária na América Latina

Para adentrarmos nos diálogos sobre como temos pensado e iniciado o processo de educação para o Turismo de Base Comunitária no Povoado Alto, por ser uma prática recente, consideramos necessária uma breve explanação sobre o panorama desta atividade na América Latina e posteriormente no Brasil e na Bahia. Segundo Moraes, Irving e Mendonça (2018) desde 1970 na América Latina o turismo vem sendo visto como uma estratégia para o desenvolvimento e a redução da pobreza. Sobretudo, considerando os impactos negativos gerados pela prática do turismo convencional tem mobilizado estes países na busca por alternativas.

Para Moraes, Irving e Mendonça (2018, p. 250) “[...] na maioria dos países latino-americanos, caminhos inovadores e dinâmicas alternativas em planejamento e desenvolvimento do turismo vêm sendo, progressivamente, construídos e pactuados”. Dentre as estratégias pensadas surge o Turismo de Base Comunitária ou Turismo Rural Comunitário, utilizando a cultura local como uma forma de resistências frente aos modelos e padrões convencionais do mercado turístico. Associadas ao reconhecimento e valorização das belezas naturais e elementos socioculturais, de acordo com Maldonado (2009) as primeiras experiências de TBC

na América Latina, são datadas da década de 1980, oriundas de iniciativas de populações rurais e povos indígenas.

Segundo Moraes, Irving e Mendonça (2018), movimentos indígenas e do campo em situações de vulnerabilidade social e ambiental têm desenvolvido iniciativas do TBC na América Latina vinculadas a estratégias políticas para a garantia e preservação da cultura local e de seus territórios. De acordo com Moraes, Irving e Mendonça (2018, p. 252)

As experiências de TBC vêm se desenvolvendo inspiradas em princípios derivados do reconhecimento e da valorização da visão de mundo (cosmovisão) própria desses povos sobre os valores e práticas sociais, culturais, religiosas e espirituais. Para esses grupos, natureza e cultura são indissociáveis. Sendo assim, esses grupos estariam ligados por um mesmo destino para garantir a harmonia do mundo que deve ser constantemente recriada, transcendendo o tempo e os indivíduos.

Tais processos tem contribuído para a organização de grupos sociais por meio de ações coletivas e redes locais, nacionais e latino-americanas, movidas por preocupações comuns, gerando a formação de alianças entre sujeitos que compactuam dos mesmos objetivos e pensamentos (MORAES; IRVING; MENDONÇA, 2018).

Nesse sentido, um dos principais exemplos é a Rede de Turismo Comunitário da América Latina (REDETURS), criada em 2001 “[...] com a missão de apoiar os processos de formação e de fortalecimento de redes de turismo comunitário em países da América Latina, para diversificar as possibilidades de emprego e renda, promover o associativismo e a valorização da cultura local” (MORAES; IRVING; MENDONÇA, 2018, p. 253). A seguir apresentamos o Quadro 11 com alguns dos principais exemplos de TBC na América Latina, geralmente geridos por associações e cooperativas sociais, desenvolvidas por organizações em redes em apoio e suporte a tais práticas.

Quadro 11 - Redes de Turismo de Base Comunitária na América Latina

NOME	OBJETIVO	DESCRIÇÃO
Red de Turismo Rural de Base Comunitaria (HUELLA GAUCHA) Argentina – 2004	Consolidar os empreendimentos que já operam o TBC, mediante ações de capacitação, assessoria, gestão de fundos e promoção de <i>marketing</i> .	Constitui-se como uma Associação de Produtores <i>La Huella Gaucha</i> , que conta com o apoio da Secretaria de Turismo provincial, e desenvolve a prática do turismo comunitário.
Red. Argentina de Turismo Rural Comunitário (RATURC)	Contribuir para o desenvolvimento local, mediante o fortalecimento da autogestão comunitária do turismo, sustentado nos princípios de reciprocidade e participação.	Organização de alcance nacional, que possui uma central de comunicação administrada pelo Ministério do Turismo da Argentina.

Argentina – 2006		
Red de Turismo Campesino Valles Calchaquíes de Salta Argentina – 2008	Promover a autogestão da operação do turismo responsável e venda dos artesanatos, com base nos princípios da economia social, do respeito à diversidade e à equidade social.	Cooperativa que oferece serviços de turismo rural comunitário e diversos produtos artesanais. Funcionando em sistema de rotação dos serviços turísticos.
Red Boliviana de Turismo Solidario y Comunitario (TUSOCO) Bolívia – 2006	Apoiar o desenvolvimento de iniciativas e empreendimentos de turismo solidário comunitário que se configuram nas comunidades rurais da Bolívia, em particular as campesinas e indígenas.	As atividades desenvolvidas para o fortalecimento do trabalho dos empreendimentos associados, tanto no aspecto organizacional quanto na melhoria dos seus serviços; à comercialização dos roteiros por meio da agência <i>Tusoco Viajes</i> ;
Red de Turismo Comunitario del Lago Titicaca (APTHAPI) Bolívia – 2009	Reunir as comunidades para compartilhar aprendizagens e conhecimentos, capacidades operativas.	Rede de associações de empreendimentos turísticos comunitários, que oferta serviços de turismo.
Rede Brasileira de Turismo Solidário Comunitário (TURISOL) Brasil – 2003	Fortalecer o turismo de base comunitária no país, com enfoque na formação e na capacitação dos integrantes da rede, por meio de eventos e encontros de formação;	Rede informal formada pela união de diversas organizações com atuação em projetos de turismo solidário que buscam trocar experiências, fortalecer as iniciativas existentes e despertar outras comunidades para a construção de um turismo diferente.
Rede Cearense de Turismo Comunitário (TUCUM) Brasil – 2008	Fortalecer as iniciativas de TBC no estado do Ceará. Baseada nos princípios de solidariedade, distribuição equitativa de renda, valorização da produção, da cultura e da identidade local e da sustentabilidade socioambiental.	Rede informal, cuja agenda inclui ações para o fortalecimento dos grupos fragilizados; a busca pelo acesso às políticas públicas; a valorização dos eventos culturais locais; a ação de mobilização ambiental.
Red de Parques Indígenas del Mapu Lahual Chile – 2001	Preservar as florestas da Cordilheira da Costa para as futuras gerações, resgatar e valorizar os conhecimentos tradicionais e gerar alternativas de renda para as famílias das comunidades locais.	Conjunto de comunidades locais, que utilizam o ecoturismo como estratégia de desenvolvimento político-territorial e fomento produtivo, em uma região de elevada biodiversidade.
Consórcio Cooperativo Red. Ecoturística Nacional (COOPRENA R. L) Costa Rica – 1994	Fomentar o desenvolvimento sustentável a partir da base associativa e das comunidades rurais, por meio de estratégias que utilizam o turismo como alternativa para o desenvolvimento local.	Suas ações estratégicas são voltadas para o apoio técnico fortalecimento de capacidades locais, do mercado e da comercialização do turismo por meio da sua própria agência de viagens <i>Simbiosis Tours</i> .

Red Indígena de comunidades del Alto Napo para la Convivencia Intercultural y Ecoturismo (RICANCIE) Equador – 1993	Desenvolver ações para a proteção dos recursos naturais e culturais, a melhoria da qualidade de vida das famílias <i>Quichuas</i> , o fortalecimento da autoestima dos moradores locais e a promoção de uma alternativa à agricultura intensiva, oferecendo serviços turísticos comunitários.	Em 2007, a RICANCIE se converteu na <i>Corporación Provincial de Turismo Comunitario de Napo</i> , sendo líder e pioneiro na prestação de serviços turísticos comunitários na Amazônia Equatorial.
Red Provincial de Imbabura (RUNATUPAR I) Equador – 2001	Conectar visitantes e moradores, facilitar uma aprendizagem mútua, e implementar o “turismo sustentável”, evitando a degradação da natureza e valorizando a cultura indígena e local.	Uma operadora de turismo comunitário que desenvolve o TBC na região, com o pressuposto da participação ativa das comunidades rurais, buscando criar novas fontes de renda e trabalho.
Red de Turismo Comunitario Huataraco Suno (RETHUS) Equador – 2008	Promover o desenvolvimento de suas comunidades, por meio do turismo comunitário, segundo os princípios da sustentabilidade.	Operadora de promoção de programas orientados a facilitar a observação e o contato com a natureza, e a conhecer e valorizar a cultura tradicional.
Red de Turismo Comunitario Garífuna (MUTU) Honduras – 2001	Lutar em defesa do território ancestral da comunidade Garífuna e resistência à pressão internacional dos projetos de complexos hoteleiros e à especulação imobiliária.	Organização que, desenvolve projetos, cujos atores têm alguma forma de protagonismo, a partir da compreensão do turismo comunitário como uma alternativa para a geração de emprego digno.
Red Indígena de Turismo de México (RITA) México – 2002	Promover e fortalecer a sustentabilidade dos serviços turísticos indígenas, para a conservação do patrimônio cultural e ambiental, como bases para o desenvolvimento do “ <i>bien vivir</i> ”.	Associação civil de empresas, que busca fazer com que os seus associados avancem no exercício dos direitos fundamentais, especificamente, dos povos indígenas.
Red de Turismo de Chiapas Ecotours y Etnias (SENDASUR) México – 2006	Promover um turismo alternativo e respeitoso com a natureza e os homens e mulheres que a habitam;	Agência de viagens que opera em San Cristobal de las Casas, Chiapas, ofertando pacotes de viagem aos 16 centros ecoturísticos.
Red. Nicaragüense de Turismo Rural Comunitario (RENITURAL) Nicarágua – 2005	Promover a gestão e o fortalecimento de iniciativas turísticas comunitárias, que estão operando nas áreas rurais de Nicarágua.	O TBC se desenvolve no sentido da gestão e da propriedade privada e comunitária, valorizando os povos, a natureza, a cultura, as tradições, o patrimônio arqueológico.

Fonte: Adaptado pela autora (2019), com base em Moraes, Irving e Mendonça (2018)

O Quadro 11 apresenta um panorama sobre as principais redes de colaboração que vem desenvolvendo experiências de Turismo de Base Comunitária em diversos países da América Latina, dentre eles o Brasil. Vale ressaltarmos que o leque de experiências do TBC nesses países não se esgota no quadro, pois cada uma das redes de colaborações expostas acima é formada

por inúmeras outras, as quais dão suporte. Além disso, destacamos a presença dos princípios que regem a atividade em todas as redes, cada uma adaptada e em sintonia com o seu contexto de desenvolvimento. Dito isto, entendemos a formação das redes como uma estratégia de fortalecimento para os locais envolvidos, podendo ainda ser entendida como uma forma de resistência ao turismo convencional, que na maioria de suas práticas explora as comunidades e as exclui de seus reais benefícios.

O processo de organização do TBC no Brasil, segundo Alves (2013, p. 84), “[...] comumente ocorre mediante a elaboração de projetos consistentes na apresentação de alternativas para comunidades carentes e com potencial para o turismo cultural, servindo de apoio na mobilização e formação destas em Turismo de Base Comunitária”. As comunidades envolvidas, em sua maioria são rurais, o que nos remete ao contexto de surgimento do mesmo, mas em menor proporção também organizam o TBC em áreas urbanas.

Conforme o MTur (BRASIL, 2010) em 2008 foram inscritos 500 e selecionados 50 projetos com propostas de Turismo de Base Comunitária, algumas destas com denominações diferenciadas, distribuídos nas cinco regiões do País conforme a Figura 17, para receber apoio financeiro do Ministério do Turismo. Os critérios para seleção basearam-se no atendimento as demandas das comunidades, que atuavam na gestão e oferta turística, foram priorizados projetos apresentados por organizações comunitárias (BRASIL, 2010). No Nordeste, merecem destaque Bahia e Ceará com maior número de projetos contemplados.

Figura 17 - Mapeamento dos projetos de TBC selecionados em 2008

**Projetos selecionados no âmbito
do edital de chamada pública
MTur/n. 001/2008**



Fonte: Bartholo, Sanzolo e Bursztyn (2009)

Na Bahia foram selecionados 4 projetos, apresentados no Quadro 12, os quais oferecem uma gama de opções de roteiros de aventura e vivências culturais. Em Lençóis, a trilha de Griôs com ricas manifestações culturais, preservadas pelos grupos de reisados, capoeira, maculelê, baianas e samba de roda e O Apoio ao Turismo de Base Comunitária oferecem esporte de aventura como – *rappel*, *cave jump* e tirolesa. Em Caravelas, As Ações Prioritárias para a Organização e Inserção Comunitária na Implantação e Gestão de Atividades Ecoturísticas no Complexo Estuarino de Cassurubá oferecem aos visitantes a possibilidade de realizar vivências culturais e canoagens, com belos recursos naturais. E por fim, na Costa do Cacau o projeto Base Local Ecoturismo – Promovendo o Turismo de Base Comunitária na Costa do Cacau oferecem atrativos culturais e naturais como as manifestações afro-brasileiras, ilhas flutuantes, as cachoeiras, manguezais, artesanato e culinária local.

Quadro 12 - Projetos selecionados pelo MTur na Bahia

PROJETOS	LOCALIDADES
Trilhas Griôs de Lençóis	Lençóis
Apoio ao Turismo de Base Comunitária	
Ações Prioritárias para a Organização e Inserção Comunitária na Implantação e Gestão de Atividades Ecoturísticas no Complexo Estuarino de Cassurubá.	Complexo Estuarino de Cassurubá – Caravelas
Base Local Ecoturismo – Promovendo o Turismo de Base Comunitária na Costa do Cacau	Costa do Cacau

Fonte: Elaborado pela autora (2020), com base em Brasil (2008)

Em 2009 o Edital MTur 2008, aprovou mais 6 propostas de projetos, e em 2010 ampliou os 6 para 22 iniciativas de Turismo de Base Comunitária no Brasil, alguns exemplo a seguir: Projeto Saúde e Alegria (PA), Acolhida na Colônia (SC), Rede Tucum (CE), Fundação Casa Grande (CE), Pousada Uricari – Reserva do Instituto Marimauá (AM), Associação dos Produtores Rurais do Assentamento Bela Vista (BA), Associação Rede Cananéia (SP), Cooperativa de produção agropecuária Canudos (MT), Centro Ecológico Aroeira (CE), Casa do Boneco de Itacaré (BA), dentre outros. Ainda de acordo com o MTur (BRASIL, 2010), umas das principais características dos projetos de TBC é a diversidade de experiências inclusive usando terminologias diferenciadas, que se reflete em termos geográficos, de organização das comunidades locais, das demandas turística, ou seja, acaba assumindo características do meio em que está sendo desenvolvida. Seguem no Quadro 13 alguns exemplos de experiência segundo MTur (BRASIL, 2010).

Quadro 13 - Exemplos de projetos de TBC no Brasil

PROJETOS	LOCALIDADES
Ecoturismo de Base Comunitária em Mamirauá desenvolvido pelo Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, localizado na área da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá.	Tefé (AM).
Turismo solidário e cultura popular nordestina, desenvolvido pelo Instituto Associação Zuzu Angel.	Maxaranguape (RN)
Turismo de Vilarinho – desenvolvido pela Associação dos Moradores da Comunidade de Cuiabá – Circuito dos Diamantes.	Gouveia (MG).
Nossa Terra, Nossa Arte, desenvolvido pelo Move 31.	Vila Velha, Fundão, Serra, Cariacica, Guarapari e Viana (ES).
Reviver Paquetá, desenvolvido pela Casa de Artes de Paquetá, localizado na Ilha de Paquetá.	Baía de Guanabara – Rio de Janeiro (RJ)
Turismo no Morrinho, desenvolvimento pela ONG Morrinho, na Comunidade Vila Pereira da Silva, o Pereirão.	Laranjeiras, zona sul – Rio de Janeiro (RJ).
Turismo de Base Comunitária nas comunidades de Rio Sagrado, desenvolvido pela Universidade Regional de Blumenau (Furb) na Área de Preservação Ambiental, Microbacia do Rio Sagrado.	Morretes (PR).
TBC na área de influência dos Parques Nacionais Aparados da Serra e Serra Geral, desenvolvido pela Associação dos Colonos Ecologistas do Vale Mampituba (Acevam)	Praia Grande e Jacinto Machado (SC).
Roteiro Caminhos Rurais - desenvolvido pela Cooperativa de Formação e Desenvolvimento do Produto Turístico (Coodestur).	Zona rural de Porto Alegre (RS).
Um vale verde de Verdade – desenvolvido pelo Instituto de Permacultura e Ecovilas do Cerrado.	Pirenópolis (GO).

Fonte: Elaborado pela autora (2020) com base em Brasil (2010)

O quadro acima exemplifica algumas experiências de TBC no Brasil. São experiências com características singulares do local onde são desenvolvidas. Retornando a Bahia, segundo, Alves (2013) existem algumas iniciativas por partes de grupos em alguns bairros de Salvador desenvolvendo o Turismo Comunitário. Observamos que não consta nenhuma experiência de TBC realizada no sertão baiano, o que para nós se configura como um desafio ao pensarmos na proposta de organização do mesmo no Povoado Alto, Sertão da Bahia.

Com isso, por entendermos que suas ações de fato estão pautadas nos princípios do TBC e da educação popular, num profundo respeito aos saberes das comunidades envolvidas nesta pesquisa, tomamos como referência e inspiração o projeto de pesquisa e extensão TBC Cabula, desenvolvido pelo grupo de pesquisa Sociedade Solidária, Educação, Espaço e Turismo (SSEETU) da UNEB criado em 2010 em Salvador/BA desenvolvido em 17 bairros do Antigo Quilombo Cabula (SILVA; MATTA; SÁ, 2016). O projeto possui um portal, chamado Portal

TBC Cabula, apresentado na Figura 18, que facilita o acesso dos interessados em informações e divulgações sobre as atividades.

Figura 18 - Página inicial do portal TBC Cabula



Fonte: TBC (2010)

Nesse sentido, consideramos necessário também apresentar outros exemplos de organizações do TBC no Brasil que tem utilizado as tecnologias como ferramentas para a difusão de seus atrativos, tendo em vista que nossa proposta de organização do TBC no Povoado Alto propõe a utilização do *Blog Alto*, o Meu lugar no Sertão como elemento difusor da história, cultura e também dos atrativos locais.

Dentre os exemplos, citamos a Acolhida na Colônia, uma associação de agroturismo fundada em 1996, no território das Encostas das Serras Geral em Santa Catarina, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida dos agricultores associados, diversificando suas propriedades e as alternativas de renda, utilizando a prática do agroturismo como renda complementar e estratégia para diminuir o êxodo rural. O acesso ao site Acolhida na Colônia possibilita aos visitantes as principais informações sobre a associação, além de imagens e materiais sobre os locais como podemos ver na Figura 19, trilhas e atividades que chamam atenção e certamente contribuem para o desejo de visitá-las presencialmente.

Figura 19 - Página inicial do site Acolhida na Colônia



Fonte: Acolhida na Colônia (1999)

Outro exemplo é o Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, uma organização social fomentada e supervisionada pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, criado em 1999, e desde então desenvolve atividades de apoio e assessoria a comunidades incentivando iniciativas de Turismo de Base Comunitária, na região do Médio Solimões no estado do Amazonas. É sem dúvida um exemplo de utilização de *sites*, como podemos ver na Figura 20, e páginas em redes sociais como meio para difusão de suas atividades e serviços turísticos.

Figura 20 - Página inicial do programa de TBC do Instituto Marimauá



Fonte: INSTITUTO MAMIRAUÁ (1998)

A rede TUCUM e a TURISOL também entram no leque de importantes exemplos de desenvolvimento de TBC no Brasil, alguns já mencionados no Quadro 13; os mesmos também investem no uso das mídias sociais, *blogs e sites*, os quais permitem aos visitantes acesso as principais informações, imagens e histórias que os mobilizam para querer conhecer tais lugares. Conforme podemos observar nas Figuras 21 e 22.

Figura 21 - Página inicial do site da rede TUCUM

Viajante Comunitário

Rede Tucum: uma história de colaboração e resistência

05/04/2016 - por Livia Priscilla



Fonte: VIAJAR VERDE (2016)

Figura 22 - Página inicial do site da TURISOL - Projeto Bagagem



Fonte: Projeto Bagagem (2002)

Para além destas iniciativas, acreditamos na possibilidade de outras comunidades em seu processo de organização do TBC poderem inserir as tecnologias digitais como ferramentas que podem auxiliar na difusão, organização, gestão e participação da comunidade local no desenvolvimento das atividades. A seguir, no Quadro 14, veremos o resumo dos princípios do TBC que serão utilizados na construção das estratégias de ação.

Quadro 14 - Princípios do TBC que serão utilizados na proposta educacional

Princípios do TBC	Descrição	Aplicação na proposta educacional
Autogestão	A comunidade tem total autonomia no planejamento, organização, efetivação e avaliação do TBC.	Rodas de conversa Roteiros <i>Blog</i>
Colaboração	Articulação entre os atores sociais para a organização do TBC e promover o bem estar coletivo da comunidade.	
Compartilhamento de saberes	Trocas de experiências e saberes horizontalmente, valorizando e respeitando os modos de vida e tecnologias sociais existentes na localidade.	
Desenvolvimento local sustentável	Práticas entre os sujeitos que favoreça a sustentabilidade das relações sociais e o desenvolvimento local, favorecendo a preservação do meio ambiente e a qualidade de vida do coletivo.	
Protagonismo da comunidade	Participação dos sujeitos locais em todas as fases de organização do TBC	
Solidariedade	Agir em prol do bem estar social.	
Valorização da história e cultura local	Valorização da história e cultura local com o objetivo de fortalecer a identidade e sentimento de pertencimento dos sujeitos locais.	

Fonte: Elaborado pela autora (2019)

Os princípios elencados no Quadro 14 representam nossas principais bases para o planejamento e desenvolvimento de ações no Povoado Alto. Logo, todo o processo de organização, planejamento e de ações do TBC devem estar pautados nos itens do referido quadro. Além disso, a proposta de TBC em si já se configura como desenvolvimento local ao valorizar os aspectos sociais, históricos, tecnológicos, educacionais culturais e econômicos. Com isso, a seguir apresentamos a perspectiva de desenvolvimento tal qual nos referimos. Em um diálogo com o que temos realizado com relação à proposta de educação para o Turismo de Base Comunitária no Povoado Alto.

3.3 DESENVOLVIMENTO LOCAL E TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA

Historicamente, o turismo convencional vem sendo atrelado à dimensão do desenvolvimento e crescimento econômico, como já discutimos anteriormente. Neste sentido, a Bahia apresenta-se como um importante exemplo desta perspectiva, tendo em vista que o turismo baiano foi impulsionado como um forte vetor econômico para o desenvolvimento do estado. Contudo, no que tange ao Turismo de Base Comunitária, nos referimos ao desenvolvimento local, um modelo alternativo ao convencional, que considera os aspectos do contexto social, histórico, cultural, ambiental e não apenas à esfera econômica.

Segundo Milton Santos (2002, p. 338-339) “a ordem global busca impor, a todos os lugares, uma única racionalidade. E os lugares respondem ao mundo segundo os diversos modos de sua própria racionalidade”. A busca pelo rompimento e por respostas contra as formas de dominação e imposições culturais e outras, são diversificadas, cada lugar responde de acordo com suas potencialidades. Tal pensamento corrobora com Contreras (1999), o qual critica de forma veemente os modelos desenvolvimentistas que obedecem a regras de imposições culturais e de estilos de vida, baseados na lógica de dominação e homogeneização cultural.

Assim sendo, salientamos que a perspectiva de desenvolvimento a qual nos referimos não condiz com lógicas de dominação em nome de um desenvolvimento que visa apenas os interesses das classes dominantes. Dialogando com as ideias de Marx e Engels (1999), ressaltamos a necessidade de lutar contra as formas de exploração dos grupos dominantes, os quais visam um acúmulo de riquezas desenfreado. Neste sentido, Dowbor (2017) afirma que a busca excessiva por um desenvolvimento baseado em acumulação de riquezas tem gerado problemas graves principalmente de ordem ambiental e social, contribuindo para uma sociedade cada vez mais desigual, com a concentração das riquezas na mão de uma minoria, que domina a maioria, dentre os quais muitos ainda morrem de fome.

De acordo com Braga e Selva (2016), é neste contexto de busca intensa por acumulação de riquezas, que na década de 1970 aumentam as preocupações sobre as consequências ambientais, sociais e culturais, oriundas dos modelos de desenvolvimento capitalistas vigentes. Assim, surgem discussões sobre a sustentabilidade (BRAGA; SELVA, 2016), apontando para a necessidade de se pensar em um tipo de desenvolvimento mais humanizado e que considerasse as questões ambientais e sociais. Tendo em vista que o desenvolvimento econômico não necessariamente garante a qualidade de vida dos sujeitos, mas que pode ainda gerar e acentuar as desigualdades e exclusão social, bem como a degradação do meio ambiente.

Para Dowbor (2017, p. 117) “[...] estamos destruindo o planeta em proveito de uma minoria, enquanto os recursos necessários ao desenvolvimento sustentável e equilibrado têm sido esterilizados pelo sistema financeiro mundial”. Contudo, esta perspectiva de desenvolvimento enraizada na lógica exploradora da sociedade capitalista, não condiz com os princípios emancipatórios das concepções de educação e Turismo de Base Comunitária. Por isso, adotamos a concepção de desenvolvimento local, a qual não coaduna com a produção e reprodução dessas desigualdades, ainda que de forma utópica busca superá-las.

A proposta de desenvolvimento local pode ser gerida e implementada em diversos lugares, desde assentamentos da reforma agrária, comunidades rurais até municípios e regiões de pequeno porte (BUARQUE, 1999). Contudo, é necessário entendermos alguns conceitos e

princípios que o regem, pois não se trata apenas de aplicar modelos e propostas prontas, afinal cada lugar tem suas potencialidades e especificidades. Ainda que para Sérgio Martins (2002) entender sobre desenvolvimento local e mais humanizado vai muito além de ser uma questão conceitual, mas envolve postura, sentimentos e principalmente, a valoração das pessoas e comunidades, com suas potencialidades e vocações.

Ainda segundo Buarque (1999, p. 9), o

Desenvolvimento local é um processo endógeno registrado em pequenas unidades territoriais e agrupamentos humanos capaz de promover o dinamismo econômico e a melhoria da qualidade de vida da população. Representa uma singular transformação nas bases econômicas e na organização social em nível local, resultante da mobilização das energias da sociedade, explorando as suas capacidades e potencialidades específicas.

O referido autor retrata com muita clareza os principais aspectos que caracterizam o desenvolvimento, com destaque para o caráter endógeno, o protagonismo dos sujeitos locais, ou seja, a efetiva participação da comunidade como as bases centrais deste processo. Logo, o desenvolvimento local está associado às iniciativas coletivas e inovadoras de comunidades, articulando suas potencialidades considerando as condições e demandas do contexto local (BUARQUE, 1999). Dessa forma, destacamos a importância da realização do levantamento do contexto sócio-histórico da localidade onde será “implementado” o desenvolvimento local, pois, este deve nascer, estar articulado e pensado de acordo com a realidade da comunidade.

Desse modo, contrapondo as ideias capitalistas, buscamos pensar em outras possibilidades, o que Boaventura de Sousa Santos (2002) chama de desenvolvimento alternativo, em que a comunidade não seja apenas objeto de exploração. O que corrobora o pensamento de Max-Neef (2012, p. 46) ao discutir os processos de desenvolvimentos direcionando-os para satisfação das necessidades fundamentais do ser humano defendendo que “[...] o desenvolvimento [...] não pode, por definição ser estruturado de cima para baixo. Não pode ser imposto por leis ou decretos. Pode apenas emanar diretamente das ações das expectativas e da consciência criativa e crítica dos próprios protagonistas”. Por conseguinte, faz-se necessária a participação dos sujeitos locais de maneira ativa em todo o processo de tomada de decisões e ações.

Reafirmando a importância da participação e do engajamento dos sujeitos locais Sérgio Martins (2002, p. 52) afirma que “O verdadeiro diferencial do desenvolvimento local não se encontra em seus objetivos (bem-estar, qualidade de vida, endogenia, sinergias, etc.), mas na postura que atribui e assegura à comunidade o papel de agente e não apenas beneficiária do

desenvolvimento”. No entanto, esta participação deve ocorrer de forma consciente, crítica, dialógica, e, sobretudo, democrática, atentando-se para a vocação e dificuldades dos envolvidos. Para Nunes *et al.* (2007, p. 60) “[...] o valor da participação comunitária se intensifica, quando esta não é apenas um meio, mas também uma das principais finalidades”. Por isso, relembramos que o desenvolvimento local exige uma postura de confiança nos sujeitos envolvidos em uma relação horizontal, valorizando e respeitando as opiniões, de maneira mais qualitativa do que quantitativa como é comum no modelo convencional.

Diante disso, corroborando com os autores citados acima, para Menezes e Campos (2013, p. 49) “o conceito de desenvolvimento deve estar pautado na valorização simultânea dos recursos naturais, e, sobretudo, na valorização das potencialidades humanas”. Podemos dizer que há uma relação de coerência entre os princípios da educação, Turismo de Base Comunitária e desenvolvimento local, os quais primam pela valorização dos saberes locais, a solidariedade e o bem-estar coletivo, dialogando com a ideia de que o desenvolvimento se refere às pessoas. Consequentemente, o melhor processo para uma comunidade não é aquele que gere mais lucro, e sim aquele que possibilitar melhorias na qualidade de vida das pessoas (MAX-NEEF, 2012).

Nesse contexto, entendemos que há uma convergência e articulação entre os princípios do Turismo de Base Comunitária e o desenvolvimento local, necessários para se pensar em processos de melhorias nas condições vida e existências das pessoas. Assim como o TBC, segundo Mance (2008, p. 3), o desenvolvimento local:

Considera todos os fluxos que atravessam um território: a) sejam naturais – chuvas, rios, ventos, energia solar, as cadeias do ecossistema local; b) sejam econômicos – fluxos de consumo, produção, poupanças, circulação de bens e serviços nesse território, fluxos de valores monetários etc.; c) sejam fluxos culturais – conhecimentos, comunicação, linguagens, realimentação de padrões éticos e morais, aprimoramentos tecnológicos, fluxos de poder na dinâmica própria de manutenção das comunidades nesses territórios e de seus arranjos institucionais etc. Trata-se de considerar como esses fluxos podem ser aproveitados ou reorganizados de maneira sustentável para o bem-viver de todas as pessoas, transformando tanto os arranjos socio-produtivos injustos e danosos aos ecossistemas, em particular, quanto o conjunto das relações humanas, em geral, para que sejam ecologicamente equilibrados e eticamente solidários.

O autor faz considerações importantes sobre as dimensões que permeiam o desenvolvimento local, indo muito além dos aspectos econômicos, perpassando dimensões sociais, culturais, religiosas e ambientais. Corroborando com Souza (1997, p. 19) para o qual “[...] o desenvolvimento exige a consideração simultânea das diversas dimensões constituintes das relações sociais (cultura, economia e política), e também do espaço social e natural”. Neste

sentido, em sua essência o TBC também atende a estes princípios, considerando os fluxos que compõe o contexto da comunidade, oferecendo ainda a possibilidade de participação direta dos sujeitos autóctones, visando a prática de princípios que propicie benefícios para a comunidade local sem engessa-la.

Haja vista que, como afirma Max-Neef (2012, p. 26), “[...] os seres humanos e aquilo que os rodeia são partes de um fluxo que não pode ser imobilizado por modelos rígidos e estáticos”. Logo, não se trata de aplicar modelos prontos, e sim de pensarmos na organização do Turismo de Base Comunitária com ênfase nas características próprias do Povoado Alto, e nas demandas apontadas pela comunidade, com ações contextualizadas e inspiradas na realidade local. E dessa maneira gerar não apenas a superação ou minimização das carências materiais e desigualdades, mas principalmente, a valorização das qualidades e potencialidades do lugar, de suas tradições culturais e belezas naturais.

Contudo, para Dowbor (2006, p. 3) promover o desenvolvimento local “[...] não significa voltar às costas para os processos mais amplos, inclusive planetários: significa utilizar as diversas dimensões territoriais segundo os interesses da comunidade”. De maneira que a comunidade de fato seja a protagonista como autora do seu desenvolvimento, e não apenas objeto de enriquecimento das grandes empresas e grupos dominantes. Promover uma educação para o TBC é prover condições para a autogestão da comunidade, considerando que a educação muda às pessoas e, conseqüentemente os sistemas sociais e políticos. Mas, para isso é necessário pensarmos em formar pessoas para lutar pela superação das desigualdades sociais, superando a lógica desumanizadora do capital, que acentua ainda mais o individualismo e a busca exacerbada pelo lucro, na área do turismo principalmente. Buscando assim, a cidadania como meio de corrigir as diferenças sociais existentes, valorizando a igualdade e solidariedade, como meio de mobilizar a comunidade, enquanto grupo social (GOHN, 2005).

Diante disso, pensar uma educação para o turismo de base comunitária é também educar para o desenvolvimento local, numa perspectiva de que o desenvolvimento deve melhorar a vida das pessoas, de todas as pessoas, das que estão vivas hoje e das que viverão amanhã (FRANCO, 2000). No entanto, para que isso seja possível, assegurar o protagonismo dos sujeitos locais é indispensável, sobretudo para que eles escolham os caminhos a serem trilhados, de acordo com sua realidade. Nesse sentido, vale ressaltarmos que para Dowbor (2006, p. 1):

A ideia da educação para o desenvolvimento local está diretamente vinculada a esta compreensão, e à necessidade de se formar pessoas que amanhã possam participar de forma ativa das iniciativas capazes de transformar o seu entorno, de gerar dinâmicas construtivas. Hoje, quando se tenta promover iniciativas deste tipo, constata-se que não só os jovens, mas inclusive os adultos desconhecem desde a origem do nome da sua própria rua até os potenciais do subsolo da região onde se criaram.

Diante disso, não há como negar o potencial da articulação entre educação, segundo o viés da educação popular não formal, turismo de base comunitária e o desenvolvimento local. Pelo fato de apresentarem princípios convergentes, principalmente no que diz respeito à busca por transformação social, superação das desigualdades e melhoria nas condições de vida da comunidade. Para isso, reafirmamos a necessidade dos sujeitos conhecerem o contexto e a realidade em que vivem, a fim de criar estratégias para transformar a realidade, pois quem não conhece sua realidade não terá como operar sobre ela.

Com isso, entendemos que os processos de formação dos sujeitos são indispensáveis para a criação e execução de ações do TBC voltadas para o desenvolvimento local. Porém, devem estar vinculados à necessidade de formar pessoas críticas, participativas, ativas na busca por transformações do seu contexto. Como afirma Demo (2002, p. 33) “Muito mais grave do que ser ajudado pelos outros, é ser pensado pelos outros”. Logo, é da comunidade a condição de agente de mudança e não apenas de receptora passiva dos benefícios, pois ao invés de ficar à espera do desenvolvimento ocorrer de “fora para dentro”, acreditar e agir para que ocorra de dentro para fora. Mas, para isso é preciso ter a consciência de que podemos ser dono da nossa própria transformação econômica e social. O desenvolvimento não se espera acontecer, se faz.

Afora isto, acreditamos que neste contexto o TBC pode contribuir significativamente com o processo de desenvolvimento local do Povoado Alto, na perspectiva de Boaventura de Sousa Santos (2002), que defende um desenvolvimento pautado na igualdade e cidadania, incluindo os sujeitos marginalizados nas ações, e garantindo que a própria comunidade possa usufruir verdadeiramente dos resultados do seu desenvolvimento. É preciso pensar em uma educação para o Turismo de Base Comunitária, que contribua com o desenvolvimento local e consequentemente para melhorias nas condições de vida dos sujeitos, como veremos adiante.

4 A EDUCAÇÃO PARA O TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA

A educação é um campo muito amplo e abrange inúmeros processos que perpassam os muros da escola e os espaços formais. O significado da palavra educação induz a multiplicidade de conceitos e sentidos. Sua origem etimológica é derivada dos verbos latino *educare* que significa criar, nutrir, orientar, ensinar, treinar, conduzir e *educere* que significa extrair fazer nascer, tirar de, provocar a atualização de algo latente, promover o surgimento, de dentro para fora (ECCO; NOGARO, 2015).

A origem da palavra educação aponta para a diversidade de concepções e abordagens existentes, as quais se caracterizam de acordo com a intencionalidade e princípios de cada sociedade. Nenhuma concepção de educação é neutra, como afirma Freire (1979a, p. 40) “Falar de neutralidade da educação é expressar uma vontade de mistificação [...] educação procede de opções, de imagens, de uma concepção do mundo de determinados modelos de pensamento e de ação que se procura tornar aceitos como melhores que outros”. Neste sentido, o autor reforça a necessidade de conhecermos a abordagem que desejamos adotar, pois para ele a educação pode vincular-se a concepções e ações libertadoras ou opressoras.

Com isso, ressaltamos que diante do contexto da realidade do Povoado Alto e da proposta que pretendemos desenvolver, nossa abordagem a respeito de educação, está fundamenta na perspectiva Freiriana. Segundo Freire (1979b, p. 14):

Não é possível fazer uma reflexão sobre o que é educação sem refletir sobre o próprio homem. [...] começemos por pensar sobre nós mesmos e tratemos de encontrar, na natureza do homem, algo que possa constituir o núcleo fundamental onde se submete o processo de educação. Este núcleo seria o inacabamento ou a inconclusão do homem [...] Não haveria educação se o homem fosse um ser acabado.

O autor considera o homem um ser inacabado, que vive em constante busca de ser mais, o qual aponta ser esta a raiz da educação. Com isso, a educação frente a esta inconclusão pode ser entendida como um processo formativo contínuo presente em todos os espaços e relações sociais, abrangendo todos os processos de formação do indivíduo, o qual pode ocorrer nos mais variados espaços. Além disso, ao pensarmos no homem em constante busca de ser mais, entendemos que a educação, enquanto processo formativo, não é uma receita pronta, ao contrário deve ser criada e recriada de acordo com as especificidades do contexto dos sujeitos, por isso alguns autores fazem uso do termo Educações.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN), nº 9.394/96 em seu artigo 1º, estabelece que “A educação abrange processos formativos que se desenvolvem na vida familiar,

na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais” (BRASIL, 1996, p. 1). A educação se caracteriza como um processo contínuo, que se desenvolve a todo o momento em diversos espaços, e não está restrita aos ambientes escolares, mas também ocorre fora dele. O que confirma Brandão (1985, p. 7), para o qual:

[...] ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja, ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender - e - ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação? Educações.

Nesse sentido, entendemos que a educação pode ser considerada como um processo inerente à formação do ser humano, enquanto um ser de relações, assim, a educação é indissociável do ato de viver de cada sujeito. Portanto, onde quer que haja homens interagindo, a educação estará presente. Por isso, considerando que vivemos em uma sociedade contemporânea marcada pela diversidade, não podemos pensar em único modelo ou formato de educação engessado para sujeitos e contextos tão diferentes.

Desse modo, vale ressaltarmos que a educação, enquanto processo formal ou escolar, no Brasil, desde seu surgimento, era regida de acordo com os pensamentos da classe dominante, e excludente na medida em que era para um grupo específico de pessoas, como uma forma de manter a população menos favorecida em sua posição de dominada (BRANDÃO, 1985). O que confirma Matta (2005), segundo o qual, no Brasil por volta do século XIX, os únicos sujeitos com plenos direitos de cidadania, incluindo a educação, eram os grandes comerciantes e senhores de engenho. Porém, a necessidade educacional da sociedade senhorial estava voltada apenas para a reafirmação de poder da classe dos senhores.

Portanto, em oposição ao modelo de educação conservadora instaurado pela burguesia e confrontando as formas de opressão de dominação é que surge a educação popular (PEREIRA, 2014), com princípios contra hegemônicos, reconhecendo e valorizando a realidade, os saberes e os potenciais dos sujeitos envolvidos no processo educativo. Considerando o contexto sócio-histórico do Povoado Alto apresentado no capítulo 2, identificamos que os princípios da educação popular convergem com a proposta de educação para o Turismo de Base Comunitária que desenvolveremos com a comunidade, por isso, a seguir discorreremos sobre a educação popular como uma perspectiva da educação que seguiremos neste estudo.

4.1 EDUCAÇÃO POPULAR: DIÁLOGOS E APROXIMAÇÕES

Considerando que a educação é um campo amplo, que perpassa o processo de ensino aprendizagem em ambiente escolar, e permeia as ações de cada sujeito, entendemos que muitos dos processos educativos ocorrem através e nas relações sociais estabelecidas em ambientes extraescolares. Portanto, fora da escola atrelada à luta dos movimentos sociais e a cultura é que surgiu a educação popular por volta de 1960 (BRANDÃO, 1985; STRECK, 2010), a qual, desde seu surgimento, se configura como uma educação enraizada na luta, mesclada com a prática política dos movimentos sociais na busca por transformação social, resistindo às injustiças e faltas, na busca por melhores condições de vida e existência.

De acordo com Vasconcelos, Vasconcelos e Silva (2015, p. 96), a educação popular “[...] estruturou-se inicialmente na década de 60, no Brasil, a partir dos desafios trazidos pela alfabetização de adultos das classes populares, mas hoje é aplicado em todos os campos do agir humano”, não está restrita a área educacional, ao contrário se faz presente em diversos campos de luta e atuação dos movimentos sociais e iniciativas populares. Corroborando o pensamento de Freire e Nogueira (1993, p. 62) para os quais “a educação popular nascia não apenas da cultura de livros ou de museus, ela nascia da cultura que os movimentos populares usam e criam em suas lutas”, explicitando sua forte relação com os movimentos sociais e uma forte implicação com o contexto de vivência dos sujeitos.

No Brasil, a história do surgimento da educação popular segundo Tavares (2015) está relacionada com quatro principais movimentos sociais, fundamentais para o entendimento da mesma. A saber, o Movimento de Cultura Popular (MCP) criado em maio de 1960 em Recife, no qual predominou a pesquisa educacional que culminou na criação do método de Paulo Freire em 1962, com o objetivo de conscientizar classes populares através do método de alfabetização atrelado à cultura popular. A Campanha de pé no chão também se aprende a ler, criado em fevereiro de 1961 em Natal, com a proposta de erradicar o analfabetismo em Natal; O Movimento de Educação de Base (MEB), lançado pela conferência Nacional dos Bispos do Brasil em 1961, responsável pela educação das classes camponesas com a rede de escolas radiofônicas; e o Centro de Cultura Popular (MCP), criado pela União Nacional dos Estudantes (UNE) em 1961, politizando as questões sociais através do teatro de caixotinhos e edição de livros (TAVARES, 2015).

O objetivo destes movimentos era discutir os processos de desigualdades sociais que assolavam a sociedade brasileira, e incluindo os sujeitos excluídos e oprimidos da sociedade num “processo educacional, cultural e político” Tavares (2015, p. 53). Desse modo, estes

movimentos tiveram um importante papel na construção e consolidação da educação popular brasileira. Para Vasconcelos, Vasconcelos e Silva (2015, p. 96) a educação popular “[...] é fruto de um movimento social de intelectuais, ativistas e organizações coletivas, preocupadas e engajadas na luta pela justiça social, solidariedade e pelo protagonismo social dos que hoje são subalternos, marginalizados, oprimidos e empobrecidos”. A partir disso, entendemos que a educação popular visa desenvolver ações educativas com os sujeitos e não para os sujeitos, ou seja, as ações são construídas a partir de elementos que emergem do contexto, sendo a própria construção ou organização um processo educativo.

O uso dos princípios da educação popular faz todo o sentido para a nossa proposta de trabalho com o Povoado Alto. Visto que buscamos construir soluções dialogadas com os sujeitos, mas não somente isso, queremos mobilizá-los para ampliação dos laços de solidariedade, engajamento nas lutas e ações para melhorias das condições de vida na comunidade. Para Freire e Nogueira (1993, p. 66) “[...] através da educação popular as pessoas do bairro ou da favela aprendem a transformar suas dificuldades em melhor viver”. Contribuindo assim, para o aumento da consciência crítica e o protagonismo dos sujeitos locais, por meio de ações conjuntas e não de imposições de cima para baixo, ou seja, a partir de uma reflexão crítica sobre sua realidade e seus problemas e as possíveis soluções.

Em contraposição à educação construída com base nos princípios do capitalismo que reforça a lógica de dominação cultural e econômica, conduzindo sujeitos à individualidade e a negação de sua identidade, a educação popular visa romper com estes processos opressores e dominadores que geram conformismo e passividade. Como aponta o pensamento de Freire (1988, p. 79-80), ao propor uma prática educativa baseada em “uma educação pelo trabalho, que estimule a colaboração e não a competição. Uma educação que dê valor a ajuda mútua e não ao individualismo, que desenvolva o espírito crítico e a criatividade, e não a passividade.”. O autor ressalta o que podemos chamar de princípios da educação popular, enquanto processo contra hegemônico, que visa superar os efeitos da educação capitalista, numa perspectiva dialógica e problematizadora.

Nesse sentido, corroborando com as ideias de Freire (1988) sobre a não passividade dos sujeitos, Streck (2010, p. 300) afirma que:

A educação popular tem como uma de suas marcas acompanhar os movimentos de classes, grupos e setores da sociedade que entendem que o seu lugar na história não corresponde aos níveis de dignidade a que teriam direito. Isso pode significar a reivindicação de espaço na estrutura existente, mas pode também representar o engajamento na luta por rupturas e pela busca de novas possibilidades de organização da vida comum.

Em vista disso, podemos considerar que a mobilização através da educação popular visa romper com os processos de dominação, inércia e conformismo, que em alguns casos são reforçados pela escola e pela sociedade. Como afirma Mézaros (2008, p. 45) “[...] uma das funções principais da educação formal nas sociedades é produzir tanta a conformidade ou consenso for capaz, a partir de dentro e por meio dos seus próprios limites institucionalizados e legalmente sancionados”. A luta para a superação destes conformismos, ainda que de forma tímida, pode ser um dos resultados da educação popular na busca de direitos e novas alternativas de melhorias de vida e existência. Contudo, vale ressaltarmos que de forma nenhuma estamos nos opondo à escola ou à educação formal, o que defendemos é que a educação popular pode contribuir no sentido de complementariedade.

A educação popular, enquanto concepção de processo educativo, direcionado para classes populares se manifesta de maneiras diversas por estar pautada na realidade dos sujeitos envolvidos; é pensada de acordo com o contexto social, histórico e cultural em espaços formais ou não. Dessa maneira, não há unanimidade nas definições, conceitos e características correspondentes a educação popular, visto que a mesma apresenta muitas possibilidades de práticas em áreas diversas da vida humana buscando sempre contribuir para transformação social e a superação das desigualdades.

Porém, de acordo com alguns autores é possível apontarmos alguns princípios que permeiam a educação popular. Para Gadotti (2012, p. 26) “[...] um dos princípios originários da educação popular tem sido a criação de uma nova epistemologia baseada no profundo respeito pelo senso comum que trazem os setores populares em sua prática cotidiana, problematizando-o”. O respeito aos saberes dos sujeitos deve estar presente tanto na área de educação como em outras como a saúde, na qual percebemos um uso frequente da educação popular. As ações são planejadas considerando os saberes locais, ou seja, as práticas educativas estão relacionadas com a vida e cotidiano dos sujeitos, o que implica no compartilhamento de saberes e construção de conhecimentos e não de imposição.

As ideias do autor citado dialogam bem com Brandão (1998, p. 51) para o qual a educação popular “[...] se caracteriza como uma entre outras práticas sociais cuja especificidade é lidar com o saber, com o conhecimento”. Assim, sua principal característica é a relação com os setores marginalizados pela sociedade, na medida em que reconhece a legitimidade dos saberes produzidos por estes sujeitos no meio em que vivem (WEYH, 2005). Diante disso, podemos afirmar que a educação popular se caracteriza como uma prática educativa problematizadora e emancipadora, transformando as dificuldades em ações e busca por soluções visando o

desenvolvimento de um olhar crítico dos sujeitos e incentivando o diálogo e a participação comunitária. Desse modo, contrapondo-se a prática da educação bancária, a qual segundo Freire (1996) considera o sujeito como um mero receptor de informações.

Nessa perspectiva, os princípios que norteiam a educação popular pautadas nas ideias Freiriana “[...] defendem que a elaboração teórica baseada na realidade do povo é um resgate de sua cultura e de suas relações sociais e de trabalho” (PEREIRA, 2014, p. 4). Desse modo, entendemos que o trabalho com a educação popular corrobora com a proposta de Turismo de Base Comunitária, no sentido da valorização e construção da história e cultura local. Para além disso, a educação popular defende ainda os princípios de democracia, solidariedade, o diálogo, a coletividade, o engajamento dos sujeitos na luta por garantias de direitos na busca pela superação das desigualdades e justiça social. O que para nosso estudo são indispensáveis, pois desenvolver ações de educação para mobilizar a comunidade local e para isso a valorização dos sujeitos e seus saberes é algo fundamental, partindo da problematização e estudo da sua realidade, para buscar soluções e transformá-la.

Ademais, como a educação popular pode ser desenvolvida em inúmeras áreas, contextos e ambientes, sejam eles formais ou não, é importante compreendermos como esta educação é concebida em espaços não formais, nos quais atuaremos, como veremos a seguir.

4.2 EDUCAÇÃO FORMAL E NÃO FORMAL

Como já discutimos anteriormente, a educação é um processo inerente à vida humana, considerando a condição de inconclusão e incompletude do homem apontada por Freire (1979b). A constante busca do homem por ser mais, não se restringe apenas ao ambiente escolar, mas, está presente em todo e qualquer espaço em que haja homem, seres inacabados, interagindo uns com os outros. Neste sentido, Gohn (2004) contesta a ideia dominante de restringir os processos educacionais aos espaços escolares, que produz a ideia de que somente nestes acontecem os processos de aprendizagem, ou validando apenas os conhecimentos e saberes oriundos da escola. É preciso ampliarmos nosso entendimento de que a educação, a construção de saberes e aprendizagem, ocorrem nos mais variados espaços, sejam eles formais ou não formais.

Diante disso, nas diferentes dimensões dos processos educativos, pelos quais a educação popular pode atuar, encontramos algumas divergências entre autores ao definir as formas ou tipos de educação em relação aos espaços onde ocorrem, a saber: formal, não formal e informal.

Para o autor José Carlos Libâneo, a diferenciação entre estes tipos de educação, se dá em relação às suas intencionalidades, ou seja, a educação não intencional, também chamada de informal e a educação-intencional, que se desmembra em outras duas formas: a educação formal e a não formal (LIBÂNEO, 2010). Entendemos que para o referido autor a educação informal é aquela que ocorre espontaneamente na vida social dos sujeitos, sem um tipo de planejamento prévio, em casa, na rua, na igreja, no trabalho e até mesmo na escola. Enquanto a formal e não formal seriam planejadas e pensadas previamente.

Segundo Gohn (2014, p. 38), “[...] a educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados; a informal como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização – ocorrendo em espaços da família, bairro, rua, cidade, clube, espaços de lazer [...]” que pode ter intencionalidade ou não. Enquanto a não formal, é definida como “aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas” (GOHN, 2014, p. 38). A qual possui uma intencionalidade, ainda que não seja rigorosamente pré-definida como a formal. Nesse sentido, corroborando as ideias de Libâneo para a referida autora o que diferencia a educação não formal e a informal, é intencionalidade. Logo, entendemos que a educação informal já está integrada no processo denominado de educação não formal.

Já para Gadotti (2005, p. 2) “[...] a educação formal possui objetivos e meios claramente definidos e tem como local de ocorrência principal, o ambiente escolar”, logo, pode ser entendida como um processo mais hierarquizado, burocrático e com um currículo pré-estabelecido por instituições responsáveis pela sua fiscalização e manutenção. No tocante à educação não formal, caracteriza-se por sua flexibilidade em relação ao tempo de aprendizagem, bem como aos múltiplos espaços em que esta ocorre (GADOTTI, 2005), além de ser mais difusa e ocorrer valendo-se de um menor grau de sistematização e de burocratização. O autor considera ainda que o uso do termo Educação informal é inapropriado, pois qualquer educação é parcialmente formal e intencional, variando de objetivos e intenções de acordo com o espaço em que ocorre, logo, a educação não formal já engloba os processos que muitos chamam de informal.

Conforme o exposto, constatamos que assim como a educação popular, as definições e concepções a respeito da educação formal e não formal variam muito. Por isso, optamos por adotar o viés da educação não formal, por entendermos que esta é uma ferramenta importante no processo de formação e construção da cidadania das pessoas, em qualquer nível social ou de escolaridade. De acordo com Gohn (2014, p. 42) “a educação não formal tem seu próprio

espaço- formar cidadão, em qualquer idade, classe socioeconômica, etnia, sexo, nacionalidade, religião etc., para o mundo da vida”. Pelo fato de ser menos estruturada e mais flexível, possibilita uma infinidade de maneiras de ser desenvolvida para conseguir atingir a atenção e o imaginário dos jovens e adolescentes, os sujeitos do nosso estudo.

Isto posto, pretendemos pautar nossas ações na educação não formal na perspectiva da educação popular, priorizando sempre a voz dos sujeitos enquanto cidadãos dotados de saberes. Concordando assim com o que é defendido por Arroyo (2009) para o qual a educação popular se propõe a tirar o povo do silenciamento e ocultamento a que estava submetido na ciência, principalmente. Ou seja, tirar do silenciamento, dando a voz a estes sujeitos marginalizados, considerados incultos, atrasados, que diferentemente dos estereótipos acerca das pessoas que habitam o meio rural, estes são dotados de muitos saberes e conhecimentos, que devem ser ouvidos, validados, valorizados e, sobretudo, respeitados.

Diante disso, para Freire (1979a, p. 33) “Ser silencioso não é não ter uma palavra autêntica, mas seguir as prescrições daqueles que falam e impõem sua voz”. Tirar do silenciamento pode ser entendido também como promover e construir ações de mobilização dos sujeitos para que estes se conscientizem e se posicionem de forma crítica para a transformação da realidade, na qual estão inseridos. E dessa forma, romper com as imposições culturais e ideológicas que tentam homogeneizar os modos de vida, para um jeito certo de falar, de comprar, de viver, de se vestir. Logo, sair do silenciamento é dizer a sua palavra de forma autêntica, valorizando sua origem, história e cultura.

Nesse caso, a flexibilidade da educação não formal permite ainda que a voz destes sujeitos seja não somente ouvida, mas amplificada, na medida em que possibilita a inserção de seus saberes no processo de ensino e aprendizagem. Estabelecendo uma relação em que “o homem deve ser o sujeito de sua educação. Não pode ser objeto dela” (FREIRE, 1979b, p. 14), ou seja, os sujeitos participam ativamente do planejamento e construção da proposta educacional, de sua execução e da avaliação dos resultados. É desta maneira que desenvolveremos nossa proposta de educação para o Turismo de Base Comunitária.

Logo, a educação não formal é muito relevante para a produção de saberes dos sujeitos envolvidos, segundo Gohn (2014, p. 47):

A educação não formal contribui para a produção do saber na medida em que ela atua no campo que os indivíduos atuam como cidadãos. [...], produz conhecimento pela reflexão, faz o cruzamento entre saberes herdado e saberes novos adquiridos. Trata-se de um processo sociocultural e histórico que ocorre de modos distintos e por meio de pedagogias e mecanismos próprios em cada cultura.

A autora ressalta mais uma vez a forte ligação entre a educação não formal e o contexto de vivência e atuação dos sujeitos. O processo sociocultural e histórico, ao qual se refere, configura-se como educativo, na medida em que saberes são construídos e reconstruídos a todo instante, pois enquanto vivem e se relacionam os sujeitos, ensinam e aprendem. Com base nisto, ao entendermos a relevância do contexto sócio-histórico para a perspectiva da educação popular e não formal, na construção do capítulo 2, ouvimos os habitantes da comunidade, pois ninguém melhor que eles para falarem de sua história, de seus saberes e das tensões sociais do lugar onde vivem.

Por fim, em diálogo com as ideias de Brandão (1998) e com base nos elementos sociais, culturais e educacionais que emergiram do contexto sócio-histórico do Povoado Alto, entendemos ser adequado o uso da educação popular numa perspectiva não formal, como uma concepção de educação emancipatória que valoriza e respeita os saberes populares, seus aspectos políticos, sociais, tecnológicos, econômicos e culturais, considerando seus conhecimentos prévios para a construção de novos saberes. Sobretudo, por que as características da educação popular dialogam e convergem com os princípios que regem o Turismo de Base Comunitária, para o qual construiremos uma proposta educativa de organização e implementação no Povoado Alto.

Nesse sentido, entendemos que a educação Popular é devidamente apropriada para o estudo. Contudo, para promovermos ações e mudanças com e na comunidade é imprescindível o envolvimento e engajamento dos seus habitantes, como diz Gadotti (2012, p. 26) “[...] mudar o mundo depende de todos nós: é preciso que cada um tome consciência e se organize”. Para isso, como já afirma o referido autor, é necessário que os sujeitos envolvidos conheçam sua realidade e se posicione frente a ela, inclusive para reivindicar seus direitos frente aos poderes públicos. Para tanto, devemos considerar seus conhecimentos prévios, seu saber popular para construir novos saberes na busca por soluções de melhorias para sua realidade.

Ademais, promover ações de educação popular junto com a comunidade é uma possibilidade de articular os sujeitos para pensar em seu próprio caminho de desenvolvimento, assumindo uma posição ativa e engajada na sociedade local, princípios indispensáveis também para a organização do Turismo de Base Comunitária. De acordo com Dowbor (2006, p. 2) “a educação não deve servir apenas como trampolim para uma pessoa escapar da sua região: deve dar-lhe os conhecimentos necessários para ajudar a transforma-la”. Portanto, a educação deve servir para contextualizar os sujeitos sobre a realidade que os cercam, visando compreender sua história e suas potencialidades. Logo, pensar a educação para o Turismo de Base Comunitária

tem como objetivo despertar os sujeitos para as potencialidades do lugar onde vivem, é pensar no que Freire (1987) chamou de pedagogia enraizada no contexto da cultura local.

Portanto, visto que ainda de acordo com Dowbor (2006, p. 1) o desenvolvimento “[...] necessita cada vez mais de pessoas informadas sobre a realidade onde vivem”. É preciso conhecer para agir sobre o que se quer transformar, logo, sem o conhecimento do contexto e da realidade local, não há como pensarmos na organização do Turismo de Base Comunitária. Por isso a seguir apresentamos a potencialidade do uso das tecnologias com os princípios da educação popular, sendo este um dos caminhos possíveis para a construção de uma proposta de educação para o Turismo de Base Comunitária com as cores, sons, caras, saberes e sabores do Alto, o nosso lugar Sertão.

4.3 ALTO, O MEU LUGAR SERTÃO E AS TECNOLOGIAS EDUCATIVAS

A educação popular conhecida pelas contribuições na formação cidadã dos sujeitos na luta por direitos e justiça social, sobretudo na perspectiva não formal, não pode estar alheia às transformações tecnológicas da atual sociedade contemporânea. Desde o surgimento dos computadores e a criação da *internet* novas possibilidades de relações têm se estabelecido, caracterizando o que Castells (1999) chama de sociedade em rede, pessoas de diversas partes do mundo conectadas pela rede de computadores, com múltiplas possibilidades de interação e compartilhamento de saberes. Com isso, podemos afirmar que as tecnologias da informação e comunicação (TICs), têm criado novos espaços virtuais de diálogos e aprendizagens, os quais se utilizados adequadamente podem potencializar os processos educativos, bem como os movimentos e iniciativas populares.

Nesse sentido, entendemos que as novas tecnologias influenciam diretamente a sociedade e, conseqüentemente a educação, seja ela formal ou não. Contudo, de acordo com Castells (2005, p. 17), “A sociedade é que dá forma à tecnologia de acordo com suas necessidades, valores e interesses das pessoas que utilizam as tecnologias”. Assim, tanto na sociedade como um todo, como na área de educação, a maneira como determinados recursos tecnológicos são utilizados varia de acordo com as necessidades e interesses de cada comunidade ou grupo social. Desse modo, o que caracteriza ou influencia os resultados das TICs no campo educacional é a maneira como este uso é planejado e executado, bem como os seus objetivos e interesses.

Por isso, concordamos com Adams e Streck (2010, p. 124) para os quais “[...] a tecnologia não é nem boa nem má, mas ela não é neutra. Seus benefícios ou malefícios dependem, em

parte das intencionalidades”. Logo, entendemos que se a educação não é neutra (FREIRE, 1996), a tecnologia tampouco é. Sendo assim, no âmbito educacional, na perspectiva da educação popular tanto no âmbito formal ou não formal, as TICs podem ser utilizadas com intenções de dominação e alienação, como também educativas para promover a emancipação e autonomia dos sujeitos, podendo ser forte aliada dos movimentos sociais na articulação de lutas contra a imposição dos poderes hegemônicos e a negação de direitos, bem como na difusão e desenvolvimento de iniciativas populares, como a que pretendemos desenvolver no Povoado Alto.

Os novos formatos de comunicação em rede, com “[...] a lógica do funcionamento das redes, cujo símbolo é a *internet*, tornou-se aplicável a todos os tipos de atividades, a todos os contextos e a todos os locais que pudessem ser conectados eletronicamente” (CASTELLS, 1999, p. 89). Criando assim uma verdadeira teia mundial, possibilitando a interação entre as pessoas sem nenhuma restrição de fronteiras geográficas, facilitando o acesso, compartilhamento e construção de saberes. Corroborando as ideias de Matta (2006, p. 25) que define este novo formato de comunicação, interação e cultura digital como “[...] uma prática cultural contextualizada pela emergência de ambientes informatizados”. Porém, não podemos desconsiderar que em uma sociedade desigual, segregadora e excludente como a que vivemos, nem todos tem acesso às novas tecnologias.

Diante disso, considerando as múltiplas possibilidades de uso, é que identificamos o quão pode ser proveitoso utilizar as TICs, enquanto tecnologia educativa no desenvolvimento de educação para o Turismo de Base Comunitária no Povoado Alto, o qual dispõe de *internet* desde 2011. Tendo em vista que conforme Luciana Martins *et al.* (2018, p. 47) “a organização do TBC oportuniza profícuas e autênticas construções relacionadas à história local”, potencializando assim, variadas formas de compartilhamento destes conhecimentos históricos, por meio de rodas de conversas com os sujeitos locais engajados. Além de atividades em escolas ou grupos locais com a criação de elementos mediadores como jornais, *sites*, *blogs*, páginas em redes sociais, jogos e aplicativos.

Contudo, atrelar ações de educação popular com as novas tecnologias não é fácil. Segundo Adams e Streck (2010, p. 125)

um dos desafios centrais da Educação Popular frente às novas tecnologias é a de integrá-las na prática educativa como mediações pedagógicas instituinte de novas relações aprendentes, solidárias, que contribuam no processo de construção de compreensões transformadoras.

Dito de outro modo, a tecnologia entra como um suporte no processo de mediação, possibilitando interações que permitem uma relação horizontal no processo de ensino-

aprendizagem, mas inúmeras são as possibilidades de formas para integrá-las no processo educativo e o *blog* é uma delas.

É necessário apontar que o *Blog*, definido por Recuero (2008, p. 3) como “uma ferramenta, capaz de gerar uma estrutura característica, constituída enquanto mídia, ou seja, enquanto ferramenta de comunicação mediada pelo computador” pode ser uma opção importante, considerando a existência e contribuições do *blog* Alto: o meu lugar no Sertão, construído coletivamente a partir de uma demanda sobre o conhecimento da história local no Povoado Alto. E tem sido muito importante no processo de difusão e construção coletiva da história pública do lugar onde vivemos, pois ajudará a compor nossa proposta de educação para o Turismo de Base Comunitária.

Dentre os vários tipos de *Blogs* discutidos por autores como Recuero (2008) e Primo (2008), Alto: O meu lugar no Sertão, está inserido numa proposta grupal, ou seja, aquele produzido por mais de uma pessoa com interesses em comum, no qual as postagens são feitas por um dos blogueiros, individualmente ou em grupo, onde todos os autores assinam o trabalho desenvolvido (PRIMO, 2008). Constitui-se como uma ferramenta que possibilita a aprendizagem de forma colaborativa. Dessa forma, a relevância deste trabalho construído coletivamente com base nos princípios da educação popular é reafirmada por Matta (2004, p. 434) ao dizer que:

[...] a informatização da sociedade pode ser interpretada como uma demanda por abordagens menos individualistas e voltadas para maior e crescente esforço por colaboração[...] as tecnologias da informação são respostas claras da práxis humana para essa demanda por colaboração e interação entre os diversos atores individuais, sejam empresas, ONGs, setor público, ou simples sujeitos singulares.

Para, além disso, o *blog* Alto: o meu lugar no Sertão representa a possibilidades de uso contra hegemônico das tecnologias, sendo utilizado como um importante recurso no processo de educação para o Turismo de Base Comunitária, considerando os princípios da educação popular e do sociocontrutivismo. Configurando-se como espaço de diálogo na comunidade e de interação entre os saberes dos mais velhos presentes através dos relatos de entrevistas e a juventude, que questiona, sugere e assim juntos vão construindo e reconstruindo a história local.

Por isso concordamos com Adams e Streck (2010, p. 125) para os quais devemos “[...] valorizar a tecnologia, para com ela, ampliar as possibilidades dos processos educativos emancipadores, superando as absolutizações, os dogmatismos e oportunizando uma (re) construção abrangente e solidária de saberes”. Logo, não devemos negligenciar o potencial do uso das TICs e do *blog* como uma ferramenta de apoio na proposta de promover

colaborativamente ações de educação para o Turismo de Base Comunitária. Desenvolvendo a formação dos sujeitos fazendo uso de recursos tecnológicos, mas, principalmente utilizando estes para valorizar e potencializar as tecnologias sociais, as tradições e os saberes existentes na comunidade.

Nesse sentido, consideramos necessário destacar a abordagem socioconstrutivista, utilizada como base para a construção do *blog* por considerá-la como a mais adequada para os processos que já desenvolvemos e que pretendemos dar continuidade com e através do *blog*. Com base nos estudos de Vygotsky discutidos por La Taille, Oliveira e Dantas (1992), o socioconstrutivismo defende que o aprendizado se dá na relação do sujeito com o seu meio, ou seja, o ser se constitui enquanto sujeito na sua relação com o outro ser social. Logo, um dos principais conceitos de Vygotsky é o de mediação, um dos princípios adotados para elaboração do *blog*, o qual se configurou como um dispositivo de mediação da aprendizagem e de construção de novos saberes e questionamentos dos sujeitos que o visitam.

Corroborando com Matta (2006) ao considerar os computadores e sistemas em rede como ambientes capazes de mediar a atuação do pensamento do sujeito, e, portanto, mediar a aprendizagem. Entretanto, para além do aprendizado dos conteúdos expostos nas páginas do *blog*, a partir das interações dos sujeitos, novos saberes e conhecimentos têm sido construídos e sugeridos, acarretando a necessidade de abordar e aprofundar antigos e novos conteúdos. Assim, o *blog* assume um papel importante na relação entre os sujeitos e a história local, a qual todos juntos têm ajudado a contar e construir de maneira colaborativa, numa relação horizontal de trocas e compartilhamentos de saberes.

Segundo Matta (2011, p. 245), a proposta socioconstrutivista pretende “[...] preparar o sujeito e o que se vai aprender para que participe do ambiente e mundo no qual o sujeito vive”. Essa preparação ocorre na medida em que além de participar ativamente da construção da proposta de ensino, ele aprende, reflete sobre isso no seu convívio na comunidade. Esta ideia, se adequa perfeitamente à proposta de uso do *blog* no processo de educação e organização do Turismo de Base Comunitária na comunidade, visto que este possibilitará ao sujeito o envolvimento com as postagens e comentários a respeito de assuntos e conteúdos sobre o povoado, relacionados diretamente com o seu meio social e cultural, possibilitando ainda criar e sugerir ações práticas na comunidade.

Portanto, em acordo com o que defende Matta (2011, p. 245) ao dizer que “[...] o socioconstrutivismo pretende engajar a aprendizagem e o processo pedagógico proposto no mundo e no ambiente concreto e cotidiano do sujeito”, reafirmamos a potencialidade de difundir o Turismo de Base Comunitária no Povoado Alto por meio do *blog* “Alto, o meu lugar no

Sertão”. Na medida em que na perspectiva da educação popular e não formal, permite aos sujeitos locais dialogar, interagir, discutir, construir e divulgar propostas de melhorias para a sua realidade. Para compreendermos melhor a alternativa de organização no Povoado Alto, a seguir apresentamos nosso entendimento e concepção sobre a perspectiva de educação para o Turismo de Base Comunitária que estamos utilizando e desenvolvendo em nossa pesquisa.

4.4 EDUCAÇÃO PARA O TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA NA PERSPECTIVA DIALÓGICA DE PAULO FREIRE

A educação como já discutimos, anteriormente, é caracterizada por ser um processo contínuo, dinâmico e fundamental para a humanização, socialização e desenvolvimento do homem. Considerando que os sujeitos vivem em constantes movimentos de mudanças e contextos históricos e sociais, podemos afirmar que a educação está em meio às relações e interações entre os sujeitos nos mais variados espaços e momentos da vida. Portanto, faz parte da construção e reconstrução dos indivíduos, na medida em que estes são seres inconclusos na busca constante por ser mais.

Nesse sentido, ao pensarmos em propor uma Educação para o Turismo de Base Comunitária não podemos negligenciar os aspectos históricos e sociais do contexto no qual os sujeitos estão inseridos, tampouco os impactos que as práticas e ações desenvolvidas podem gerar. Logo, construir uma educação para o Turismo de Base Comunitária é pensar em romper com a lógica do capital de homogeneização cultural e de sobreposição do lucro em detrimento das questões sociais, tão comum na área do turismo convencional. Para isso, precisamos considerar os princípios que regem a educação popular, no que tange ao respeito e saberes das populações locais, suas culturas e tradições, bem como visando os processos de emancipação e autonomia dos atores locais com base na concepção Freiriana de educação.

Na perspectiva de educação defendida por Freire (1979a, p. 42), um dos princípios fundamentais é o diálogo, definido pelo autor como “o encontro entre homens, mediatizados pelo mundo, para designá-lo”. Este encontro pressupõe uma relação em que não haja imposição e nem tampouco domesticação de ideias e práticas, mas sim momentos onde cada um expõe suas opiniões livremente, de modo que as palavras de todos sejam ouvidas e respeitadas, ainda que não sejam acatadas. Neste sentido, ainda de acordo com Freire (1987, p. 104):

os sujeitos dialógicos se voltam sobre a realidade mediatizadora que, problematizada, as desafia. A resposta aos desafios da realidade problematizada é já a ação dos sujeitos dialógicos sobre ela, para transformá-la. Problematizar, porém, não é sloganizar, é exercer uma análise crítica sobre a realidade problema.

Os sujeitos dialogam com base nos aspectos e nuances do contexto concreto onde vivem, problematizando a realidade e buscando maneiras e soluções para transformá-la. Dessa maneira a educação para o Turismo de Base Comunitária surge a partir dos problemas e desafios reais do contexto histórico, social e cultural. Logo, suas práticas e conceitos precisam emergir do lugar de vivências de seus protagonistas, os habitantes locais.

A pesquisadora Alves (2018) discute a educação para o Turismo de Base Comunitária apontando aspectos necessários para pensar uma prática de formação para a organização e desenvolvimento do TBC no Antigo Quilombo Cabula, em Salvador - Ba. Contudo, vale ressaltarmos, que mesmo apresentando necessidades semelhantes, não é possível pensarmos na mera reaplicação de ações e práticas sem considerar os aspectos, necessidades e tensões que permeiam o contexto local, sem uma contextualização e adequação às demandas da comunidade. Podemos afirmar que os conceitos e práticas da educação para o Turismo de Base Comunitária variam e assumem características próprias do público e lugar onde é desenvolvida, configurando-se como uma educação contextualizada, problematizadora e libertadora.

Segundo Freire (1987, p. 65) “na prática problematizadora, dialógica por excelência, este conteúdo, que jamais é “depositado”, se organiza e se constitui na visão do mundo dos educandos, em que se encontram seus “temas geradores”. Dito de outro modo, os conteúdos não são impostos, e sim dialogados, através do contexto dos sujeitos envolvidos no processo. Ainda de acordo com Freire (1987, p. 65):

Numa visão libertadora, não mais “bancária” da educação, o seu conteúdo programático já não involucra finalidades a serem impostas ao povo, mas, pelo contrário, porque parte e nasce dele, em diálogo com os educadores, reflete seus anseios e esperanças.

Desse modo, pensar na construção de uma educação para o Turismo de Base Comunitária na perspectiva apontada pelo referido autor, é pensar na busca por temas geradores, a partir do que os habitantes já sabem, de maneira que estes assumam um papel de sujeitos ativos em todo o processo desde o planejamento, execução e avaliação, e não de meros receptores de conteúdos prontos.

Contudo, isso não significa que o educador, não possa inserir novos conteúdos ou temáticas, mas isto se dá em diálogo e não imposto. Para Freire (1987, p. 73) “Se a programação

educativa é dialógica, isto significa o direito que também têm os educadores-educandos de participar dela, incluindo temas não sugeridos. A estes, por sua função, chamamos ‘temas dobradiça’”. No caso da educação para o Turismo de Base Comunitária, os “temas dobradiças” são importantes, pois muitos participantes desconhecem os princípios e características que regem a prática do TBC. Sendo assim, as ações devem ser pensadas de maneira articulada com os saberes e conhecimentos da população local e com os conteúdos sobre os conceitos, princípios e características do Turismo de Base Comunitária, para assim construirmos ações educativas capazes de formar os sujeitos para este modelo alternativo e solidário de organização da prática turística.

No Povoado Alto, a necessidade de propor a educação para o Turismo de Base Comunitária, emergiu durante os diálogos e rodas de conversas com o grupo de adultos, jovens e adolescentes sobre os desafios para a transformação e melhoramento das condições de vida na comunidade, pensando no tocante à urgência de ações para a valorização e difusão da história e cultural local. Para isso, a concepção de educação não formal defendida por Gadotti (2005) e Gohn (2014), a educação popular e dialógica (FREIRE, 1987) e os princípios que regem o Turismo de Base Comunitária (SILVA, 2012), já discutidos anteriormente, nos forneceram elementos e princípios para desenvolvermos e construirmos ações de educação para o Turismo de Base Comunitária enraizada no modo de vida e cultura local.

Diante disso, gostaríamos de salientar que buscamos promover ações educativas para a mobilização e formação dos sujeitos locais para a organização e desenvolvimento do Turismo de Base Comunitária no Povoado Alto. Como afirma Freire (1979a, p. 19) “Para ser válida, toda educação, toda ação educativa deve necessariamente estar precedida de uma reflexão sobre o homem e de uma análise do meio de vida concreto, do homem concreto a quem queremos educar (ou melhor dito: a quem queremos ajudar a educar-se)”. O autor reafirma dois aspectos essenciais, o primeiro é o entendimento e reflexão sobre o homem, enquanto ser histórico e inacabado, que terá sempre o que aprender e ensinar, e o segundo diz respeito ao estudo do contexto no qual este ser está inserido, necessário para o entendimento sobre como organizar o TBC.

Tais aspectos são indispensáveis na concepção e construção de uma educação para o Turismo de Base Comunitária, sobretudo, por que tal prática visa promover benefícios para a comunidade local. Logo, não pode estar alheio à realidade, o modo de vida e as tensões sociais, históricas e culturais existentes no contexto onde será praticado. Além do que, trata-se de ações que geram impactos diretos na realidade dos sujeitos, por isso, estas devem ser pensadas e executadas em diálogo com os mesmos. Assim, a relação estabelecida nesta concepção de

educação é dialógica, onde todos aprendem e ensinam juntos, seguindo uma finalidade, que é a formação para o TBC, visando à valorização da história e cultura local, das tradições e tecnologias sociais, as formas de trabalhos, e principalmente, o Ser Humano.

A educação para o Turismo de Base Comunitária acontece com os sujeitos e não para eles, conforme é defendido por Freire (1987) para o qual a educação autêntica, repitamos, não se faz de “A” para “B” ou de “A” sobre “B”, mas de “A” com “B”, mediatizados pelo mundo. Reafirmando, que este processo de A com B, para que de fato se torne significativo, deve partir de situações reais vividas pelos sujeitos, na busca por transformação em diálogo e comunhão uns com os outros. Mobilizando os sujeitos para a reflexão e ação sobre sua realidade e para o engajamento na busca por melhorias, com suas potencialidades e criatividade. Entendendo a realidade como algo dinâmico que pode ser modificado, logo, o futuro não está pré-determinado, ao contrário este pode ser alterado de acordo com as ações dos sujeitos locais.

Portanto, considerando que a realidade não é estática e muda a todo instante, a educação e os seus processos também não podem ser. Como afirma Freire (1979a, p. 42) “O caráter inacabado dos homens e o caráter evolutivo da realidade exigem que a educação seja 'uma atividade contínua. A educação é deste modo, continuamente refeita pela práxis’”. Valorizando assim, o papel ativo dos sujeitos em todo o processo educativo. Logo, no que diz respeito à educação para o Turismo de Base Comunitária constitui-se como um processo educativo em constante construção e reconstrução, tendo em vista os princípios deste modo de organização do turismo e a concepção de educação que defendemos, a qual tem como características principais o diálogo, a flexibilidade, o respeito aos saberes popular e a autonomia das pessoas envolvidas.

Contudo, considerando que é preciso conhecer a realidade que se pretende transformar, a educação para o Turismo de Base Comunitária inicialmente trabalha com o reconhecimento do lugar pelos seus habitantes, com o intuito de valorizar a história e cultura local, fortalecendo o sentimento de pertencimento. Neste sentido, o principal da educação para o Turismo de Base Comunitária no Alto é despertar os sujeitos para a valorização do lugar onde vivem, de maneira que ao reconhecerem o valor e potencial do lugar; aqueles que antes se sentiam obrigados a migrarem para as grandes cidades, possam buscar e encontrar sua razão de permanecer no Povoado. Ademais, utilizando e desenvolvendo suas habilidades e talentos em prol do desenvolvimento e melhorias do bem-estar coletivo, de maneira que sair do seu lugar de origem seja uma das opções, e não a única.

Por conseguinte, com base numa trajetória desde o nascimento vivenciando as felicidades e dificuldades da vida na comunidade e cerca de 4 anos de trabalho ativo no povoado, a pesquisa

– iniciada no ano de 2014- envolveu grande parte dos altenses. O trabalho envolveu desde crianças até os idosos e culminou na construção e desenvolvimento do *blog* Alto: O meu lugar no Sertão em 2016, a partir do qual emergiram novas demandas de ações na e com a comunidade, dentre elas a de organização do TBC como uma alternativa no processo de desenvolvimento da localidade, valorização de sua história e cultura. Ao pensarmos na definição do que é a educação para o Turismo de Base Comunitária, é necessário considerarmos os elementos do contexto local e suas tensões, sobretudo porque estes influenciam diretamente as relações dos sujeitos, inclusive as educativas.

Além disso, na perspectiva Freiriana, a educação tem o sentido de complementariedade e troca de experiências e não de meros depósitos de informações. A Educação para o Turismo de Base Comunitária significa construir e desenvolver ações educativas com os sujeitos locais, visando à formação destes para o protagonismo na organização do TBC com base nos princípios da autonomia, democracia, cidadania, autogestão, participação, emancipação e diálogo. Apontando para uma produção e modos de vida baseados na economia solidária, enraizados na cultura e história local num processo horizontal e dialógico de trocas de saberes e experiências. Caracterizando-se como uma educação do lugar, as ações serão construídas e reconstruídas de acordo com elementos do contexto local, respeitando suas especificidades, e não como um modelo pronto e engessado.

Desse modo, o próprio processo de organização do Turismo de Base Comunitária já se configura como educativo, na medida em que mobiliza para o protagonismo da comunidade, a interação e diálogo com os saberes, fazeres e tradições locais. O engajamento e a participação da comunidade também são educativos ao propiciar ciclos de ações e reflexões sobre e no lugar onde vivem, aproximando as gerações na ressignificação e construção de saberes, configurando-se como um processo contínuo que gera e potencializa conhecimentos e práticas sociais que se enriquecem e fortalecem à medida que influenciam e contribuem com a transformação da realidade.

Assim sendo, a educação para o Turismo de Base Comunitária pode ser compreendida no sentido do verbo latim *educere* de extrair e promover o surgimento de dentro para fora, ou seja, trata-se de uma construção coletiva e colaborativa com os sujeitos envolvidos no processo, que emerge do contexto local, de maneira que as atividades de educação para a organização e desenvolvimento do Turismo de Base Comunitária, assumam as características próprias da localidade, e não seja a reprodução de modelos prontos.

Nesse sentido, considerando a afirmação de Romão (2018, p. 808) ao dizer que “Toda educação é, ou haveria de ser, para a humanização e elevação da existência”. O que buscamos

é promover uma educação para o Turismo de Base Comunitária, que vá muito além de ensinar práticas de como receber visitantes e realizar roteiros temáticos, mas colabore com o processo de humanização dos sujeitos; deve considerar a valorização das pessoas, das suas culturas e tradições, conservação do meio ambiente, bem como o desenvolvimento de redes de solidariedade e cooperação entre os sujeitos envolvidos. Buscamos promover uma educação associada aos princípios da autogestão, solidariedade, economia solidária, promovendo a autonomia da comunidade, e não sua dependência; articulando os sujeitos locais, de acordo como cada um pode colaborar com o bem do todo, entendendo que viver em comunidade é contribuir para o bem estar coletivo.

Diante desse contexto, podemos considerar também que a educação para o Turismo de Base Comunitária no Povoado Alto, uma comunidade rural afetada diretamente pelos problemas e tensões sociais oriundos da ineficácia de políticas públicas principalmente nas dimensões educacionais, sociais e econômicas, tem um papel fundamental no desenvolvimento de novas alternativas e perspectivas. Sobretudo, para a população mais jovem, no sentido de aproximá-la ainda mais de suas tradições culturais, sua história local, seu valor enquanto ser humano e a importância de suas ações na coletividade, além de ser uma possibilidade de renda para a comunidade local de maneira que possa diminuir o êxodo rural tão comum e cada vez mais frequente entre a população jovem e adulta do Povoado Alto. Proporcionando a estes a oportunidade de aprimorar talentos na arte, no artesanato, por exemplo. Ademais, oportunizar o uso da tecnologia significaria a ampliação destes processos de maneira mais atrativa e abrangente.

Por fim, em nossa pesquisa, desenvolver uma educação para o Turismo de Base Comunitária é também considerar o uso do potencial tecnológico para mobilizar os jovens sertanejos conectados ao mundo via *internet* para transformar e buscar alternativas de soluções de problemas na nossa comunidade. É, portanto, ter esperança - “Não é, porém, a esperança um cruzar de braços e esperar. Movo-me na esperança enquanto luto e, se luto com esperança, espero” (FREIRE, 1987, p. 52-53) -, no sentido de acreditar e unir forças que juntos podemos construir um lugar melhor. É agir na e com a esperança de que juntos construiremos uma sociedade menos desigual e menos difícil de amar (FREIRE, 1987).

Guiados por este desejo de realizarmos um trabalho coletivo com a participação da comunidade, construiremos uma proposta de ações educativas visando à formação dos sujeitos locais para a organização e desenvolvimento do TBC na localidade. Por isso, a seguir apresentamos o Quadro 15 com o resumo dos princípios que permeiam a nossa concepção de

educação para o Turismo de Base Comunitária, os quais serão utilizados na elaboração e execução da proposta educacional, no capítulo seguinte.

Quadro 15 - Princípios da Educação para a proposta educacional

Princípios da educação	Descrição	Aplicação à proposta educacional
Democracia	Respeito genuíno as diferentes opiniões.	Rodas de conversa Roteiros Blog
Diálogo	Interação entre os sujeitos, respeitando o momento de fala e opinião um dos outros em uma escuta sensível e ativa.	
Formação para o TBC	Processo educativo com o desenvolvimento de práticas e/ou ações educativas para a formação dos atores sociais locais sobre os princípios que regem o turismo de base comunitária, enraizados em seu contexto histórico cultural.	
Engajamento	Participação ativa nas atividades e propostas, tendo em vista a garantia de direitos e melhorias para a comunidade.	
Respeito aos saberes e cultura dos sujeitos	Valorização dos saberes e cultura dos sujeitos envolvidos, reconhecendo suas potencialidades.	

Fonte: Elaborado pela autora (2019)

Os princípios apresentados no quadro acima são elementos extraídos das discussões sobre a educação popular, dialógica e não formal, os quais serão fundamentais na construção da proposta educativa construída e desenvolvida com a comunidade. Considerando que será uma proposta educacional dialogada com os sujeitos seguindo a perspectiva Freiriana, estes princípios assumem um papel importante e serão contemplados e utilizados de algum modo no desenvolvimento das ações. A coluna 2 com a descrição de cada princípio representa o nosso entendimento sobre cada um deles com base nas discussões realizadas no decorrer deste capítulo. Já a coluna 3, remete para a aplicação destes princípios nas ações da proposta educacional.

Visamos, portanto, desenvolver uma educação para o Turismo de Base Comunitária que possibilite a participação efetiva de cada um dos sujeitos engajados neste processo. Com isso, a seguir apresentamos a maneira como estes e outros princípios serão aplicados na construção de ações para o desenvolvimento da educação para o Turismo de Base Comunitária no Povoado Alto. Apresentamos ainda a abordagem metodológica adotada em nossa pesquisa.

5 CAMINHOS PARA CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO PARA O TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA

Planejar uma proposta de processo educativo na perspectiva dialógica de Paulo Freire exige antes de tudo a compreensão a respeito da inconclusão ou inacabamento do homem, bem como de seu contexto, para, em seguida, pensarmos em quais ações poderão ser mais exitosas e significativas. Neste sentido, as ações educativas que pretendemos desenhar e executar, com relação à educação para o Turismo de Base Comunitária, devem ser capazes de mobilizar os sujeitos para a participação; de maneira que possam sair da condição de conformismo e negação para reconhecer as potencialidades e possibilidades do lugar onde vivem, buscando soluções para os problemas e necessidades que emergirem na prática, valorizando, construindo e reconstruindo a história e cultura local.

O contexto sócio-histórico apresentado no capítulo 2 fornece temas e conteúdos de alta relevância que podem ser considerados o plano de fundo para a construção e efetivação da educação para o Turismo de Base Comunitária no Povoado Alto. Para além disso, as discussões conceituais sobre o Turismo de Base Comunitária e sobre a Educação, popular e não formal, discutidos nos capítulos 3 e 4 serão aqui utilizadas como princípios condutores de nossas práticas educativas, tendo em vista a formação dos jovens altenses para a organização e prática deste modelo alternativo de turismo.

Considerando que todos os passos da pesquisa são divididos em ciclos e ocorrem de maneira colaborativa e coletiva, entre pesquisadora e o grupo da comunidade, acreditamos ser necessário apresentar como as ações e práticas foram pensadas, desenhadas e planejadas para que de fato ocorra uma educação para o Turismo de Base Comunitária. Tendo em vista, a perspectiva de educação popular Freiriana baseada na autonomia e respeito aos saberes comunitários, entendemos que precisamos pensar em práticas pedagógicas que facilitem o diálogo e a colaboração entre os protagonistas, os sujeitos locais.

Portanto, o objetivo desta seção é apresentar como temos projetado o desenvolvimento da proposta de ações da educação para o Turismo de Base Comunitária, visando desenvolver ações de educação apropriadas para o contexto do Povoado Alto. Será conduzida pelas informações extraídas dos capítulos anteriores e o diálogo com o grupo parceiro composto por jovens do Povoado Alto, os quais têm se engajado cada dia mais, no anseio por melhorias na comunidade. Neste sentido, com base na perspectiva Freiriana de educação dialógica, a seguir apresentamos as rodas de conversas como estratégia para a criação de espaços de diálogos com

a produção e ressignificação de saberes indispensáveis para o processo de desenvolvimento da educação para o Turismo de Base Comunitária.

5.1 RODAS DE CONVERSAS: CONSTRUINDO ESPAÇOS DE DIÁLOGO

A proposta educacional que pretendemos desenvolver com base na concepção de educação dialógica defendida por Paulo Freire e nos princípios do TBC, nos remete para a necessidade de pensarmos em metodologias de desenvolvimento das práticas educativas que sejam coerentes com seus princípios. De acordo com Freire (1993; 1996), a educação popular se baseia em metodologias teóricas e práticas que definem a relação dialógica, ou seja, o diálogo como fundamento principal em que a aprendizagem e o entrelaçamento de saberes ocorrem horizontalmente, o que permite a participação dos sujeitos na criação e recriação de saberes, conhecimentos, significados e práticas, a partir de seus contextos de vivências e experiências.

Desse modo, atrelada à concepção crítica da educação Freiriana, as rodas de conversas são opções adequadas e representam para nós a possibilidade de estabelecer uma comunicação dinâmica e de aproximação com e entre os sujeitos. Para Sampaio *et al.* (2014, p. 1301)

As rodas de conversas possibilitam encontros dialógicos, criando possibilidades de produção e ressignificação de sentido – saberes – sobre as experiências dos partícipes. Sua escolha se baseia na horizontalização das relações de poder. Os sujeitos que as compõem se implicam, dialeticamente, como atores históricos e sociais críticos e reflexivos diante da realidade.

Nessa perspectiva, os autores defendem a utilização das rodas de conversas na educação como uma possibilidade de construção coletiva e não de imposições ou depósitos de conteúdos prontos, contribuindo para a formação de cidadãos críticos. Desse modo, os sujeitos atuam ativamente como coparticipantes de todo o processo e não apenas como meros objetos de um estudo, o que corrobora a construção e desenvolvimento da autonomia dos mesmos, a partir da participação, problematização, socialização e compartilhamento de experiências, num processo de acolhimento, sem o julgamento de certo ou errado.

Para Afonso e Abade (2008, p. 19), as rodas de conversa podem ser consideradas como uma metodologia participativa que trabalha “[...] incentivando a participação e a reflexão. Para tal, buscamos construir condições para um diálogo entre os participantes através de uma postura de escuta e circulação da palavra bem como com o uso de técnicas de dinamização de grupo”. Através do diálogo, as rodas de conversas se configuram como um espaço educativo e reflexivo

de construção, reconstrução e compartilhamento de saberes, por meio da participação democrática e coletiva entre os sujeitos que ensinam e aprendem mutuamente.

Ainda de acordo com Afonso e Abade (2008), as rodas de conversas podem ser desenvolvidas em diversos contextos e espaços, formais ou não, como escolas, postos de saúde, associações comunitárias e outros. No contexto de nossa pesquisa, tendo em vista a construção de uma proposta de educação para o Turismo de Base Comunitária, que mobilize os participantes para a autonomia e protagonismo das ações, a escolha das rodas de conversa como um recurso pedagógico se deu principalmente por estas permitirem que os participantes tenham vez e voz. À medida que participam, compartilhando experiências, expressando, dialogando e refletindo sobre temas específicos relacionados ao estudo e ao seu contexto, apontando sugestões e críticas, os sujeitos se educam uns em comunhão com os outros.

Iniciamos os nossos encontros timidamente na comunidade, antes mesmo do começo da pesquisa em si, e sempre tivemos discussões bem produtivas e significativas. Dentre elas surgiu nossa temática e posteriormente o problema de estudo. Por isso, entendemos que considerando as especificidades do grupo coparticipante e o contexto do lugar onde vivem, as rodas de conversas representam a possibilidade de desenvolvimento de ações, que de fato se traduzam numa Educação para o Turismo de Base Comunitária arraigada na valorização da história e cultura local. Mobilizando os sujeitos desde o estudo do contexto sócio-histórico até efetivação dos princípios que regem a prática do TBC.

Nesse sentido, para Sampaio *et al.* (2014, p. 1301)

As rodas são mais do que disposição física (circular) dos participantes e bem mais que uma relação custo-benefício para o trabalho com grupos. Elas são uma postura ético-política em relação à produção do conhecimento e à transformação social, efetivando-se a partir das negociações entre sujeitos. O espaço da roda de conversa intenciona a construção de novas possibilidades que se abrem ao pensar, num movimento contínuo de perceber – refletir – agir – modificar, em que os participantes podem se reconhecer como condutores de sua ação e da sua própria possibilidade de “ser mais”.

Os autores reafirmam o que poderíamos chamar de princípios das rodas de conversa, ou seja, alguns pontos que devem ser respeitados em seu desenvolvimento, dentre eles: o diálogo, enquanto propulsor do direito e respeito à fala e a escuta, a participação democrática e com isso o conflito, a colaboração, as negociações e a confiança. Além disso, a centralidade do processo está em perceber, refletir, agir e modificar, ou seja, ao se conhecer e se reconhecer como parte ou pertencente à comunidade e seus deleites e dificuldades. Ao conhecer e entender as nuances

e tensões de sua realidade, o sujeito reflete sobre as situações reais, a partir de então constrói ou busca soluções, agindo para a transformação social de sua realidade.

Contudo, vale ressaltarmos que este é um recurso com intencionalidade e objetivos, e requer um planejamento no sentido de projetar as ações e discussões, para que não se torne uma ação aleatória, ao contrário, se constitua para além do espaço de diálogo, um momento de construção de saberes, sabores, esperança e fé nos homens e em dias melhores. A seguir apresentamos a maneira como temos pensado a aplicação dos princípios extraídos dos capítulos anteriores nas rodas de conversa, como proposta educacional, que desenvolveremos com foco em uma educação para o Turismo de Base Comunitária no Povoado Alto.

5.2 DESENHO DA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO PARA O TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA

Desenhar a proposta pedagógica de educação para o Turismo de Base Comunitária no contexto do Povoado Alto, consiste em planejar a sistematização da aplicação dos princípios e conteúdos extraídos dos capítulos 2, 3 e 4. Pois, entendemos que não há como pensarmos em propor ações ou propostas educacionais direcionadas para a formação e organização do TBC sem considerar suas bases conceituais e ideológicas, e principalmente o contexto local. Com isso, ressaltamos que por ser pensada em regime de colaboração com o grupo coparticipante do estudo, nossa proposta assume um caráter flexível, podendo sofrer alterações e mudanças no decorrer do processo.

Nesse sentido, a escolha por desenvolvermos tal proposta através das rodas de conversas, se dá por esta ser uma metodologia participativa que privilegia o diálogo, a construção coletiva, o respeito e a valorização dos saberes, os quais são indispensáveis para nosso estudo. Consideramos que as rodas de conversas poderão se constituir ainda como um espaço dialógico de construção e reconstrução da educação para o Turismo de Base comunitária no Povoado Alto. Para tanto, faz-se necessário apresentarmos a seguir a projeção de como pensamos a aplicação dos princípios em nossa prática.

No capítulo 2, que podemos considerar o plano de fundo de nossas ações, discutimos os principais aspectos sociais, ambientais, econômicos e culturais que compõe o contexto sócio-histórico do Povoado Alto. A importância deste capítulo, no que tange à formação dos sujeitos para a organização do Turismo de Base Comunitária, consiste na riqueza de informações sobre a localidade. Os temas sobre a história e cultura local, indispensáveis para o desenvolvimento

de modelo de organização do TBC, serão abordados com base neste capítulo, o qual foi construído a partir das entrevistas com os habitantes mais velhos do Povoado e posteriormente validado junto com o grupo coparticipante. No Quadro 16, apresentamos como estes princípios e conteúdos serão aplicados ou postos em prática.

Quadro 16 - Blocos temáticos com princípios e conteúdos do contexto sócio-histórico

BLOCOS TEMÁTICOS	OBJETIVO	CONTEÚDOS	APLICAÇÃO NA PROPOSTA EDUCACIONAL
História do Povoado Alto	Dialogar sobre os principais aspectos que compõe a história do Povoado Alto, desde as influências para o processo de surgimento até acontecimentos marcantes.	Casa da Torre, Formação de currais, o grande curral Presença dos índios, Igreja católica, Busca por minérios, Relação com Itapicuru, Coronelismo, Participação na guerra de Canudos, A passagem de Lampião.	Os conteúdos serão temas para discussões nas rodas de conversas sobre a história do Povoado Alto. Serão também conteúdos para a criação de novas páginas ou edição das já existentes no blog Alto, o meu lugar no Sertão.
Cultura Altense	Dialogar sobre as principais tradições culturais que fizeram e fazem parte da vida na comunidade.	O curral como local sagrado, Relação de práticas culturais com o trabalho, Tropeiros, Carreiros, Cavalgadas e as Toadas, São João, Despalhas de milho, Carurus, Semana santa, Rezas e uso de plantas naturais, Festa de padroeiro	Os conteúdos serão temas para discussões nas rodas de conversas sobre os aspectos culturais do passado e do presente na comunidade. Serão também conteúdos para a criação de novas páginas ou edição das já existentes no blog Alto, o meu lugar no Sertão. Além de ser a base para a elaboração de roteiros para o Turismo de Base Comunitária.
Aspectos Contemporâneos da comunidade	Discutir sobre os principais aspectos contemporâneos que permeiam o modo de vida e as relações na comunidade	Turismo convencional, Caminhos do Sertão, A economia local, migração de altenses para as grandes cidades, a degradação ambiental na comunidade, a poluição do rio.	Os conteúdos serão temas para discussões nas rodas de conversas sobre os aspectos e tensões sociais, ambientais e econômicas que permeiam o modo de vida na comunidade. Serão também conteúdos para a criação de novas páginas ou edição das já existentes no blog Alto, o meu lugar no Sertão.

Fonte: elaborado pela autora (2019)

Este quadro apresenta de maneira resumida e sistemática, o modo como iremos aplicar os conteúdos extraídos do contexto sócio-histórico, o qual foi dividido em blocos temáticos. Para melhor entendimento, dividimos o quadro em quatro colunas. Na primeira apresentamos os blocos temáticos, os conteúdos agrupados em temas centrais; na segunda, expomos os objetivos definidos para serem alcançados na aplicação de cada bloco temático; na terceira, dispomos

todos os conteúdos, considerados como elementos fundantes para a compreensão sobre o contexto local. Na quarta coluna apontamos em que e como estes conteúdos serão aplicados, com destaque para as rodas de conversas, edições do *blog*, elaboração de roteiros e ações na comunidade.

No capítulo 3, discutimos sobre o Turismo de Base Comunitária e seus principais conceitos, abordando ainda os princípios que o caracterizam e regem a sua prática, sem os quais não poderemos construir a educação para o TBC. Por isso, a seguir no Quadro 17, abordaremos como estes princípios serão aplicados na prática educacional. Como o objetivo é que os sujeitos possam desenvolver o TBC na comunidade, acreditamos ser importante que sejam pensados em ações práticas oriundas das rodas de conversas, para que possam aplicar tais princípios na comunidade, como um todo.

Quadro 17 - Princípios do TBC aplicados à proposta educacional

PRINCÍPIO	APLICAÇÃO NA PRÁTICA EDUCACIONAL
Autogestão	Como o TBC é algo relativamente novo para a comunidade algumas Rodas de conversas serão exclusivas para abordar os conceitos e princípios que o regem, dentre eles a autogestão. Por se tratar de um processo educativo de formação para uma prática, consideramos relevante pensar na criação de um produto ou ação prática na comunidade, construídos nas rodas de conversas. Dessa forma, os sujeitos terão total autonomia no planejamento, organização, efetivação e avaliação dos produtos ou práticas.
Colaboração	As rodas de conversas, na medida em que instigam a participação dos sujeitos, articulando e compartilhando saberes, mobilizam para a colaboração, ao propor ambientes de trocas de saberes, abarcando também a colaboração no <i>Blog Alto</i> , o meu lugar no Sertão, enquanto espaço digital coletivo para construir, conhecer e sugerir, para que haja uma aprendizagem colaborativa através das trocas de saberes. Tal princípio também será aplicado na construção e desenvolvimento dos produtos e ações, oriundos dos encontros, com o intuito de promover o bem-estar coletivo da comunidade.
Compartilhamento de saberes	O compartilhamento de saberes será aplicado, principalmente no processo nos diálogos durante as rodas de conversas, instigando os sujeitos a falarem e contarem suas experiências, modos de vida, uso de tecnologias sociais, tradições culturais e religiosas presentes na comunidade. Tal princípio, também será aplicado no processo de interação e colaboração na manutenção do <i>blog Alto</i> , o meu lugar no Sertão, com questionamentos nas páginas digitais que gerem a interação, diálogo e aprendizagens colaborativas entre os sujeitos.
Desenvolvimento local sustentável	As rodas de conversas são pensadas como ações práticas com os sujeitos, para entre outras coisas favorecer a sustentabilidade das relações sociais e o desenvolvimento local, favorecendo a preservação do meio ambiente e a qualidade de vida do coletivo.
Protagonismo da comunidade	Nos encontros das rodas de conversas, trataremos sobre a importância do protagonismo dos sujeitos locais no desenvolvimento de ações e organização do TBC. Ao pensarmos numa prática de TBC que expresse a cultura sertaneja altense.

Solidariedade	A solidariedade estará presente nas rodas de conversas, ao pensarmos no respeito e valorização dos outros, na promoção de ações em prol do bem-estar da comunidade, ou seja, no bem-estar coletivo. E principalmente nas ações práticas na comunidade, desde o planejamento até a execução.
Valorização da história e cultura local	Tal princípio será trabalhado tanto nas rodas de conversas sobre os aspectos históricos e culturais da comunidade, quanto no desenvolvimento de ações na comunidade. Utilizando ainda o blog Alto, o meu lugar no Sertão como um espaço digital de diálogos trocas de saberes, promovendo assim valorização da história e cultura local com o objetivo de fortalecer a identidade e sentimento de pertencimento dos sujeitos.

Fonte: elaborado pela autora (2019)

Das discussões sobre o Turismo de Base Comunitária, extraímos alguns elementos importantes para o entendimento deste modelo alternativo de organização da prática turística. No quadro acima destacamos estes princípios, descritos na primeira coluna, apontando ainda como estes serão aplicados na proposta educacional. Destacamos que alguns dos princípios serão aplicados apenas nos produtos ou ações, enquanto frutos das rodas de conversas, por exemplo, será observado como os sujeitos irão fazer a autogestão do planejamento de atividades práticas, como exercitarão a solidariedade, a colaboração, e outros.

No capítulo 4, discutimos sobre a educação e seus principais aspectos e concepções, com destaque para a educação, popular, dialógica e não formal com base na perspectiva Freiriana, considerados como elementos basilares na construção e desenvolvimento da nossa proposta educativa, sobretudo na relação com os sujeitos envolvidos; e principalmente, na construção do nosso conceito e concepção acerca da educação para o Turismo de Base Comunitária, considerando os aspectos do contexto do Povoado Alto, elemento fundante do estudo. A seguir, no Quadro 18, descreveremos como estes princípios serão aplicados na prática educacional que estamos desenvolvendo.

Quadro 18 - Princípios da educação aplicados à proposta educacional

PRINCÍPIOS	APLICAÇÃO À PROPOSTA EDUCACIONAL
Democracia	A escolha pela proposta de rodas de conversas em si, já configura como aplicação da democracia. Assim, o princípio da democracia será aplicado ao promovermos um ambiente de diálogo que permita a todos os sujeitos o direito a fala e a escuta, de maneira que haja respeito genuíno as diferentes opiniões.
Diálogo	As rodas de conversas deverão possibilitar momentos de interação entre os sujeitos, respeitando o momento de fala e escuta dos sujeitos, principalmente nas tomadas de decisões importantes para o grupo.
Formação para o TBC	Nas rodas de conversas, enquanto processo educativo para a formação para o TBC, no qual os conceitos e princípios que regem o TBC devem ser trabalhados, contemplados e efetivados. Logo, os momentos de encontros deverão gerar produtos ou ações que em diálogo com os princípios que regem o turismo de base comunitária, enraizados em seu contexto histórico cultural.

Engajamento	A participação é um ato educativo, para que esta aconteça as rodas de conversas devem ser atrativas e bem planejadas. Para isso, é importante que os temas, linguagem e conteúdos estejam adequados, a fim de que haja uma participação ativa dos sujeitos.
Respeito aos saberes e cultura dos sujeitos	Nas rodas de conversas, os temas devem ser tratados considerando os aspectos do contexto local, para que assim haja o dos saberes e cultura dos sujeitos envolvidos, reconhecendo suas potencialidades e limites.

Fonte: Elaborado pela autora (2019)

No Quadro 18, apresentamos o que consideramos os principais elementos que devem guiar e permear nossa proposta educativa, seguidos de uma projeção de como estes serão de fato aplicados na prática de educação para o Turismo de Base Comunitária em diálogo com os sujeitos locais. Com isso, ressaltamos que para além dos princípios citados no quadro, outros certamente serão contemplados no decorrer do processo. Tendo em vista que temos desenvolvido nosso estudo valorizando a construção coletiva, acreditamos que outros elementos podem surgir na prática, sendo possivelmente incorporados.

Diante do exposto, ressaltamos que a proposta de rodas de conversas foi pensada considerando a necessidade de tratar sobre conteúdos e temas necessários no que se refere à educação para o Turismo de Base Comunitária, principalmente por esta ainda ser algo novo para a comunidade. Não há como pensarmos na organização do TBC, sem que a comunidade compreenda os aspectos e princípios que regem esta atividade. Diante disso, nosso objetivo é que os princípios elencados nos Quadros 16, 17 e 18 sejam contemplados na medida em que os sujeitos participem ativamente das rodas de conversa e das ações práticas.

Entretanto, não há como definirmos exatamente quantos encontros ocorrerão de fato, pois isso varia de acordo com a demanda e participação do grupo. Do mesmo modo, que o modelo ou formato dos encontros também será definido durante o processo, pois é importante que estes sejam espaços e momentos em que os sujeitos se sintam pertencentes e participantes. Contudo, isso não quer dizer que será algo sem planejamento e objetivos, ao contrário, significa, que nosso planejamento será dinâmico e flexível para atender as necessidades dos participantes. Nesse sentido, pensamos na construção de um roteiro ou modelo geral, ao qual apresentamos a seguir no Quadro 19, para o planejamento das rodas de conversas, de maneira que a cada encontro seja adequado aos conteúdos, temas escolhidos e sugestões dos envolvidos.

Quadro 19 - Modelo para o planejamento das rodas de conversas

NOME DO BLOCO TEMÁTICO DAS RODAS DE CONVERSAS
Local: definir com o grupo e especificar o local onde a roda de conversa será realizada. Data e Horário: definir com o grupo a data e horário da realização da roda de conversa. Duração: definir o tempo de duração da roda de conversa, considerando a disponibilidade do grupo. Bloco temático: especificar o bloco ou eixo temático que será dialogado na roda de conversa. Conteúdos: definir os conteúdos que serão abordados. Objetivo: especificar o objetivo da roda de conversa. Acolhida: Descrever como será o acolhimento dos participantes das rodas de conversas, levando em consideração a temática. Desenvolvimento: descrever os passos para o desenvolvimento das rodas de conversas, considerando os espaços de diálogo entre e com os participantes. Sugestão de ações práticas: registrar a ação prática definida pelos sujeitos, que será desenvolvida na e com a comunidade, considerando as perguntas: O quê? Para quê? Como? Onde? Com quê? Com quem? Avaliação do encontro: a avaliação será feita no final de cada encontro por todos os participantes, apontando os pontos fracos, fortes, críticas e sugestões para os demais encontros. Encaminhamentos: registrar as decisões tomadas na roda de conversa para os próximos encontros. Exemplo: definição de Tema, Data, local, horário do próximo encontro. Avaliação da prática na comunidade (ação resultante das rodas de conversas): a avaliação ocorrerá após a execução da ação prática definida ao final de cada roda de conversa do referido bloco temático. A forma e período de planejamento e desenvolvimento da ação serão definidos pelo grupo.

Fonte: Elaborado pela autora (2019)

A proposta de modelo para o planejamento das rodas de conversas tem como objetivo, demonstrar como estas serão planejadas, de maneira que garanta o alcance dos objetivos propostos no estudo, bem como a aplicação dos princípios apresentados nos Quadros 16, 17 e 18. Nesse sentido, pretendemos criar um espaço dinâmico de interações e diálogos durante as rodas de conversa, para que os sujeitos possam a partir de seus contextos de vida e diferentes realidades, ter a oportunidade de aprender, ensinar, ressignificar e colaborar com as temáticas discutidas. O mediador deve mobilizar os participantes para refletir, falar, escutar e assim compreender as temáticas apresentadas. Tal compreensão será expressa nos diálogos e na execução de ações de forma prática no contexto da comunidade.

Consideramos todos os eixos temáticos e princípios projetados para aplicação nas rodas de conversas apresentados nesta seção, importantes no processo de construção da educação para

o Turismo de Base Comunitária. Corroborando com Matta (2006, p. 68) para quem “[...] todo ser humano necessita refletir sobre o seu ambiente, sua situação concreta, seu meio, sobre seu contexto social e comunitário e sobre seu compromisso social para que esteja engajado em um processo educativo digno e motivador”. Portanto, entendemos que as rodas de conversas da maneira como planejamos se configuram como um espaço não só para as reflexões sobre a realidade, mas também como um espaço educativo de construção de soluções e enfrentamento dos problemas que permeiam seu contexto de vivência.

O modelo de planejamento e organização das rodas de conversas que apresentamos nesta seção será utilizado no desenvolvimento das demais temáticas e de outras que por ventura surgirem no decorrer do processo. Inicialmente propomos 3 rodas de conversas, uma para cada bloco temático central a saber: A História do Povoado Alto, A Cultura local, Aspectos contemporâneos da comunidade. Entretanto, isso não é algo estático e rigidamente estabelecido, ao contrário é flexível e será adequado, alterado e aprimorado quantas vezes forem necessárias para atender a disponibilidade, as demandas, necessidades, interesses e participação dos sujeitos da comunidade.

Diante disso, considerando o contexto estudado, acreditamos que a proposta apresentada é essencial no processo de educação para o Turismo de Base Comunitária, sobretudo pela necessidade de esta ser uma educação contextualizada e enraizada. Com isso, para melhor compreensão sobre o seu desenvolvimento, a seguir, apresentamos o desenho e a abordagem metodológica utilizadas neste estudo.

5.3 DESENHO METODOLÓGICO

5.3.1 Análise Preliminar da Metodologia

O contexto sócio-histórico do Povoado Alto, *lócus* da nossa pesquisa, nos direcionou para adoção da abordagem metodológica da Pesquisa-Aplicação em Educação, considerando a necessidade de trabalharmos em diálogo com os sujeitos da comunidade, valorizando seus saberes e suas vozes ativas durante todo o processo de desenvolvimento do estudo. De acordo com Nonato e Matta (2018, p. 13) a pesquisa-aplicação em educação:

[...] surge com a necessidade de preenchimento de lacunas no campo das abordagens metodológicas na pesquisa em educação, na medida em que busca desenhar, desenvolver e aplicar intervenções nos espaços educacionais – na educação básica (educação Infantil, Ensino fundamental, Ensino médio, Ensino Médio Técnico e Ensino Médio Profissional), Educação Tecnológica, Educação Superior (cursos tecnológicos e graduações, bacharelados e licenciaturas e pós-graduações lato e stritus sensu), bem como na educação Corporativa e nos espaços não formais de educação – sem desconsiderar o conhecimento das comunidades de aprendentes envolvidas.

Os autores apresentam ainda que de forma breve os passos da pesquisa-aplicação em educação (desenhar, desenvolver e aplicar) sendo esta possível de ser desenvolvida em espaços não formais, algo que nos interessa pelo fato de ser nosso campo de atuação. Haja vista que nossa pesquisa está atrelada à proposta de construirmos uma educação para o Turismo de Base Comunitária no Povoado Alto, e para tal, consideramos o diálogo e a participação dos sujeitos com seus saberes, algo essencial.

Como afirma Matta, Silva e Boaventura (2014, p. 25):

[...] a recente metodologia de pesquisa, mais conhecida como Design-Based Research (DBR), é uma inovadora abordagem de investigação que reúne as vantagens das metodologias qualitativas e das quantitativas, focalizando no desenvolvimento de aplicações que possam ser realizadas e de fato integradas às práticas sociais comunitárias, considerando sempre sua diversidade e propriedades específicas, mas também aquilo que puder ser generalizado e assim facilitar a resolução de outros problemas.

Conforme afirma o autor citado, essa abordagem metodológica pode reunir técnicas de pesquisa tanto qualitativas quanto quantitativas, ou seja, ela inclui métodos ou técnicas diversas, articulando-se as necessidades e o foco da pesquisa. Utilizaremos técnicas de pesquisa qualitativa, o que não nos impede de utilizar técnicas quantitativas, caso seja necessário durante o processo de desenvolvimento da pesquisa.

A metodologia DBR possui como características principais sua flexibilidade e o enfoque participativo e intervencionista, a qual permite o diálogo e colaboração entre pesquisador e participantes da pesquisa, considerados como sujeitos ativos em todo o processo e não simplesmente como objetos da pesquisa. Além, de caracterizar-se por respeitar as diversidades e aspectos sociais e culturais de cada comunidade. Ainda segundo Matta *et al.* (2014, p. 27):

A DBR utiliza teorias, descobertas empíricas, sabedoria e conhecimento colaborativo comunitário e popular, inspiração e experiências como fontes para criar intervenções e soluções de problemas concretos, ou seja, para conduzir uma pesquisa aplicada que dialogando com as dificuldades e os sujeitos engajados nestas, conduz iterativamente a construção contínua de solução mais adequada.

O que corrobora as proposições deste trabalho ao propor o desenho de uma proposta educacional de educação para o Turismo de Base Comunitária, culminando na construção e desenvolvimento de ações oriundas dos encontros. Esta metodologia além de permitir o envolvimento da comunidade proporciona e possibilita a readequação ou reconstrução das ações quando necessárias durante a pesquisa. O principal é que conforme afirma Matta *et al.* (2014, p. 27):

[...] a DBR considera o saber comunitário com a última instância, e isso contribui para que a comunidade não seja invadida ou tolhida, muito menos invalidada ou ainda abduzida de seus valores e saberes, frequentemente, até hoje, desapropriados e distorcidos. A necessidade da validação e controle por parte da comunidade obriga a DBR a adotar outra ecologia cognitiva, baseada no princípio do serviço do científico acadêmico, desta forma submetido ao saber comunitário.

Entendemos que o uso da metodologia Pesquisa-Aplicação, está muito além de ser uma escolha, para ser de fato uma necessidade; pois, esta permite que os sujeitos envolvidos tenham vez e voz no processo, possibilitando que em cada ciclo haja melhorias e aprimoramento da solução, ou seja, da proposta educacional de gestão da formação popular e do trabalho desenvolvido com a comunidade. Corroborando com Santiago *et al.* (2018, p. 267) para qual a DBR pode ser entendida como:

[...] uma metodologia que valoriza toda e qualquer parte do processo, o qual é apenas interrompido quando o tempo disponível no curso do pesquisador se acaba, todavia, o resultado da pesquisa- uma solução encontrada e aplicada – de propriedade coletiva, poderá continuar se refinando e adequando-se, conforme a necessidade de novos contextos e novas investigações.

Nesse sentido, afirmamos que o potencial da solução *blog* Alto, o meu lugar no Sertão não se esgotou com o término da pesquisa em 2016; pelo contrário continua ativo e a cada dia tem se configurado como um espaço virtual de diálogo e construção de conhecimento sobre a história da comunidade, fortalecendo o sentimento de pertencimento dos seus habitantes. Promovendo ainda interação entre os saberes dos mais velhos utilizados como fontes de conhecimento sobre a história e cultura local para a escrita das postagens nas páginas, com a juventude os quais acessam o *blog* e o utilizam como espaço virtual para pesquisas sobre a comunidade, diálogos, questionamentos, compartilhamento de saberes e ideias.

Desse modo, não há como negligenciarmos a potencialidade do *blog*, ao contrário precisamos repensá-lo, melhorá-lo e readequá-lo enquanto solução, para que este seja também

um espaço de formação e prática da proposta de Educação para o Turismo de Base Comunitária. Corroborando com a perspectiva da educação que adotamos, como afirma Vasconcelos *et al.* (2015, p. 98):

Para a Educação Popular, a problematização não se esgota no encontro compartilhado de uma solução. Ela continua na sua implementação na realidade concreta, gerando novos desafios e reflexões. Os resultados das ações e suas insuficiências geram novas problematizações.

A autora descreve fielmente todo o processo de implementação do *blog* enquanto solução, constituindo-se como um processo contínuo de ação, reflexão, ação que dialoga com as características da DBR, a qual também é desenvolvida em ciclos ou fases. No Quadro 20, a seguir apresentamos os ciclos da nossa pesquisa de acordo com Matta *et al* (2014).

Quadro 20 – Fases da pesquisa DBR e aplicação na Pesquisa

FASES DA DBR	APLICAÇÃO NA PESQUISA
Fase I – Análise do problema por investigadores, usuários e/ou demais sujeitos envolvidos em colaboração.	➤ Encontros iniciais com sujeitos da comunidade local; ➤ Definição do problema; ➤ Construção do Contexto sócio-histórico do Povoado Alto;
Fase II – Desenvolvimento da proposta de solução responsiva aos princípios de design, às técnicas de inovação e à colaboração de todos os envolvidos.	➤ Reflexões oriundas do contexto; ➤ Fundamentação teórica sobre Turismo de Base Comunitária. ➤ Educação ➤ Construção da Proposta Educacional de Educação para o Turismo de Base Comunitária.
Fase III – Ciclos iterativos de aplicação e refinamento em práxis da solução.	➤ Aplicação da solução: rodas de conversa, desenvolvimento e execução das ações e produtos oriundos das rodas de conversas. ➤ Reflexões e levantamento de dados
Fase IV – Reflexão para produzir “Princípios de design” e melhorar implementação da solução.	➤ Validação e análise da solução. ➤ Reaplicação da solução; ➤ Análise dos resultados;

Fonte: Elaborado pela autora (2019), com base em Matta *et al.* (2014)

O Quadro 20 sistematiza as fases da pesquisa que detalharemos separadamente, a seguir. Contudo vale, ressaltamos que todos os passos apresentados ocorrem de maneira colaborativa e coletiva, entre pesquisadora e sujeitos da comunidade local, assumindo assim uma perspectiva dialógica e socioconstrutivista no processo de construção de conhecimento.

Na fase I - Inicialmente dialogamos com a comunidade, tomando como base algumas demandas locais evidenciadas com o trabalho do *blog*. A partir de então, definimos o problema da pesquisa, seguido de uma análise coletiva pelos sujeitos envolvidos, culminando em reflexões que influenciaram na construção da proposta. Essa fase foi a mais lenta, complexa,

valiosa e essencial, no sentido de definir o problema e construir o contexto, para nos apropriarmos não somente dos aspectos históricos e culturais que marcaram o surgimento da comunidade, para, além disso, de forma crítica analisar como isso influenciou e impacta o modo de vida contemporâneo da comunidade. Para a contextualização, realizamos levantamentos históricos sobre a história local, regional e nacional, e algumas entrevistas abertas com os habitantes mais velhos do Povoado, afinal, ninguém melhor que eles para falarem da história do lugar onde nasceram e habitam, culminando no capítulo 2.

Ainda na primeira fase, identificamos alguns aspectos que não podiam ser negligenciados, tais como a angústia de muitos jovens e adolescentes altenses que sem ocupação vivem ociosos, sem perspectiva de trabalho e renda e nem progressão nos estudos. Como afirmou um dos jovens, ao falar sobre a importância de participar do grupo, *“é muito bom, eu quero participar, a gente precisa ter algo para fazer, por que do jeito que tá sem ter nada para fazer, a gente acaba indo para os bares beber e jogar para ver se o tempo passa, e alguns podem acabar indo para o caminho da droga, por que a região tá baril”* (Bruno Santos, notas de campo, 2018). Para, além disso, a localização geográfica da comunidade tem facilitado seu uso como rotas alternativas para o tráfico de drogas no interior do município, o que acaba por expor estes jovens a “possibilidade” e “facilidade” de ingresso no mundo das drogas.

Assim sendo, decidimos trabalhar com os jovens e adolescentes, com o objetivo de envolvê-los na construção e desenvolvimento de ações educativas para o Turismo de Base Comunitária. O engajamento destes sujeitos tem sido cada vez mais crescente, eles próprios já estão mobilizando a comunidade, inclusive os pais. Ademais, notamos interesses de alguns em dar continuidades aos estudos, e hoje já temos uma estudante cursando história. Nesta fase, já com o envolvimento significativo dos jovens, após alguns diálogos, chegamos à conclusão de que as Rodas de Conversas são o melhor caminho para a construção e efetivação da educação para o TBC na comunidade. Percebemos então que o *blog* Ato: o meu lugar no Sertão, é um espaço importante para eles, sobretudo para pesquisas escolares e estudos sobre a história local. Concluimos que seria muito significativo continuar utilizando o *blog*, construindo novas páginas e fazendo os melhoramentos propostos pelo grupo e as adequações necessárias para atender a proposta do TBC.

Na fase II – A partir das reflexões oriundas do contexto, realizamos a revisão bibliográfica sobre os princípios que direcionam nossa pesquisa, tais como: a educação, dialógica, popular e não formal e Turismo de Base Comunitária. A fim de fortalecer as bases de conhecimento sobre o que temos construído e desenvolvido junto à comunidade, resultando no capítulo 3 e 4. Ainda nesta fase, construímos a nossa proposta educacional de educação para o Turismo de Base

Comunitária, apresentando como pretendemos desenvolver nossas ações na e com a comunidade. Vale ressaltarmos que todo este processo de construção da proposta se deu em colaboração e diálogo com os sujeitos locais, a fim de propor algo que esteja vinculado a realidade destes.

Nessa fase, identificamos a potencialidade de incorporação do uso do *blog* Alto, o meu lugar no Sertão no processo de construção de ações de educação para o Turismo de Base Comunitária. Visto que, o mesmo possui características de uma ferramenta pedagógica socioconstrutivista que possibilita a interação e consequentemente aprendizagem sobre a história do Povoado, acentuando o sentimento de pertencimento e o engajamento dos sujeitos. Neste sentido, consideramos que o engajamento dos sujeitos tem feito muita diferença e gerado muitas possibilidades de ações para promover melhorias na comunidade, as quais aparecerão no processo de aplicação e desenvolvimento das rodas de conversa.

Na fase III, intitulada de ciclos iterativos de aplicação e refinamento em práxis da solução, realizaremos a aplicação da proposta educacional de Educação para o Turismo de Base Comunitária com o grupo parceiro da pesquisa no Povoado Alto. Entretanto, ressaltamos que a aplicação da proposta com a realização de rodas de conversa será processual, dinâmica e dialógica, podendo assim sofrer alterações ao longo do seu desenvolvimento. Desse modo, as decisões no que tange a aplicação da proposta também são dialogadas e decididas em conjunto, principalmente à escolha dos horários, dias e locais das rodas de conversas e desenvolvimento das ações práticas na comunidade.

Nesse sentido, afirmamos que para além dos princípios adotados na construção da proposta, a reflexão e o diálogo permearão todas as fases, em cada ação e decisão, as escolhas não são feitas aleatoriamente. Neste processo, corroborando com Matta *et al.* (2014) para o qual um dos pontos fortes da metodologia DBR é a validação comunitária e a parceria de coautoria dos sujeitos e protagonistas locais, consideramos que o grupo de jovens que tem se engajado na pesquisa, assume um papel essencial no desenvolvimento e aplicação da proposta educacional, não apenas como meros objetos da pesquisa, mas, como sujeitos ativos, com vez e voz em todo o processo.

Na fase IV - Reflexão para produzir “Princípios de design” e melhorar implementação da solução, realizaremos a reaplicação das rodas de conversas com base nas observações da primeira aplicação na fase III, e, por fim, a análise final dos resultados. Contudo, para validar a nossa proposta educacional como solução para a educação para o Turismo de Base Comunitária

no contexto do Povoado Alto, é necessário o acompanhamento das variáveis ou categorias que norteiam a solução, que veremos a seguir.

5.3.2 Definição das Categorias de Análise e Referência

Com base na abordagem metodológica da pesquisa-aplicação defendida por Matta *et al.* (2014) e Plomp *et al.* (2018), apontamos duas categorias em nosso trabalho a Categoria de Análise (variável dependente) e a Categoria de Referência (variável independente). Definimos como categoria de Análise (CA) as rodas de conversas, enquanto proposta educacional para o Turismo de Base Comunitária para as quais criamos um modelo, aplicamos e estudamos. Os elementos as subcategorias que a compõe são:

Categoria de Análise: Rodas de conversas.

Subcategorias de análise:

- a) Identificação (Local, tema, conteúdos, horário, objetivo)
- b) Acolhida
- c) Desenvolvimento
- d) Sugestão de ações práticas
- e) Encaminhamentos
- f) Avaliação do encontro
- g) Avaliação da prática (ações resultantes das rodas de conversas).

Já a Categoria de Referência (CR) corresponde aos princípios da Educação Popular e do Turismo de Base Comunitária aplicados na solução, os quais posteriormente serão analisados, a saber:

- h) Autogestão;
- i) Colaboração;
- j) Compartilhamento de saberes;
- k) Desenvolvimento local sustentável;
- l) Protagonismo da comunidade;
- m) Solidariedade;
- n) Valorização da história e cultura local;
- o) Diálogo;
- p) Democracia;
- q) Engajamento;

- r) Formação para o TBC;
- s) Respeito aos saberes e cultura dos sujeitos.

Após o desenvolvimento das rodas de conversas na prática, realizaremos o cruzamento da categoria de Análise (CA) e a Categoria de Referência (CR), com base nos critérios apontados adiante, após a definição do campo de aplicação, a fim de identificarmos se a solução foi contemplada pelas premissas definidas.

5.3.3 Campo de Aplicação da Pesquisa

O campo de desenvolvimento da pesquisa é o Povoado Alto, em Tucano-BA. A aplicação da proposta educacional será feita com a participação colaborativa de um grupo de jovens e adolescentes do referido povoado, os quais aderiram a proposta, inclusive alguns destes são remanescentes do grupo parceiro de construção do *blog* Alto, o Meu Lugar no Sertão. Inicialmente erámos quatro jovens, hoje nossos encontros contam com a participação de aproximadamente 15 jovens da comunidade, os quais compactuam com os nossos princípios de acolhimento e solidariedade na busca por melhorias para a comunidade local.

Com base na abordagem da Pesquisa-Aplicação que adotamos, visando o desenvolvimento colaborativo da solução, todos os sujeitos têm vez e voz no processo de tomada de decisões e desenvolvimento de ações. Assim, sendo o local dos encontros para as rodas de conversas serão definidos coletivamente durante os encontros, tendo em vista as demandas de estudo e trabalho de alguns participantes. Da mesma maneira, cada sujeito tem a opção de participar ou não dos novos encontros propostos, conforme descrevemos no Apêndice B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, lido e assinado por todos os sujeitos que direta ou indiretamente participaram da pesquisa, submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNEB.

Considerando que o protagonismo da comunidade local é um dos principais princípios do Turismo de Base Comunitária e da concepção dialógica de educação que adotamos, escolhemos ferramentas de coletas de dados que possibilitassem a participação ativa dos sujeitos. Tais como, as entrevistas abertas (modelo de entrevista disponível em Apêndice C – Roteiro temático de entrevista aberta), para a construção do contexto sócio-histórico do Povoado Alto e as rodas de conversas como proposta pedagógica para o desenvolvimento da educação para o Turismo de Base Comunitária.

5.3.4 Critérios de Análise de Resultados

Os princípios que compõe a categoria de Referência (CR) serão analisados, para isso é necessário que sejam estabelecidos critérios de verificação para o acompanhamento e análise da solução. Por isso, a seguir, apresentamos a descrição dos critérios de verificação da solução, da nossa proposta de Educação para o Turismo de Base Comunitária, por meio do desenvolvimento das Rodas de Conversas.

a) Autogestão: para verificarmos se este princípio foi contemplado na solução, analisaremos como os sujeitos irão gerir a organização, construção e desenvolvimento de ações que emergirem das rodas de conversas;

b) Colaboração: verificaremos como e se os sujeitos colaboraram com o estudo e entre si nas rodas de conversas, na organização e desenvolvimento das ações práticas na comunidade;

c) Compartilhamento de saberes: verificaremos se houve compartilhamento de saberes durante as rodas de conversas, observando se foram discutidos aspectos relacionados aos saberes locais, como: modo de vida na comunidade, práticas culturais, tecnologias sociais, se houve alguma ação na comunidade relacionada com o processo de trocas de saberes;

d) Desenvolvimento local sustentável: analisaremos se durante o desenvolvimento das rodas de conversas e ações práticas no Povoado Alto, houveram ações para a promoção de melhorias na qualidade de vida na comunidade, ou seja, no bem estar social e coletivo, se houve incentivo à preservação do meio ambiente e a valorização da cultura local;

e) Protagonismo da comunidade: verificaremos se houve participação dos sujeitos locais, nos encontros e no desenvolvimento das ações práticas na comunidade;

f) Solidariedade: verificaremos se durante as rodas de conversas e desenvolvimento das ações na comunidade, os sujeitos agiram em prol do bem-estar coletivo, respeitando e valorizando uns aos outros, independentemente de suas diferenças;

g) Valorização da história e cultura local: tanto nas rodas de conversas como no desenvolvimento de atividades práticas, verificaremos se houveram ações de valorização da história e cultura local, por meio dos diálogos, sugestões e ações, bem como a interação e comentários no *blog* Alto, o meu Lugar no Sertão, envolvendo o referido princípio;

h) Diálogo: verificaremos se houve interação e respeito aos momentos de fala e escuta uns dos outros, se houve respeito às opiniões divergentes, se houve negociação durante as tomadas de decisões;

i) Democracia: verificaremos se foi assegurado o direito de participação, de fala e escuta para os sujeitos envolvidos;

j) Engajamento: verificaremos se os sujeitos participaram de fato, tanto nas rodas de conversas, quanto no desenvolvimento das ações práticas, para isso observamos a frequência, assiduidade e colaboração;

k) Formação para o TBC: verificaremos se no desenvolvimento da proposta educacional, tanto nas rodas de conversas, como no desenvolvimento das ações práticas, se os princípios que regem nossa proposta de educação e TBC foram contemplados, observando se os sujeitos conseguem desenvolver o TBC, enquanto processo educativo, enraizados em sua história e cultura local, ou seja, um TBC com as características, cores, sabores e práticas do Povoado Alto;

l) Respeito aos saberes e cultura dos sujeitos: verificaremos se os saberes e cultura dos sujeitos foram respeitados, através dos diálogos, falas e ações práticas, observando se a cultura, religião e modos de vida foram respeitados.

Conforme descrevemos acima, todos os princípios da categoria independente serão analisados em cruzamento com a categoria dependente, para validar e facilitar este processo, nossos encontros e ações serão registrados em atas e imagens. Contudo, afirmamos que para a validação da nossa proposta educacional, enquanto solução de educação para o Turismo de Base Comunitária, não consideramos ser necessário que todos estes princípios sejam contemplados em todos os encontros e ações, afinal estamos trabalhando com sujeitos ativos em um processo educativo dinâmico.

Por fim, reiteramos que a nossa proposta educacional não tem como objetivo resolver todos os problemas que assolam o Povoado Alto, mas construir ações de educação para o Turismo de Base Comunitária. De maneira, que possa assim contribuir com a formação dos sujeitos locais para a organização do TBC na comunidade, visando promover a valorização da história e cultura local, e consequentemente melhorias e opções de trabalho e renda, principalmente para os jovens da comunidade. Neste sentido, no capítulo a seguir, trataremos da análise dos resultados da aplicação e desenvolvimento da proposta educacional cruzando com os princípios adotados, para verificarmos se esta poderá ser validada ou não como solução de educação adequada para o contexto do Povoado Alto.

6 ANÁLISE DA APLICAÇÃO DA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO PARA O TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA E OS RESULTADOS

Neste capítulo temos como objetivo apresentar os resultados da aplicação da proposta de educação para o Turismo de Base Comunitária no contexto do Povoado Alto, por meio do desenvolvimento de Rodas de Conversas. Nossa análise se deu com base nas discussões sobre as Rodas de Conversas e seus elementos apresentados e fundamentos no capítulo 5, que consideramos como nossa Categoria de Análise (CA) e os princípios do Turismo de Base Comunitária e da Educação Popular, respectivamente discutidos e apresentados nos capítulos 3 e 4, considerados aqui como nossa Categoria de Referência (CR).

Nesse sentido, vale ressaltarmos que a abordagem metodológica da Pesquisa-Aplicação se difere dos modelos tradicionais de pesquisas em educação, tendo em vista que esta pressupõe o foco na busca, desenvolvimento e aplicação de soluções práticas para processos educacionais, sejam eles formais ou não. No nosso estudo, elaboramos um modelo de roda de conversa, como um recurso pedagógico para a educação para o Turismo no contexto do Povoado Alto dos sujeitos envolvidos. Com isso, buscamos aqui analisar como esta proposta de educação contemplou ou não os princípios do TBC e da educação popular.

O desenho ou modelo proposto para as rodas de conversas apresentado no capítulo anterior foi resultado dos encontros iniciais com o grupo, nos quais observamos a necessidade de propor práticas que os envolvesse, de maneira que pudessem expressar suas ideias. Para, além disso, sugerimos no modelo que a cada roda de conversa realizada fossem apresentadas sugestões de como colocar as discussões dos temas em prática no Povoado Alto, não só para o grupo, mas que pudesse abranger a comunidade como um todo ou pelo menos parte dela.

Inicialmente pensamos em agrupar os temas das rodas de conversas em blocos, conforme apresentado no Quadro 16 no capítulo anterior, a fim de contemplar os aspectos do contexto sócio-histórico do Povoado Alto, até então pouco conhecido por alguns participantes, que prontamente aprovaram e validaram a proposta. A seguir apresentamos a descrição da aplicação das rodas de conversas e os seus efeitos na prática.

6.1 APLICAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DAS RODAS DE CONVERSAS

A proposta das rodas de conversa foi elaborada com base nos primeiros encontros com o grupo da comunidade, com o objetivo de dialogar sobre temas e conteúdos relacionados com os aspectos da história e cultura do Povoado Alto, indispensável ao se pensar numa educação

para o Turismo de Base Comunitária. Desse modo, construímos o modelo de desenvolvimento de Roda de conversa, pois acreditávamos ser a mais adequada para o compartilhamento de saberes e práticas, considerando o público participante e o contexto histórico, social e cultural do Povoado Alto, já apresentado no capítulo 2.

Os temas das rodas de conversa foram agrupados em 3 blocos, conforme o Quadro 16, a saber: A História do Povoado Alto, A cultura Altense e Aspectos contemporâneos da comunidade. Foram elaboradas 3 propostas de rodas de conversas, uma correspondente a cada bloco. Para facilitar a comunicação entre os participantes, criamos um grupo no *WhatsApp* para dialogarmos sobre as definições de datas, horários e locais dos encontros.

A primeira roda de conversa foi sobre a história do Povoado Alto, conforme o Quadro 21, a seguir. A escolha do local foi uma homenagem ao senhor José Francisco de Andrade, habitante mais velho da comunidade, que protagonizou o início dos trabalhos sobre o Povoado Alto e foi uma das inspirações para a construção do *blog* Alto, o Meu Lugar no Sertão. Seguindo as sugestões apontadas pelo grupo, pensamos numa proposta de conteúdos, extraídos do capítulo 2, que possibilitassem aos participantes um bom entendimento sobre a história da comunidade. A definição do horário foi uma decisão do grupo via *WhatsApp* que entendeu ser melhor no turno matutino.

Quadro 21 - Planejamento da roda de conversa sobre a História do Povoado Alto

BLOCO I - HISTÓRIA DO POVOADO ALTO
Local: Casa do senhor José Francisco de Andrade. Data e Horário: 09 de dezembro de 2018 às 8h. Duração prevista: 3h. Bloco temático: História do Povoado Alto Conteúdos: Formação de currais no Sertão baiano; A influência da Casa da Torre na formação do município; Relação com Itapicuru A Busca por minérios; O grande curral do Alto; A Presença dos índios; A igreja católica; Coronelismo, Participação de altenses na guerra de Canudos, A passagem de Lampião na comunidade. Relação com o Turismo de Base Comunitária. Objetivo: Dialogar sobre os principais aspectos que compõe a história do Povoado Alto, desde as influências para o processo de surgimento até acontecimentos marcantes e sua relação com o Turismo de Base Comunitária. Acolhida: Realização da dinâmica do barbante sobre a importância do compartilhamento de saberes e experiências. A segunda dinâmica é sobre: Me conte sobre o lugar onde vive: cada participante deveria contar algo que sabe sobre o povoado, como surgiu? Quem foram os primeiros moradores? Qual a origem do nome Alto? Desenvolvimento:

- Apresentação do tema e objetivo da roda de conversa, explicando o motivo da arrumação em círculo, no sentido de valorização da presença e participação de todos num espaço onde todos e todas aprendem juntos, uns ao lado dos outros.
- Apresentação dos sujeitos participantes.
- Início do diálogo sobre os conteúdos do eixo temático, em interação com os participantes.
- Questionar sobre o que os sujeitos sabem ou conhecem ou viveram sobre a história do Povoado Alto.
- Relacionar os saberes abordados pelos sujeitos com os conteúdos que compõe o tema central.
- Dialogar sobre o que é Turismo de Base Comunitária? Como se faz? Se já participaram ou vivenciaram o Turismo de Base Comunitária?
- Questionar sobre como podemos desenvolver ações de aplicação ou desenvolvimento desses temas na realidade da comunidade.
- Dialogar com os sujeitos sobre como podemos desenvolver o Turismo de Base Comunitária no Povoado Alto.
- Realizar um breve resumo oral sobre as discussões sobre a temática.
- Planejar e discutir a ação prática sugerida pelos participantes.
- Fazer os registros das discussões, destacando as contribuições e os novos conhecimentos e as ações sugeridas oriundas da participação dos sujeitos locais.

Sugestões de ações práticas: Criar uma biblioteca para incentivar o prosseguimento nos estudos da população local; realizar trilhas na comunidade com o grupo; Criação de um roteiro para visitantes; Nomeação das ruas; Edição do Blog para acrescentar as novas descobertas.

Avaliação do encontro: o encontro contou com a participação de 9 jovens e adolescentes, os quais relataram ter gostado do encontro, das dinâmicas e da maneira como a discussão foi conduzida, relatando dificuldade de compreender algumas coisas, pois não conheciam muito sobre a história do Povoado, por isso sugeriram que a o tema fosse estendido para outros encontros. Relataram acreditar que com interesse e com as sugestões de ações que serão colocadas em prática podem ajudar no entendimento da história do Alto, além de ser uma ocupação, pois sentem falta de ter algo interessante para fazer e que por isso muitos acabam indo para os bares beber e jogar. No entanto, alguns relataram surpresa com as discussões sobre o Turismo de Base Comunitária, muitos deles por que não acreditavam muito na possibilidade de pessoas se interessarem em visitar a comunidade. O tempo previsto foi ultrapassado e ainda assim considerado insuficiente para aprofundar os diálogos.

Encaminhamentos: Como o tempo previsto para a realização da roda de conversa não foi suficiente, sugeriu-se estender as discussões sobre o tema para outros encontros, para que fossem aprofundados temas sobre a história e cultura da comunidade e sobre o TBC, para facilitar um melhor entendimento. O grupo sugeriu que os próximos encontros podem ocorrer no mesmo local, desde que não seja aos finais de semana com horário e data a combinar com os participantes.

Avaliação da prática na comunidade (ações resultantes das rodas de conversas): as ações propostas são grandiosas, se compradas com a nossa realidade e o envolvimento das pessoas da comunidade. O processo de planejamento e execução das ações foi e continua sendo longo, pois algumas continuam em desenvolvimento. Cada ação foi cuidadosamente planejada, pesquisada e dialogada entre o grupo e a comunidade, refletem o entendimento dos sujeitos sobre a temática abordada. Além disso, cada uma delas mobilizou e impactou os participantes de uma maneira surpreendente, ganhando dimensão na comunidade e inclusive atraindo novos participantes para o grupo.

Fonte: Elaborado pela autora (2019)

O encontro para a nossa Roda de Conversa sobre a história do Povoado Alto ocorreu na data prevista, dia nove de dezembro de 2018, com início às 8h e término por volta de 12h 10min e contou com a participação de nove jovens e adolescentes da comunidade (APÊNDICE D - Imagens da primeira roda de conversa com o grupo Filhos do Sertão). O encontro foi muito enriquecedor, o grupo interagiu com muita curiosidade e interesse sobre a história do Alto. Inicialmente, diziam não saber muita coisa, mas à medida que interagiam alguns iam lembrando histórias que ouviram dos pais ou avós e outros relatavam as leituras no *blog* Alto, o meu lugar no sertão. A avaliação do grupo sobre o encontro, apontou como um dos pontos fracos a falta de conhecimento aprofundado sobre a comunidade, sua história e cultura e sobre o TBC. Em meio aos diálogos, os participantes apontaram as principais dificuldades ao se pensar na organização do TBC no Povoado, revelando seus medos, dificuldades e necessidades.

As ações práticas sugeridas foram bem desafiadoras, sendo uma delas a criação de uma biblioteca, que por demandar muito tempo optamos para que fosse processualmente planejada e executada em encontros posteriores. Nesse sentido, após a realização da roda de conversa o grupo agendou outros encontros para tratar especificamente do planejamento e execução das ações propostas. Com base na primeira aplicação concluímos que dificilmente as rodas de conversas dos blocos temáticos que planejamos estariam restritas a um único encontro, mas que poderiam se estender para quantos encontros fossem necessários, desde que o grupo entendesse como necessário.

Nos diálogos durante a roda de conversa, percebemos que muitos dos lugares citados não eram conhecidos pela maioria dos participantes, os quais demonstraram curiosidade e interesse em conhecer alguns pontos da comunidade, sugerindo a realização de uma trilha com os membros do grupo. O tema sobre a história do Povoado se estendeu por mais 4 encontros oficiais, os quais ocorreram para atender uma demanda apontada pelo grupo, que era o aprofundamento sobre a história do povoado, sendo que ocorreram outros encontros informais quinzenalmente para planejar e executar as ações sugeridas, descritas a seguir.

O processo de organização da Biblioteca comunitária do Povoado Alto, durou cerca de um ano, foi muito longo, colaborativo e desafiador. O envolvimento de todos do grupo e também da comunidade possibilitou que conseguíssemos muitas outras coisas além dos livros para empréstimo. A biblioteca funciona na casa do senhor José Francisco de Andrade, onde realizamos o primeiro encontro. A escolha do nome foi para destacar e referenciar o Povoado, pois é a única biblioteca comunitária do município de Tucano, o que para nós é motivo de muito orgulho. Na biblioteca, além do empréstimo de livros, realizamos xerox e impressão por um preço justo, assim as pessoas da comunidade não precisam se deslocar para outros povoados ou

sede para fazer estes serviços. Sem contar que a renda gerada nos ajuda pagar as contas de luz e *internet* da biblioteca, que se transformou num espaço cultural e de pesquisa. Visto que, no mesmo espaço organizamos também o Ecomuseu ¹³, o qual será explicado adiante no bloco sobre a cultura altense, que retrata a história e a cultura do nosso lugar. No Apêndice E – Imagens da organização da Biblioteca Comunitária, temos algumas fotos disponíveis da biblioteca.

A realização da trilha ocorreu no dia 29 de janeiro de 2019, uma experiência educativa e emocionante para todos do grupo, pois tivemos a oportunidade de não só ouvir as histórias sobre o que o aconteceu, mas podemos ver e visitar os lugares por onde Lampião passou, o lugar onde morou o senhor que deu nome ao Povoado, tudo isso foi muito bom para o nosso conhecimento sobre a história do Alto. Sem contar as belas paisagens que contemplamos, lugares que muitos nem imaginavam que existia e não faziam ideia do quanto eram bonitos e carregados de histórias e mitos. Após a trilha tivemos a adesão de mais dois jovens ao grupo. Algumas imagens da trilha estão disponíveis no Apêndice F – Imagens da trilha realizada no Povoado Alto.

Em acordo com as ideias e discussões via *WhatsApp*, nos encontramos no dia 07 de fevereiro de 2019 para elaborar um roteiro intitulado de “conhecendo o Alto com o objetivo de apresentar os principais pontos da comunidade para falar de sua história e cultura. Em meio às paradas nos pontos escolhidos, tínhamos um espaço para dialogar com alguns dos moradores mais antigos da comunidade. Durante o planejamento do roteiro foi possível perceber como cada ação impulsionava outras demandas, questionamentos e curiosidades. Ao transformar as discussões sobre a história do Povoado Alto em ações práticas com a comunidade, nós só enriquecíamos ainda mais a nossa história. Quando surgia alguma dúvida sobre um acontecimento, o grupo se dividia na comunidade para conversar com os habitantes,

¹³ Segundo Mattos (2006, p. 1) “O termo Ecomuseu está intimamente ligado a uma experiência comunitária francesa, na região industrial das cidades de Creusot (siderurgia) e Montceau les Mines (carvão), entre os anos 1971-82, [...] nasceu sob noções de ecologia humana, de comunidade social, de entidade administrativa e, sobretudo, da definição do território e da vontade de contribuir ao seu desenvolvimento. Para aquelas populações, o Ecomuseu representava um fator de construção comunitária, apresentando uma inovação: a relação entre patrimônio e sociedade demonstrada pelo sentimento e pela ação. Para eles, os testemunhos do passado, traços de identidade de um território, eram de responsabilidade coletiva servindo de instrumento de educação popular para a invenção criadora do futuro.”. Por isso, escolhemos trabalhar com Ecomuseu por entendermos que suas características e modo de organização dialogam como os objetivos de nosso estudo.

principalmente, para buscar respostas, e elas quase sempre vinham recheadas de novas descobertas.

O roteiro foi realizado no dia 9 de fevereiro de 2019 com dois visitantes e teve duração de 4 h, cada membro do grupo ficou responsável por conduzir uma parte e explicar os pontos de parada. Esta foi a nossa primeira experiência prática com o TBC, e por que não dizer um bom começo, pois a cada parada e diálogo mergulhávamos ainda mais na história e cultura local, descobrindo novos fatos, histórias, mitos, lendas e causos. Após a execução do roteiro, reunimos o grupo e avaliamos a execução do roteiro apontando pontos fracos e fortes, no intuito de melhorar na realização dos próximos. O principal ponto negativo apontado pelo grupo foi a falta de experiência que culminou inclusive nos poucos registros fotográficos. Algumas imagens do primeiro roteiro estão disponíveis no Apêndice G – Imagens do primeiro roteiro.

Após o roteiro tivemos mais um encontro ainda referente ao bloco I, o qual ocorreu no dia 24/02/19 e discutimos sobre a ideia de nomear as ruas da comunidade, e prontamente iniciamos o processo de pesquisa para a nomeação, que só foi concluída no mês de junho do mesmo ano. Colocar nome nas ruas do lugar onde a gente vive foi algo incrível, que nos obrigou a conhecer mais sobre aqueles que viveram aqui antes de nós, pois tivemos que investigar, conversar com muitas pessoas idosas para saber sobre como cada rua se formou, os primeiros moradores ou algo que fosse marcante naquela rua. Além disso, ainda foi preciso realizarmos enquetes com toda a comunidade para saber se todos os moradores aprovavam os nomes propostos, alguns foram recusados e outros novos sugeridos. Tal ação impulsionou a realização da contagem dos habitantes de cada rua, gerando o censo comunitário do Povoado Alto de 2019; para tanto foi importante o compromisso de cada membro do grupo que se dividiu pela comunidade contando pessoa por pessoa. O mapa com nome das ruas e o gráfico com dados do censo comunitário do Povoado Alto já foram apresentados anteriormente no capítulo 2.

Com as novas descobertas e ações realizadas na comunidade, a edição do *blog* Alto, o meu lugar no Sertão se tornou necessária para acrescentar novas descobertas e atualizar algumas informações, para possibilitar que o conhecimento sobre o nosso lugar no Sertão fosse ainda mais aprofundado. O processo de edição foi muito longo e necessário, pois a cada dia novas coisas iam surgindo, novas ideias, novos conhecimentos construídos, novos comentários e sugestões de pessoas da comunidade e de outras que moram até em outros países. É importante postar aquilo que temos desenvolvido no nosso povoado, pois pode incentivar outros jovens de outros lugares. Por isso, o processo de atualização do *blog* é inacabado, pois estamos sempre descobrindo e realizando novas coisas. Imagens da nova apresentação do *blog* e alguns comentários disponíveis no Apêndice H – *Prints* da nova apresentação e comentários no *blog*.

O segundo bloco de rodas de conversas foi sobre a Cultura altense, conforme o Quadro 22, no qual tínhamos como objetivo dialogar sobre as principais manifestações culturais que fizeram e fazem parte da história e formação da comunidade. Os conteúdos para as rodas de conversas foram extraídos do capítulo 2. Seguindo a avaliação e sugestões do grupo, definimos o horário para o final da tarde para abranger os participantes que trabalham e estudam nos turnos matutino e vespertino.

Quadro 22 - Planejamento da roda de conversa sobre a cultura altense

BLOCO II - A CULTURA ALTENSE	
Local: Escola Municipal São Pedro. Data e Horário: 29 de abril de 2019, às 17h30. Duração prevista: três horas, podendo ser estendida, caso necessário. Bloco temático: A Cultura Altense Conteúdos: O curral como local sagrado; Relação de práticas culturais com formas de trabalho; Os Tropeiros, Carreiros, Vaqueiros e as Cavalgadas e Toadas; São João, Despalhas de milho; Carurus; Semana santa; Rezas e uso de plantas medicinais, Festa de padroeiro. Relação com o TBC. Objetivo: Dialogar sobre as principais tradições culturais que fizeram e fazem parte da vida na comunidade. Acolhida: Realização de dinâmicas de acolhimento com versos e objetos que representam as manifestações culturais do povoado. Desenvolvimento: • Apresentação da mediadora e da proposta e objetivo da roda de conversa, explicando o motivo da arrumação em círculo, no sentido de valorização da presença e participação de todos num espaço onde todos e todas aprendem juntos, uns ao lado dos outros. • Apresentação dos novos sujeitos participantes. • Início dos diálogos sobre as dinâmicas de acolhimento que representam com objetos e versos, que representam a cultura local com a interação com os participantes. • Questionar as práticas culturais que os sujeitos participantes sabem, já ouviram falar ou vivenciaram na comunidade. • Relacionar os saberes abordados pelos sujeitos com os conteúdos que compõe o tema central sobre a cultura altense. • Ouvir habitantes mais velhos da comunidade sobre as práticas culturais que não são mais praticadas no Povoado. • Discutir sobre a relação das manifestações culturais com as formas de trabalhos na comunidade. • Dialogar com os sujeitos sobre como podemos desenvolver ações de aplicação dos temas na realidade da comunidade. • Realizar um breve resumo oral sobre as discussões e curiosidades sobre a temática discutida. • Planejar e discutir as ações práticas sugeridas pelos participantes.	

- Fazer os registros das discussões, destacando as contribuições e os novos conhecimentos e as ações práticas oriundas da participação dos sujeitos locais.

Sugestões de ações práticas: Organização e realização do primeiro Pôr do Sol cultural; A Criação do Ecomuseu da história e cultura altense e a Edição do Blog.

Avaliação do encontro: o grupo relatou ter gostado e aprendido muito nos diálogos sobre a cultura altense e ter descoberto muitas práticas culturais que não conheciam. Foi pontuado a importância de estender os encontros ou pensar em ações que possa abranger a comunidade.

Encaminhamentos: Sugeriu-se estender as discussões sobre a cultura altense para outros encontros, tendo em vista que o tempo previsto não foi suficiente para aprofundar as discussões. Tais encontros podem ocorrer no mesmo local e horário com data a combinar com os participantes.

Avaliação da prática na comunidade (ações resultantes das rodas de conversas):

As ações práticas sugeridas durante os encontros das rodas de conversas tomaram dimensões inimagináveis, fugindo de todo o planejamento que tínhamos adotado inicialmente. Além dos impactos positivos na comunidade, à medida que as ações iam sendo postas em prática novos membros aderiam ao grupo, revelando um crescimento considerável do número de pessoas engajadas na busca por valorização e melhorias para o local onde vivem.

Fonte: Elaborado pela autora (2019)

A roda de conversa inicial sobre a cultura altense ocorreu na data prevista no dia 29 de abril à noite, a escolha do turno foi uma sugestão do grupo tendo em vista o retorno das aulas. O encontro contou com a presença de 12 jovens, que após as discussões sobre a história local e algumas ações já finalizadas se sentiam menos envergonhados de dialogar e expor suas ideias e opiniões. O tempo de duração não foi suficiente para esgotar as discussões, por isso foram necessários mais 3 encontros para dar continuidade à temática, planejar e executar as ações propostas.

O segundo encontro sobre a cultura altense ocorreu no dia 10 de maio 2019 às 17h 30min, no qual continuamos apresentando e relatando algumas práticas culturais importantes na comunidade, que infelizmente já estavam quase esquecidas. A partir de então iniciamos o processo de planejamento do primeiro Pôr Sol Cultural do Povoado Alto, as apresentações foram sugeridas pelo grupo, que passou a denominar-se Filhos do Sertão. A cada apresentação sugerida pelos participantes novos aspectos da história e cultura local iam se desvelando.

Realizamos o evento no dia 11 de junho de 2019 em frente à escola para acolher todos os visitantes. Convidamos toda a comunidade para assistir e participar das apresentações de cordéis, poemas e poesias sobre a história e cultura, escritos por membros do grupo. Realizamos também apresentações de peças teatrais relatando a passagem de Lampião na comunidade e outra sobre a sofrida migração de altenses para as grandes cidades. Tivemos ainda apresentações de danças do período junino, comidas típicas e a brilhante participação de um grupo de senhoras da comunidade apresentando uma roda de despalha de milho, regada de

muitos versos e cantigas. O evento Pôr do Sol Cultural, algumas imagens estão disponíveis no Apêndice I – Imagens do evento Pôr do Sol Cultural, foi um entardecer alegre e acolhedor que contou com a presença de toda a comunidade, desde criança até idosos, que riram e choraram juntos.

Por isso, podemos considerar que o evento Pôr do Sol Cultural foi um momento de encontro de gerações e de possibilitar o contato com manifestações culturais já quase esquecidas e desconhecidas pela população mais jovem. Aproveitamos o evento com a comunidade toda reunida para apresentarmos os nomes das ruas, o censo comunitário e o andamento da organização da Biblioteca Comunitária. O evento ganhou dimensões na comunidade, que já foi cogitada a possibilidade de uma segunda edição. Além disso, a comunidade começou a dar mais importância para o grupo de jovens e adolescentes, o qual recebeu adesão de novos membros.

Em meio ao processo de ensaios do Pôr do Sol Cultural realizamos um encontro no dia 15 de maio de 2019 para discutirmos acerca da criação do Ecomuseu da história e cultura altense. A ideia de criação do Ecomuseu surgiu durante os encontros e discussões sobre a cultura altense. O objetivo era juntar aspectos da história e cultura no espaço da biblioteca para que a comunidade e os visitantes pudessem não só ter acesso aos livros, mas pudessem conhecer objetos que representam um pouco da história e cultura do Povoado. Para isso, iniciamos um processo de garimpo de objetos e histórias na comunidade.

Com a ajuda e colaboração dos moradores conseguimos muitos objetos que representam as formas de trabalho, alguns períodos vivenciados na comunidade e outros. O processo de garimpo e organização do Ecomuseu foi lento e muito educativo, pois à medida que perguntávamos aos colaboradores a origem, identificação e uso dos objetos, já estávamos aprendendo sobre a história e cultura do nosso lugar no sertão. O Ecomuseu ainda está em processo de organização, mas foi inaugurado juntamente com a biblioteca no dia 08 de dezembro de 2019, conforme imagens disponíveis no Apêndice J – Imagens do Ecomuseu da história e cultura altense.

No dia 26 de maio de 2019, realizamos mais um encontro presencial para definir questões relacionadas ao Pôr do Sol Cultural. Além dos encontros presenciais, os diálogos continuavam virtualmente e considerando que o *blog* se configurou como um espaço digital de diálogos e comunicação do grupo com a comunidade local e de outros povoados, cidades, estados e até países, atualizávamos à medida que descobríamos novos fatos e desenvolvíamos novas ações na comunidade. Cada nova ação era postada no *blog*, para deixá-lo ainda mais completo. Isso foi bem significativo, pois altenses que moram em outros locais, podiam estar informados e

colaborar com novas sugestões de ações, além de se tornar também um espaço de pesquisa para os alunos altenses.

O terceiro bloco de rodas de conversas foi sobre os Aspectos contemporâneos da comunidade, conforme o Quadro 23, cujo objetivo era dialogar sobre os principais temas relacionados à vida atualmente na comunidade. Mantivemos o horário no turno noturno por ser o mais adequado para a maioria dos participantes. A escolha do local continuou sendo a escola, pois o espaço da biblioteca comunitária ainda não tinha energia elétrica.

Quadro 23 – Planejamento roda de conversa: aspectos contemporâneos da comunidade

BLOCO III- ASPECTOS CONTEMPORÂNEOS DA COMUNIDADE
Local: Escola Municipal São Pedro. Data e Horário: 29 de julho de 2019 às 18h. Duração prevista: três horas, podendo ser estendida, caso necessário. Bloco temático: Aspectos contemporâneos da comunidade Conteúdos: A economia local; Migração de altenses para as grandes cidades; A degradação ambiental na comunidade; Poluição do rio; Reflexos do coronelismo; Falta de perspectivas de estudo e trabalho; Relação com o TBC. Objetivo: Dialogar sobre os principais aspectos contemporâneos que permeiam o modo de vida e as relações na comunidade na contemporaneidade. Acolhida: Realização de dinâmicas de acolhimento com citações de palavras que remetem ao modo de vida contemporânea na comunidade. Exemplo: Cultura, Poluição do rio Itapicuru, Educação, Trabalho, Renda, Violência, Drogas e Migração de jovens para as grandes cidades. TBC. Desenvolvimento: • Apresentação do objetivo da roda de conversa, explicando o motivo da arrumação em círculo, no sentido de valorização da presença e participação de todos num espaço onde todos e todas aprendem juntos, uns ao lado dos outros. • Apresentação dos novos sujeitos participantes, caso haja. • Início dos diálogos sobre as dinâmicas de acolhimento com palavras relacionadas com o modo de vida contemporânea na comunidade. • Questionar sobre outras palavras que os participantes consideram estar relacionada com o tema discutido. • Discutir sobre como os aspectos abordados influenciam a vida e a sobrevivência na comunidade. • Dialogar com os sujeitos sobre como podemos desenvolver ações de superação de algumas dificuldades e problemas que permeiam a realidade da vida na comunidade. • Realizar um breve resumo oral sobre as discussões sobre a temática.

- Planejar e discutir as ações práticas sugeridas pelos participantes.
- Fazer os registros das discussões, destacando as contribuições e os novos conhecimentos e as ações práticas oriundas da participação dos sujeitos locais.
- **Sugestões de ações práticas:** Incrementação para o acervo do Ecomuseu, Biblioteca autossustentável - fazendo serviços de xerox e impressão, oficinas de artesanato/Mudas de cactos ornamentais. Mapeamento de atrativos com oficina de roteirização e criação de roteiros turísticos para recebimento de visitantes para execução de roteiros; Edição do blog.

Avaliação do encontro: o grupo relatou que a reunião foi bem proveitosa e os fez pensar em situações que fazer parte da realidade da vida na comunidade, mas que podem ser mudadas ou pelo menos melhoradas. Ressaltaram que a falta de perspectivas de estudo e trabalho ainda é um dos principais dilemas que afeta jovens e adultos, principalmente os homens. A mudança no dia e horário facilitou a participação de mais pessoas, mas o tempo foi insuficiente para tratar do tema.

Encaminhamentos:

O grupo sugeriu estender o tema das rodas de conversas para outros encontros, relatando a necessidade de aprofundar as discussões e discutir, planejar e executar as ações propostas. Sugeriram também manter os encontros durante a semana no turno noturno, mas já no espaço da biblioteca comunitária.

Avaliação da prática na comunidade (ações resultantes das rodas de conversas):

As ações continuam tendo uma grande força na mobilização da comunidade, demonstrando que o grupo tem conseguido estabelecer uma boa relação entre os temas tratados nas rodas de conversas com as ações práticas na e com a comunidade.

Fonte: Elaborado pela autora (2019)

A roda de conversa inicial sobre os aspectos contemporâneos da comunidade ocorreu na data prevista, após 23 dias da realização do evento que mobilizou e encantou toda a comunidade, o Pôr do Sol cultural. Isso influenciou diretamente os encontros, o grupo recebeu a adesão de mais três jovens que relataram se sentirem encorajados após a participação no referido evento. As discussões sobre a temática foram estendidas para mais dois encontros, a fim de melhor tratar sobre alguns conteúdos como a falta de perspectivas de estudo e trabalho e a migração da população local que afetaram e continuam afetando a vida de muitos altenses, sobretudo, a população jovem.

Com as discussões sobre os temas que permeiam a vida contemporânea na comunidade, pensamos ser relevante colocar no Ecomuseu informações, poemas, músicas e imagens atuais do povoado Alto. Teremos não somente os aspectos antigos, mas também um pouco do que é o sentimento de viver no Alto hoje. A incrementação para o acervo do Ecomuseu foi muito interessante, pois possibilitou aos participantes expor sua criatividade e talentos ao expressar através de imagens, poemas e cordéis sobre como é viver na comunidade do Alto, podendo comparar entre o de ontem e o de hoje.

Levando em consideração a falta de perspectiva de renda na comunidade, durante as discussões do segundo encontro chegamos à conclusão de que não conseguiríamos manter o funcionamento da Biblioteca Comunitária, ou seja, pagar energia elétrica, *internet*, manutenção do computador e impressora, por isso a solução foi oferecer serviços de impressão e xerox por um preço justo na biblioteca para ajudar a mantê-la. A ideia foi muito bem recebida pelos moradores, pois até então quando precisavam de xerox ou impressão tinham que se deslocar para outros povoados ou para a sede do município. Oferecendo estes serviços e outros na biblioteca, além de ajudar a comunidade, estávamos também criando o que chamamos de Biblioteca autossustentável.

Durante o período dos encontros referentes a este bloco temático, 4 membros do grupo foram morar em São Paulo, e assim vivenciamos na prática a recorrente migração dos jovens altenses. Por isso, diante dos diálogos estabelecidos durante os encontros e das vivências na comunidade era impossível não os utilizar para atualizar o *blog* com informações do Alto contemporâneo. Com isso, conseguimos contar um pouco sobre como era e surgiu o Alto, como ele foi se desenvolvendo e como está atualmente.

Uma das ações sugeridas foi a realização de um mapeamento sobre os possíveis atrativos da comunidade, o qual foi listado durante o desenvolvimento de uma oficina de roteirização que aconteceu no segundo encontro no dia 29 de outubro de 2019, às 18h na Biblioteca Comunitária. O objetivo do Mapeamento de atrativos era identificar o que cada um mostraria da nossa comunidade, cada participante apontou lugares para onde levaria alguém que não conhece o Alto. Apontaram também que levariam para conversar com algumas pessoas mais velhas da comunidade para que eles próprios contassem as histórias de antigamente. Foi um momento muito importante, pois cada um foi sugerindo locais e pessoas de acordo com sua visão do lugar onde vive, e rapidamente, aquele lugar que muitos diziam não ter nada, já tinha uma lista de lugares a ser visitados e histórias a ser contadas.

Com base nas discussões sobre o Turismo de Base Comunitária e no mapeamento realizado durante a oficina de roteirização, sistematizamos coletivamente 5 opções de roteiros turísticos na comunidade. A saber: Conhecendo o Alto e suas ruas, que é uma remodelagem do primeiro roteiro elaborado e executado pelo grupo em fevereiro de 2019. A versão melhorada do roteiro tem como objetivo apresentar o Alto levando as pessoas para conhecer pontos importantes e dialogar com habitantes locais, além de apresentar o nome das ruas e seus significados, sendo esta já o resultado das ações práticas desenvolvidas pelo grupo na comunidade.

Os demais roteiros foram elaborados com base no mapeamento, a saber: Caminhos de Lampião, cujo objetivo é contar a história da passagem de Lampião no Povoado Alto, mostrando os lugares por onde ele passou e conversando com os moradores; Formas de trabalho e cultura têm como objetivo apresentar as antigas e atuais formas de trabalho na comunidade e sua relação com a cultura local, a exemplo da religiosidade sertaneja, cujo objetivo deste roteiro é apresentar as principais manifestações religiosas da comunidade dialogando com algumas pessoas que mantêm a fé e a tradição religiosa de seus ancestrais. E por último, o roteiro “Vamos ver o Pôr do Sol”, levando visitantes para alguns pontos do povoado que possibilitam uma visão deslumbrante do Pôr do Sol, acompanhado de versos, cordéis e poesia.

As programações dos roteiros apresentados acima estão todos disponíveis no Apêndice K - Roteiros, e representam o resultado de todos os temas trabalhados, cada um expressa um pouco de cada encontro das rodas de conversas, inclusive, a ideia de atrair visitantes para a comunidade, sendo esta uma possibilidade para gerar renda complementar no Povoado. Mas, sobretudo, representa uma consciência de valorização da história, das pessoas e do lugar onde vivem.

Com os roteiros prontos, recebemos o segundo grupo de visitantes formado por 5 pessoas, que após visitar a biblioteca e o Ecomuseu se interessaram em conhecer um pouco mais sobre a comunidade, por isso optaram pelo roteiro 1. O guiamento foi feito por alguns membros do grupo, já com um diferencial em relação ao primeiro grupo de visitantes, que foi apresentação da nomeação das ruas e o significado de cada nome. A execução do roteiro ocorreu no dia 27 de janeiro de 2020, das 8h às 11h 30min, e o grupo fez o guiamento, ainda apresentando algumas dificuldades, principalmente a insegurança, o medo de errar, sobretudo, porque a maioria dos pontos foram explicados por jovens que não participaram do primeiro roteiro, pois muitos deles atualmente estão morando em São Paulo. Mas, de uma maneira geral, foi bem enriquecedor, pois ao dialogarmos com os demais habitantes sempre descobrimos novas histórias e fatos, que inclusive poderão futuramente ser incluídos nos roteiros. Imagens do segundo roteiro disponíveis no Apêndice L – Segundo roteiro no Povoado Alto.

Ao final do roteiro os visitantes preencheram uma ficha de avaliação, disponível no Apêndice M – Ficha de avaliação dos roteiros, relatando a importância da experiência e com sugestões. A ficha é um instrumento importante, pois nos ajuda a corrigir falhas e melhorar ainda mais. Todos os visitantes relataram a visita como uma boa experiência, elogiando principalmente o fato de ser uma iniciativa de jovens e adolescentes. Com isso, podemos afirmar que as práticas desenvolvidas na comunidade desde a primeira roda de conversa foram bem desafiadoras e audaciosas, graças a ações relacionadas especificamente ao

desenvolvimento do Turismo de Base Comunitária, pois é algo novo e diferente para eles, que achavam que só era possível desenvolver o turismo nos lugares ditos “bonitos” e com uma boa estrutura.

Ademais, os roteiros e os relatos das visitas irão compor páginas no *blog*, sendo a edição deste mais uma vez necessária. Com isso, acreditamos que começamos a dar os primeiros passos na organização do Turismo de Base Comunitária na comunidade, sendo que o processo de educação para o Turismo de Base Comunitária está longe de ser concluído, mas tudo que vivenciamos durante os encontros apontam que estamos no caminho certo, mas ainda temos muito que nos aprimorarmos. Alguns membros do grupo ainda apresentam receios com relação ao recebimento de visitantes, pela falta de experiência e pela realidade social e econômica vivida pelos altenses.

Contudo, todo o processo desde os primeiros encontros e ações foi primordial para as ações do TBC, no reconhecimento do valor do lugar onde vivemos. Por isso, os temas expostos nos blocos temáticos e discutidos foram escolhidos para facilitar o entendimento e o desenvolvimento do TBC na comunidade, pois para que os sujeitos locais pudessem apresentar o lugar onde vivem é necessário que os mesmos o conhecessem. Do mesmo modo, os diálogos, planejamento e execução das ações sugeridas e executadas materializaram os resultados de cada encontro, em benefícios para toda a comunidade, reafirmando sua potencialidade para a Educação para o TBC. A seguir, avaliamos as categorias de análise e referência, definidas no capítulo 5, a fim de avaliarmos como estas foram contempladas nas rodas de conversas.

6.2 AVALIAÇÃO DAS CATEGORIAS DE ANÁLISE E DE REFERÊNCIA

Definimos as rodas de conversas como nossa categoria de análise, composta por suas subcategorias que são os elementos que a compõe e os princípios do TBC e da educação popular como a categoria de referência. O objetivo desta avaliação é analisar como a categoria de análise contempla os princípios da categoria de referência para compreendermos se as rodas de conversas podem ser validadas como uma proposta de educação para o Turismo de Base Comunitária no contexto do Povoado Alto, como veremos a seguir, considerando a definição dos critérios de verificação da solução, definidos no capítulo 5.

6.2.1 Roda de Conversa sobre a História Local

Com base na categoria de referência iremos analisar como os princípios do Turismo de Base Comunitária e da educação popular foram contemplados ou não na roda de conversa sobre a história local, apresentando os principais aspectos da história e formação do Povoado Alto.

Autogestão: com base no processo de desenvolvimento da roda de conversa e das ações propostas e executadas, verificamos que o princípio da autogestão foi contemplado em vários momentos e ações. Desde as tomadas de decisões sobre a necessidade de estender as discussões, os acordos com relação aos dias, horários e locais de encontros até o planejamento e execução das ações propostas, nas quais a capacidade de decidir e autogerir-se afluía ainda mais, especialmente quanto ao processo de organização da Biblioteca Comunitária, que a todo instante exigia tomadas de decisões, definição de estratégias para angariação de recursos, campanhas de arrecadação de livros e nomeação das ruas, pois ao envolver toda a comunidade, o grupo precisou agir coletivamente e com muita responsabilidade. Decidiram que o melhor caminho era investigar e ouvir as pessoas sobre os primeiros moradores e fatos marcantes de cada rua, em seguida, fazer um mapeamento sobre as sugestões de nomes e então realizar uma enquete para que todos os moradores da rua pudessem votar e escolher o nome que achasse mais adequado.

Colaboração: verificamos que a colaboração entre os sujeitos participantes ocorreu desde o momento que decidiram participar da roda de conversa, os quais timidamente começavam a expor ideias e opiniões, ouvindo, discordando, sugerindo e agindo. Identificamos que os processos colaborativos ocorreram não somente entre o grupo, mas ampliaram-se para a toda a comunidade, a qual abraçou a ideia de organização da biblioteca e cada um contribuiu de acordo com sua realidade, alguns com ideias, livros, móveis, dinheiro, empréstimo da casa para funcionamento da biblioteca, trabalho voluntário, conserto de telhado, instalação elétrica, enfim, percebemos o empenho de toda a comunidade. A colaboração pôde ser percebida também na relação do grupo com a comunidade que colaborou com informações sobre os antigos moradores, no desenvolvimento do primeiro roteiro para visitantes, nas sugestões para a edição do *blog*, bem como no fornecimento de dados e sugestões para realização do censo comunitário, realizado em paralelo com a nomeação das ruas.

Compartilhamento de saberes: verificamos que o compartilhamento de saberes também ocorreu entre o grupo, ao discutir, questionar e opinar sobre aspectos relacionados com a história do Povoado Alto, principalmente nas discussões sobre como organizar a biblioteca, pois cada sujeito apresentava ideias, baseados em sua experiência de vida na comunidade. Para,

além disso, ocorreu também durante a realização da trilha e do primeiro roteiro, no qual o grupo apresentou a comunidade para os visitantes em um processo de trocas de saberes e experiências. As trocas de saberes ocorreram entre o grupo, comunidade e visitantes, os quais não somente ouviam, mas relatavam também outras experiências.

Desenvolvimento local sustentável: durante os encontros sobre a história do Povoado Alto, percebemos que houve contribuições para o desenvolvimento local, na medida em que os diálogos e ações executadas resultaram em melhorias no entendimento sobre a origem e formação da comunidade e a importância do rio Itapicuru Mirim. Visto que o processo de organização da biblioteca representou melhorias para a comunidade que agora conta com espaço de leitura, com incentivo à leitura para todas as faixas etárias. Além disso, a reutilização e restauração de objetos e móveis que iriam para o lixo, a não utilização de objetos copos descartáveis, são pequenos passos para a criação de uma consciência de que podemos desenvolver nossas ações de maneira sustentável. Dessa maneira, consideramos que houve desenvolvimento local, pois ainda que indiretamente tiveram melhorias no bem-estar social e coletivo da comunidade, como, por exemplo, a nomeação das ruas, contribuiu para a valorização e preservação da memória de antigos moradores que foram importantes para o povoado.

Protagonismo da comunidade: verificamos que a comunidade protagonizou desde os encontros até a execução das ações práticas. Tendo em vista que todas as ações foram pensadas, planejadas e desenvolvidas por membros da comunidade, que decidiam como e quando realizar cada ação de acordo com a realidade e acontecimento do Povoado Alto. Principalmente no planejamento e organização da biblioteca, na qual todos do grupo e outros da comunidade se empenharam participando cada um de acordo com suas condições e possibilidades. Além da iniciativa de nomear as ruas, a realização do primeiro roteiro guiado pelos jovens locais, bem como o processo de edição do *blog*, o qual tem como autores os jovens altenses.

Solidariedade: analisamos que o sentimento de solidariedade esteve presente em todos os encontros da roda de conversa, desde o simples fato de o grupo estar presente discutindo e sugerindo ações que estavam sempre voltadas para o bem-estar da comunidade. As ações executadas sobre a história local, como a nomeação das ruas, por exemplo, revelam a solidariedade do povo altense, que apoia e colabora com a preservação e memória dos seus antepassados. Sem contar que o espaço da biblioteca é antes de tudo um espaço que resume o sentimento de solidariedade da comunidade como um todo.

Valorização da história e cultura local: analisamos que tanto nas rodas de conversas como no desenvolvimento de atividades práticas houve a valorização da história e cultura local.

Os sujeitos expressaram desejo de aprender mais, de pesquisar sobre o tema, de conversar com os mais velhos, isso sem dúvida expressa o sentimento de valorização da história e das pessoas do lugar onde vivem. Além disso, os diálogos sobre a história do povoado já se configuram como um processo de valorização, bem como as ações de criação de uma biblioteca comunitária, de realização trilha, do roteiro, nomeação das ruas e a edição do *blog*, no qual a valorização da história e cultura local pode ser observada nos comentários, disponíveis nas páginas do *blog* e alguns exemplos no Apêndice N – *Prints* de comentários no *blog*.

Diálogo: verificamos que houve diálogo em todo o processo, antes, durante e depois das rodas de conversas, presencialmente e através do grupo de *WhatsApp* e do *blog*. Cada passo foi dado no diálogo com os participantes, que aos poucos foram entendendo seus momentos de fala e escuta. Durante o planejamento e execução das ações o diálogo foi indispensável, não somente entre o grupo, mas com todos os habitantes altenses, os quais ouviram, opinaram e colaboraram diretamente com as ações de criação da Biblioteca Comunitária, nomeação das ruas, edição do *blog* e roteiros. Porém, como em todo grupo, em alguns momentos houveram algumas divergências de opiniões, mas sempre com respeito às opiniões dos outros.

Democracia: todo o processo de planejamento e execução da roda de conversa e da organização da biblioteca, da trilha, do roteiro e edição do *blog* foi democrático. Cada participante teve seu direito de fala ou silêncio garantido. Ademais, o direito de participação também foi assegurado à comunidade, pois a partir da repercussão das ações na comunidade, pessoas manifestaram desejo de participar dos encontros e roda de conversa, assim como alguns membros do grupo por motivos diversos precisaram se ausentar dos encontros. Cada sujeito do grupo e da comunidade tinha direito de participar, opinar e discordar, sem nenhuma retaliação.

Engajamento: Verificamos que este princípio foi contemplado na presença dos sujeitos para a roda de conversa, bem como na participação, planejamento e execução das ações, com destaque para a Biblioteca Comunitária, que é um dos principais resultados do engajamento e participação dos sujeitos do grupo. A nomeação das ruas que também exigiu engajamento e muito compromisso e responsabilidade. Consideramos que as sugestões de ações significam resultado do engajamento dos sujeitos, a frequência (qualitativa) e assiduidade e colaboração dos sujeitos locais reafirma o engajamento da comunidade no processo de educação para o Turismo de Base Comunitária.

Respeito aos saberes e cultura dos sujeitos: este princípio foi contemplado nas discussões, quando os sujeitos relatavam aquilo que sabiam sobre a história local e nas ações práticas. No processo de organização da biblioteca ele foi bem explícito, na medida em que os sujeitos com seu modo de falar, com seus dogmas religiosos tinham suas falas e opiniões

respeitadas. Outro exemplo ocorreu na execução do roteiro; houveram algumas divergências por questões religiosas, e um membro do grupo não entrou num determinado espaço por achar que este feria sua convicção religiosa. A decisão foi respeitada e a questão foi discutida coletivamente, e inclusive aproveitamos para tratar sobre outro tema que nem fazia parte do bloco, que foi sobre a intolerância religiosa.

Formação para o TBC: verificamos que este princípio foi contemplado em diversos aspectos, pois ainda que não estivéssemos tratando único e exclusivamente sobre o TBC, tratamos sobre temas que são indispensáveis para a organização e desenvolvimento do TBC da comunidade do Alto e enraizados em sua história e cultura local. Para, além disso, a elaboração e desenvolvimento do primeiro roteiro foi um processo de formação para o TBC, e as demais ações configuraram-se como um processo educativo e de valorização a história da comunidade.

Portanto, concluímos que o primeiro bloco de rodas de conversas sobre a história do Povoado Alto, conseguiu contemplar todos os princípios do Turismo de Base Comunitária e da Educação popular, definidos previamente. De modo que superou as nossas expectativas quanto ao envolvimento do grupo de participantes e da comunidade como um todo, que apoiou todas as ações práticas, contribuindo e participando do processo de Educação para o TBC. A seguir analisaremos a roda de conversa sobre a cultura altense, a qual está diretamente imbricada com os temas da história local.

6.2.2 Roda de Conversa sobre a Cultura Altense

Com base no desenvolvimento e impactos das rodas de conversas sobre a cultura altense, na qual discutimos as principais manifestações culturais do Povoado Alto, analisamos aqui qualitativamente como e se os princípios do Turismo de Base Comunitária e da educação popular foram contemplados ou não. Ressaltamos que os critérios de análise foram apresentados no capítulo 5.

Autogestão: analisamos que a autogestão foi contemplada na roda de conversa, pois os participantes tinham autonomia para decidir os próximos encontros, dias, locais e horários. Mas este princípio foi de fato vivenciado na organização e realização do primeiro Pôr do Sol Cultural, no qual os sujeitos ao sugerirem, assumiram também a responsabilidade de sua realização. Os participantes tiveram a oportunidade de gerir um evento para toda a comunidade, decidindo no coletivo desde a data, até as apresentações que seriam feitas, o lanche e como seria feita a organização do espaço. A capacidade de autogestão também foi identificada na organização do Ecomuseu, que exigiu todo um processo de pesquisa, coleta, identificação e

descrição dos objetos. Ambos significaram muitos desafios e aprendizagens, e deixaram como legado a força e beleza da união no processo de tomada de decisões.

Colaboração: analisamos que a presença dos sujeitos já se configura como um ato colaborativo; este princípio foi contemplado também no desenvolvimento da roda de conversa, na qual pode ser confirmada nos itens de sugestões e encaminhamentos que resumem opiniões de todo o grupo. Ressaltamos que o processo de colaboração se estendeu para toda a comunidade nas duas ações práticas principais, na organização e realização do Pôr do Sol Cultural, o qual contou com a ajuda e colaboração de toda a comunidade doando lanches, objetos para a decoração, roupas para o figurino, ajudando na limpeza do espaço, participando das apresentações e estando presente no dia do evento. A colaboração da comunidade também foi imprescindível na organização do Ecomuseu, pois todos os objetos foram doados por moradores, os quais também colaboraram com a identificação e descrição do acervo.

Compartilhamento de saberes: verificamos que houve compartilhamento de saberes desde a dinâmica inicial da roda de conversa, cujos participantes relataram o que sabiam sobre a cultura do lugar onde vivem. Além disso, a realização do Pôr do Sol Cultural foi repleta de momentos de trocas de saberes entre os habitantes da comunidade, inclusive quando um grupo local de senhoras apresentou uma roda de despalha de milho, pois a maioria dos jovens desconhecia esta forma de trabalho reconhecida também como uma prática cultural. A organização do Ecomuseu também representa bem o compartilhamento de saberes entre o grupo e a comunidade, pois toda a organização do acervo foi dialogada com os moradores mais velhos do povoado, que contavam sobre suas tecnologias sociais, cantigas de rodas, versos e formas de trabalho.

Desenvolvimento local sustentável: consideramos que tanto as rodas de conversas sobre a cultura altense quanto às ações práticas contribuíram para o desenvolvimento local. Tendo em vista que o Ecomuseu representa um espaço de valorização da cultura do povo altense, e ainda que indiretamente ao mobilizar pela valorização da história e cultura, está também contribuindo para o bem-estar coletivo social da comunidade. Logo, afirmamos que o princípio de desenvolvimento local foi contemplado.

Protagonismo da comunidade: verificamos que houve engajamento da comunidade com participação dos sujeitos locais na roda de conversa, além de uma participação maciça dos altenses no desenvolvimento das ações, principalmente no Pôr do Sol Cultural e na organização e visitação do Ecomuseu. O protagonismo da comunidade possibilitou o desenvolvimento de ações com a história, cultura, saberes e sabores do Alto.

Solidariedade: este princípio foi contemplado no desenvolvimento da roda de conversa e na execução do Pôr do Sol cultural, pois toda a comunidade se uniu para viabilizar a realização do evento, cada um ajudando de acordo com suas condições. Do mesmo modo, este princípio foi vivenciado na organização do Ecomuseu, quando os habitantes da comunidade doaram seus objetos com grande valor sentimental para compor o acervo do Ecomuseu e valorizar toda a comunidade.

Valorização da história e cultura local: analisamos que os diálogos na roda de conversa sobre a cultura local contemplaram o princípio de valorização da história e cultura local, pois os sujeitos negavam ou desvalorizavam simplesmente por que não conheciam. O Pôr do Sol, o Ecomuseu e o *blog* representam na prática como a comunidade tem desenvolvido uma consciência de respeito e valorização de sua história, o que pode ser visto nos comentários e páginas do *blog*.

Diálogo: verificamos que a roda de conversa foi desenvolvida em diálogo com os participantes, que a cada encontro se sentiam mais encorajados e entusiasmados para discutir e opinar. Além disso, as ações práticas deste bloco temático foram todas desenvolvidas em diálogo entre o grupo e a comunidade, tanto presencial ou via *WhatsApp* através dos grupos Filhos do Sertão e Comunidade Altense, criados exclusivamente para dialogar e divulgar assuntos e eventos da comunidade. As apresentações do Pôr do Sol Cultural e a organização do Ecomuseu representam o resultado de diálogos entre a comunidade e o grupo de jovens.

Democracia: verificamos que este princípio foi contemplado, a democracia foi exercida com base nos diálogos com o grupo, de maneira que todos tinham vez e voz nas tomadas de decisões. Exemplo, após a execução das ações práticas, um jovem ausentou-se do grupo para morar em outra cidade e outros manifestaram interesse em participar dos encontros, passando a compor o Grupo Filhos do Sertão, ou seja, qualquer pessoa da comunidade tem o direito de escolher entrar ou sair do grupo.

Engajamento: Verificamos que a cada encontro e ação praticada aumentou o número de pessoas engajadas. A participação do grupo e da comunidade foi evidenciado no Pôr do Sol Cultural, na organização do Ecomuseu e também no processo de edição do *blog*. Identificamos que houve dois tipos de engajamento, o direto e o indireto, pois algumas pessoas participam diretamente das ações na prática e outros, como o caso da jovem que precisou de morar em outra cidade, continua participando indiretamente do grupo através do *WhatsApp*, do *blog* e *facebook*, nos quais ajuda na divulgação das ações da comunidade.

Respeito aos saberes e cultura dos sujeitos: verificamos que os saberes e cultura dos sujeitos foram respeitados e simultaneamente valorizados tanto nos diálogos quanto nas ações

realizadas pelo grupo Filhos do Sertão. O Pôr do Sol cultural foi além de outras coisas, uma oportunidade de cada um expressar seus saberes, com total respeito às diferenças, principalmente as religiosas.

Formação para o TBC: analisamos que a roda conversa sobre a cultura altense e os demais encontros para organização e execução do Pôr do Sol Cultural e do Ecomuseu, foram muito educativos no que tange à formação para o TBC, pois ambos estão ligados a cultura e suas diversas manifestações, algo fundamental para o desenvolvimento do TBC. Entendemos que a cada encontro os sujeitos se inteiram mais sobre a cultura local, o que desse modo estão construindo bases para a organização do TBC. Nesse sentido, podemos afirmar que este princípio foi contemplado.

Concluímos que o segundo bloco de rodas de conversas sobre a cultura altense também conseguiu contemplar os princípios do Turismo de Base Comunitária e da educação popular. As ações práticas sugeridas e desenvolvidas pelo grupo de participantes e a comunidade local, representam a eficácia das rodas de conversas no processo de Educação para o Turismo de Base Comunitária, um processo que tem se intensificado a cada encontro. A seguir, analisaremos os encontros da roda de conversa sobre os aspectos contemporâneos da comunidade altense.

6.2.3 Roda de conversa sobre os aspectos contemporâneos da comunidade

Avaliamos aqui como e se os princípios da educação popular e do Turismo de Base Comunitária, ou seja, nossa categoria de referência, foram contemplados no processo de desenvolvimento da roda de conversa sobre os aspectos contemporâneos da comunidade, nossa categoria de análise.

Autogestão: verificamos que o princípio da autogestão foi contemplado na roda de conversa, no momento em que os participantes tinham que decidir sobre datas, horários e locais, bem como nos encaminhamentos que interferiam diretamente nos encontros posteriores. Além das ações sugeridas, pois os mesmos tinham que planejar como seriam executados, quais os recursos necessários e os disponíveis para tal ação. A capacidade de autogestão também foi percebida durante a execução dos roteiros, quando recebemos os visitantes, pois o grupo tinha que gerir a organização do roteiro, dialogar com os moradores que iriam participar para contar histórias, pensar no turno em que o sol não estivesse tão forte, já que entre os visitantes estavam crianças, lidar com os imprevistos, enfim, decisões estas que tiveram impactos diretos no roteiro. Desse modo, as ações práticas foram evidenciando que o grupo tem capacidade de autogestão, como por exemplo, a ideia de oferecer serviços na biblioteca para que arcar com as

despesas de seu funcionamento, para isso o grupo se reuniu por várias vezes para discutir preços e serviços oferecidos, criando também uma escala para organizar os dias em que cada um iria ficar na biblioteca. Todas essas ações e decisões foram sempre dialogadas e acordadas entre o grupo.

Colaboração: verificamos que houve colaboração, desde a presença dos participantes que colaboraram na decisão dos horários e locais que fosse melhor para o coletivo, com ideias, escritas para a incrementação ao acervo do Ecomuseu, colaboraram no processo de edição do *blog* opinando na organização das páginas, cedendo imagens sobre o povoado. Ademais, houve também a colaboração da comunidade e de pessoas da região que nos contaram suas histórias, doaram objetos como computador e impressora para que os serviços pudessem ser oferecidos na biblioteca. Sem contar na valiosa colaboração da comunidade com o grupo no recebimento dos visitantes, sendo que estes últimos se mostraram interativos, com opiniões e sugestões.

Compartilhamento de saberes: analisamos que houve compartilhamento de saberes em três momentos: durante a roda de conversa, em que os participantes colaboraram participando da dinâmica e falando do que sabiam e sugerindo ações, escrevendo poemas, poesias, cordéis, analisando as páginas do *blog*, elaborando fichas de organização da biblioteca, fichas de acompanhamento de despesas, e outras. Ocorreu compartilhamento de saberes principalmente durante a elaboração dos roteiros, que foram momentos de muitos diálogos entre o grupo e a comunidade. E por fim, houve compartilhamento de saberes entre o grupo, os visitantes e a comunidade, pois durante o roteiro houve interação de todos, inclusive algumas ideias e sugestões dos visitantes foram discutidas e já pensamos em colocá-las em prática nos próximos roteiros.

Desenvolvimento local sustentável: verificamos que o desenvolvimento da roda de conversa em si contemplou este princípio, na medida em que as discussões impulsionaram ações que contribuíram para o desenvolvimento local e sustentável. Isto porque as ações impactaram diretamente a comunidade, como a produção de material para incrementar o acervo do Ecomuseu, que valoriza os saberes e potenciais dos habitantes locais, além de oferecer os serviços de xerox e impressão na comunidade; por mais simples que seja, trouxe benefícios para muitos moradores que precisavam se deslocar para a sede do município para realizar tais serviços. Percebemos ainda que a consciência sobre o valor e importância da história e cultura do lugar onde vivem já se configura como melhorias para comunidade. Ademais, podemos afirmar que a elaboração nos roteiros e o recebimento dos visitantes também contemplam este princípio, na medida em que são ações práticas de valorização do lugar e das pessoas que ali

habitam, e ainda contribuem para incrementar a renda local ao comprarem doces, geladinhos e cocadas.

Protagonismo da comunidade: o protagonismo da comunidade é um dos princípios basilares do TBC. Verificamos que o mesmo foi contemplado tanto na roda de conversa quanto no desenvolvimento das ações propostas, pois os sujeitos têm participado cada vez mais, direto ou indiretamente, o grupo em parceria com toda a comunidade, sugerindo, planejando e executando as ações. A elaboração e execução dos roteiros revelam bem isso, pois desde o planejamento até o guiamento foi feito pelo grupo da comunidade e com a participação e colaboração dos demais habitantes. O protagonismo pode ser percebido na característica das ações, as quais foram sempre pensadas a partir de uma demanda da comunidade.

Solidariedade: analisamos que houve solidariedade em vários momentos da roda de conversa, quando os sujeitos respeitavam uns aos outros, decidiam em prol do melhor para o coletivo, valorizavam as pessoas e a memória daqueles que colaboraram com a formação do povoado. Além de ter sido evidenciado também nas ações práticas, tanto em relação ao acervo do Ecomuseu, pois a comunidade continuou doando objetos, contando histórias, cedendo imagens. Ao pensar na oferta de serviços de xerox e impressão que muitos da comunidade precisavam e não tinham onde fazer. As doações do computador e impressora também são atos solidários. Nos encontros de planejamento e execução dos roteiros, a solidariedade também foi vivenciada em gestos simples como ceder um guarda-chuva para um dos visitantes, diminuir o som do bar para não atrapalhar a explicação dos pontos de parada, momento em que as pessoas da comunidade ofereciam água durante o percurso, enfim, foram pequenos gestos que demonstraram a solidariedade dos sujeitos altenses.

Valorização da história e cultura local: durante as discussões sobre o Alto contemporâneo, verificamos que as falas expressavam o desejo de sanar algumas dificuldades vivenciadas na comunidade, mas também o desejo de manter as tradições culturais, de descobrir cada vez mais coisas sobre a história do povoado. Tal desejo revela uma consciência de valorização da história e cultura local frente aos novos desafios da contemporaneidade, expresso na incrementação de informações e objetos no Ecomuseu. Na elaboração dos roteiros percebemos o sentimento de pertencimento ainda mais forte, evidenciado nas falas e nas opções de roteiros criados, sem contar no orgulho com que cada habitante expressa do seu lugar.

Diálogo: a roda de conversa sobre os aspectos contemporâneos da comunidade foi muito rica em diálogos, pois é o que cada um tem vivido atualmente. Cada um expressou sua visão sobre como é viver na comunidade nos dias de hoje, respeitando as falas e opiniões dos outros. Durante o planejamento das ações houve também muitos diálogos *online* no grupo do

WhatsApp, pois as ações demandaram relações de diálogos e acordos, pois eram muitas opiniões, mas nem todas puderam ser aceitas. O princípio do diálogo foi contemplado na roda de conversa e nas ações práticas. A elaboração dos roteiros, por exemplo, foi uma atividade que de fato exigiu muitos diálogos entre o grupo, pois tivemos que diante de inúmeras opiniões negociarmos e decidirmos sobre quais lugares levaríamos os visitantes. Ademais, o momento das vivências no roteiro foi muito rico em diálogo, entre o grupo, os visitantes e a comunidade.

Democracia: o direito de fala, silêncio e de participação dos sujeitos foi assegurado na roda de conversa e no desenvolvimento das ações. Todas as opiniões foram ouvidas e discutidas, mas nem todas acatadas, por isso foram necessários longos momentos de diálogos para fazermos acordos sobre o que de fato seria posto e prática e como seria. As decisões foram dialogadas, acordadas e compartilhadas, o respeito e direito a fala e a escuta também foram estendidos aos visitantes e, principalmente, aos anfitriões que receberam o grupo e os visitantes para dialogar.

Engajamento: analisamos que houve uma significativa participação e envolvimento do grupo e de pessoas da comunidade, refletindo-se no forte engajamento e colaboração nos diálogos e encontros. Para além disso, houve uma participação expressiva dos sujeitos e da comunidade no desenvolvimento das ações práticas. Nesse sentido, avaliamos que houve engajamento dos sujeitos locais e de outros povoados e cidades. Ressaltamos que a participação e adesão dos altenses ao grupo têm sido crescente, tanto que alguns membros precisaram morar em outra cidade, mas insistiam em continuar participando do grupo do *WhatsApp* para acompanhar as discussões e ações, e inclusive sugerir lugares a serem visitados. Do mesmo modo, novos sujeitos se engajaram no grupo.

Respeito aos saberes e cultura dos sujeitos: os diálogos evidenciaram a diversidade cultural e religiosa presente entre os participantes, por isso, as discussões e ações foram conduzidas com base no diálogo e respeito aos saberes e cultura dos sujeitos envolvidos, sem apontar certo ou errado. Além disso, tanto na roda de conversa quanto nos demais encontros, o respeito aos saberes e a cultura dos sujeitos visitantes e dos anfitriões também foi identificado, percebemos que houve respeito e valorização da cultura e saberes dos envolvidos.

Formação para o TBC: todo o processo de desenvolvimento da roda de conversa, planejamento e execução das ações práticas contemplaram princípios essenciais para a organização e desenvolvimento do TBC. Conhecer e discutir as nuances da contemporaneidade na comunidade, possibilita o entendimento sobre como era o povoado antigamente, como a vida é hoje e como pode ser no futuro, a partir de práticas de valorização da história e cultura que reverberam na atualidade. Acreditamos que a cada passo do grupo Filhos do Sertão, os alicerces

do TBC têm sido construídos no Povoado Alto. Os sujeitos têm dialogado cada vez mais sobre como transformar estes conhecimentos sobre o povoado em ações que possam trazer melhorias para o coletivo. As vivências no roteiro também são um processo formativo e educativo, pois a cada conversa e paradas fazemos novas descobertas, enriquecendo ainda mais a história do nosso lugar no sertão.

A avaliação do cruzamento entre as categorias de análise e de referência serviram para reafirmar a potencialidade do desenvolvimento de rodas de conversas no que tange à educação para o Turismo de Base Comunitária, vivenciada e validada pelo grupo Filhos do Sertão como uma solução no processo de formação para o TBC no contexto do Povoado Alto. Com isso, a seguir apresentamos uma análise geral sobre o processo de desenvolvimento das rodas de conversas e os seus impactos na comunidade.

6.3 ANÁLISE GERAL DAS RODAS DE CONVERSAS

Os estudos sobre o contexto sócio-histórico do Povoado Alto, o Turismo de Base Comunitária, a educação na perspectiva de uma educação popular não formal e dialógica Freiriana e o uso da metodologia Pesquisa-Aplicação, respectivamente discutidos nos capítulos 2, 3, 4 e 5, nos direcionaram para desenvolvermos as rodas de conversas. Os resultados obtidos demonstram a potencialidade das rodas de conversas no que diz respeito à educação para o Turismo de Base Comunitária, sobretudo, pela flexibilidade que a permite ser desenvolvida com e não para os sujeitos.

Nesse sentido, apresentamos aqui uma avaliação geral sobre os impactos e resultados das rodas de conversas no processo de educação para o Turismo de Base Comunitária no Povoado Alto. Ao analisarmos o cruzamento das categorias de análise (Rodas de conversa) e as categorias de referência (Princípios da educação popular e do Turismo de Base Comunitária), percebemos que o modo como as rodas de conversas foram planejadas e desenvolvidas com a colaboração dos sujeitos envolvidos, contribuiu não somente com o processo de educação para o Turismo de Base Comunitária, mas também para despertar a população local para a importância de valorizar o lugar onde vivem.

O processo de planejamento e aplicação das rodas de conversas foi sem dúvida um processo educativo para todos os envolvidos. Para além de ser uma pesquisa de mestrado com um tempo e cronograma estipulados, os encontros e o grupo ganharam força e certamente já não estão restritos ao cumprimento das tarefas relacionadas ao estudo. Mas o engajamento dos sujeitos e da comunidade proporcionou a formação de um grupo de militância por melhorias na

comunidade. Desse modo, ainda que não tenha sido objetivo deste estudo, a organização dos jovens Filhos do Sertão pode ser considerada como um resultado muito significativo para a comunidade e, conseqüentemente, para o processo de organização do TBC no povoado.

O Quadro 24 apresenta as principais ações práticas que foram realizadas na comunidade, oriundas do desenvolvimento das rodas de conversas. Reiteram a eficácia das rodas de conversas na educação para o Turismo de Base Comunitária, mas, sobretudo, as contribuições que os encontros, junto com o engajamento dos sujeitos locais e ações, trouxeram para a comunidade.

Quadro 24 - Sistematização das ações resultantes das rodas de conversas

RODAS DE CONVERSAS	AÇÃO PRÁTICA RESULTANTE
A História do Povoado Alto	• Criação da Biblioteca Comunitária do Povoado Alto; • Trilhas com grupo • Elaboração de roteiro para visitantes. • Nomeação das ruas • Edição do Blog
A Cultura Altense	• Organização e realização do primeiro Pôr do Sol cultural; • Criação do Ecomuseu da história e cultura altense; • Edição do Blog
Aspectos Contemporâneos da Comunidade	• Incrementação para o acervo do Ecomuseu; • Edição do Blog • Biblioteca autossustentável - fazendo serviços de xerox e impressão. • Mapeamento de atrativos com oficina de roteirização. -Roteiro 1: Conhecendo o Alto e suas ruas. -Roteiro 2: Caminhos de Lampião -Roteiro 3: Formas de trabalho e cultura. -Roteiro 4: A religiosidade sertaneja. -Roteiro 5: Vamos ver o Pôr do Sol. • Recebimento de visitantes para execução de roteiros e apresentações. • Edição do blog.

Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Inicialmente quando pensamos no modelo de planejamento das rodas de conversas, levamos em consideração a importância da interação e diálogo com os sujeitos participantes. Logo, por se tratar de um grupo de jovens com muito fôlego e desejo de agir, percebemos o quão poderia ser interessante após as discussões dos temas abrirmos espaço para eles a partir do que ouviram e falaram, sugerir como poderíamos transpor isso para a prática. Ao propor isso, não imaginaríamos a quantidade de ações sugeridas e praticadas que direta e indiretamente fariam parte do que consideramos uma educação para o Turismo de Base Comunitária adequada para o Povoado Alto.

Além disso, entendemos que os sujeitos deveriam participar da avaliação dos encontros e das definições de locais e datas. Para tal intento, cada item do quadro de planejamento foi colocado com o objetivo de promover encontros que pudessem contemplar os princípios da educação dialógica e popular de Paulo Freire, bem como do Turismo de Base Comunitária, de maneira que os sujeitos assumissem seus papéis ativos no processo e não apenas de meros expectadores passivos e receptores de conteúdos prontos. De acordo com a análise que fizemos em todas as rodas de conversas e ações desenvolvidas os princípios da Educação popular e do Turismo de Base Comunitária, ainda que de maneira distintas foram contemplados.

Nesse sentido, as ações apresentadas no Quadro 24 são os surpreendentes resultados dos compartilhamentos de saberes e reflexões dos encontros nas rodas de conversa os quais superaram todas as nossas expectativas e objetivos. A expectativa inicial era de três rodas de conversas, uma sobre cada bloco temático, contudo, em meio ao processo percebemos que o tempo era insuficiente para tratar dos temas, e por isso, as rodas de conversas acabaram se estendendo para mais encontros. Não descrevemos todos os encontros, tendo em vista que seria impossível analisar todos eles, por isso selecionamos alguns já mencionados na análise das categorias.

Durante o processo de desenvolvimento das rodas de conversas, não realizamos nenhuma alteração significativa na ficha do modelo de planejamento, tendo em vista que a principal mudança foi com relação ao tempo de duração. Considerando as fases do método da Pesquisa-Aplicação, cada bloco de rodas de conversas corresponde a um ciclo de aplicação, ou seja, ao final do encontro o grupo fez uma avaliação apontando o que precisa ser melhorado, sugerindo as mudanças para o item de encaminhamentos. Do mesmo modo, após a execução da ação sugerida uma nova avaliação da prática era feita pelo grupo, com o objetivo de corrigir falhas e intensificar os acertos.

Um dos principais desafios enfrentados no processo de aplicação das rodas de conversas e do desenvolvimento das ações práticas foi sem dúvida a migração de membros do grupo, os quais saíram da comunidade para ir morar em São Paulo em busca de emprego. Em consequência disso houveram constantes mudanças de entradas e saídas de participantes no grupo gerando a necessidade de estar retomando aos temas já discutidos. Iniciamos os encontros em dezembro de 2018 com nove participantes, no primeiro semestre de 2019 tivemos a saída de dois e adesão de três novos participantes. No segundo semestre tivemos a saída de seis jovens que migraram para São Paulo e adesão de quatro novos participantes.

Essa transitoriedade dos participantes ao mesmo tempo em que impacta diretamente no processo de formação para o Turismo de Base Comunitária, também pode ser analisada

positivamente, pois mesmo com a saída de alguns participantes outros se engajam no grupo e conseguimos dar prosseguimento com as rodas de conversas e ações na comunidade. É importante ressaltarmos que todos estes jovens saem em busca de emprego em São Paulo, e que mesmo ausentes dos encontros presenciais, continuaram participando dos diálogos *online* no grupo do *WhatsApp*, através do *blog*, do perfil do Povoado Alto no *Facebook* e no *Instagram*.

Diante disso, entendemos que a educação para o Turismo de Base Comunitária no Povoado Alto foi e continua sendo necessária para a formação destes jovens. Como afirmamos no capítulo 4 deste estudo, o objetivo central da educação para o Turismo de Base Comunitária, no contexto do Povoado Alto, é mobilizar os sujeitos para valorização da história e cultura do lugar onde vivem, promovendo ações que possibilite principalmente aos jovens, desenvolver seus talentos e habilidades em prol do desenvolvimento local e de melhorias do bem-estar coletivo na comunidade.

Podemos dizer que o objetivo central da nossa concepção de educação para o Turismo de Base Comunitária no Povoado Alto desenvolvida em rodas de conversas foi e vem sendo alcançado, o que pode ser visto nas ações executadas na comunidade que revelam, entre outras coisas, uma consciência crítica de valorização da história e cultura local. Percebemos também que a visão dos sujeitos em relação à comunidade tem mudado aqueles que antes simplesmente negavam sua identidade altense. Hoje, estão engajados na luta por melhorias e valorização da comunidade.

As rodas de conversas foram fundamentais no processo de mobilização dos sujeitos para a organização do TBC na comunidade. Elas se configuram como um lugar de encontros, divergências, opiniões, esperança, criatividade, superação, reflexões, de novas perspectivas, alegria, superação, criação, amor e luta. Todas essas palavras simbolizam um pouco dos sentimentos que vivenciamos, como o sonho de ter uma biblioteca, mas sem espaço e sem dinheiro, tínhamos apenas um livro. E foi com esse único livro, que contava sobre a história da Guerra de Canudos, sobre a história de um povo que nunca se rendeu, e foi com apenas este livro que começamos a materializar nosso sonho. E hoje o Alto, tem a primeira Biblioteca Comunitária e Ecomuseu do município de Tucano.

Portanto, as rodas de conversas no contexto do Povoado Alto, propiciaram um processo de educação para o Turismo de Base Comunitária enraizado na história e cultura local, respondendo à questão desta pesquisa. E despertando nos sujeitos locais uma consciência crítica e um profundo sentimento de pertencimento ao lugar onde vivem, de valorização da história, da cultura e das pessoas que ali habitam.

Por fim, o processo de Educação para o Turismo de Base Comunitária é muito amplo, envolve a mobilização e organização da comunidade, aspectos relacionados a oferta de roteiros, que pressupõe guiamentos, serviços de hospedagem domiciliar, alimentação, a artigos de artesanato local, e posteriormente a criação de um receptivo. Pensamos como nossos próximos passos a criação de um receptivo sertanejo. Contudo, ainda que em pequena escala, em parceria com as famílias dos jovens Filhos do Sertão e outros moradores, já começamos o processo de organização para receber visitantes e turistas na comunidade, oferecendo serviços de hospedagem domiciliar, alimentação, roteiros e guiamento.

7 CONCLUSÃO

Esta pesquisa foi realizada com o intuito de construir uma proposta de educação adequada para o desenvolvimento do Turismo de Base Comunitária no contexto do Povoado Alto, em Tucano-Ba, considerando como principais objetivos de Desenvolver ações de educação apropriadas para o contexto do Povoado Alto; Mobilizar para o Turismo de Base Comunitária no Povoado Alto e Difundir o Turismo de Base Comunitária no Povoado Alto por meio do *blog* “Alto, o meu lugar no Sertão”. Buscando então solucionar o seguinte problema: Qual a proposta de educação adequada para o desenvolvimento do turismo de base comunitária no Povoado Alto, em Tucano- Ba?

A partir das reflexões sobre como solucionar o problema proposto, consideramos necessário ressaltar a importância dos momentos da pesquisa. Inicialmente nos debruçamos no levantamento e estudo do contexto sócio-histórico e cultural Povoado Alto, exposto no capítulo 2. O contexto nos revelou aspectos marcantes e enriquecedores para a compreensão sobre os caminhos e possibilidades para o desenvolvimento de uma educação para Turismo de Base Comunitária com os sujeitos da localidade, que de fato possibilitasse o envolvimento e protagonismo da comunidade. Além disso, os elementos oriundos do capítulo de contextualização foram a base temática para todas as rodas de conversas e ações decorrentes.

No capítulo 3, apresentamos discussões sobre o Turismo de Base Comunitária, como proposta de desenvolvimento local, com o objetivo de compreendermos os princípios que regem esse modo de organização da prática turística, e de como estes mesmos princípios poderiam ser trabalhados no contexto do Povoado Alto. Já no capítulo 4, tratamos sobre os princípios da Educação popular e não formal na perspectiva dialógica de Paulo Freire, apresentando ainda a possibilidade de continuidade do uso do *blog* Alto, o meu lugar no Sertão como uma ferramenta de apoio no desenvolvimento da proposta de educação para o Turismo de Base Comunitária.

As discussões dos capítulos 2, 3 e 4 foram indispensáveis para chegarmos à conclusão de que as rodas de conversas eram o recurso adequado para a promovermos uma educação para o Turismo de Base Comunitária no Povoado Alto. Especificamente no capítulo 5 apresentamos alguns conceitos e discussões sobre as Rodas de Conversas, que nos levou a elaboração da ficha do modelo de planejamento que consideramos como uma das propostas mais adequadas para o contexto social, histórico e cultural do Povoado Alto.

Podemos afirmar que o objetivo geral pretendido de construir uma proposta de educação adequada para o desenvolvimento do turismo de base comunitária no contexto do Povoado Alto

em Tucano- Ba foi alcançado com êxito. No entanto, para isso foram necessárias as fases de construção dos capítulos, pois foi com base nos elementos do contexto, nas características da educação popular e dialógica de Paulo Freire e nos princípios que regem o Turismo de Base Comunitária que conseguimos elaborar um modelo de roda de conversa que possibilitou o diálogo e protagonismo dos sujeitos locais nos encontros e ações desenvolvidas na comunidade.

Com isso, consideramos que a escolha pela metodologia DBR traduzida como Pesquisa-Aplicação foi muito assertiva, pois sua flexibilidade e trabalho em colaboração, possibilitou o desenvolvimento de uma proposta com base numa relação de diálogo com os sujeitos participantes. De modo que, a dinâmica das rodas de conversas foi construída coletivamente, e deixou de ser apenas uma fase da pesquisa para ser um processo de engajamento político e social dos sujeitos, que tem impactado a comunidade. A cada ciclo de aplicação das rodas de conversas as ações eram propostas visando à articulação dos temas discutidos com a realidade vivida na comunidade.

Os impactos das rodas de conversas que geraram ações práticas na comunidade, não só responderam ao problema, mas contemplaram e foram além dos objetivos propostos neste estudo. Podemos dizer que a cada roda de conversa os sujeitos conheciam mais a história e cultura do lugar onde vivem e se organizavam para utilizar esse conhecimento em prol do bem-estar coletivo da comunidade. Além disso, conforme analisamos no capítulo anterior, o modelo de desenvolvimento das rodas de conversas e as ações praticadas contemplaram os princípios adotados como necessários na concepção de educação para o turismo de Base Comunitária que reúne elementos que consideramos indispensáveis para o desenvolvimento do TBC no contexto do povoado Alto.

Portanto, concluímos que esta pesquisa não tem como objetivo esgotar a temática trabalhada. Finalizamos um ciclo de ações relacionadas ao estudo, mas a comunidade continua se organizando processualmente para o desenvolvimento do Turismo de Base Comunitária na localidade, visto que os resultados alcançados neste estudo evidenciaram a potencialidade e importância da educação para o Turismo de Base Comunitária, a qual trata dentre outras coisas deste modelo de organização turística que possibilita o protagonismo dos sujeitos locais, assim como assegura benefícios de ordem social, ambiental, cultural e econômica para a comunidade.

Consideramos que houve contribuição teórica deste estudo na medida em que as rodas de conversas, enquanto proposta de educação para o Turismo de Base Comunitária, conseguiram contemplar os princípios da educação popular e dialógica no âmbito não formal, e assim contribuíram para a difusão do entendimento sobre o TBC. Além disso, ressaltamos que o processo de pesquisa e levantamento do contexto sócio-histórico do Povoado Alto,

contribui para a formação do entendimento sobre a história local e regional, e ainda como fruto do resgate da memória histórica da comunidade, apresentou novas informações e construção de novos conhecimentos sobre o processo de formação do povoado.

Também podemos afirmar que houve contribuição no âmbito social, dentro e fora da comunidade, pois ações práticas que resultaram das rodas de conversas como: Criação da Biblioteca comunitária, nomeação das ruas, realização do Pôr do Sol Cultural, criação do Ecomuseu da história e cultura altense, a realização de trilhas e roteiros no povoado, o recebimento de visitantes, a atualização do *blog*, contribuíram com a valorização da história e cultura de um povo que antes era considerado sem história, contribuíram com o incentivo à leitura, e, sobretudo, a valorização das pessoas. Além disso, os espaços da biblioteca, o Ecomuseu e o *blog* são também utilizados por pessoas das comunidades e cidades vizinhas, possibilitando novas interações e trocas de saberes. O recebimento de visitantes, a oferta de serviços de alimentação, hospedagem domiciliar, roteiros e guiamento, ainda que indiretamente contribuam, tornaram-se uma importante fonte de renda para a comunidade.

Por fim, concluímos que um dos maiores resultados deste estudo é o engajamento dos sujeitos da comunidade, no tocante a jovens e adolescentes; após as rodas de conversas, sentiram-se mais pertencentes ao lugar onde vivem. E esse sentimento tem sido expressado nas ações coletivas na localidade, nos roteiros realizados, nos poemas, cordéis e poesias escritos. Enfim, finalizamos aqui um ciclo, no entanto este estudo oferece inúmeras possibilidades de continuidade, pois o processo de educação para o Turismo de Base Comunitária no Povoado Alto foi iniciado, mas está longe de ser concluído, e este pode inclusive servir de inspiração para a ampliação do Turismo de Base Comunitária para outras localidades vizinhas. Por isso, continuaremos estudando, lutando com amor e esperança por um mundo melhor, seguiremos removendo e/ou utilizando pedras e plantando flores no Alto, o nosso Lugar no Sertão.

REFERÊNCIAS

- A ORIGEM do meu Sertão. Intérprete: Francis Lopes e Galego Aboiador. Compositor: W. Teles. *In: **Canta Forró e Vaquejada***. Intérprete: Francis Lopes. [S.l.]: ONErpm, [2016?]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=rIOj_nO51v0. Acesso em: 10 jan. 2020.
- ACOLHIDA NA COLÔNIA. **Portal**, Santa Catarina, 1999. Disponível em: <http://acolhida.com.br/sobre/apresentacao/>. Acesso em: 21 abr. 2019.
- ADAMS, Telmo; STRECK, Danilo R. Educação Popular e novas tecnologias. **Educação**, Porto Alegre, v. 33, p. 119-127, maio/ago. 2010.
- AFONSO, Maria Lúcia M.; ABADE, Flávia Lemos. **Para reinventar as rodas**: rodas de conversa em direitos humanos. Belo Horizonte: RECIMAM, 2008.
- ALVES, Katiane. **Educação para o Turismo de base comunitária no antigo Quilombo Cabula**: pro cesso de formação de estudantes do ensino médio usando jogo RPG digital como ferramenta pedagógica. 2018. 239 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade) - Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2018.
- ALVES, Katiane; SANTOS, Andrea Cristina Serravale dos. Turismo de Base Comunitária e Tecnologias Educativas. *In: SILVA, Francisca de Paula S. da (org.). **Turismo de base comunitária e cooperativismo***: articulando pesquisa e ensino no Cabula e entorno. Salvador: EDUNEB, 2013.
- ARROYO, Miguel G. Educação popular, saúde, equidade e justiça social. **Cadernos CEDES**, Campinas, vol. 29 n. 79, p. 401-416, set./dez. 2009.
- ATLAS BRASIL. **Atlas do desenvolvimento humano dos municípios**. 2013. Disponível em: http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/tucano_ba/ Acesso em: 24 jul. 2018.
- AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994.
- AVILA, Christovão de. **A casa da Torre dos Garcia D'Ávila**: Monumentos, [S.l., 2009?]. Disponível em: http://www.casadatorre.org.br/monumento_arquivos/his_2.jpeg. Acesso em: 30 jul. 2020.
- BAHIA. **Mapa das zonas turísticas na Bahia**. Bahia, 2012. Disponível em: <https://www.bahia.ws/wp-content/uploads/2012/11/Regi%C3%B5es-Tur%C3%ADsticas-da-Bahia.jpg>. Acesso em: 15 set. 2018
- BARTHOLO, Roberto; SANSOLO, Davis Gruber; BURSZTYN, Ivan (org.). **Turismo de Base Comunitária**: diversidade de olhares e experiências brasileiras. Rio de Janeiro: Letra e imagem, 2009.

BRAGA, Máira Batista; SELVA, Vanice Santiago Fragoso. O turismo de base comunitária pode ser um caminho para o desenvolvimento local? **REDE – Revista Eletrônica do PRODEMA**, Fortaleza, v. 10, n. 1, p. 38-53, mar. 2016. Disponível em: <http://www.revistarede.ufc.br/rede/article/view/272>. Acesso em: 01 ago. 2019.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Presidência da República, 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>. Acesso em: 26 dez. 2018.

BRASIL. **Mapa do Turismo brasileiro**. Brasília: Ministério do Turismo, 2017. Disponível em: http://www.regionalizacao.turismo.gov.br/images/pdf/mtur_mapa_turismo_brasilei_2017_virtual_14_02.pdf. Acesso em: 25 jul. 2018.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Dinâmica e Diversidade do Turismo de Base Comunitária**: desafio para a formulação de política pública. Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Iniciativa do Turismo de Base Comunitária 2.632**. Brasília: Ministério do Turismo, 2008b. Disponível em: http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/programas_acoes/regionalizacao_turismo/downloads_regionalizacao/Catlogo_Mtur_NOVO.pdf. Acesso em: 12 mar. 2019.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Programa de regionalização do Turismo**. Brasília, 2017. Disponível em: http://www.regionalizacao.turismo.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=82&Itemid=262. Acesso em: 13 dez. 2018.

BUARQUE, Sérgio C. **Metodologia de planejamento do desenvolvimento local e municipal sustentável**. Material para orientação técnica e treinamento de multiplicadores e técnicos em planejamento local e municipal. Brasília: IICA, 1999.

CARMO, Juliana Andrade do. **O uso de um blog como elemento difusor da história do Povoado Alto, em Tucano/ Ba**. 2016. 137f. TCC (Licenciatura em Pedagogia) – Departamento de Educação, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2016.

CARVALHO JÚNIOR, Álvaro Pinto Dantas de. **Cícero Dantas Martins - de Barão a Coronel**: trajetória política de um líder conservador na Bahia 1838-1903. 2000. 383 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2000.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. CARDOSO, Gustavo (org.). **A Sociedade em Rede**: do conhecimento à ação política. Belém: Imprensa Nacional, 2005.

CICLOVIVO. **SOS Mata Atlântica**: resultados de análises de 43 rios brasileiros. São Paulo, 2012. Disponível em: https://ciclovivo.com.br/planeta/meio-ambiente/sos_mata_atlantica_apresenta_resultados_das_analises_de_43_rios_brasileiros_realizadas_em_2010/. Acesso em: 27 nov. 2018.

CODES SISAL. **Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável do Sisal**. Valente: CODES-SISAL, 2016.

CONTRERAS, Joan P. La construcción social del subdesarrollo y el discurso del desarrollo. In: BRETÓN, Victor *et al.* **Los límites del desarrollo**: modelos “rotos” y modelos “por construir” en América a y África. Barcelona: Icaria, 1999.

CORIOLOANO, Luzia Neide M.T. **Do Local ao global**: O turismo litorâneo cearense. Campinas: Papirus, 1998.

DEMO, Pedro. **A educação pelo avesso**: assistência como direito e como problema. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

DOWBOR, Ladislau. **Aera do capital improdutivo**: Por que oito famílias têm mais riqueza do que metade da população do mundo? São Paulo: Autonomia Literária, 2017.

DOWBOR, Ladislau. **Educação e Desenvolvimento**. [S.l.], 03 abr. 2006. Website: blog do professor Ladislau Dowbor. Disponível em: <https://dowbor.org/2006/04/educacao-e-desenvolvimento-local-doc.html/> Acesso em: 08 maio 2018.

ECCO, Idanir; NOGARO, Arnaldo. A educação em Paulo Freire como processo de humanização. In: Congresso Nacional de Educação, 23, Paraná. **Anais [...]**. Paraná: EDUCERE, 2015.

EUSÉBIO, Celeste; RODRIGUES, Sónia. O desenvolvimento do turismo em destinos rurais: Percepções dos impactes, interação e atitudes dos residentes. **Revista Turismo e Desenvolvimento/Journal of Tourism and Development**. Aveiro, n. 21/22, p. 423-438, 2014.

FERNÁNDEZ, María; HENRÍQUEZ, Christian. Turismo de base comunitaria y redes a escala humana: principios para pensar una autocertificación para el turismo indígena. **Revista Brasileira de Desenvolvimento Territorial Sustentável – GUAJU**, Matinhos, v.4, n.1, p. 62-74, jan./jun. 2018.

FERRARO JUNIOR, Luiz; BURSZTYN, Marcel. À margem de quatro séculos e meio de latifúndio: Razões dos Fundos de Pasto na história do Brasil e do Nordeste (1534-1982). In: Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade, 04., Brasília. **Anais [...]**. Brasília: ANPPAS, 2008.

FERREIRA, Larissa da Silva; DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. Decurso histórico do turismo no estado da Bahia: Antônio Carlos Magalhães (ACM) e a cultura local como fatores intervenientes para o desenvolvimento da atividade. **GeoTextos**. Salvador, v. 9, n. 1, p. 113-127, jul. 2013.

FRANCO, Augusto de. **Porque Precisamos de Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável**. Brasília: Instituto de política Millennium, 2000.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 3. ed. São Paulo: Vozes, 1988.

FREIRE, Paulo. **Conscientização - Teoria e Prática da Libertação**: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. Tradução de Kátia de Mello e Silva. Revisão técnica de Benedito Eliseu Leite Cintra. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979a.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 1979b.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano. **Que fazer**: teoria e prática em educação popular. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

GADOTTI, Moacir. A questão da educação formal/não-formal. In: INSTITUT INTERNATIONAL DES DROITS DE L'ENFANT (IDE). **Droit à l'éducation: solution à tous les problèmes sans solution?** Sion: Institut International des Droit de L'Enfant/Institut Universitaire Kurt Bösch, 2005. Disponível em: https://aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php/305950/mod_resource/content/1/Educacao_Forma_Nao_Forma_2005.pdf. Acesso em: 11 set.2019

GADOTTI, Moacir. Educação Popular, Educação Social, Educação Comunitária: conceitos e práticas diversas cimentadas por uma causa comum. **Revista Diálogos**: pesquisa em extensão universitária, Brasília, v. 18, n. 1, p. 10-32, dez. 2012.

GOHN, Maria Glória. Educação não formal, aprendizagens e saberes em processos participativos. **Investigar em Educação**, Lisboa, n. 1, p. 35-50, 2014.

GOHN, Maria Glória. **Movimentos Sociais e Educação**. São Paulo: Cortez, 2005.

GOOGLE EARTH. **Imagem de Satélite do Povoado Alto. Tucano**, 2018. Disponível em: <https://www.google.com/maps/place/Tucano+-+BA,+48790-000/@-11.0595145,-38.91993,674m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0x7123b53108bf63b:0x166d9cd9ef8c1312!8m2!3d-10.9620159!4d-38.791497>. Acesso em: 05 dez. 2018.

GOOGLE MAPS. **Delimitação territorial de Tucano**. Bahia, 2018. Disponível em: <https://www.google.com/maps/place/Tucano+-+BA,+48790-000/@-10.9961459,-39.1030551,10z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0x7123b53108bf63b:0x166d9cd9ef8c1312!8m2!3d-10.9620159!4d-38.791497>. Acesso em: 05 dez. 2018.

HALLACK, Nathália; BURGOS, Andrés; CARNEIRO, Daniela Maria Rocco. Turismo de base comunitária: estado da arte e experiências brasileiras. **Ambientalmente Sustentável**. Espanha, n.1, p. 1-12, jan./dez. 2011.

HARVEY, David. **17 contradições e o fim do capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2016.

HOLANDA, Luciana Araújo. Empresarização do turismo de base comunitária. **Caderno Virtual de Turismo**. Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 249-262, ago. 2016.

IBGE. **Censo demográfico 2010**. Disponível em:
<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/tucano/panorama>. Acesso em: 21 jul. 2018.

INSTITUTO MAMIRAUÁ. **Turismo de Base Comunitária**. Amazonas, 1998. Disponível em: <https://www.mamiraua.org.br/turismo-comunitario>. Acesso em: 21 abr. 2019.

IRVING, Marta A. Reinventando a reflexão sobre turismo de base comunitária: inovar é possível? In: BARTHOLO, Roberto; SAN SOLO, Davis Gruber; BURSZTYN, Ivan (Org.). **Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e imagem, 2009.

JESUS, Josefa Maria de. Certidão de Casamento. Tucano, 1991. Tucano (BA). Cartório de Registro Civil de Pessoas Naturais do Subdistrito de Tucano. **Certidão de casamento [de] Josefa Maria de Jesus**. Registro em: 08 maio 1991.

JESUS, Robson Ferreira de. **Os 10 mais bem votados Deputados Federais nas Eleições 2018**: Tucano/BA. Tucano: Espaço Digital, 2018.

LA TAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Marta Kohl de; DANTAS, Heloysa. **Piaget, Vygotsky, Wallon** – teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto**: o Município e o Regime representativo no Brasil. 7. ed. São Paulo: Companhia das letras, 2012.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos para quê?** 12. ed. São Paulo, Cortez, 2010.

MALDONADO, Carlos. O turismo rural comunitário na América Latina: gênese, características e políticas. In: BARTHOLO, Roberto; SAN SOLO, Davis Gruber; BURSZTYN, Ivan (org.). **Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e imagem, 2009.

MANCE, Euclides A. **Desenvolvimento local sustentável**: conceitos e estratégias. In: Curso de Formação de Gestores Públicos em Economia Solidária. Fortaleza: STDS, 2008. Disponível em:
http://www.solidarius.com.br/mance/biblioteca/Desenvolvimento_Local_Sustentavel-Conceitos_e_Estrategias.pdf. Acesso em: 27 ago. 2017.

MARANHÃO, Christiano Henrique da Silva. A trajetória histórica da institucionalização do Turismo no Brasil. **Revista de Turismo Contemporâneo – RTC**, Natal, v.5, n.2, p. 238-259, jul./dez. 2017. Disponível em:
<https://periodicos.ufrn.br/turismocontemporaneo/article/view/9522>. Acesso em: 19 ago. 2018.

MARBACK NETO, Guilherme. Interiorização do Turismo na Bahia. **Turismo de Eventos, ECA-USP**. São Paulo, v.5, p. 33-41, 28 nov. 1991.

MARTINS, Luciana Conceição de Almeida; MATTA, Alfredo Eurico Rodrigues; SILVA, Francisca de Paula Santos. Museu Virtual Quilombo Cabula: Educação Dialógica para o Turismo de Base Comunitária. **Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 27, n. 52, p. 44-59, maio/ago. 2018.

MARTINS, Marcos Francisco. **Marx, Gramsci e o conhecimento**: ruptura ou continuidade? Campinas: Autores Associados; Americana: Unisal, 2008.

MARTINS, Sérgio Ricardo Oliveira. Desenvolvimento local: questões conceituais e metodológicas. **Interações** (UCDB), Campo Grande, v. 3, n.5, p. 51-59, set. 2002.

MARX, Karl H.; ENGELS, Friedrich. **O Manifesto Comunista**. [S.l.]: Ed. Ridendo Castigat Mores, 1999. *E-book* (68). Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/manifestocomunista.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2018.

MATTA, Alfredo Eurico Rodrigues. A educação e a ascensão da burguesia na Bahia. **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v.12, n.24, p. 113-123, jul./dez. 2005.

MATTA, Alfredo Eurico Rodrigues. **A extensão da Casa da Torre**. In: disciplina Referenciais teórico-metodológicos do ensino de história (nota de aula), Departamento de Educação, UNEB, Salvador, 20 maio 2014.

MATTA, Alfredo Eurico Rodrigues. Desenvolvimento de metodologia de design socioconstrutivista para a produção do conhecimento. In: GURGEL, Paulo Roberto Holanda; SANTOS, Wilson Nascimento. **Saberes plurais, difusão do conhecimento e práticas pedagógicas**. Salvador: Edufba, 2011.

MATTA, Alfredo Eurico Rodrigues. **História da Bahia**. Salvador: Eduneb, 2013.

MATTA, Alfredo Eurico Rodrigues. **Tecnologias de aprendizagem em rede e ensino de história** – utilizando comunidades de aprendizagem e hiper composição. Brasília: Líber livro Editora, 2006.

MATTA, Alfredo Eurico Rodrigues. Tecnologias para a colaboração. **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 13, n. 22, p. 431-439, jul./dez. 2004.

MATTA, Alfredo Eurico Rodrigues; SILVA, Francisca de Paula Santos da; BOAVENTURA, Edivaldo Machado. Design-based research ou pesquisa de desenvolvimento: metodologia para pesquisa aplicada de inovação em educação do século XXI. **Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 23, n.42, p. 3-36, jul. /dez. 2014.

MATTOS, Yara. **Ecomuseu, Desenvolvimento Social e Turismo**. Ouro Preto, p. 6-7, 01 jul. 2006. Disponível em: http://morrodaqueimada.fiocruz.br/pdf/15_Ecomuseu%20Desenvolvimento%20Social%20e%20Turismo.pdf. Acesso em: 11 jan.2020.

MAX-NEEF, Manfred. **Desenvolvimento à Escala Humana**: Concepção-Aplicação-Reflexos Posteriores. Blumenau: Edifurb, 2012.

MENEZES, Ana Maria Ferreira; CAMPOS, Maria de Fátima Hanaque. Políticas Públicas e Desenvolvimento Local. In: SILVA, Francisca de Paula S. da (org.). **Turismo de base comunitária e cooperativismo**: articulando pesquisa e ensino no Cabula e entorno. Salvador: EDUNEB, 2013.

MÉSZAROS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boi Tempo Editorial, 2008.

MORAES, Edilaine Albertino de; IRVING, Marta de Azevedo; MENDONÇA, Teresa Cristina de Miranda. Turismo de Base Comunitária na América Latina: uma estratégia em rede. **Turismo, Visão e Ação**, v. 20, n. 2, p. 249-265, maio/ago. 2018.

NEIVA, Luiz Paulo. **Canudos**: uma nova batalha. Salvador: EDUNEB, 2017.

NONATO, Emanuel do Rosário Santos; MATTA, Alfredo Eurico Rodrigues. Caminhos da Pesquisa-Aplicação na Pesquisa em Educação. In: PLOMP, Tjeerd *et al.* (org.). **Pesquisa-Aplicação em Educação**: uma introdução. São Paulo: Artesanato Educacional, 2018.

NUNES, Eduardo José Fernandes; SOUZA, Dionalle Monteiro de; SANT'ANNA, Igor Rodrigues de. Agenda 21: Estratégias de desenvolvimento local na periferia de Salvador, **Revista da FAEEBA- Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 16, n. 28, p. 57-66, jul./dez. 2007.

OMT. **Declaração de Manila sobre Turismo Mundial**. Manila: OMT, 1980.

OMT. **Introducción al Turismo**. Madrid: OMT, 1998.

PEREIRA, Ernandes de Queiroz. A Educação Popular hoje: múltiplas dimensões entre velhos e novos desafios. In: Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste, 22., 2014, Natal. **Anais [...]**. Natal: Centro de educação editora, 2014. p. 1-16.

PLOMP, Tjeerd; NIEVEEN, Nienke; NONATO, Emanuel do Rosário Santos; MATTA, Alfredo Eurico Rodrigues. **Pesquisa-Aplicação em Educação**: uma introdução. São Paulo: Artesanato Educacional, 2018.

PRIMO, Alex. Blogs e seus gêneros: Avaliação estatística dos 50 blogs em língua portuguesa. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 31., Natal. **Anais [...]**. Natal: Intercom, 2008. p. 1-17.

PROGRAMA, Roteiros Caminhos do Sertão: Bahiatursa e SEBRAE tentam trazer mais turistas para o estado e o município. **Prefeitura Municipal de Santa Brígida**, 2013. Disponível em: <http://santabrigida.ba.gov.br/internas/noticias/read.php?id=863>. Acesso em: 10 dez. 2018.

PROJETO BAGAGEM. **Apoiando o Turismo de Base Comunitária no Brasil**. 2002. Disponível em: <https://www.projetobagagem.org/>. Acesso em 21 abr. 2019.

RECUERO, Raquel da Cunha; AMARAL, Adriana; MONTARDO, Sandra. Blogs: Mapeando um objeto. *In: Congresso Nacional de História da Mídia*, 06., 2008, Niterói. **Anais [...]**. Niterói: UFF, 2008. p. 1-15.

ROCHA, Rubens. **A História do Integralismo em Tucano** (Partidos políticos, eleições e outras notícias), Tucano-Ba. Impressão Gráfica Tibiriça: Gráfica e Editora 2007.

ROCHA, Rubens. **Câmara municipal de Tucano**. Tucano: Impressão Gráfica Tibiriça - Gráfica e Editora, 2010.

ROCHA, Rubens. **Caminhos de Lampião**. Tucano: Rodrillena Artes Gráficas, 2009.

ROCHA, Rubens. **História de Tucano**. Feira de Santana: Impressão Oficinas da Bahia Artes Gráficas, 1987.

ROCHA, Rubens. **Tucano de ontem**. Tucano: Gráfica Tibiriça, 2016.

ROMÃO, Eliana Sampaio. Ser Professor: a dialética do desejo de docender e encantar-se com a profissão. *In: Congresso Ibero Americano de Investigação Qualitativa*, 70., 2018, Fortaleza. **Anais [...]**. Lisboa: Edição Atas Investigação Qualitativa, 2018.p. 808-817.

SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce. **Turismo como fenômeno humano**: princípios para se pensar a socioeconomia e sua prática sob a denominação do turismo comunitário. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

SAMPAIO, Juliana; SANTOS, Gilney Costa; AGOSTINI, Marcia; SALVADOR, Anarita de Souza. Limites e potencialidades das rodas de conversa no cuidado em saúde: uma experiência com jovens no sertão pernambucano. **Interface**. Botucatu, v. 18, p. 1299-1311, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832014000601299&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 24 out. 2019.

SANTANA, Danilo. **Morgados do Interior**: a Casa da Torre de Garcia D'Ávila, 2010. Disponível em: <https://historiadabahia2.wordpress.com/sobre/morgados-do-interior-a-casa-da-torre-degarcia-davila/> Acesso em: 5 out. 2015.

SANTIAGO, Rita Cristina; MATTA, Alfredo Eurico Rodrigues; SILVA, Francisca de Paula Santos da; BOAVENTURA, Edivaldo Machado; AMORIM, Antônio. Desenvolvimento de um Framework Design-Based Research – DBR para pesquisas aplicadas pelos grupos Sociedade em Rede e Sociedade Solidária, Educação e Turismo. *In: PLOMP, Tjeerd et al* (org.). **Pesquisa-Aplicação em Educação**: uma introdução. São Paulo: Artesanato Educacional, 2018.

SANTOS, Aline de Assis. **Ancestralidade e história no recôncavo baiano**: Construção do conhecimento ancestral no povoado de São Braz, em Santo Amaro. 2014. 142 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade) – Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2014.

SANTOS, Aychá Freitas. **Desenvolvimento local e políticas públicas**: Estrutura analítica sob enfoque da escala humana no contexto do turismo na Bahia. 2017. 146f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Economia Regional e Políticas Públicas, Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2017.

SANTOS, Boaventura Sousa. Um mapa de alternativas de produção. In: SANTOS, Boaventura Sousa (org.). **Produzir para viver**: os caminhos da produção não capitalista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

SDT. **Caderno territorial do Sisal**. Bahia, 2015. Disponível em: http://sit.mda.gov.br/download/caderno/caderno_territorial_043_Do%20Sisal%20-%20BA.pdf Acesso em: 24 out. 2018.

SEI. **Mapa descritivo de Tucano**, Tucano, 2015. Disponível em: http://www.sei.ba.gov.br/site/geoambientais/mapas/pdf/municipal/mapa_descritivo_2931905_1.pdf. Acesso em: 11 nov. 2018.

SEPLAN. **Zoneamento Ecológico-Econômico**. Bahia, 2015. Disponível em: <http://www.seplan.ba.gov.br/arquivos/File/politica-territorial/ZONEAMENTO-ECOLOGICO-ECONOMICO-ZEE/1123.00-Characterizacao-dos-TIs.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2019.

SILVA, Filipe Prado Macedo. Desenvolvimento territorial: a experiência do Território do Sisal na Bahia. **Bahia Análise & Dados**. Salvador, v. 23, n. 3, p. 567-585, jul./set. 2013.

SILVA, Francisca de Paula Santos da, *et al.* **Cartilha (in) formativa sobre Turismo de Base Comunitária “O ABC do TBC”**. Salvador: EDUNEB, 2012.

SILVA, Francisca de Paula, Santos da; MATTA, Alfredo Eurico Rodrigues; SÁ, Natália Silva Coimbra de, Turismo de base comunitária no antigo Quilombo Cabula. **Caderno Virtual de Turismo**. Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 79-92, abr. 2016.

SOUZA, Marcelo José Lopes. Como pode o turismo contribuir para o desenvolvimento local? In: RODRIGUES, Adyr Balastrieri (org.). **Turismo Desenvolvimento local**. São Paulo: Hucitec, 1997.

SPINOLA, Carolina. O PRODETUR e a descentralização do turismo baiano. **RDE-Revista de Desenvolvimento Econômico**, Salvador, v. 2, n. 3, p. 36-47, jan. 2000.

STRECK, Danilo R. Entre emancipação e regulação: (des) encontros entre educação popular e movimentos sociais. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 44, p. 300-310, maio/ago. 2010.

TAVARES, Maria Tereza Goudard. Educação popular e movimentos sociais contemporâneos: algumas notas para reflexão. **Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 24, n. 43, p. 49-61, jan./jun. 2015.

TUCUM. Rede Cearense de Turismo Comunitário. **Presentation held at the II International Seminar on Sustainable Tourism**. Fortaleza, 2008. Disponível em: <https://viajarverde.com.br/rede-tucum-colaboracao-e-resistencia/> Acesso em: 10 ago. 2020.

TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA - TBC. **Portal**, Salvador, 2010. Disponível em: <http://www.tbccabula.com.br/>. Acesso em: 21 abr. 2019.

VASCONCELOS, Eymard Mourão; VASCONCELOS, Marcos Oliveira Dias; SILVA, Marísia Oliveira. A contribuição da educação popular para a reorientação das práticas e da política de saúde no Brasil. **Revista da FAEBA: Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 24, n. 43, p. 89-106, jan.-jun. 2015.

VIAJAR VERDE. **Rede Tucum**: uma história de colaboração e resistência. Ceará, 2016. Disponível em: <https://viajarverde.com.br/rede-tucum-colaboracao-e-resistencia/>. Acesso em 21 abr. 2019.

WIKIPEDIA. **Mapas da Bahia e do Brasil com a localização de Tucano**. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Tucano_\(Bahia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Tucano_(Bahia)) Acesso em: 22 jul. 2020.

WEYH, Cênio Back. Faces (novas) da Educação Popular no Contexto brasileiro atual: a construção do poder popular pela participação. *In*: Associação Nacional dos Pesquisadores em Educação, 28., 2005, Caxambú. **Anais [...]**. Petrópolis: Vozes Ltda., 2005.

YN, Ivan (org.). **Turismo de Base Comunitária**: diversidade de olhares e experiências brasileiras. Rio de Janeiro: Letra e imagem, 2009.

APÊNDICE A - Calendário de alguns eventos no município de Tucano

DATA	EVENTO	LOCAL
17 de janeiro	Festa do padroeiro Senhor do Bonfim	Alto
31 de janeiro	Festa de Dom Bosco	Rua Nova
Mês de fevereiro	Carnaval da Melhor idade	Tucano (Sede)
22-23 de fevereiro	CarnaJorro (Carnaval)	Caldas do Jorro
21 de março	Festa de emancipação política de Tucano	Tucano (Sede)
13 de junho	Festa de Santo Antônio	Creguenhem
20 – 23 de junho	Arraiá das águas quentes	Caldas do Jorro
21 a 24 de junho	Feira do couro	Tracupá
23 de junho	Arraiá do Jegue	Jorrinho
23 e 24 de junho	São João	Alto
29 de junho	Festa de São Pedro	Poço Redondo
30 de junho	Arraiá dos velhinhos	Poço Redondo
02 de julho	Festa da independência da Bahia	Tucano (Sede)
26 de julho	Festa da padroeira Nossa Senhora Santana	Rio do Peixe
		Tucano (Sede)
23 de setembro	Festa do dia da Cultura evangélica	Tucano (Sede)
Durante o mês de setembro	Carurus	Poço Redondo
28 de setembro	Caruru	Alto
28 de outubro	Festa do padroeiro São Judas Tadeu	Mandacaru
03 de novembro	Cavalcada Laço Dourado	Alto
31 de dezembro	Réveillon das águas quentes	Caldas do Jorro

APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNEB
UNIVERSIDADE DO
ESTADO DA BAHIA



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS I
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE
PPGEduC**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES
HUMANOS CONFORME RESOLUÇÃO N. 466/12 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.

DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA

TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA: Educação para o Turismo de Base Comunitária: construindo caminhos para o desenvolvimento local do Povoado Alto, Tucano, Bahia.

PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: Juliana Andrade do Carmo Martins.

INSTITUIÇÃO DE VÍNCULO DO (A) PESQUISADOR (A) RESPONSÁVEL: Universidade do Estado da Bahia – Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (Curso de Mestrado Acadêmico – Linha 03: Educação, Gestão e Desenvolvimento Local Sustentável).

EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA

1. Caro (a) senhor (a).....
está sendo convidado (a) para participar **em parceria e de forma colaborativa** da pesquisa: **Educação para o Turismo de Base Comunitária: construindo caminhos para o desenvolvimento local do Povoado Alto, Tucano, Bahia**, de responsabilidade da pesquisadora Juliana Andrade do Carmo Martins discente da Universidade do Estado da Bahia, que tem como objetivo **Construir uma proposta de educação adequada para o desenvolvimento do turismo de base comunitária no contexto do Povoado Alto em Tucano- Bahia**. A orientação das atividades é feita pela Dr^a Francisca de Paula Santos da Silva e pelo Dr. Alfredo Eurico Rodrigues Matta.

A metodologia adotada é qualitativa, focando no desenvolvimento de ações que podem ser realizadas, de formas integradas às práticas sociais comunitárias, através da Design Based Research – DBR traduzida como Pesquisa aplicação, em parceria com o grupo de jovens mobilizadores da comunidade, composto por 15 jovens e adolescentes do qual o (a) senhor (a) faz parte. A pesquisa qualitativa permitirá fazer análise das informações apuradas, pois durante a pesquisa de campo e levantamento de dados, serão realizadas rodas de conversa com os jovens, afim de consultar, ouvir, confirmar ou não as informações do contexto histórico construído e acrescentar novas informações, construindo este trabalho com os mesmos,

legitimando a pesquisa e tornando-os coautores. A escolha do método DBR corrobora com os princípios do Turismo de Base Comunitária, os quais pressupõe o desenvolvimento da pesquisa em parceria com os jovens locais, os quais participam ativamente desde o processo inicial até o fim da pesquisa, ou seja, são protagonistas e não meramente objetos de estudo.

O referido trabalho tem como primeira autora Juliana Martins, sob orientação da Doutora Francisca de Paula Santos da Silva e coorientação do Doutor Alfredo Eurico Rodrigues Matta e a participação e colaboração voluntária do grupo de jovens do Povoado Alto, participantes e também coautores nesse processo. Assim, dispensa a preservação da identidade (nome) e privacidade dos envolvidos por se tratar de uma atividade que será desenvolvida de forma conjunta, ou seja, construída para e com eles, e que dessa maneira se faz necessário, a citação dos nomes desses coautores no projeto de pesquisa como construtores do processo investigativo e do desenvolvimento das ações na referida comunidade.

A pesquisa poderá trazer benefícios sociais, educacionais e culturais para os participantes como: participar de atividades de registros da história, símbolos culturais e incentivar a preservação e difusão das tradições culturais locais, em forma de postagens na página do *blog* Alto: o meu lugar no sertão, colaborando com informação e educação para as futuras gerações; Ser coautor (a) da pesquisa; Participar de ações práticas na comunidade como: eventos culturais, rodas de conversas, oficinas formativas, possibilitando a valorização da cultura e tradições, consequentemente o desenvolvimento local do Povoado. Participar e criar roteiros turísticos que possibilitem a comercialização de serviços turísticos de acordo com os princípios do Turismo de Base Comunitária (guiamento, hospedagem, alimentação, venda de artesanatos e produtos locais) no local, para visitantes que se interessem em conhecer e vivenciar o cotidiano da comunidade. Atividades estas que serão geridas e realizadas por pessoas do Povoado Alto, o que poderá ajudar na complementação da renda para as famílias locais. Toda renda dos serviços e produtos comercializados pertencem à pessoa ou grupo da comunidade que produziu e gerenciou a venda. A pesquisadora não será beneficiada com vendas dos referidos serviços e produtos.

Como riscos a participação no desenvolvimento da pesquisa poderá trazer constrangimento por divergências de ideias e opiniões, por tratar-se de um trabalho desenvolvido coletivamente de forma colaborativa com os jovens da comunidade local, os quais possuem opiniões divergentes que serão respeitadas, mas nem sempre acatadas.

Na referida pesquisa, Juliana Andrade do Carmo Martins, será responsável por investigar o contexto sócio histórico do Povoado Alto, os aspectos sociais, culturais, econômicos, ambientais e históricos que contribuirão para o processo de formação da comunidade. Já os jovens da comunidade, enquanto coautores, irão avaliar as informações levantadas pela pesquisadora, e também trazer novos conteúdos, sobre seu cotidiano, suas vivências e de seus antepassados, complementando a pesquisa, de forma igualitária com a primeira autora citada. Também é de responsabilidade dos membros da comunidade colaborar com a elaboração de roteiros turísticos com base na história e cultura local, gerir o recebimento de visitantes, vendas de produtos locais e hospedagens.

A referida pesquisa não trará despesas e nem remuneração em nenhuma de suas fases para os participantes. O custeio de materiais para oficinas e rodas de conversas será de responsabilidade da pesquisadora Juliana Andrade do Carmo Martins.

Os resultados serão divulgados em tratados escritos sob forma de dissertação garantindo perfil ético e o respeito inerentes a toda investigação científica sob anuência dos participantes: autor, orientador, coorientadora e coautores da pesquisa.

O (a) senhor (a) poderá, a qualquer momento, desistir de autorizar a participação e retirar sua autorização. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o (a) pesquisador (a) ou com a instituição. Quaisquer dúvidas que o (a) senhor(a) apresentar serão esclarecidas pelo(a) pesquisador(a) e o Sr(a) caso queira poderá entrar em contato também com o Comitê de ética da Universidade do Estado da Bahia. Esclareço ainda que de acordo com as leis brasileira é garantido ao participante da pesquisa o direito a indenização caso ele(a) seja prejudicado por esta pesquisa. O (a) senhor (a) receberá uma cópia deste termo onde consta o contato dos pesquisadores, nos quais poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e a participação, agora ou a qualquer momento.

2. INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS

PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: Juliana Andrade do Carmo Martins

Endereço: Povoado Alto, nº 25, Zona Rural de Tucano-BA. **Telefone:** (75) 99147-2556

E-mail: jule.ac@gmail.com

Comitê de Ética em Pesquisa- CEP/UNEB Rua Silveira Martins, 2555, Prédio da Reitoria, 1º andar, Cabula, Salvador- BA. CEP: 41.150-000. Tel.: 71 3117-2399 e-mail: cepuneb@uneb.br

Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP-End.: SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte CEP: 70719-040, Brasília-DF

CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO.

Declaro que, após ter sido devidamente esclarecido pelo pesquisador(a) sobre os objetivos benefícios da pesquisa e riscos de minha participação na pesquisa Educação para o Turismo de Base Comunitária: construindo caminhos para o desenvolvimento local do Povoado Alto, Tucano, Bahia, e ter entendido o que me foi explicado, concordo em participar sob livre e espontânea vontade, como voluntário, consinto também que os resultados obtidos sejam apresentados e publicados em eventos e artigos científicos, bem como o uso de imagem e identificação quando for necessário e assinarei este documento em duas vias sendo uma destinada ao pesquisador e outra a via que a mim.

Salvador, 09 de agosto de 2019.

Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura do pesquisador discente
(orientando)

Assinatura do professor responsável
(orientador)

APÊNDICE C - Roteiro temático de entrevista aberta



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS I PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE PPGEduC

Título da pesquisa: Educação para o Turismo de Base Comunitária: construindo caminhos para o desenvolvimento local do Povoado Alto, Tucano, Bahia.

ROTEIRO TEMÁTICO DE ENTREVISTA ABERTA

O objetivo de utilizar a técnica de entrevista aberta é conseguir o máximo de informações possíveis sobre os temas abaixo, para compor a elaboração do capítulo de contextualização sócio-histórica do Povoado Alto, em Tucano-Bahia.

- **SURGIMENTO DO POVOADO ALTO;**
- **PRINCIPAIS ATIVIDADES ECONÔMICAS;**
- **PRINCIPAIS TRADIÇÕES CULTURAIS E RELIGIOSAS;**
- **A SOCIEDADE ALTENSE CONTEMPORÂNEA.**
- **PARTICIPAÇÃO DE ALTENSES NA GUERRA DE CANUDOS;**
- **PASSAGEM DE LAMPIÃO NO POVOADO ALTO;**
- **SECAS E ENCHENTES QUE ASSOLARAM A COMUNIDADE;**

APÊNDICE D - Imagens da primeira roda de conversa com o grupo Filhos do Sertão



APÊNDICE E – Imagens da organização da Biblioteca Comunitária

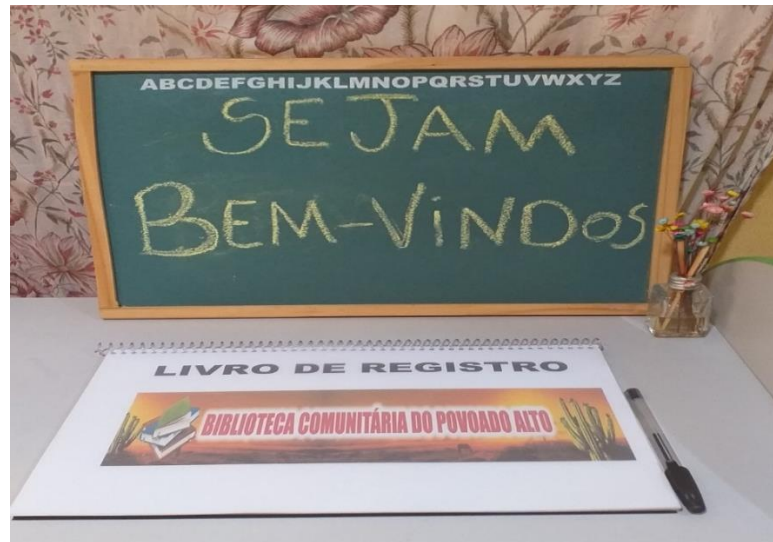
Estamos iniciando uma campanha de arrecadação de livros para a criação de nossa Biblioteca Comunitária do Povoado Alto/Tucano-Ba. Gostaríamos de contar com sua colaboração, aceitamos livros de todos os tipos.



Endereço: Povoado Alto, zona rural de Tucano/BA.
Contato: (75) 99147 2556 – Juliana.

“Oh! Bendito o que semeia
Livros à mão cheia”.
Castro Alves





APÊNDICE F - Imagens da trilha realizada no Povoado Alto



APÊNDICE G - Imagens do primeiro roteiro



APÊNDICE H – Prints da nova apresentação e comentários no *blog*



APÊNDICE I – Imagens do evento Pôr do Sol Cultural



APÊNDICE J - Imagens do *Ecomuseu* da história e cultura altense



APÊNDICE K - Roteiros

ROTEIRO 1: CONHECENDO O ALTO E SUAS RUAS.

- 8h00** – Encontro na entrada do Povoado (Próximo a caixa D'água).
- 8h10**- Visita ao local onde ficava o antigo curral.
- 8h30**- Um dedinho de prosa com dona Jove do Pio.
- 9h00** – Visita ao local do segundo curral.
- 9h10**- Visita a igreja católica.
- 9h30**- Visita à escola Municipal São Pedro;
- 9h40**- Visita ao Salão dos Santos da Guilhermina (Dedinho de prosa com dona Zifa).
- 10h10**- histórias do Alto contadas pelo senhor Jacó, o homem mais velho da comunidade.
- 10h30** - Dedinho de prosa com dona Peré.
- 10h50**- Praça dos Coxos – a história do Curtume.
- 11h00**- Visita à biblioteca Comunitária e o Ecomuseu da história e cultura altense.
- 11h30**- Visita ao bar do Hermes – histórias de São João e as cachaças temperadas.
- 11h50**- Visita ao Rio Itapicuru...são tantas histórias.
- 12h00**- Almoço na casa de dona Zuga.

ROTEIRO 2: CAMINHOS DE LAMPIÃO

- 15h00** – Encontro na Biblioteca Comunitária.
- 15h10** – Visita ao Rio Itapicuru, lugar por onde Lampião passou seguindo para a cidade de Queimadas-Ba.
- 15h20**- Deslocamento para seguir a estrada por onde Lampião e seguiu.
- 15h40**- Deslocamento para a Baixa da Gurunga, local onde os altenses se escondiam durante a passagem de Lampião.
- 16h30** – Deslocamento para a Serra do Chiquinho, local onde os altenses se escondiam de Lampião.
- 17h30** – Retorno para o Povoado.

ROTEIRO 3: FORMAS DE TRABALHO E CULTURA

8h00- Encontro na Biblioteca Comunitária.

8h20 – Roda de Despalha de Milho: trabalho e versos.

9h20 - Visita a praça dos Coxos com a dona Peré, local onde era realizado o curtume de couro.

10h10- Deslocamento para visitar a olaria.

10h30- O modo de produção de telhas e tijolos nas olarias.

11h10 – Visita a casa de farinha.

11h30 – Retorno ao Povoado.

12h00 – Almoço.

ROTEIRO 4: A RELIGIOSIDADE SERTANEJA

15h00- Visita à igreja do padroeiro Senhor do Bonfim.

15h40- Visita ao Salão dos Santos da Guilhermina – dedo de prosa com dona Zifa.

16h10- Diálogo sobre o Caruru doce da Peré.

16h40- Roda de Conversa sobre os enterros nos currais com a dona Catan.

17h10- Conversa sobre a semana santa com dona Nega.

17h40- Os batismos e casamentos nas fogueiras de São João.

18h00- As rezas.

ROTEIRO 5: VAMOS VER O PÔR DO SOL

15h30: Visita a Biblioteca Comunitária do Povoado Alto e ao Ecomuseu da história e cultura altense.

16h30-Momento Sol, cordel e poesia.

17h00 - Visita aos locais que proporcionam uma bela vista do Pôr do Sol.

-Rio, escola e igreja.

APÊNDICE L - Segundo roteiro no Povoado Alto



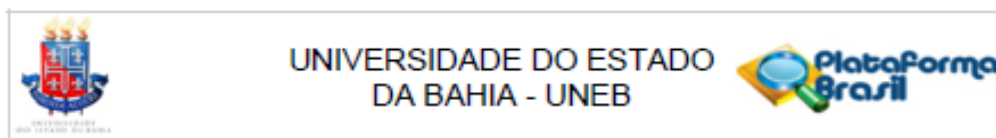
APÊNDICE M – Ficha de avaliação dos roteiros

FICHA DE AVALIAÇÃO DO ROTEIRO
NOME:
ONDE MORA:
QUAL SEU INTERESSE EM REALIZAR ESTE ROTEIRO NO POVOADO ALTO:
O QUE VOCÊ ACHOU DE PARTICIPAR DESTES ROTEIROS?
DEIXE AQUI SUAS SUGESTÕES:

APÊNDICE N - Prints de comentários no Blog

Anônimo 19 de janeiro de 2020 18:26 Está muito perfeito! Valeu todo esforço, e dedicação, somos um grupo/família, que vamos atrás e em busca de nossos valores, de nossas raízes, culturas e tradições vamos atrás de nossas histórias !! Não deixando morrer aquilo que foi de grande importância há muito tempo para nosso povo, é muito gratificante, participar, e vê que o que fazemos não é em vão. Nossa família só cresce! E nós como filhos desse sertão, acolhemos e resgatamos toda história, e toda garra de um povo que ainda hoje luta!	Unknown 20 de janeiro de 2020 17:21 Perfeito!!!💕 Bom ver esse nosso trabalho cada vez mais crescer, e aos poucos resgatar fragmentos de nossa história. A história da cultura altense!!! - Ana Vitória Responder Excluir
Andresa costa Responder Excluir 👤 GRAZY MATOS 19 de janeiro de 2020 18:31 Simplismente o blog so aprofunda mas na história do nosso lugar. Onde poucos sabiam sua história e as grandezas deste lugar, hoje o blog representa como foi ter que morar, Num lugarzinho pequeno mas onde todos cabiam la. Um sertão bem nordestindo com Cultura e tradição com um grande destemido que chamava-se Lampião, que passava matando gente e assustando os cidadãos.	Unknown 20 de janeiro de 2020 17:30 Um pequeno grupo Num lugar chamado alto Que juntos resolveram resgatar a história de seus antepassados. De pequeno, grande ficou Da amizade uma família formou Únidos e sempre juntos Ouvindo, revendo, e repassando histórias Para qualquer um, que com sede de curiosidade e conhecimento queira saber... 😄❤️👤 Responder Excluir
Um lugarzinho amado que as margens de um Rio foi criado este meu lugar chamado ALTO. 💕 Responder Excluir 👤 GRAZY MATOS 19 de janeiro de 2020 18:33 Parabéns a todos do blog. 🍌 Responder Excluir	Mariane 22 de janeiro de 2020 02:40 Parabéns tds muito lindos Responder Excluir Digite seu comentário...

ANEXO A – Parecer de Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da UNEB



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: EDUCAÇÃO PARA O TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA: CONSTRUINDO CAMINHOS PARA O DESENVOLVIMENTO LOCAL DO POVOADO ALTO, TUCANO, BAHIA.

Pesquisador: JULIANA ANDRADE DO CARMO MARTINS

Área Temática:

Versão: 4

CAAE: 24190619.8.0000.0057

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.174.466

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um projeto de pesquisa vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da UNEB de Salvador.

O estudo é qualitativo e colaborativo para desenvolver a Educação para o Turismo comunitário no município de Tucano/Ba. Fará uma sistematização da história do Povoado do Alto. Após, realizará rodas de conversas e oficinas educacionais destinadas à eficiência da atividade do turismo comunitário, será elaborado roteiros turísticos e ações populares de educação no sentido coletivo do desenvolvimento local. Os voluntários deste estudo serão coautores do projeto por participarem ativamente do desenvolvimento de seus produtos/serviços/metodologias de ensino da educação popular. Incluirá menores de idade com autorização expressa dos pais. Deverá também atender aos preceitos do Estatuto da Criança e do Adolescente. Os pesquisadores não serão beneficiados economicamente com futuras comercializações dos materiais/serviços/metodologias que forem desenvolvidas. Tais benefícios serão para a comunidade do Povoado do Alto em Tucano/BA, conforme declarado neste protocolo de pesquisa.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Construir uma proposta de educação adequada para o desenvolvimento do turismo de base

Endereço: Rua Oliveira Martins, 2555	CEP: 41.195-001
Bairro: Cabula	
UF: BA	Município: SALVADOR
Telefone: (71)3117-2399	Fax: (71)3117-2399
	E-mail: cepuneb@uneb.br



UNIVERSIDADE DO ESTADO
DA BAHIA - UNEB



Continuação do Parecer: 4.174.488

comunitária no contexto do Povoado Alto em Tucano-
Bahia.

Objetivo Secundário:

- Desenvolver ações de educação apropriadas para o contexto do Povoado Alto.
- Mobilizar para o Turismo de Base Comunitária no Povoado Alto.
- Difundir o Turismo de Base Comunitária no Povoado Alto por meio do blog "Alto, o meu lugar no Sertão".

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Vale à informação, de forma geral, que o risco mencionado na Plataforma Brasil se enquadra intimamente com a vulnerabilidade do participante. Essas possibilidades trazem uma perspectiva de ação nas várias áreas inerentes à vida do ser humano, incluindo a possibilidade de danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural, espiritual e profissional do ser humano, em qualquer pesquisa e dela decorrente.

Destacamos que a informação dos possíveis riscos da pesquisa fornecida aos participantes tem a função pedagógica de proporcionar o entendimento e a correlação da experiência de vida dele (o participante) com o objeto do estudo e os processos de registro de dados para decidirem se querem/podem/devem ou não participar, sabendo que tem possibilidade mínima do desconforto, constrangimento ou cansaço, sempre no foco de promover ainda mais a dignidade dos envolvidos. Considerando-se a partir deste entendimento a decisão da participação ou não, pois só com o conhecimento pleno das circunstâncias da pesquisa pode-se exercer a autonomia em plenitude.

Outro aspecto que se vislumbra com essa informação é que ao correlacionar a experiência de vida, o objeto e os dispositivos de registro de dados, o participante evita de participar se entender que há a possibilidade da maleficiência por conta das suas experiências e o/a pesquisador/a livra-se de embaraços e até possíveis processos.

Evidencia-se com essas informações/ações a tentativa de manter-se a dignidade, além de colocar em "tela" que a variável dominante não é a pesquisa e sim a experiência de vida do participante e a vasta possibilidade de não conhecer-se a pleno todas as experiências de vida dos seres humanos envolvidos na pesquisa.

Comentário: A pesquisadora informa os riscos e forma de minimizar dentro da eticidade, no TCLE

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555

Bairro: Cabula

CEP: 41.195-001

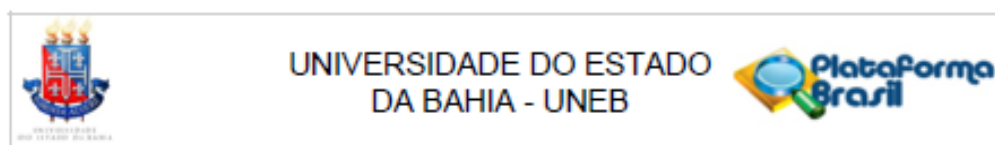
UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3117-2399

Fax: (71)3117-2399

E-mail: cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 4.174.486

para os responsáveis e no Assentimento.

Vale destacar que se houver divergência entre as partes sobre a participação do menor, recomendamos não inseri-los no estudo.

Benefícios:

A eticidade e normativa indicam que o benefício de uma pesquisa deve contribuir para a melhoria da atividade estudada de alguma forma, sendo diretamente ao participante da pesquisa ou indiretamente propondo melhorias nos processos que envolvem a formação da atividade.

A pesquisadora descreve no formulário da plataforma Brasil e no TCLE: "A parceria trará benefícios como: 1) Registro da história, símbolos culturais e incentivo a preservação das e difusão das tradições culturais locais, em forma de postagens na página do blog Alto: o meu lugar no sertão, colaborando com informação e educação para as futuras gerações; 2) Desenvolver ações na comunidade, como eventos culturais, rodas de conversas, oficinas formativas, possibilitando a valorização da cultura e tradições, e consequentemente o desenvolvimento local; 3 Criar roteiros turísticos que possibilitam a comercialização de serviços turísticos do turismo de base comunitária – TBC (guiamento, hospedagem, alimentação, venda de artesanatos e produtos locais), no local, para visitantes que se interessem em conhecer e vivenciar o cotidiano da comunidade. Atividades estas que serão geridas e realizadas por pessoas do Povoado Alto, o que poderá ajudar na complementação da renda para as famílias locais. Toda renda dos serviços e produtos comercializados pertencem a pessoa ou grupo da comunidade que produziu e gerenciou a venda. A pesquisadora não será beneficiada com vendas dos referidos serviços e produtos".

Comentário: A Pesquisadora registra dentro da eticidade.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Destacamos que todos os comentários deste parecer são baseados na correlação dos princípios éticos (autonomia, não maleficência, beneficência, equidade e justiça) com os aspectos da pesquisa (objeto, participante, metodologia e aspectos do campo). Sempre na perspectiva da orientação e sem julgamento de valores, conforme preconiza a ética no seu significado mais profundo que é propor a dignidade humana.

A pesquisa é relevante com o potencial de melhorar a educação e a atividade turística em Tucano/Ba.

Endereço: Rua Oliveira Martins, 2555			
Bairro: Cabula	CEP: 41.195-001		
UF: BA	Município: SALVADOR		
Telefone: (71)3117-2399	Fax: (71)3117-2399	E-mail: cepuneb@uneb.br	



UNIVERSIDADE DO ESTADO
DA BAHIA - UNEB



Continuação do Parecer: 4.174.488

Critério de inclusão e exclusão: Informados dentro da eticidade.

O orçamento: Registrado dentro dos aspectos da pesquisa.

O cronograma: Apresentado passivo de execução.

Instrumento de pesquisa: Apresentado dentro dos objetivos propostos.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Na perspectiva da eticidade, conforme segue:

- 1 – Termo de compromisso do pesquisador responsável: Em conformidade;
- 2 – Termo de confidencialidade: Postado com texto adequado às características da pesquisa e dentro da eticidade;
- 3 – A autorização institucional da proponente: Em conformidade;
- 4 – A autorização da instituição coparticipante: A pesquisadora pegará os termos e apresentará com o relatório da pesquisa.
- 5 - Folha de rosto: Em conformidade;
- 6 – Modelo do TCLE para os responsáveis dos menores de idade: Apresentado dentro da eticidade. Modelo do termo de parceria e consentimento para os maiores de idade também dentro da eticidade.
- 7 – Modelo do Assentimento: Dentro da eticidade;
- 8 – Declaração de concordância com o desenvolvimento do projeto de pesquisa: Em conformidade;
- 9 – Termo de concessão: Desnecessário;
- 10 - Termo de compromisso para coleta de dados em arquivos: Desnecessário por não haver uso de dados secundários não publicados;

Recomendações:

Recomendamos ao pesquisador atenção aos prazos de encaminhamento dos relatórios parcial e/ou final. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto como APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555		CEP: 41.195-001
Bairro: Cabula		
UF: BA	Município: SALVADOR	
Telefone: (71)3117-2399	Fax: (71)3117-2399	E-mail: cepuneb@uneb.br



UNIVERSIDADE DO ESTADO
DA BAHIA - UNEB



Continuação do Parecer: 4.174.466

com sua aplicação e representa risco mínimo aos participantes, respeitando os princípios da autonomia, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade.

Considerações Finais a critério do CEP:

Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto como APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos sujeitos da pesquisa tendo respeitado os princípios da autonomia dos participantes da pesquisa, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.24190619.8.0000.0057

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_1600155_E1.pdf	23/07/2020 14:36:44		Aceito
Outros	declaracaodenaoexecucaodapesquisa_JulianaMartins.pdf	06/12/2019 08:27:30	JULIANA ANDRADE DO CARMO MARTINS	Aceito
Outros	termodeautorizacaodainstituicaocoparticipante_JulianaMartins.pdf	06/12/2019 08:26:58	JULIANA ANDRADE DO CARMO MARTINS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto de Pesquisa_JulianaMartins.pdf	06/12/2019 08:26:22	JULIANA ANDRADE DO CARMO MARTINS	Aceito
Declaração de Pesquisadores	declaracaodeconcordanciacomodesenvolvimento da pesquisa_JulianaMartins.pdf	21/11/2019 08:19:24	JULIANA ANDRADE DO CARMO MARTINS	Aceito
Outros	apendice_instrumentodecoletadedados_JulianaMartins.pdf	21/11/2019 08:18:10	JULIANA ANDRADE DO CARMO MARTINS	Aceito
Declaração de Pesquisadores	termodeconfidencialidade_JulianaMartins.pdf	21/11/2019 08:17:34	JULIANA ANDRADE DO CARMO MARTINS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termodeconsentimentolivreesclarecido_responsavel pelomenor_JulianaMartins.pdf	21/11/2019 08:17:11	JULIANA ANDRADE DO CARMO MARTINS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de	Termodeparceria_consentimentolivreesclarecido_JulianaMartins.pdf	21/11/2019 08:16:42	JULIANA ANDRADE DO CARMO MARTINS	Aceito

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555

Bairro: Cabula

CEP: 41.195-001

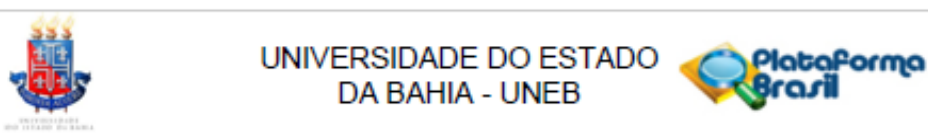
UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3117-2399

Fax: (71)3117-2399

E-mail: cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 4.174.466

Ausência	Termodeparceria_consentimentolivreeesclarecido_JulianaMartins.pdf	21/11/2019 08:16:42	JULIANA ANDRADE DO CARMO MARTINS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termodeconsentimentolivreeesclarecido_JulianaMartins.pdf	21/11/2019 08:16:16	JULIANA ANDRADE DO CARMO MARTINS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termodeassentimentodomenor_JulianaMartins.pdf	21/11/2019 08:15:25	JULIANA ANDRADE DO CARMO MARTINS	Aceito
Declaração de Pesquisadores	termodecompromissodopesquisador_JulianaMartins.pdf	21/11/2019 08:14:25	JULIANA ANDRADE DO CARMO MARTINS	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Termodeautorizaçãodainstituiçãoproponente_JulianaMartins.pdf	21/11/2019 08:13:53	JULIANA ANDRADE DO CARMO MARTINS	Aceito
Folha de Rosto	folhaderostoplataformaBrasil_JulianaMartins.pdf	21/11/2019 08:11:10	JULIANA ANDRADE DO CARMO MARTINS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SALVADOR, 27 de Julho de 2020

Assinado por:
Aderval Nascimento Brito
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Oliveira Martins, 2555
Bairro: Cabula CEP: 41.195-001
UF: BA Município: SALVADOR
Telefone: (71)3117-2399 Fax: (71)3117-2399 E-mail: cepuneb@uneb.br